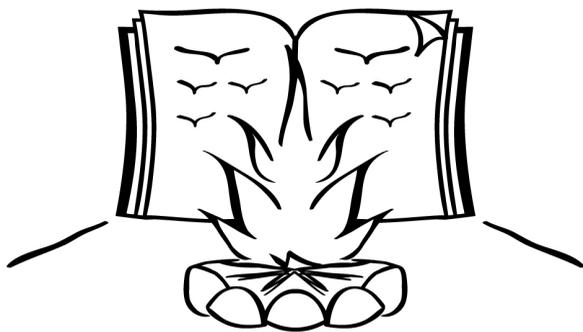


*Inacabada Obra,  
Inacabada Vida*



Ivan R. Conte



Ivan Rodrigo Conte

**Inacabada Obra, Inacabada Vida:  
divagações sobre o interminável na Literatura**

Dissertação submetida ao  
Programa de Pós Graduação em  
Literatura da Universidade Federal  
de Santa Catarina para a obtenção  
do Grau de Mestre em Literatura  
Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz  
Rodrigues Medeiros

Ilha - SC  
2017

### *Ilustrações*

Scheila Eliza Conte

Todas as ilustrações presentes nesta dissertação são de Scheila Eliza Conte. Todos os temas das mesmas foram sugeridos por Ivan Rodrigo Conte, que foi quem as nomeou. Deste modo, sem a autorização da autora das ilustrações e o consentimento do escritor desta dissertação, está proibido qualquer uso e vedada a reprodução total ou parcial das mesmas em qualquer meio.

© Scheila Eliza Conte, para as ilustrações.

---

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Conte, Ivan Rodrigo

Inacabada Obra, Inacabada Vida : divagações sobre o interminável na Literatura / Ivan Rodrigo Conte ; orientador, Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros , 2017. 197 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Obra Inacabada. 4. Fogo. 5. Infinito. I. , Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

“Inacabada Obra, Inacabada Vida: divagações sobre o interminável na Literatura”

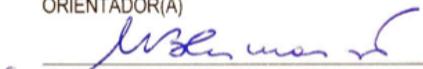
Ivan Rodrigo Conte

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

**Mestre EM LITERATURA**

Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

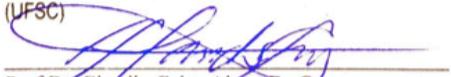
  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sergio Luiz Rodrigues Medeiros  
ORIENTADOR(A)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr.ª Maria Lúcia de Barros Camargo  
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sergio Luiz Rodrigues Medeiros  
PRESIDENTE

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Barbosa  
(UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Claudio Celso Alano Da Cruz  
(UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Ana Carolina Cernicchiaro  
(UNISUL)



La Cling Poru



"Saber orientar-se numa cidade não  
significa muito." (Walter Benjamin)

“não se pode falar em poesia senão em  
poesia” (Friedrich Schlegel)



## **Resumo**

Esta dissertação traz algumas reflexões sobre as noções de "obra inacabada" no campo literário e investiga as possíveis relações entre os sentimentos de incompletude da criação artística com os atinentes ao desejo do autor de destruir suas próprias construções. Entre os escritores comentados estão Franz Kafka, Walter Benjamin, Hermann Broch, Fernando Pessoa, E.T.A. Hoffmann, Honoré de Balzac, Heinrich Heine, Jorge Luís Borges, Luigi Pirandello, Mikhail Bulgakov, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Friedrich Schlegel, Novalis, Edmond Jabès, Roland Barthes, Maurice Blanchot, Giordano Bruno, etc.

**Palavras-chave:** Poesia; Obra Inacabada; Fogo; Infinito.



## **Abstract**

This dissertation presents some reflections about the notions of "unfinished work" in the literary field and investigates the possible relations between the feelings of incompleteness of the artistic creation with those related to the desire of the author to destroy his own works. Among the writers discussed are Franz Kafka, Walter Benjamin, Hermann Broch, Fernando Pessoa, E.T.A. Hoffmann, Honoré de Balzac, Heinrich Heine, Jorge Luís Borges, Luigi Pirandello, Mikhail Bulgakov, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Friedrich Schlegel, Novalis, Edmond Jabès, Roland Barthes, Maurice Blanchot, Giordano Bruno, etc.

**Keywords** Poetry; Unfinished Work; Fire; Infinity.



## Sumário

<b>LEIA-ME ANTES, MAS PODE SER DEPOIS .....</b>	<b>17</b>
<b>INACABADA OBRA, INACABADA VIDA .....</b>	<b>21</b>
<b>ALÉM DO FIM!.....</b>	<b>155</b>
PROJETAR, REFLETIR & MEDITAR .....	156
FRAGMENTOS À MARGEM .....	170
<b>GALHOS COM SENTIMENTOS DE ÁRVORE.....</b>	<b>175</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>186</b>



## Leia-me antes, mas pode ser depois

Eis-me, *coberto pela neve do lido*<sup>1</sup>. *Sol* saltou de *Aquário* e navega em *Peixes*, um *Eclipse Solar* desponta, o *Verão* nos abraça caloroso. A introdução translada da indecisão ao sentido de ser. Perpassada uma metamorfose, comentarei brevemente aos diferentes aventureiros a geografia literária dos imos mares desta dissertação.

Sonhei-me no papel de *Operador*, despido de luvas, adicionei-me aos ingredientes, estes que clandestinos, operavam. Antes de emitir palavra, vivi assombro ao vê-las, as *Fontes* em vivas formas, plenas em diálogo, e vejam vocês, nem elas estavam de todo inteiradas das conversas que captei na ponta dos pés. « *Afinal, por que diabos estou na ponta dos pés?* » perguntei-me em silêncio; de súbito percebi um comportamento esquisito numa das *Fontes*<sup>2</sup> (“o que estava distante se faz próximo”<sup>3</sup>), voz castelhana com nuances inglesas, embora de nome oriental, elegante e misterioso, murmurou: – “Voltei a sentir aquela pululação de que falei. Pareceu-me que o úmido jardim que rodeava a casa estava saturado até o infinito de pessoas invisíveis”<sup>4</sup>. No trajeto de lá até aqui, corado absolutamente corado, coei as lembranças das conversas com as coisas que pesquei nos *Lagos da Reflexão* – agora lhes peço com licença, um momento de introspecção e uma *Xicara de Café*.

Deus sabe por quanto tempo, sentindo o cheiro de café e ouvindo o estalido do fogo que aquecia o casebre; gradativamente, percebeu estar sendo acometido por uma visão.<sup>5</sup>

Uma *Voz* borboleteia até cristalizar-se em caracteres, estes que uma vez na cripta anseiam ganhar novamente os *Ares* – e neste ciclo, entre meioses e sinopses, algo de miraculoso, coincidira nos processos de transmutação: envolveu-nos uma sintonia de imprevisibilidade em diferentes autorias e movimentos, de modo tal, que gostaria de vos presentear com mais enigmas que pretensas conclusões.

---

<sup>1</sup> “Ela está misturada entre as personagens (...) indivisivelmente concernida pelo acontecer e pelas palavras trocadas e, quando se levanta, está totalmente coberta pela neve do lido.” [“Ampliações: Criança Lendo” in BENJAMIN. W. *Rua de mão única*: 2012, p. 37]

<sup>2</sup> “...o personagem surpreendido – apavorado ou maravilhado – aonde ele não pensava ir” [“Um Olhar: Aristomenis Angelopoulos” in JABES: 2013, p. 106]

<sup>3</sup> *Ibidem*, 105-106.

<sup>4</sup> “O Jardim de Veredas que se Bifurcam” in BORGES: 2007, p. 92.

<sup>5</sup> DICK. *Clãs da Lua Alfa*: 1987, p. 68.

– “O leitor deste livro é mais perspicaz que o detetive”<sup>6</sup> – sem dúvidas, e não hesitaria em transferir, neste andar da carruagem, a incumbência das respostas. Senti-me um verdadeiro investigador do *Inacabado*, « *sou extremamente grato aos telegramas e às cartas, intervenções nas ruas, agraciaram-me com preciosas pistas* », e... E tornaram esta busca, inda mais insondável.

– “O propósito que o guiava não era impossível, ainda que sobrenatural”<sup>7</sup> – comentou o *Livro*.

Mirava uma antiga ampulheta, o alento vital deslizava, um arrepio causava vertigem, devaneios diversos me entrecortavam – “O infinito está, antes de tudo, em nós. A palavra de proximidade é a mais distante palavra”<sup>8</sup>, “jamais chegará ao fim desse caminho, ou terá a ilusão de que o alcançou”<sup>9</sup>? – a *Inacabada* meditava em frenesi, embora não percebesse na época, toda potência da *omnipresença* fantasmagórica, participe *multipresente* em minha *mais-que-desconhecida* história particular de escritor<sup>1</sup>.

Tudo que vos escrevo são vestígios. Vestígios fantásticos; rio lágrimas indóceis, a intrometida *Xicara de Café*, sem querer, inundou alguns túneis, passagens lúdicas dentro do que já era em *essência* fragmentário, para minha miséria *Ruínas... Ruínas* é tudo que vos poderei ofertar.

– “Oh, corações cândidos simpáticos à minha iniciativa. Vocês constituem o meu público!”<sup>10</sup> – roguei anônimo.

Sobreviveram ao *Microdilúvio*<sup>11</sup> os fragmentos deste *Diário*<sup>12</sup>, as notas<sup>13</sup> que darão as devidas coordenadas de latitude e longitude

<sup>6</sup> “Exame da Obra de Hebert Quain” in BORGES: 2007, p. 64.

<sup>7</sup> “As Ruínas Circulares” in BORGES: 2007, p. 47.

<sup>8</sup> “Um Olhar: Olivier Debré” in JABES, E.: 2013, p. 126.

<sup>9</sup> “Conversas sobre Poesia” in SCHELEGEL, F.: 2016, p. 484.

<sup>10</sup> “Prefácio do autor” por Murr in HOFFMANN, E.T.A: 2013, p. 25. \* Pós-escrito: | título: breve café com dádivas de translucar nosso destino | personagens: Ivan Conte, Fernando K. e Suiá Lima | lugar: cafeteria | ação: aconselham Ivan a conhecer as composições de Kreisler, Ivan faz anotações em um guardanapo | conflito: Murr rasga a conversa.

<sup>11</sup> Pós-escrito: pequena maldadezinha para com minhas queridas ruínas sobreviventes; lembro-me que observei com curiosidade, as gotículas pareciam agir através de princípios teóricos, observando quais partes dos textos elas filtravam, fiz meus subjetivos recortes...

<sup>12</sup> Pós-escrito: de temporalidade à “queijo Salvador Dalí”; uma das características em diários é certa vinculação com a temporalidade; consideremos neste caso, estes comentários sobre *La Persistencia de la Memória*: “La

literária, dos *Livros* por onde me hospedei<sup>14</sup>. Perceberão com clarividência onde estive profundo e em superfície, quais eram os limites que me afligiam – ainda sim, com enorme sacrifício alpinista, busquei como ninguém completar o infinito percurso<sup>15</sup>. Aspirava por novos ares de *Inspiração*<sup>16</sup> – « *Era um círculo! Era uma espiral!* » conjecturei – escalei (projetei escalar) as montanhas mais vertiginosas<sup>17</sup>,...

Quero subir as montanhas,  
Onde o pinho umbroso alteia,  
Rios murmuram, aves cantam,  
Nuvens anchas revolteiam.<sup>18</sup>

---

angustia del espacio-tiempo, la hice de queso de Camembert paranoico-crítico melancólicamente derretido y sabroso.” [“Estimado señor Prigogine” in DALI, S.: 1985]

<sup>13</sup> Quando estas notas não trouxeram elucidações, fatalmente compartilharão incertezas. Os algarismos romanos nos levam às notas presentes em *Galhos com Sentimentos de Árvore*. Aqui nós temos um instante da dissertação. Nestes corredores houvera uma intensa circulação, em múltiplos sentidos, de movimentos de transmigração de passagens. Em geral utilizei os seguintes signos: 1. dentro das citações, (...) indicará passagens ocultas ou recortadas pelo *dissertando*; 2. nas notas, \* observações; 3. no corpo da dissertação, a) poesias do autor b) as reticências poderão significar um mar de coisas, e um abismo doutras... c) as aspas francesas acompanhadas de texto grifado em *italico*, em geral indicará diálogos/pensamentos/etc. engendrados pelo *dissertando*; ocorre também a sinalização com aspas francesas para indicar um enxerto com passagens autorais que jaziam no casulo doutros momentos (ensaios, projetos...) 5. existem outros casos, consultar o *oráculo*, nestes casos...

<sup>14</sup> Hospedar-se não significa muito, o próprio lar tem suas doces surpresas. Dormimos numa casa, acordamos com sensações doutras. Existem os livros que conscientemente citamos, e os que nossa *inconsciência* se ocupa (Freud é testemunha).

<sup>15</sup> Sísifo, o esperançoso, continua em rota.

<sup>16</sup> “A brisa fresca da manhã soprava pela estrada e os pássaros cantavam alegremente; peu à peu, começava a contagiar-me com tal frescor e alegria. Eu precisava mesmo desse frescor.” [HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 25]

<sup>17</sup> Uma insignificativa omissão. Quando percebia que eram vertiginosas em demasia, corajosamente recuava e ensaiava audaz os primeiros-passos. Num destes movimentos *anapoleônicos*, no deslumbrar da primeira imensa montanha, encontrei uma aconchegante choupana abandonada para pernoitar. Lá realizei os estudos literários encarnados nesta carta.

« Existiria eu, sem os tradutores? ».

<sup>18</sup> HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 22.

...na bagagem simples potes de *Esperança* (respectivamente: *Tempos Favoráveis* e *Avalanches Amenas*), também portava uma *Caixa Mágica*<sup>19</sup>, através dela não me perguntem através de quais *piromânticas* ondas, recebi mensagens oraculares. Se a jornada está incompleta não é o fim, deixo convosco o mapa de minhas trilhas, embora odiosamente incompletas, lacunares e com surreais anotações aos navegantes – é tudo que tenho, queria também antes de partir, compartilhar um par de dívidas<sup>20</sup>.

“Pouco tempo me resta; chegou o aviso de que a nau está para zarpar; mas vou tratar de dar uma explicação”<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> “a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam” [“O Ensino da Literatura” in PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da Literatura no Século XXI*: 2016, p. 81.]

<sup>20</sup> Pós-escrito: de bom-tom quiçá, afirmar que estas dívidas não são de ordem monetária, pertencem sim, aos *Átrios da Gratidade*. Esbocei uma carreta de agradecimentos – quanto mais os ampliava, mais sentia que estava a esquecer alguém, seja no plano terrestre, ou, divino (tanto mais grave). Agradecer é algo demasiado injusto em dupla face, ao fazê-lo e ao deixar de fazê-lo...

Diante de Agradecimentos « *Não sou merecedor de tais formosuras!* ».

Diante de Agradecimentos « *Onde estou nesta panaceia? Pobre de mim, à margem, esquecido(a), relegado(a)...* ».

Eis uma berlinda, que os *dissertandos* viverão, sempre e sempre...

<sup>21</sup> “A Loteria na Babilônia” in BORGES: 2007, p. 58.

## Inacabada Obra, Inacabada Vida

É sem conhecer o comprimento dos braços que nossos *Sonhos* almejam abraçar o *Mundo* – nossos pensamentos ultrapassam a geografia de nós mesmos<sup>22</sup>. Nossa história não nasce num passado *homogêneo e vazio*<sup>23</sup>, mas num movimento de fluir contínuo somos ao acaso despertados, entre ruínas que nunca cessaram um dia de movimentar<sup>24</sup>. Onde mesmo eventos do passado moldam e ganham outros contornos, entre as infindas ondas de nossas *Memórias*.

...esta história não tem um verdadeiro fim. Ao contrário, ela tem a vantagem de ser uma história que continua, e assim quem sabe, um dia nós todos saberemos como ela acaba.<sup>25</sup>

Nas *Teias do Mistério* a encruzilhada visitou, causando nas *Esferas do Pensamento* o insolúvel do sabor – e sem saber, mergulhado no inexato do enigma, perguntaremos por respostas, onde o responder toca os sinos, semeando as boas-novas de incógnitas antigas e sempre novas narrativas.

Se um destes livros chegar às mãos de vocês, então (...) talvez farão a leitura para ver se ali se encontra a revelação que este programa de rádio ficou devendo.<sup>26</sup>

Órfãos da revelação. Presságio desta dissertação? Como diremos que uma obra é acabada, quando cada palavra não parece ser sólida rocha, mas nos ares florindo múltiplos contornos musicais, silenciando ou voltando à cena, embora uma busca haja por preservá-las em formatos de cristais, esculpindo-as como quem busca o imutável.

---

<sup>22</sup> “ ‘Viajo para conocer mi geografia’, escribió un loco, a principios de siglo, en los muros de un manicomio francés. Y eso me lleva a pensar en Pessoa (‘Viajar, perder países’)” [VILA-MATAS, E. *Suicidios Ejemplares*: 2014, p. 8]

<sup>23</sup> “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras” [“Sobre o Conceito da História” in BENJAMIN. W. *Magia e técnica, arte e política*: 1985, p. 229] (\* Cito esta versão por apreciar a expressão “saturada de agoras”. Na edição que tenho em mãos (ibidem, 8ª ed., p. 249) consta “tempo de agora” (Jetztzeit).

<sup>24</sup> “Velho, lento e veloz, que prende e solta,/ É possível, por acaso, bem ou mal de ti falar?” [“Ao Tempo” in BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 27]

<sup>25</sup> “Caspar Hauser” in BENJAMIN. W. *A Hora das Crianças*: 2015, p. 171.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 179.

Mas reza oriental provérbio, “ruína de uma antiga narrativa”<sup>27</sup>, que mesmo a rocha se faz areia sob a eterna insistência d’água<sup>28</sup>. Acaso alguns livros nesta estalagem-vida nos trarão impressões de viver enquanto *passagem*<sup>29</sup>, aguardando uma inevitável *diligência do abismo* a nos levar, todos igualmente, “deuses ou homens, na confusão prolixa do destino incerto”<sup>30</sup>:

Para todos nós descerá a noite e chegará a diligência. (...) Se o que deixar escrito no livro dos viajantes puder, relido um dia por outros, entretê-los também na passagem, será bem. Se não o lerem, nem se entretiverem, será bem também.<sup>31</sup>

Será bem independente de existir, com o despir das pretensões<sup>32</sup>, *Zen*<sup>33</sup>, distantes da síndrome de herói ser, no perceber o

---

<sup>27</sup> “os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um gesto, como a hera abraça um muro.” [“O Narrador” in BENJAMIN. W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p. 239]

<sup>28</sup> *Provérbio oriental?* Sugestão de antiguidade, percepção de rastros em múltiplas jazidas. “A coisa mais macia da terra/ vence a mais dura. (...) não há nada mais fluido e suave do que a água./ No entanto para atacar o que é duro/ nada se iguala a ela.” [LAO-TZU. *Tao-te Ching*: 2006, p. 82, 117] “...aquele humor líquido contínua e suavemente goteja e, à custa de perseverança, amolece, escava, doma, quebra e aplanar uma perda certa, compacta, áspera, rugosa e dura” [Bruno, G. *A Ceia de Cinzas*: 2014, p. 6] Em Ovídio “A gota cava a pedra” [idem, ver nota de rodapé, traz inúmeras outras passagens]. Sabedoria popular: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

<sup>29</sup> “teólogos cristãos, bem como as melhores seitas de filósofos, chamam a esta vida um caminho ou passagem, uma peregrinação ou uma luta” [BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 86]

<sup>30</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p.235. (\* o *dissertando* atualizará pontualmente algumas grafias, apenas por isto indica confrontar)

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, p. 228.

<sup>32</sup> “O sábio deseja nada desejar” trad. através da fonte: “El sabio desea no desear nada” [TSE, Lao. *Tao Te Ching: los libros del Tao*: 2012, p. 157]

<sup>33</sup> A utilização de letras maiúsculas indicará intensidade, sentimento, entidade – não seguindo nenhum padrão convencional estabelecido para tal, é ainda um estudo preliminar – guarda conexões com leituras cosmogônicas, não sugere uma nova ordenação, e sim flexibilização, *despetrificação*. Já a utilização do itálico terá os seguintes sentidos: neologismos, poesias do autor, estrangeirismos, conjecturas, ênfase, provérbios, palavras não usualmente maiúsculas e em desacordo com a norma “cultura”, títulos de obras, e expressões colhidas em mim e outros autores, citações vizinhas, personagens ou entidades mitológicas... Dentro das citações mantereí os grifos.

incorrigível de humano ser, na obra que *imagem e semelhança*<sup>34</sup> é também incorrigível, porque “imperfeito é tudo”<sup>35</sup>?

E eu que digo isto – por que escrevo eu este livro?  
Porque o reconheço imperfeito. Sonhado seria a perfeição; escrito, imperfeioa-se, por isso o escrevo.<sup>36</sup>

Através das molduras, abertas as janelas do livro.

Uma brilhante luz mágica se espalhava por todos os lados, sem que se pudesse perceber de onde vinha, porque não havia janela...<sup>37</sup>

Luz que radia a florir nas estâncias dos pensamentos, brotando espontânea: o *Imprevisível*, numa venturosa colheita aos aforismos, memórias e epifanias que extravasam as cercanias de nossas *Imaginações*, para se esconder resplandecentes, nos bosques infindos e secretos da *Literatura*<sup>38</sup>. Envolta estamos, num eterno bordar de *Vozes* ao reino de *Inacabada Obra, Inacabada Vida*.



Acendidos os incensos que emanam bons flúidos aos *Lares da Imaginação*, rodeado o *Gênio com Ambrosia*<sup>39</sup>, enaltecidos os vínculos entre as esferas terrenas e celestes, resgatados *Os Deuses no Exílio*, concedido asilo aos *Penates*<sup>40</sup>, em vigília – desanuvia aqui vestígios da

<sup>34</sup> Referência ao *Gênesis*, fórmula presente também em *Corpus Hermeticum*.

<sup>35</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013, p. 226.

<sup>36</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013, p. 71.

<sup>37</sup> Fragmento de *O Pote de Ouro*, conto de E. T. A. Hoffmann, in BARBOSA, Maria Aparecida: 2000, p. 26.

<sup>38</sup> "Recordé haber leído que el mejor lugar para ocultar una hoja es un bosque." ["El Libro de Arena" in BORGES: 1989, p. 71]

<sup>39</sup> “devemos conceder tudo que nos pede, pois sua exigência é nossa exigência, sua felicidade, nossa felicidade! Mesmo que suas – nossas! – pretensões possam parecer inaceitáveis e caprichosas, convém aceitá-las sem discussão. (...) *Genium suum defraudare* – fraudar o próprio gênio – significa, em latim, tornar triste a própria vida, ludibriar a si mesmo.” [AGAMBEN, G. *Profanações*: 2007, p. 16]

<sup>40</sup> Estavam presentes nas embarcações de Eneias, rumando à Itália. “PENATES: Divindades romanas protetoras do lar (...) *penum* (‘despensa em latim’). Cuidavam da preservação de alimentos e das bebidas (...) intimamente

*Imagem Primordial*: perceber através do *Absoluto* o *Cordão Umbilical* que nos leva à *Origem*.

Acessar a origem até onde ela não é mais – tal esse oceano azul que se lança em um mar de óleo verde – que esse rebentar de suas ondas, ou, alhures, que a respiração de seus cumes. Ser, si mesmo, essa origem e os mil e um momentos de sua audácia provada.<sup>41</sup>

Escrevera-nos um *Mago*,<sup>42</sup> a morte não nos dissolve em plenitude. “Nenhum espírito ou corpo desaparece: há somente uma contínua mutação de combinações e atualizações”<sup>43</sup>. Fronteiras entre o animado e o inanimado algo artificiais:

(...) Portanto, todas as coisas são animadas?

(...) Sim.

(...) Mas quem irá concordar com o que dizeis.

(...) E quem poderá com razão refutar isso?

(...) É opinião comumente aceita que nem todas as coisas vivem.

(...) A opinião comum não é a mais verdadeira.<sup>44</sup>

Tudo vive, tudo participa da grã *Vida*. Eus brotam, *Pessoa* existem<sup>11</sup>. O *Cosmos* está em contínuo movimento, um *Universo* imóvel o permite andar<sup>45</sup>. – “Sem dúvida (...) há um mistério (...) não me

relacionados com a vida familiar.” [“Glossário dos Nomes Próprios” por Luiz A. M. Cabral in VIRGÍLIO. *Eneida*: 2005, p. 297]

<sup>41</sup> “Um Olhar: Yasse Tabuchi” in JABES: 2013, p. 117-118.

<sup>42</sup> “existem tantos sentidos da palavra magia, quanto tipos de magos. *Mago* significou, inicialmente *sábio*: tais eram os *trimegistos* entre os egípcios, os *druídas* na Gália, *gimnosofistas* na Índia, os *cabalistas* entre os hebreus, *magos* entre os persas (depois de Zoroastro), os *sofistas* entre os gregos, *sábios* entre os romanos...” [BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 29]

<sup>43</sup> BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 82.

<sup>44</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 82.

<sup>45</sup> A imutabilidade do Universo é o que permite a extrema mobilidade que existe no Cosmos, as *Estrelas* para Giordano Bruno não são fixas, elas estão em movimento, mas este movimento nos é imperceptível. Assim diz: “não devem ser chamadas fixas porque, na verdade, conservam a mesma equidistância entre si e com relação a nós, mas porque não percebemos o seu movimento” [BRUNO, G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 129]. Sobre a imobilidade do Universo, em relação ao espaço e motor, encontraremos no Tratado IIB de *Corpus Hermeticum*.

surpreenderei (...) constelações (...) mudanças em breve”<sup>46</sup> – “Porque esse Tao, esse ‘não-ser’ é a força motriz de tudo que se move no mundo fenomenal”<sup>47</sup>. O *Espírito Universal* e *Alma do Mundo* como pólen dissipados. *Hás Almas* no todo, *hás Almas* na parte, ei-la Terra um grande, maravilhoso e *Sensitivo Animal*<sup>48</sup>.

*Da simples Sugestão*

*Os Sonhos veem*

*O Infinito através*<sup>49</sup>

Universo infindo, em número intraduzível, *Aquele* que não soma ou furta e em nada pode ser subtraído<sup>50</sup>, comporta os mundos sem ser comportado, é o *Lugar*<sup>51</sup> que não é um lugar, donde o todo e a parte comungam embaralhados, *Lá* o segundo e o século são idênticos, imedível e ilimitado, *Uno* e indissolúvel, eterno e imóvel<sup>52</sup>, espaço intangível, onde *o palmo e o estádio*<sup>53</sup>, *a cabeça e as costas*<sup>54</sup>, se confundem.

---

<sup>46</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 361.

<sup>47</sup> “Comentários: os ensinamentos de Lao-Tzu” por Richard Wilhelm in Lao-Tzu. *Tao-Te King*: 2006, p. 134.

<sup>48</sup> “esses mundos são animais igualmente intelectuais (...) se ela tem sensibilidade, não tem como a nossa; se tem membros, não os tem como nós; se tem carne, sangue, nervos, ossos e veias, não são como os nossos” [BRUNO, G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 11, 92] \* Pós-escrito: incomum pluralizar o “há” (na atualidade), provavelmente o *dissertando* encontrara “hás” em poemas antigos – antes um vocábulo retrô, que um neologismo. *Coerentíssimo* escrevermos “hás”, se considerarmos a teoria dos *Inumeráveis Mundos*.

<sup>49</sup> Pós-escrito: poesia dedicada à “Poesia Visual e Escultura Contemporânea” de Sérgio Medeiros e uma homenagem à “A Coluna Infinita” de Constatin Brancusi.

<sup>50</sup> No Universo: “a totalidade da matéria, à qual nada se acrescenta e da qual nada se retira” [BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 121] & “Deus é o único que pode dar tudo e não receber nada” trad. através da fonte: Cf. *Textos Herméticos*: 2008, p. 110.

<sup>51</sup> Pode-se pensar em Mallarmé aqui, citarei G. B.: “o universo, nada se move em direção a ele, nem em torno dele, mas somente nele” [BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 162]

<sup>52</sup> “...aquele em que se move o móbil não pode por sua vez estar em movimento, tens de permanecer imóvel” trad. através da fonte: Cfe. *Textos Herméticos*: 2008, p. 104.

<sup>53</sup> “não pode diminuir ou aumentar, dado que é infinito (...) o infinito não tem partes mensuráveis (...) o universo é uno, infinito e indivisível. (...) no infinito, não há diferenças, tanto no todo como na parte (...) Na compreensão do infinito não há parte maior nem menor (...) no imenso, o palmo não é diferente do

Distraídos em discorrer sobre a imortalidade, tínhamos deixado que anoitecesse sem acender a lâmpada. Não víamos nossos rostos. (...) a voz (...) repetia que a alma é imortal. Assegurava-me que a morte do corpo é totalmente insignificante...<sup>55</sup>

Nós seres mortais enquanto corpo somos transitórios, solúveis,...

sobre a morte do corpo,  
dizem (...) igual ao pó da terra que não respira,  
(...) falso, pois eu é que deixarei de respirar  
sobre o pó da terra que respira,<sup>56</sup>

...somos um círculo se entreabrindo ao berço carente duma linha reta<sup>57</sup> (“as formas não têm ser sem a matéria, nela elas são engendradas e se corrompem, de seu ventre surgem e em seu ventre se recolhem.”<sup>58</sup>).

– “Tire esse [duma] pois é uma palavra obsoleta e antiquada”<sup>59</sup>  
– resmungara alguém.

A morte é “um estágio de germinação em que novas formas de vida jazem adormecidas, à espera do chamado para assumir a próxima encarnação”<sup>60</sup>. O espírito estaria presente não apenas nos seres vivos – *corpos compostos* –, mas nos seres duvidosamente inanimados, a *Alma*<sup>61</sup> seria enamorada dum corpo, mas com a morte – a desintegração do

estádio (...) infinitas horas não são senão infinitos séculos” BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 155-157.

<sup>54</sup> “O Tao não é temporal nem espacial (...) No Tao não se pode distinguir a cabeça nem as costas” [“Comentários: os ensinamentos de Lao-Tzu” por Richard Wilhelm in Lao-Tzu. *Tao-Te King*: 2006, p. 130]

<sup>55</sup> “Diálogo sobre um diálogo” in BORGES, J. *O Fazedor*: 2008, p. 15.

<sup>56</sup> “A Morte sem Mestre” in HELDER, H. *Poemas Completos*: 2016, p. 694.

<sup>57</sup> “Nicolau de Cusa, para quem toda linha reta é o arco de um círculo infinito...” [“Aben Hakam, o Bokari, morto em seu labirinto” in BORGES. *O Aleph*: 2008, p. 112]

<sup>58</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 113-114.

<sup>59</sup> Bruno. G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 18. (\* O dono deste diálogo é o pedante Prudêncio. A palavra que ele repara é “deveras” e não “duma”)

<sup>60</sup> DICK. *Clãs da Lua Alfa*: 1987, p. 14.

<sup>61</sup> Existe o conceito de “Alma” que compreendemos no íntimo, e de “Alma do Mundo” e “Espírito do Universo”; elas estão interligadas. [Cf. BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 38 e 130].

corpo (a dissolução ou volta aos recantos da *Natureza*<sup>62</sup>), esta porta para o *Além*, que alguns temem em seu íntimo como um grandioso vazio, não seria o fim derradeiro:

...comunidade do espírito universal, que está inteiro tanto no todo como em cada parte (...) tal como diversas luzes se juntam num mesmo espaço, também as almas, diversas entre si no plano da potência e da ação, se associam no universo, segundo um número finito ou infinito. (...) continuidade indissolúvel da alma, ela está ligada ao corpo por uma espécie de necessidade (...) o vazio (...) não existe (...) verdade que a alma abandona o corpo que ela ocupava em vida, mas não pode abandonar o corpo universal<sup>63</sup>

Ironicamente não estaria na última estação da vida, em seu extinguir, a revelação; mas no instante de primeiro choro – *na Terra das Crianças* – na extremidade do nascer<sup>64</sup> – as de dor maior e de lembrança mais difusa; “(...)o enigma do começo revela que existe uma relação entre aquilo que não tem nenhuma relação”<sup>65</sup>.

“Oh, retornar a rota amada até o reino das crianças”, assim canta (...) a determinação do destino por experiências juvenis, das que um tipo particular de homem não chega a liberar-se em toda a sua vida<sup>66</sup>

Ouçã, "a voz do menininho íntimo não deixa nenhum poeta esquecer"<sup>67</sup>, assim segue o *Artista* encantado por uma *Criança* que não

---

<sup>62</sup> Recantos do inexplicável. O homem nunca está fora da *Natureza*, mas é absorvido, os rearranjos já ocorrem em vida – estas compreensões que vão da jardinagem à medicina, permitem uma sobrevida às partes do corpo – até que se atinja, uma nova circularidade.

<sup>63</sup> BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 56-57.

<sup>64</sup> “tentar ser como os outros se está condenado a ti? (...) nasce de te esqueceres quem és?” [PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013, p. 182]

<sup>65</sup> “Anacruse” in BLANCHOT, M. *Uma voz vinda de outro lugar*: 2011, p. 33.

<sup>66</sup> “Oh, desandar a ruta amada até a tierra de los niños”, así canta Klaus Groth – Brahms. (...) la determinación del destino por experiencias juveniles, de las que un tipo determinado de hombre no llega a liberarse en toda su vida.” [BROD, M. *Kafka*: 1951, p. 43-44] (\* As traduções para o português desta obra foram realizadas pelo *dissertando*, através da versão em espanhol)

<sup>67</sup> MEDEIROS, S. “A Poesia Segue a Voz do Menininho”. *Qorpus*. ed. n°22, Florianópolis-SC. [\* O texto aborda a recente publicação da obra "*O menininho*:"

esmaece jamais dentro de si, – “uma percepção infantil, (...) aguda, mágica, graças à ingenuidade”<sup>68</sup> – ela é o passado e o porvir, está entre o realizado e o irrealizável, ultrapassando invólucros – uma pureza e energia que exaltam.

Estaríamos nós ainda distantes ao *Reino Intermediário*, presos ao *Adro da Realidade*<sup>69</sup>. Mas acolá o *Sol da Vida* um dia, desfere flechas esparsas, e este último beijo irradiado, ao *Moribundo* a memória de nascer se fará miragem; traria consigo conhecimentos do oculto?

Somente o moribundo reconhece a comunhão, reconhece o amor, reconhece o reino intermediário, somente no crepúsculo e na despedida reconhecemos o sono...<sup>70</sup>

Nestes laços de *Cordão Umbilical*, a palavra ganhará volume, na *Fluência de Sorrisos* ou nas *Cachoeiras de Melancolia*. Talvez, esqueçamos nossos primeiros dias de *Bebê*, ou ainda ao ventre de nossas *Mães*, um momento único que a memória nos eclipsa. Nas encruzilhadas da noite reviver, o *Nirvana* conhecer.

Sono é a fusão com Deus, o Nirvana (...) a análise lenta das sensações, seja ela usada como uma ciência atômica da alma, seja ela dormida como uma música da vontade, anagrama lento da monotonia.<sup>71</sup>

De um lado ao outro, giramos procurando o clímax, num dia que se anuncia inacabado, do ancião ao jovem, uma posição perfeita a memória do corpo anseia, uma temperatura ideal, dos lençóis que imitam o aconchego materno, doce e primitivo, para então atingir o estado idílico, semelhante ao que vivíamos ao instante de *Amálgama do Amor* com nossas *Mães*<sup>III</sup>. Singulares rememorações, instantes inapreensíveis e próximas à androgenia, onde *Mãe & Filho* são um e mesmo *Ser*.

*pensamentos sobre arte*" do poeta italiano Giovanni Pascoli (1855-1912) e traduzido por Patrícia Peterle; também realiza uma associação com o menininho que guia Virgílio na obra de H. Broch]

<sup>68</sup> “O Pintor da Vida Moderna: III. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança” in BAUDELAIRE: 2010, p. 35. (\* Especial agradecimento à professora Cidinha, por me indicar este livro)

<sup>69</sup> “reino intermediário” e “adro da realidade” foram belíssimas escolhas e combinações de palavras de Hebert Caro na tradução de *A Morte de Virgílio* de H. Broch.

<sup>70</sup> “I Água – A Chegada” in BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 73.

<sup>71</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 375

...um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento rememorado é sem limites, pois é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.<sup>72</sup>

Rememorar um passado anterior ao conhecimento da linguagem. Impulsos, *um além do princípio do prazer*<sup>IV</sup>.

O obscuro ímpeto de repetição (...) toda a experiência profunda deseja, insaciavelmente, até o fim de todas as coisas, repetição e retorno, restauração de uma situação original que foi seu ponto de partida.<sup>73</sup>

A vida está repleta de esquinas, existe um *Fio Invisível* que por vezes salva um *Espírito Poético* das mais inóspitas situações, são ressurreições que a vida lhe presenteia, para talvez perceber o *Chamado*. A *Natureza* tem suas próprias ironias, fábulas e figuras de linguagem. A *Selva*, todos hão de convir, com exceção dum *Pernilongo* e outro, talvez se colocar a mão nesta água venha *Jacaré* e abocanhe, com estas exceções pontuais é um ambiente extremamente aconchegante e hospitaleiro em relação às nossas cruéis metrópoles. Exatamente nestas *ruelas da urbe*<sup>74</sup>, em becos e lugares onde nenhuma *Mamãe* aprovaria filhotinho estar, que os modernos vivem algumas de suas venturas e desventuras:

Mas é chegada a noite. É a hora estranha e incerta em que as cortinas do céu se fecham, em que as cidades se iluminam. O lampião de gás mancha a púrpura do sol poente. (...) ‘Enfim o dia acabou!’. Os homens de conhecimento e os de má vida pensam no prazer e correm todos ao lugar de sua preferência para beber a taça do olvido!<sup>75</sup>

Ingressos no território noturno, pois “aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite”<sup>76</sup>, para na reunião das “franjas da tapeçaria da

<sup>72</sup> “A Imagem de Proust” in BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p.38-39.

<sup>73</sup> “Brinquedo e Brincadeira” in BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p. 271.

<sup>74</sup> Pós-escrito: sensíveis às poéticas urbanas, Cláudio Cruz & Cláudia Peterlini.

<sup>75</sup> “O Pintor da Vida Moderna: III. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança” in BAUDELAIRE: 2010, p. 32.

<sup>76</sup> “A Imagem de Proust” in BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p.38

existência vivida”<sup>77</sup> por nossas garras colhidas nos *Enxames das Bibliotecas*, no alto desta *sobreloja* humana, reconhecemos os *Arabescos Entrelaçados* nas chamas de uma Alexandria ainda viva em *Esperança*.

...a cadência de sua voz obedecia às leis da noite e do mel (...) e construiu, com os favos da rememoração, uma casa para o enxame de seus pensamentos (...) a existência em uma floresta encantada da rememoração (...) a ponte para o sonho (...) nostalgia de um mundo deformado pela semelhança (...) cada um de nós a reencontra em sua própria existência.<sup>78</sup>

Mergulhamos simplesmente nos *Favos das Reflexões*, despreziosos, rogando aos oráculos, por revelações em balde – entre o *Nada* e a sede do *Absoluto*, ao menos contingente migalha, por misericórdia, ferimos com nossos lábios, por obséquio, o *Cálice de Incomensurável Enigma!* Com consentimento dos *Deuses* ou através dum *Prometeu Ardil*<sup>79</sup>?

...deuses nos falam através de imagens ou sonhos, que nós, por falta de hábito, por ignorância e pela debilidade das nossas faculdades, chamamos de enigmas<sup>80</sup>

Sem *selos* engendrar, sem *hieróglifos*<sup>81</sup> costurar, seria audível às divindades estes saudosos caracteres em *Flor do Lácio*<sup>82</sup>?

...as nossas palavras latinas, gregas ou italianas escapam também à escuta e inteligência das

---

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> Passagens colhidas de “A Imagem de Proust” in BENJAMIN. W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p.39-40

<sup>79</sup> Prometeu roubara o fogo dos deuses. No caso – como frase típica das ruas – “nós estamos pedindo e não roubando”.

<sup>80</sup> BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 56.

<sup>81</sup> Giordano Bruno já tinha claras noções, dos hieróglifos representarem um sistema de escrita, isto não era algo tão óbvio na época, provavelmente não conhecia a *Pedra Roseta*, ela fora raptada do Egito por Napoleão. Depois Champollion (1790-1832) pôde cantar a pedra. Em verdade o Nolano segue preceitos herméticos muito mais antigos, vide *tratado XII*; donde possível comunicação com os *Deuses* através dos *Signos* durante o dia é descrita; os *Sonhos*: uma porta de comunicação com *Eles* à noite; os *Pássaros*: portadores de presságios.

<sup>82</sup> "Última flor do Lácio, inculca e bela" primeiro verso do soneto *Língua Portuguesa* de Olavo Bilac (1865-1918).

potências divinas, superiores e eternas, que  
divergem de nós<sup>83</sup>

Enigma em reciprocidade.

Desenhos em eterna metamorfose o *Céu* nos presenteia, ao ar livre a *Obra* o *Artista* em nostalgia um dia a moldou. Sob esta *Chuva* e neste *Vento* muito tempo se passou: caminham todas as *Estátuas* sob os pincéis da *Natureza*...

Ruínas, cujos destroços ressaltam contra o céu, aparecem às vezes duplamente belas em dias claros, quando o olhar encontra em suas janelas ou à cabeceira as nuvens que passam. A destruição fortalece, pelo espetáculo precível que abre no céu, a eternidade desses destroços.<sup>84</sup>

Ainda jovem, passeava a enamorar, visitar sítios arqueológicos onde encontrava enigmáticas ruínas, sentia beliscar no fundo *d'Alma* a proximidade dos perfumes *d'Antigüidade*<sup>85</sup>. Vagando a esmo, saudosista de sua terra nativa, donde deixara pra trás nórdica ardente paixão:

Um belo dia de outono, o cavaleiro passeia sozinho, num lugar desabitado, sonhando com as florestas de seu país e com a jovem loira que deixou em sua terra natal (...). Encontra

---

<sup>83</sup> BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 56.

<sup>84</sup> “Lembranças de viagens: Castelo de Heidelberg” in BENJAMIN, W. *Rua de mão única*: 2012, p. 47.

<sup>85</sup> Pós-escrito: optou-se por essa *graphia*, embora antes, o *dissertando* realizara uma luta invisível com o corretor automático que intermitente, não o permitia ter o privilégio do “erro”; após a histórica *victória* contra o aparato de edição, pode enfim dizer – « *considero retirar o trema da palavra “antigüidade” mania de limpeza, uma inovação incoerente, pois estas duas poeirinhas no alto do “u” sugerem o ar retrô estritamente necessário ao pulmão da palavra; e este chapéu em “retrô”, quanto falta para ganhar um boné?* »

subitamente uma estátua e para, estupefato. Seria a deusa da beleza?<sup>86</sup>

Dizem que todo ser apaixonado projeta o rosto amado em toda a esquina...

“Assim também, exausto vou buscando,  
Senhora, se é possível, em alguém  
tua forma desejada aparecer.”<sup>87</sup>

“Pode ser... A rapariga loura?  
É a mesma afinal...”<sup>88</sup>

Tudo é o mesmo afinal...”<sup>88</sup>

...na personagem dum livro, na atriz que o cativa, mesmo nos desenhos das nuvens e gotículas de chuva sobre as janelas, ou ainda, numa parede branca onde o *pensamento-visual aguirredere*<sup>89</sup> com maior nitidez, numa *irmandade lumière*<sup>90</sup>, dando ares às *Coisas do Cinematógrafo de Nossos Corações*.

Caminhar pela estrada maravilhosa proporciona-me grande prazer, cada vez maior; o caminho ora subia, ora tornava a descer. As montanhas eram grandes, pareciam girar, um mundo de montanhas (...) como um portentoso teatro.<sup>91</sup>

Contava-nos que o jovem realizava uma *Pequena Caminhada*, quando vislumbrara a *Musa* que arrepiara o âmago de seus mais melosos sentimentos, “a diletta figura de minha bem-amada, imóvel e coberta pelo branco de seu véu, qual estátua perenal. Beije-lhe a boca e – por Deus!”<sup>92</sup> – a “princesa se assustou (...) estacou petrificada...”<sup>93</sup>

Embebido nas taças do fascínio...

A fascinação amorosa ocorre quando se dá uma intensa troca de olhares, imediata (...) um raio visual se encontra reciprocamente com outro e o brilho de um se acopla ao brilho do outro (...) dois espíritos se fundem. O brilho (...) brota cintilando pelos olhos, percorrendo e penetrando o espírito

<sup>86</sup> HEINE, H. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 29.

<sup>87</sup> PETRARCA, F. *Cancioneiro*: 2014, p. 53.

<sup>88</sup> CAMPOS, A. *Obra Completa*: Álvaro de Campos: 2014, p. 226.

<sup>89</sup> União dos verbos aguerir com aderir, pensando evidentemente, em linguagem *daguerreotipa*.

<sup>90</sup> Luz. Alusão indireta aos irmãos Lumière.

<sup>91</sup> “Pequena Caminhada” in WALSER, R.: 2014, p. 39.

<sup>92</sup> HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 49.

<sup>93</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 74.

interior, radicado no coração, e assim atíça o fogo do incêndio amoroso.<sup>94</sup>

...passara repentinamente a frequentar lugares onde os bons cordeiros por Deus evitavam! Certo dia, ao terceiro uivo lobal, saíra em inadvertido horário da choupana onde solitário morava. Velinhos das casas vizinhas interromperam o carteadado, era o *Jogo da Esperança*, faziam serão para investigar o estranho vizinho que no jardim anexo costumava, religiosamente à meia-noite, dia após dia, acariciar a cabeça duma *Estátua Pagã*, caindo em prantos em seguida, como um *Gato* no cio madrugada afora.

...encontrou apenas ruínas que visitava todos os dias, dando se conta, com pavor, de que a estátua de mármore que tanto amava caíra do alto do pedestal, e sua cabeça, separada do tronco, jazia a seus pés.<sup>95</sup>

De vigília a *Pequena Menina* ao pé-da-janela açoriana iluminada pelo sabor da *Lua Cheia* assoviou, de súbito se reuniu um enxame de curiosos para espreitar o fenômeno, temerosos esboçaram um espontâneo e sincronizado sinal da cruz e se cercearam de alhos e estacas.

...cravar-lhe no ventre uma estaca: acreditava-se que seria um vampiro, e que as mulheres doentes [de amor] curar-se-iam com o emprego desse remédio caseiro de eficácia geralmente reconhecida...<sup>96</sup>

Ia desta feita, o rapaz a passos mais velozes que nunca em direção às ruínas d'*Antigos Templos Pagãos*. Levava consigo a cabeça partida da *Deusa*, em seus traços todos percebiam, a ansiedade curada com um sorriso rasgado, olhar hipnótico cintilante, andar esvoaçante, num contágio inexplicável *feliz, feliz...*

Se de desejo o coração se esvai  
as horas para o encontro ao ir contando,  
sei bem que enquanto falo o tempo vai  
da mercê prometida me afastando.<sup>97</sup>

<sup>94</sup> BRUNO, G. *Castiçal*: 2010, p. 42. (\*As palavras são de Scaramurê, um mago ladino)

<sup>95</sup> HEINE, H. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 31.

<sup>96</sup> Cf. HEINE, H. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 44. (\* “de amor”, uma adição)

<sup>97</sup> PETRARCA, F. *Cancioneiro*: 2014, p. 123.

Sem fôlego e sentindo o destino escorregar distante de si por aquela trilha, com a lamparina alumiar por entre uma cortina de ciprestes, percebera um vulto entre *Coelho Mágico*<sup>98</sup> e *Texugo* rumando numa fresta entre leste e oeste, nem notara que à surdina a *Pequena* e audaz *Menina* o acompanhava<sup>99</sup>, se desvencilhara dos *Avós Coruja*, seguiram o improvável num dos sete caminhos repletos de neblina.

Absorto nessas imagens ilusórias, esqueci meu destino de perseguido (...) O caminho descia e se bifurcava, entre as já confusas pradarias. Uma música aguda e como que silábica se aproximava e se afastava no vaivém do vento, enfraquecida pelas folhas e pela distância.<sup>100</sup>

Hipnotizado como que conquistado por um perfume *d'Afrodite*, continuara através da encruzilhada, onde aos poucos perpassadas uma expressionista paisagem, uma forte onda de incensos por inteiro o inebriou, ainda vira uma recatada velhinha fazendo crochê no alto *d'Araucária*, uma *Caburé-do-Pernambuco* derramava lágrimas, té que voou para *Nenhures*, imaginou ter ouvido alguém dizer algo importante, mas nada entendera, novamente a aparição da velhinha fazendo *ponto-cruzes avessos* e sorrindo às *Parcas*<sup>101</sup>, a *Diaba Gentil* decisiva o flertou, as coisas andavam definitivamente confusas e aquilo tudo nem parecia uma dissertação mui acadêmica, sua mente passara a *girar-e-girar* – conto não se conta senão no conto<sup>102</sup> – era movido pelo encanto, *um mundo de montanhas, um portentoso teatro*: “achou-se diante de uma *villa* que nunca notara naquela região. Qual não foi seu espanto quando viu (...) caminhando sozinha...”<sup>103</sup>.

<sup>98</sup> Ili Pika: *Coelho* quase extinto, mágico seria vê-lo, habita as montanhas da China. Todos os animais citados estão extintos ou infelizmente próximos da... Muitos apontam o *Texugo* – como o animal no conto *A Toca*, ou, *A Construção* – mas nada impede de pensarmos numa *Toupeira*, ou, *Tatu* (dando assim ares mais tupiniquins).

<sup>99</sup> “uma menina de uma clarividência quase implacável...” [“O Aleph” in BORGES: 2008, p. 146]

<sup>100</sup> “O jardim de veredas que se bifurcam” in BORGES: 2007, p. 85.

<sup>101</sup> *Parcas*: as três deusas responsáveis pelo *fio da vida*: uma fiava, outra dobava e a última por fim cortava. *Ponto-cruz avesso perfeito* é mesmo um tipo de bordado, também chamado muitas vezes de *avesso perfeito*.

<sup>102</sup> Inspiração em: “não se pode falar em poesia senão em poesia” [“Conversas sobre Poesia” in SCHELEGEL, F.: 2016, p. 485]

<sup>103</sup> HEINE, H. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 30.

Vestia um capote de refinada simplicidade e estava envolta, do queixo aos calcanhares, num magnífico xale da Índia cuja ponta roçava a calçada. “Dê-me a definição dessa mulher” disse ao senhor Balzac, que me acompanhava.<sup>104</sup>

“Por meio dessa eclipse nossa imaginação ganha um campo mais livre...”<sup>105</sup>

Da obra dos maiores poetas não raro emana o espírito de uma outra arte. Isso também não deveria ser o caso entre os pintores: Michelangelo não pinta, num certo sentido como um escultor, Rafael como um arquiteto, Corregio como um músico?<sup>106</sup>

Balzac pincela palavras em *A Obra-prima Ignorada* dando ares a um cenário transcendental de obra e criador.

O *Ancião*<sup>V</sup>, *Mestre dos Mestres em Pintura*, com um olhar aguçado de argumentos ímpares que inspirou pintores para além das páginas do livro em que é personagem, desconstrói a tela do *Discípulo*, tornando-a aqui e ali para além de inacabada, imperfeita e carente de vida – acabada na malícia do termo. Obra esta que num primeiro momento para o *Aprendiz*, *Novato*, *Não Iniciado*<sup>107</sup> como queiram –, mergulhado em plena admiração, vivendo o surpreendente choque de esfarrapado pela primeira-vez renomado ateliê visitar, maravilhado *lança âncora*, derrete-se diante do quadro sob os pincéis do *Discípulo* – pensando sem dúvidas estar frente ao *Divo* – e, é com alguma irritação que percebe no *Velho* ali ao lado, uma eletricidade à contravento ao seu radioso ar; num movimento de tesoura com olhos-de-rapina o *Ancião* assume o pincel, retoca ali e aqui, se insere sem pudor no melhor estilo

<sup>104</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 121.

<sup>107</sup> Na tradição alquímica, só atingia a condição de *Adepto* aquele que descobria a *Pedra Filosofal*. Portanto, o *Aprendiz* é ainda aquele que precisa muito remar, para chegar ao estágio de *Discípulo*.

*Kater Murr* no coração da obra alheia, não se detém em ser maestro, sua voz, seu poético ronronar, contorna as pinceladas com uma auréola artística; arte mágica de transmutar joio em ouro.

...pintor de costumes (...) gênio de natureza mista  
 (...) uma boa dose de espírito literário (...) *flanêur*,  
 filósofo (...) como quiserem (...) Às vezes ele é  
 poeta (...) aproxima-se do romancista...<sup>108</sup>

Envolvido o *Aprendiz*, passa da primeira fúria para com o *Ancião*, a uma intrigante e cúmplice curiosidade junto ao *Iniciado*<sup>109</sup>. *Além da imaginação*<sup>110</sup>, o *Mestre* guarda segredos e habilidades que são *Arte em essência*, em sua imagem para além de *Pintor... Poeta!*<sup>111</sup>

O reconhecimento de que no fundo sou poeta não devia ser um obstáculo para as artes plásticas! E, se eu realmente tivesse que ser poeta, sabe Deus que outra coisa eu iria desejar. Por certo agita-se dentro de mim um mar, eu o sinto.<sup>112</sup>

Quem num deserto não ficaria atônito, após muito buscar uma fonte, descobri-la mais viva que a sugestão de seus mais belos e criativos sonhos – quando o *Imprevisível* deixa pegadas: existe uma *Citeriana Ilha*<sup>113</sup> – “outro mundo mais elevado”<sup>114</sup> – com mais vinho, amor e riquezas, no ouvir da palavra *Mistério* desferida pelos lábios

<sup>108</sup> “O Pintor da Vida Moderna: III. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança” in BAUDELAIRE: 2010, p. 24.

<sup>109</sup> Pós-escrito: pode-se dizer que dali em diante “não havia dúvidas sobre quem estava ali para venerar” [Wagner in MANN, H. *Nietzsche*: 2017, p. 39.]

<sup>110</sup> Esta bonita combinação de palavras, foi a tradução brasileira escolhida para a antiga série estadunidense organizada pelo nostálgico roteirista Rod Serling, chamava-se *Twilight Zone* que numa tradução literal seria *Zona do Crepúsculo*. A utilização da expressão aqui é com fins literários.

<sup>111</sup> “Littré (...): ‘Qualidades que caracterizam os bons versos e que podem ser encontradas em outros lugares que não nos versos. [...] Brilho e riqueza poéticos, mesmo em prosa. Platão está repleto de poesia.’ A poesia é, portanto, a unidade indeterminada de um conjunto de qualidades que não estão reservadas ao tipo de composição denominado ‘poesia.’ ” [NANCY, Jean-Luc. “Fazer, a poesia.” *Alea*. vol. 15/2, p. 414-422, jul-dez 2013]

<sup>112</sup> KLEE, P. *Diários*: 1990, p. 59.

<sup>113</sup> Alusão à *Ilha de Citera* representada nos quadros Antoine Watteau: *Embarque para Citera* (c. 1718). Conta-se que Afrodite após brotar das espumas do mar, se dirigira para a Ilha dos Amores. Camões a cita em *Os Lusíadas*: *Cytherea* – isto é Vênus/Afrodite.

<sup>114</sup> “A Sílfiide” de Vladimir Odóievski in GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). *Nova antologia do conto russo*: 2012, p. 121.

alheios, todos os *Vagalumes* fazem luz, ingressando numa venturosa nau da curiosidade, onde o *Sopro do Vento* na vela fere de alento os *Espíritos Alquimistas*, reluzentes em *Nós*, e nos fazem encantados simplesmente a *Jornada* abraçar.

– “Meu barco é forte e me conduz ao destino. A luminosa esperança rema em direção a mais linda das ilhas.”<sup>115</sup>

“A curiosidade tornara-se uma paixão fatal, irresistível!”<sup>116</sup>

“Que lindo *giorgione!*”

“Não”, respondera o *Ancião*, “vês um de meus primeiros rabiscos.”

“Por *Zeus!* Então estarei eu diante do mago da pintura”, dissera o *Aprendiz* em ingenuidade.

O *Velho* sorrira como alguém há muito familiarizado com esse elogio.<sup>117</sup>

No entanto, a *Velha Raposa*, também vive seus dramas e *Sonhos de Oásis*, à sete-chaves pincelava misteriosa *Arte*, interrompida por apenas carecer da *Musa Inspiradora* como *pedra fundamental* para o *toque* duma *Obra Prima* sem igual. É com ela, com a *Cortante Felina Moça*<sup>118</sup> que lhe falta, que *lançará âncora?*

Há dias me assediava uma angústia (...), uma ansiedade desconhecida e enigmática. Acalmei-me um pouco, mas só para cair num estado que eu jamais pressentiria (...) não longe de mim surgiu silenciosa e impassível uma criatura – oh! Como desejaria pintar a musa!<sup>119</sup>

“Num poema, cantei a tristeza com um fervor tão profundo, que ela se personificou na mulher amada e em seus braços me deixei morrer.”<sup>120</sup>

<sup>115</sup> KLEE, P. *Diários*: 1990, p. 65.

<sup>116</sup> “O Pintor da Vida Moderna: III. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança” in BAUDELAIRE: 2010, p. 25.

<sup>117</sup> “(...) - Quel beau Giorgion! / Non! répondit le vieillard, vous voyez un de mes premiers barbouillages! / - Tudieu! je suis donc chez le dieu de la peinture! dit naïvement le Poussin. / Le vieillard sourit comme un homme familiarisé depuis longtemps avec cet éloge.” [“Le Chef-d’œuvre Inconnu” in BALZAC: 1851-1853] (\* As traduções para o português desta obra foram realizadas pelo *dissertando*)

<sup>118</sup> Gillette.

<sup>119</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 201.

<sup>120</sup> KLEE, P. *Diários*: 1990, p. 55.



“Hoje quero preparar-me,  
Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
Ele é que é decisivo.”<sup>121</sup>

Uma obra intuída infinita, eis o primeiro passo, em seguida o redemoinho de uma vida inteira. Uma vez envolvido numa busca interminável, escrever para libertar-se, livrar-se inclusive do livro? “...um livro – dissera ele – que jamais escreverei ...”<sup>122</sup>

Nunca escreveu um livro. Apenas preparou-se para escrever um, (...) Depois esqueceu até mesmo esse propósito. Mais precisamente, o que ele buscava, a fonte da escrita, o espaço para escrever, a luz (...) do ponto de que lhe pareciam sair todos os livros e que, uma vez encontrado, o dispensaria de escrever.<sup>123</sup>

Envolver-se com o *Intangível* pode tornar impalpável também *O Livro*. Um *Livro* que extravasa as barreiras do físico, que é ele próprio metafísico, “uma paixão pela linguagem que o leva, a cada vez, ao limiar do indizível”<sup>124</sup>, “um livro, portanto, que se esfarela à medida que se forma”<sup>125</sup>. Toda primeira leitura é simultaneamente a última; “disse-me que seu livro se chamava o *Livro de Areia*, porque nem o livro e nem a areia possuem nem princípio nem fim.”<sup>126</sup> “Talvez (...) não estivesse efetivamente no tempo, não tendo começo e, não importa o que fizesse, jamais terminaria...”<sup>127</sup>

– “Aguardei em vão a continuação da história. Por fim, disse-lhe que prosseguisse.”<sup>128</sup>

No pressentir do fantasma, o saciar com um átimo, ou, a sede da vida eterna – a prudência, ou, o movimento audaz? O refinar artístico no estúdio, na escola, no quarto, para décadas distantes, exibir o fruto talhado em pequeninos detalhes, grão por grão, em incontáveis dias, ou,

<sup>121</sup> “Adiamento” in CAMPOS, A. *Obra Completa*: Álvaro de Campos: 2014, p. 209.

<sup>122</sup> “Desejo de um começo, angústia de um só fim” in JABES: 2013, p. 11.

<sup>123</sup> “Joubert e o espaço” in BLANCHOT: 2013, p. 70.

<sup>124</sup> “Um Olhar: Yasse Tabuchi” in JABES: 2013, p. 115.

<sup>125</sup> “Desejo de um começo, angústia de um só fim” in JABES: 2013, p. 11.

<sup>126</sup> “Me dijo que su libro se llamaba el Libro de Arena, porque ni el libro ni la arena tienen ni principio ni fin.” [“El Libro de Arena” in BORGES: 1989, p. 69]

<sup>127</sup> DICK. *Clãs da Lua Alfa*: 1987, p. 68.

<sup>128</sup> “A forma da espada” in BORGES: 2007, p. 115

aprender e acontecer simultâneos – a não ocultação dos *Arenosos Rascunhos*, a inserção do *Esboço* para além das rodas tangenciais, posando irreverente na *Pupila da Apoteose*.

Ele tem esta incomparável vantagem: a qualquer etapa de seu desenvolvimento, cada desenho tem uma aparência suficientemente acabada; chamem isso de esboço, se quiserem – um esboço perfeito, porém.<sup>129</sup>

Voltar do hibernar para o despertar do *Sol da Meia Noite* com a intensidade dum faminto *Urso*, resolver num traço dilemas duma existência inteira, alimentando numa mordiscada os anseios artísticos mais urgentes?

Abrir as cortinas do *Ateliê* em seus momentos de encruzilhada, a *Obra* em seu eterno estágio de construção, com pausas para café, recitações, teatro, namoros e vinho, o colírio embriagado da boêmia, as exigências fisiológicas, suor e dor, libertar-se do corpo, meio e obstáculo: “És indubitável que meu estado físico és um obstáculo capital para meu progresso. Com semelhante corpo não se pode fazer nada”<sup>130</sup>.

A *Construção* que não mais antevê ou visa o *fim*, mas num incansável balouçar de cantigas ou espinhosos chistes, num pendular eterno, desdobrar do meio.

Pensamentos corriqueiros, numa *Roda da Fortuna* o visitam, entrecortado o *Artista* anota ligeiro *momento evanescente*<sup>131</sup>, nem sempre será apenas por ainda não atingir a cobiçada *Estação*, onde *Sonho & Realidade* se encontram, mas alguma misteriosa percepção, própria àqueles que navegaram muito longe e num riscar de fósforo...

Esboço um testamento. Nele peço que sejam destruídas todas as minhas tentativas artísticas. Eu bem sabia como tudo aquilo era pobre e insignificante, em comparação com as possibilidades que eu pressentira.<sup>132</sup>

<sup>129</sup> “O Pintor da Vida Moderna: V. A arte mnemônica” in BAUDELAIRE: 2010, p. 43.

<sup>130</sup> “Es indudable que mi estado física es un obstáculo capital para mi progreso. Con semejante cuerpo no se puede hacer nada” [KAFKA, F. *Diários*: 1953, p. 117] (\* As traduções para o português desta obra foram realizadas pelo *dissertando*, através da versão em espanhol)

<sup>131</sup> “...momentos evanescentes e muito frágeis” [palavras colhidas em James Joyce, cf. D’IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália*: 2014, p. 138]

<sup>132</sup> KLEE, P. *Diários*: 1990, p. 54.

Nalgum momento brotará dilemas que nos envolvem, do porquê deixar uma mensagem, um rastro; qual raio, ou melhor, qual relampejar me leva a joeirar<sup>133</sup>, expressar que quer seja numa matéria que desafia gerações em detrimento daquela que possui a beleza do segundo, a volatilidade *al dente*, uma possível não audiência?

Desejos sinceros de anonimato, desejos sinceros de destruição...

Morrer tão completamente

Que um dia ao lerem o teu nome num papel

Perguntem “Quem foi?...”

Morrer mais completamente ainda

- Sem deixar sequer esse nome.<sup>134</sup>

Desejos sinceros de eternidade, desejos sinceros de ebulição...

Vão demolir esta casa

Mas meu quarto vai ficar,

Não como forma imperfeita

Neste mundo de aparências:

Vai ficar na eternidade,

Com seus livros, com seus quadros,

Intacto, suspenso no ar!<sup>135</sup>

“Estava agitadíssimo; a princípio não identifiquei sua voz. Com tristeza e raiva balbuciou que aqueles ilimitados (...), a pretexto de ampliar sua desmedida (...), iam demolir a casa dele”<sup>136</sup>. A evocação de que o *Aleph* sairia ileso com a demolição da casa, que o quarto, ninho quente da obra, sobreviveria às labaredas mais afoitas, cavalgando por estes pampas literários, deveras não soa unânime, diante do temor que a destruição alastra.

– “A casa de meus pais, a minha casa, a casa inveterada da rua (...)! – repetiu, talvez esquecendo seu pesar na melodia da frase.”<sup>137</sup>

Construção igualmente *Castelo d’Areia*, desfeita num segundo de sopro e chuva (“deitado na areia (...) traçava desajeitadamente e apagava uma fileira de signos (...) as letras dos sonhos (...) alguém está a ponto de entender (...) depois se confundem”<sup>138</sup>), ou, rígida como o

<sup>133</sup> Escolher ou peneirar.

<sup>134</sup> “A Morte Absoluta” de Manuel Bandeira, trecho citado por Carpeaux in BANDEIRA, M. *Apresentação da Poesia Brasileira*: 2009, p. 465.

<sup>135</sup> “Última canção do beco” de Manuel Bandeira, *ibidem*, p. 467.

<sup>136</sup> “O Aleph” in BORGES: 2008, p.144.

<sup>137</sup> *Idem*.

<sup>138</sup> *Ibidem.*, p.16.

mármore, com a dureza do metal portador da petulância das pirâmides<sup>139</sup>?

Era uma vez um casal *d'Artistas*, ele era *Ferro* e ela *Argila*, naturezas contrastantes, nenhum era mais que o outro, eram tese e antítese emaranhadas, água e óleo em noite de núpcias, quem saberá definir qual expressão sobrevive no *Quintal de Doravante*?<sup>VI</sup>

A *omnipresença*, o pressentimento do *voyeur*, do inquisidor, do censor, do policial e do tribunal, ou do *Amigo*, do *Amor*, da *Esperança* – a epidemia do fantasma – demasiada real, também imaginária; dentro de mim – a autocrítica em antevisão ao veredicto – “Sou minha crítica (...) mais feroz”<sup>140</sup> –, ou um dia festivo e de glória, a ruína, o eterno anonimato, o tribunal com os *Gênios* particulares se digladiando na *Arena dos Pensamentos*.

A fogueira tão certa ao pluralizar a divindade, a necessidade dos alvarás régios para fecundar publicação, valetes palavras a bordo de *canoinhas* cruzam o *Cabo das Tormentas* e ingressam na lendária e restrita prensa de Gutemberg. (...) Sim! Estamos na Lusitânia Medieval, onde um duplo julgamento acontece, a obscena necessidade de agradar gregos e troianos, reis e freis. O tão valioso *achar do reverendo* (“advertia assim o leitor, antes que começasse a ler o livro”<sup>141</sup>). “Eia imaginação divina”<sup>142</sup>, *com licença*, permita a *Poética Abracadabra*. Assinados os protocolos civil e religioso, obtida a chave; abre-te cinto...

Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos d’Os Lusíadas de Luís de Camões, dos valorosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Ásia & Europa. E não achei neles cousa alguma escandalosa nem contrária à fé e bons costumes, somente me pareceu que era necessário advertir os Leitores que o Autor para esclarecer a dificuldade da navegação e entrada dos Portugueses na Índia, usa de uma ficção dos Deuses dos Gentios. E ainda que santo Agostinho nas suas Retratações (...) Toda via como isto é

---

<sup>139</sup> “Todo Mundo tem medo do *Tempo*, mas o *Tempo* tem medo das *Pirâmides*”  
Provérbio Egípcio.

<sup>140</sup> FRANK, A. *O Diário de Anne Frank*: 2014, p. 306.

<sup>141</sup> Bruno. G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 70. (\* o sujeito oculto era “esse idiota advertia...”, referente ao prefácio de Osiander à obra *De revolutionibus* de Copérnico)

<sup>142</sup> Verso de abertura de *O Guesa*, de Sousândrade.

Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poético, não tivemos por inconveniente ir esta fábula dos Deuses na obra, conhecendo-a por tal & ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé, que todos os Deuses dos Gentios são Demônios. E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir, & o Autor mostra nele muito engenho e muita erudição nas ciências humanas. Em fé do qual assinei aqui.

Frey...<sup>143</sup>

Sutileza, interferência do *Poeta* as subliminares maiúsculas e minúsculas, um gracejo do tipógrafo, ou, ali estava um adorador do *Poético* e dos *Deuses Gentios*, com uma tímida atração por *Demônios*?<sup>144</sup> Afinal *salvo a verdade da santa fé todos os Deuses Pagãos são* “Demônios. E por isso me pareceu o livro digno de se imprimir”<sup>145</sup>!?

“Não sei se esse louco, temeroso e preocupado com o fato de os ensinamentos de...” *Mitologia* “...puderem levar alguns leitores à loucura...”<sup>146</sup>.

*Sopra o Moinho do Tempo*  
*‘Stamos nas Teias d’Agora*  
*Os censores tão vivos*  
*Num carnaval de lobas*<sup>VII</sup>.

<sup>143</sup> Cf. CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. - Lisboa : em casa de Antonio Gõçalvez, 1572. (As maiúsculas e minúsculas são fiéis. Havia consoantes duplas que não foram reproduzidas aqui. Na época se escrevia: “Deoses”, “valerosos”. “Toda via”, foi mantido como encontrei, todavia...)

<sup>144</sup> Duas são as edições d’*Os Lusíadas* publicadas em 1572. Comentamos a 2ª ed. da magnânima obra, com modificações propostas pelo próprio Camões – após surgem inúmeras versões super-duvidosas. Com alguma sorte a *Biblioteca Nacional de Portugal* nos agraciou com a *semente digital*, é uma verdadeira graça apreciarmos livros com a *Saliva do Poeta*; nós sempre teremos de cultivar muitos cuidados ao ler edições posteriores, não cair no velho conto da “atualização conforme nova ortografia”, que em nada congrega, além de costumeiramente inverterem arbitrariamente a pontuação dos versos propostas pelo *Poeta* – conhecer as primeiras edições é infinitamente superior, estas nuances de maiúsculas e minúsculas têm muito pouco de acaso, cada caractere, um por um inserido na *prensa tipográfica*, carimbando página por página – jamais acredite em erros sem a dúvida da intenção.

<sup>145</sup> CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. - Lisboa : em casa de Antonio Gõçalvez, 1572.

<sup>146</sup> Bruno. G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 73.

Escrever como quem sobe uma montanha e espontâneo compartilha com os *Sete Firmamentos*<sup>147</sup> todo o calor de sua voz, ou, me contornar com os *anseios de palco*<sup>148</sup>: – O público isto, o leitor aquilo, a crítica...

*Sobejam fins, deslembro meios*  
*Preambulando o Mundo nestes seios*<sup>149</sup>

Alimentados no universo da expectativa, aguardamos o almejado desenlace. Do instante, uma desafiadora fila indiana de intermináveis inícios mos apresenta – “*e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso*”<sup>150</sup> – numa incessante promessa sobre enfim começar – “*por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever*”<sup>151</sup>.

– “De fato, eu não ansiava concluir. Concluir é encerrar e, como vocês o sabem, eu odeio os encerramentos.”<sup>152</sup>

Com *Prefácios* e *Posfácios*, com introduções que são conclusões, e *Considerações Finais* no fundo iniciais, Apresentações que são *Despedidações*<sup>153</sup>, com *Antiprólogos* e *Pró-prólogos*, mas sem *Prólogos*<sup>154</sup>, com “umas Errata”<sup>155</sup> que são “Exatas”.

Toda escrita harmoniza duas potências, de começo e fim simbólicos, de tal modo que uma marcha fúnebre não deixa de ser uma marcha para o renascimento.

<sup>147</sup> Giordano Bruno falará em um único firmamento, aliás recordando Moisés. Os “*sete firmamentos*”, expressão até comum, mas colhidas em fontes antigas. “Pues el Padre infló los siete firmamentos de los mundos” [*Oráculos Caldeos*: 1991, p. 72].

<sup>148</sup> “desejo de auditório (...) faz do homem uma criatura tão vã (...) le désir d’auditoire / Qui fait de l’homme une créature si vaine” [FORÊTS, Louis-René des. *Poemas de Samuel Wood*: 2013, p. 64-65]

<sup>149</sup> Poesia inconclusa do *dissertando*, que vai perambulando neste eterno e macedônico preambular.

<sup>150</sup> CAMPOS, H. *Galáxias*: 2004.

<sup>151</sup> Idem.

<sup>152</sup> “À Guisa de Encerramento” in JABES, E. *O Livro das Margens*: 2014, p. 281.

<sup>153</sup> Neologismo: apresent’ações, revel’ações, despedid’ações.

<sup>154</sup> G. B. brinca no início de seu primeiro diálogo italiano sobre os prólogos. “Onde já se viu, começar a comédia com o bedel.” [BRUNO, G. *Castiçal*: 2010, p. 25]

<sup>155</sup> “pensei que seria útil pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das “Errata” umas “Não-Errata, e dizer (...) ‘a este incerto movimentos’ na página tal, é assim mesmo, com as vozes adjetivas no singular e substantivo no plural” [PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 310]

– Declaras então surrupiar nosso tempo?

– “Este livro será (...) a máxima descortesia em que se pode incorrer com um leitor.”<sup>156</sup>

Nós por um lado, nunca dantes sofremos roubo tal, tão honesto, que em verdade nos deixa tão mais *tesourificados*<sup>157</sup>. *Museo de la Novela de la Eterna* é um romance sobre escrever um romance, que em sua metalinguagem projeta a ruína do próprio gênero – “*mil páginas escrever milmapáginas para acabar com a escritura*”<sup>158</sup> – um romance onde o *Romance* é protagonista. O *Romancista*, contornado pela famosa *crise existencial*, revelando recônditas camadas, fluxos de inícios, um *conjecturar* ligado ao semelhante conjeturar, o pensamento nu, bastidores das divagações num primeiríssimo plano.

*Na quina do livro*

*Uma imperfeição*

*Que é também um trilho*

*Para perfeição*

Num impulso as *Avenas dos Pensamentos* cantarolam, já não atingimos a *cota estipulada dum discurso*<sup>159</sup>? Não estará *saldada nossa dívida com a divindade*<sup>160</sup> – quando afinal acabar?

...círculo que sobe sem nunca conseguir fechar-se  
(...) círculo virtual que se desdobra a subir sem  
nunca se realizar (...) cobra sem cobra enroscada  
verticalmente em coisa nenhuma.<sup>161</sup>

Não será este o momento ideal dum simples e galhardo *fim* sem lá muitas rebuscadas despedidas – “não me permitirei sentir-me

---

<sup>156</sup> “Este será un libro (...) de la máxima descortesia en que puede incurrirse con un lector”[FERNANDÉZ, Macedonio. *Museu de la novela de la Eterna*: 1996, p. 9] (\* As traduções para o português desta obra foram realizadas pelo *dissertando*, através da versão em espanhol)

<sup>157</sup> Neologismo (tesouro + tesoura + ficar).

<sup>158</sup> CAMPOS, H. *Galáxias*: 2004.

<sup>159</sup> PLATÃO. *O Banquete*: 2011, p. 127.

<sup>160</sup> Referência ao *Banquete* de Platão, onde os discursos iniciais tinham esta reverência, após tanto a divindade quanto o elogio sofrem reviravoltas. Aqui é invocado o sentimento da incerteza da última pincelada, inserida no início como estranhamento, pois interrompida ali a obra ficaria numa cota de incompletude estratosférica. Advirto contudo, que a escrita não se dera de modo linear, mas uma montagem contínua, pegadas, vestígios da metamorfose... Cada parte do texto é um cantinho, alvo eterno dos pincéis.

<sup>161</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 328-329.

cansado”<sup>162</sup> – se entregar ao pó simplesmente, deixar a meta se desdobrar sozinha, dentro da esfera da incompletude ao acaso? – “Não me interessa mais por *isso*”<sup>163</sup>.

A dificuldade é o que faz os preguiçosos ficarem para trás. (...) desprezíveis aqueles que, mesmo que sejam os últimos, no meio do percurso, desesperados, param e não buscam alcançar a meta com o esforço e vigor que lhes resta. (...) Vença, pois, a perseverança, porque se grande é a fadiga, o prêmio não será medíocre. Todas as coisas preciosas são difíceis de obter; estreito e espinhoso é o caminho...<sup>164</sup>

Ou, então para nos autoconvencer e para que ninguém dúvidas cultive, escreveremos *fim*, demarcando assim o epitáfio da última página?

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...  
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
E assim será possível; mas hoje não...  
Não hoje nada; hoje não posso.<sup>165</sup>

Sem dar *passos-além*, convidando “o leitor a refletir sobre o sentido da vida”<sup>166</sup>. Curioso que grã-maioria das obras traz costumeiramente nas aberturas máximas floridas de profundos dizeres, mas que ao final nos presenteiam com um enigmático e comum *fim!* – similar a um afunilar que aos poucos torna comum o diverso, antes uma respiração recheada *d’expectativas*, mas que ao findar em seu sopro último já não vêm com a mesma volúpia, alguns se sentem com a ânsia de dar o último nó antes de partir para outros prados – e esta última palavra já não significará outra coisa; quiçá alegria por concluir um ciclo – ela não é tanto o marco final da obra – mas a invocação de *Palavras Mágicas*, que a contornam com os ares da completude, quase sempre sem a consciência dum *Druida*, com ela parecemos ganhar mais

<sup>162</sup> 15/091910 “No me permitiré sentirme cansado.” [KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 20]

<sup>163</sup> Palavras de Rimbaud sobre *poetar* ao ser abordado por um amigo Cf. PERRONE-MOISÉS: 2016, p. 24.

<sup>164</sup> BRUNO, G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 52, 53. \* B. cita passagens das *Geórgicas* de Virgílio para corroborar os seus dizeres.

<sup>165</sup> “Adiamento” in CAMPOS, A. *Obra Completa*: Álvaro de Campos: 2014, p. 209.

<sup>166</sup> “O Narrador” in BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p. 230.

forças para terminar e reconhecemos o término, convencê-los que acabou. Então inicia algo que imaginas novo, e se sente é verdade mais confortável para uma nova jornada, como quem encontra fôlego renovado para respirar as labaredas incandescentes da criação artística; com as *Palavras Amuleto* parece seguro diante dos *fantasmas* que por ventura o atazanariam sussurrando que em verdade a obra está incompleta, que o círculo está entreaberto e não fazes outra coisa que andar em espirais, detido nos tapetes da sempiterna e talvez inevitável, auto-ilusão.

...na lonjura do devaneio, como se estivesse sonhando e uma voz vinda de um segundo sonho se imiscuísse no primeiro, como (...) misterioso sussurro sem palavras proviesse diretamente do pavor outra vez anulado dos deuses e lhe infundisse o ânimo, ânimo para a extinção, (...) abandono...<sup>167</sup>

Todos os nossos passos não estariam contidos nos movimentos *d'Eterno Retorno*, mas lançados às teias contínuas do infinito, como uma vez em o *Grande Sertão: Veredas*<sup>168</sup> – ∞? Ou, este símbolo, um dos inumeráveis disfarces da camaleoa de mil faces, a palavra *fim*, também em suas linhas conectas, não desenha um caminho cíclico de *Retorno Eterno*?

“REVĚЯ”<sup>169</sup>.

Naqueles idos tempos da contemporaneidade, crucial momento de REVĚЯ como a história se desenrola debruçou, REVĚЯ que nos *meteremete* às ondas ditatoriais não tão distantes de TEMĚЯ<sup>170</sup>. Donde dois polos não ultrapassam um melancólico círculo, *Winston* imaginara em 1964<sup>171</sup> que caminhava para a *Revolução* ao ler afamado *clandestino manual*, mas qual apetitoso queijo mordiscara o *velho tratado* que o levava às ratoeiras subterrâneas da *neo-inquisição*<sup>172</sup>. *Doutor Fantástico*<sup>173</sup>, um chiste ao *dentro-fora d'Occidente*, face cômica

<sup>167</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 183.

<sup>168</sup> De Guimarães Rosa.

<sup>169</sup> Poesia visual de Augusto de Campos, presente em *Viva-Vaia* (\* edição de LUXO).

<sup>170</sup> Pós-escrito: psicografei Augusto de Campos.

<sup>171</sup> Erro tipográfico: 1984.

<sup>172</sup> Uma grande amostra da covardia dos governos militares, tivemos na América Latina, donde inúmeras famílias jamais encontraram os corpos de seus entes queridos.

<sup>173</sup> Referência a uma chistosa comédia de Stanley Kubrick à guerra-fria.

*sinistrased* revelou – curto-circuito à inteligência humana: a bomba atômica<sup>174</sup>.

Um risco verde-lima corta uma tela verde-mar, é tudo? Sem choro o soldado vibra com a sensibilidade rasa de *videogamer*, sem reconhecer o reflexo, a verdade por trás da tela abstrata, a explosão, a bomba que não da *pipococa*, longe do invólucro, da visão blindada no seio do tanque: a perna amputada, o sangue interminável que jorra, a mão do irmão buscando conter a inacabável hemorragia, a perda da família inteira, traumas e cicatrizes eternas, a vida dilacerada que nunca será a mesma, interrompida, abreviada, o *Grito da Mãe* diante da *Perda do Bebê* que ressoa por *Eras Inteiras*;...

*choro,*

*gritos,*

*lágrimas,*

*sangue...*

...o *Todo* que não é noticiado, a humanidade dentro do hospital, uma multidão de *Inocentes* feridos pela pressão irresponsável, dum “simples” e “inofensivo” botão; eis o invisível: as *teletelas* do mundo todo naquela noite exibem *artifícios*, a estrela decadente, o território conquistado no jogo infantil de tabuleiro, *fogos* do desumano; é tudo? A insensibilidade: o soldado sorri, sua barrinha de pontos *d’energia* atinge o cume, “*evoluíra, evoluíra*”, encerrara a “missão”, concluíra, sorri *positivista*, vibram...

Oh Darwin<sup>175</sup>!

Oh “Eminentes senhores da Academia”<sup>176</sup>!

---

<sup>174</sup> Este parágrafo veio e voltara à narrativa, percebi que poderia abrir um ensaio. Como em muitos casos, temos aqui um fragmento de um texto que galopava; e onde ele ia? Paralela à dissertação há cadernos com trechos retirados, capítulos inteiros, não saberia explicar os porquês de manter na gaveta um trecho em detrimento doutros (alguns são por uma imperfeição imaginária, leituras pendentes, afinção, intuição, indecisão – aí cinco motivos, ou talvez, o fenômeno da autocensura represente um sexto?).

<sup>175</sup> Pós-escrito: cabe maior garimpo, se a teoria de Darwin sobre a evolução das espécies sofrera interpretações distorcidas (o que é provável), que levaram os humanos a sensações de superioridade em relação aos *Ancestrais* e aos nossos coirmãos *Macacos*; portanto, “Ó Darwin!” não se refere exatamente ao cientista, mas nos deixa uma problematização do termo “evolução”.

<sup>176</sup> “Um Relatório para Academia” in KAFKA, F. *Um Médico Rural*: 1999, p. 59.



Em *aproximação*<sup>177</sup>, seguindo os *Pássaros*, num imenso labirinto, os livros de *Babel* como as portas incontáveis de *amériKa*<sup>VIII</sup>, abrimo-nos ao acaso quando deixamos o aleatório nos brindar, anotando as ligeiras *Lebres* iluminações das leituras ainda frescas, antes do temido *oitavo mês*<sup>178</sup> nos visitar. Perdidos em memórias fragmento, no labirinto encontramos um esquecer que faz nascer uma *Nova Sagrada Ignorância*<sup>179</sup>:

...ao mesmo tempo em que luto por saber, a minha nova ignorância, que é o esquecimento, tornou-se sagrada. (...) Soube o que não pude entender, minha boca ficou selada, e só me restaram os fragmentos incompletos de um ritual.<sup>180</sup>

Uma lacuna mora entre viver e recordar o que fora vivido. “No próprio ato em que nos conhecemos nos desconhecemos”<sup>181</sup>. A memória é não raro, memória da memória elevada a desconhecidas potências,...

“...vejo-me fantasiando, o que se torna tão real e intenso quanto à própria ocorrência (...) tão gratificante quanto... Minhas fantasias e sonhos são claros (...) uma continuação da experiência. Uma vivência dos eventos (...) fluxo contínuo da onda. Talvez fosse melhor escrever um livro... então não estaria atrelada à realidade factual.”<sup>182</sup>

<sup>177</sup> “...a aproximação do quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai aproximar.” [LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.*: 2014, p.5]

<sup>178</sup> Sobre o hexagrama *Lin*: “APROXIMAÇÃO tem sublime sucesso/A perseverança é favorável/ Ao chegar o oitavo mês haverá infortúnio (...) a primavera não dura para sempre” [*I Ching*: 2006, p. 79]

<sup>179</sup> Redentor esquecer? “...cada uma de minhas palavras (que cada uma de minhas atitudes), perduraria em sua implacável memória...” [“Funes, o Memorioso” in BORGES: 2007, p. 108]

<sup>180</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.*: 2014, p. 14.

<sup>181</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 327.

<sup>182</sup> Palavras de Dora Dymant in “Uma Memória Despertada”, DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 240.

...é por isto que numa (auto)biografia, existem laços entre o que aconteceu e o que a *Imaginação* decidira acontecer, elas se igualam no andar dos tempos<sup>183</sup>.

Numa autobiografia não se pode evitar a repetida aparição de “com frequência” donde a verdade exigiria “uma vez”. Porque sempre tens ciência de que a recordação se alimenta desta obscuridade que a expressão “uma vez” destrói, e que a expressão “com frequência” tampouco respeita totalmente, mas que ao menos assim lhe serve de substituto para essas outras partes que sua memória já não pode recorrer, nem sequer mediante adivinhação.<sup>184</sup>

Décadas após um convívio breve, reencontrar os possíveis diários e anotações – e através delas, publicar um livro de memórias, capturar a sutileza dum peculiar e passageiro *pisar d’olhos*<sup>185</sup>, congelar o fugaz numa velocidade lenta, no embalo de *composições musicais leves*<sup>186</sup>, perceber o veludo duma *Voz...* “voz de barítono, velada e frágil, mas surpreendentemente melodiosa”<sup>187</sup>, regando diálogos precisos em detalhes<sup>IX</sup>, tais quais *platônicos banquetes*. Veraz ou “de autenticidade altamente duvidosa”<sup>188</sup>?

---

<sup>183</sup> “Anos de solidão haviam lhe ensinado que os dias, na memória, tendem a ser iguais...” [“A Espera” in BORGES. *O Aleph*: 2008: 126]

<sup>184</sup> “3 de enero de 1912: (...) En una autobiografía no se puede evitar la frecuente aparición de “a menudo” donde la verdad exigiría ‘una vez’. Porque uno siempre tiende conciencia de que el recuerdo se alimenta de esa oscuridad que la expresión ‘una vez’ destruye, y que la expresión ‘a menudo’ tampoco respeta totalmente, pero que por lo menos así persiste en la visión del escritor, y lo trasporta a partes que tal vez no han existido nunca en su vida, pero que le sirven de sustituto para esas otras partes que su memoria ya no puede recorrer, ni siquiera mediante la adivinación.” [KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 157]

<sup>185</sup> “Dora visitou-me constantemente (...) li o manuscrito de Janouch para ela (...) atordoado com a riqueza (...) inequivocamente trazia o selo do gênio peculiar de Kafka, sua aparência, sua maneira de falar, sua gesticulação expressiva mas delicada, os próprios movimentos de seus músculos faciais, eram reproduzidos da maneira mais eloquente.” Palavras de Max Brod citadas em “Terra Prometida” in DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 222.

<sup>186</sup> Gustav Janouch era compositor.

<sup>187</sup> JANOUGH, G. *Conversas com Kafka*: 2008, p. 17.

<sup>188</sup> SCHOLEM, G. *A História de uma Amizade*: 2008, p. 8.

Senti que meu amigo havia repentinamente voltado à vida e entrado no quarto. Ouvi-o novamente falar, vi seus olhos brilhantes e vivos repousarem em mim, senti seu sorriso calmo, doloroso, e fui profundamente tocado por sua sabedoria. (...) Dora reconheceu igualmente o estilo inimitável (...) sua maneira de pensar. Também foi chacoalhada pelo sentimento de ter reencontrado...<sup>189</sup>

"E se (...) uma conversa pudesse ser uma escavação constante da complexidade do outro?"<sup>190</sup> Um ouvir com mil olhos, capturando as anedotas *d'observado*, suas visões políticas, do cinema aos passeios por bucólicas ruelas, flagrado o *Artista* por uma curiosa *Abelha* atemporal a rodear seu íntimo e faustoso escritório nas eternas garras de Praga. É tanto estranho o comportamento *d'Aprendiz...* (– “Então, é o autor de *A Metamorfose* – gritei”<sup>191</sup>) ...o tom de entrevistista, em um tempo onde o *Mestre* não era ainda badalado como tal<sup>192</sup>, – “conversações que o autor publicou (ou fabricou)?”<sup>193</sup>

...o que desaparecera não era sequer recordação, aquilo que outrora fora real e mais do que real, a mulher a qual amara tornara-se pouco mais que um nome, pouco mais que uma sombra; recaíra, para ele, na inescrutável esfera do casual, e nada sobrara a não ser a espantada consciência de algo que pertencia ao passado, cujo som se dissipara, esvanecida música da beleza; apenas sobrara a consciência de um assombro antigo e de um olvido remoto, de força inexplicável...<sup>194</sup>

---

<sup>189</sup> Palavras de Max Brod citadas em “Terra Prometida” in DIAMANT, K.: 2013, p. 222.

<sup>190</sup> " LASEVITZ, R. "Nabokov e a complexidade de cada um". *Blog dos editores da Raimundo*: Rafael Lasevitz e Raquel Parrine, 01/09/2015.

<sup>191</sup> JANOUGH, G. *Conversas com Kafka*: 2008, p. 11.

<sup>192</sup> Ainda que publicadas algumas obras até o *primeiro encontro* “Num dos últimos dias de março de 1920” (JANOUGH, G. *Conversas com Kafka*: 2008, p. 9), elas não atingiam grande circulação – era Max Brod tão mais reverenciado na época, embora desde os primeiros tempos, o círculo de amigos kafkiano, e principalmente Max Brod já reconhecia a genialidade de *K.* para além do quintal de si.

<sup>193</sup> Prefácio escrito em Jerusalém (1975) in SCHOLEM, G. *A História de uma Amizade*: 2008, p. 8.

<sup>194</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 156.

“As coisas ficaram muito desbotadas na memória da autora, que no tempo de Stalin passou muitos anos em campos de concentração, e por isso viu-se despojada de todos os seus papéis.”<sup>195</sup> Mas e tua, e nossa memória?

Decerto, muito do que é escrito aqui baseia-se em notas de diário, em outras anotações e em muitas cartas que pude utilizar diretamente ou para fins de comprovação. Todavia...<sup>196</sup>

Em dadas circunstâncias hostis:

...de minha vida atual, a impossibilidade em que me encontro de ter acesso a uma biblioteca, a perda de meus próprios livros fazem com que deva me fiar bastante em minhas notas e em minha memória...<sup>197</sup>

Um escritor se vê excluído do ninho, onde realizava profundas investigações – interrompido, exilado de seu lar, sem todo o aparato científico instrumental ideal, sem bengalas como amparo à memória, tivera de repente, voltar como na infância, a correr descalço nas *Florestas de Mnemonize*, aventurar-se pelos mares despido de bússola, canoa ou astrolábio – não existirá mais tua antiga *Poesia*, se de improviso não recitares, neste instante de tão somente, *Agora*; o livro a escrever é o que lembras em mescla a um reflexivo engendrar, o *Arquivo Interior* é tudo ao teu dispor<sup>198</sup> (“Não dispunha de outro documento a não ser a memória...”<sup>199</sup>), a teoria viva a seiva, do que o marcou, amou ou lhe revoltou.

Isso aconteceu durante a guerra: eu estava longe das bibliotecas europeias e norte-americanas; não tinha quase nenhum contato com meus colegas no

---

<sup>195</sup> SCHOLEM, G. *A História de uma Amizade*: 2008, p. 7. (\* Refere-se à Asja Laciš)

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>197</sup> BLOCH, M. *Apologia da História*: 2001, p. 50. (\* Em nota, nos pé de página.)

<sup>198</sup> “Marc Bloch refletiu sobre o acontecimento no calor da hora e o analisou praticamente sem dispor de qualquer arquivo, qualquer documentação a princípio necessária ao historiador; fez entretanto obra de história e não de jornalista. Pois mesmo os melhores jornalistas permanecem ‘colados’ ao acontecimento” [Prefácio por Jacques Le Goff in BLOCH, M. *Apologia da História*: 2001, p. 17]

<sup>199</sup> “O Milagre Secreto” in BORGES: 2007, p. 143.

estrangeiro e fazia muito tempo não lia nem livros e nem revistas recém-publicados.<sup>200</sup>

A reclusão, passagem indesejada e repleta *d'extremas condições*, tendo como única saída, visitar as exposições interioranas, nos *Labirintos da Memória*, donde afloram desde a piscadela provocativa do *Nada* ao colossal sorriso do *Absoluto*.

Vestiu-se, dois soldados entraram na cela e ordenaram-lhe que os seguisse.

Do outro lado da porta (...), tinha previsto um labirinto de galerias, escadas e pavilhões. A realidade foi menos rica: desceram a um pátio interno por uma única escada de ferro. Vários soldados...<sup>201</sup>

Não nos deve *desculpas*<sup>202</sup>, talvez o que lamente (*as verificações... o preenchimento das lacunas...*) se tornara uma bonança para o estopim de um mergulho no que é mais precioso: divagar a História. Porém o tempo transcorria, e a obra permanecia inacabada. Sem mais eufemismos, seria fuzilado.

Um ano inteiro tinha solicitado a Deus para terminar seu trabalho: um ano a onipotência divina lhe concedia. Deus praticava para ele um milagre secreto: o chumbo alemão iria matá-lo, na hora determinada, mas em sua mente um ano transcorria entre a ordem e a execução da ordem.<sup>203</sup>

“O braço do sargento eternizava um gesto inacabado. Numa laje do pátio uma abelha projetava uma sombra fixa.”<sup>204</sup> Na França

---

<sup>200</sup> “Prefácio” escrito na Pensilvânia (1948) in AUERBACH, E. *Introdução aos Estudos Literários*: 2015, p. 7.

<sup>201</sup> “O Milagre Secreto” in BORGES: 2007, p. 141.

<sup>202</sup> “Talvez não seja inútil acrescentar ainda uma palavra de desculpas; as circunstâncias de minha vida atual (...) As leituras complementares, as verificações exigidas pelas próprias leis do ofício cujas práticas me proponho a descrever permanecem para mim frequentemente proibidas. Será que um dia poderei preencher essas lacunas? Nunca inteiramente, receio. Só posso, sobre isso, solicitar a indulgência, diria assumir a culpa, se isso não fosse assumir, mais do que seria legítimo, as culpas do destino.” [BLOCH, M. *Apologia da História*: 2001, p. 11].

<sup>203</sup> “O Milagre Secreto” in BORGES: 2007, p. 143.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 142.

escritores viviam *o instante das suas mortes*, na Argentina o *Contista Fantástico* lançava *Artifícios*<sup>205</sup>.

Os Alemães continuavam alinhados, prontos a permanecer assim numa imobilidade que suspendia o tempo. (...) Nesse ano de 1944 (...) Era isto, a guerra: a vida para uns, para outros, a crueldade do assassinato. Permanecia, como no momento em que o fuzilamento estava iminente, o sentimento de leveza que não conseguirei traduzir: liberto da vida? o infinito que se abre?<sup>206</sup>

Entremeio às farpas de prata flutuantes, escrevia um livro tão cortante como a espada para combater homens armados de fuzis até os dentes. Rogara em *Apologia da História*, – por Zeuses “evitemos retirar de nossa ciência sua parte de poesia”<sup>207</sup>! Antes de ir, receitara um antídoto ao *ofício*<sup>208</sup>, tua obra fora inacabada, por perdurar a meta:

Combateemos longamente, em conjunto, por uma história (...) mais humana. A tarefa comum, no momento em que escrevo (...) sofre ameaças. Não por nossa culpa. Somos os vencidos provisórios de um injusto destino. Tempo virá, estou certo, em que nossa colaboração poderá verdadeiramente ser retomada: (...) Por ora, é nessas páginas, todas repletas de sua presença, que, de minha parte, ela prosseguirá. (...) E tudo isto criará, entre nós, um vínculo a mais.<sup>209</sup>

*Dissertar*  
*Até...*  
*Dissetontear*

---

<sup>205</sup> 1944: Borges publica *Artifícios* (anexo à *Ficções*). M. Bloch é (efetivamente) fuzilado na França pelos nazistas. M. Blanchot vive *O Instante da Minha Morte* (*L'instant de ma mort*, Minuit, 1994); um ano depois, J. Derrida sobre este *instante* redige o ensaio *Demorar*.

<sup>206</sup> BLANCHOT, M. *O instante da minha morte*: 2003, p. 15, 19 e 21.

<sup>207</sup> Palavras de Marc Bloch, citadas por Le Goff ao prefácio de *Apologia da História*: 2001, p. 17.

<sup>208</sup> Se por azar levarmos uma picada de cobra, devemos procurar conhecê-la, pois ela além do veneno, também detém o antídoto. Pós-escrito: Muitas disciplinas escolares nasceram conservadores (no século XIX), elas partilham o mesmo tronco – estão sendo intrinsecamente reinventadas pelos que percebem certos fios maniqueístas – nós não podemos separar em ilhas as ciências (*História, Literatura e Filosofia...*).

<sup>209</sup> “A Lucien Febvre” in BLOCH, M. *Apologia da História*: 2001, p. 39.

“Pois Vamos (...) aos banquetes dos bons, os bons também aparecem sem convite”<sup>210</sup>.

A *Arte de Contar Histórias* faz conquistar aliados da realidade dum *banquete* rememorado, que habita as fronteiras em derretimento, do real e fantasia. O grande acalento ao ouvir um discurso, para os “*Antigos*”<sup>211</sup>, não mora no alcance da verdade que a seguir poderá ser despida por outro *Alguém-Além*, mas antes o sabor se encontra n’*Arte de Contar Magistral* com toques de rara envolvimento, dando vida e rodeando d’*Aura* os *Contos & os Causos*<sup>X</sup> – um aperitivo da rica cultura oral, viva em diferentes povos, embora tornada ao longo dos milênios rarefeita<sup>212</sup>, serão poucos agora os *Encantadores d’Ouvintes*. Ao primeiro contar com primor, aumenta o desafio do segundo, a manutenção da envolvimento, delicada como o perdurar do *Fogo*, uma chama (a *Voz*), é transmitida ao *Semelhante*, para um segundo miraculoso de existência. Esta *Chama* precisa se manter viva, semeada e regada, para que vivamos todos.

« (...) Alguém já me contou por ter ouvido falar de Fênix (...); acrescentou que estava a par de tudo. Mas não falava com muita segurança.(...)», continuou, «declara-se também tomaste parte no banquete»

«Pelo que vejo (...) teu informante | não é de confiança, para imaginares que a reunião a que te referes foi tão recente que a ela eu pudesse ter comparecido. »

«Era o que, realmente, eu pensava.»<sup>213</sup>

*me sei como Quero-  
quero-me como me sei  
porque Ser eu quero*<sup>214</sup>

<sup>210</sup> PLATÃO. *O Banquete*: 2011, p. 79.

<sup>211</sup> Em algum ponto do tempo, estará o interessante olhar do Nolano, de que os “*Antigos*” são os “*Jovens*”.

<sup>212</sup> Crise lida por Benjamin em princípios do século XX e pressentida em sua amplitude crescente diante do avanço da técnica, da cultura informacional. Comentar-se-á novamente em outros episódios ao longo da dissertação.

<sup>213</sup> PLATÃO. *O Banquete*: 2011, p. 75.

<sup>214</sup> Transcriei o fragmento de Novalis através da tradução de Rubens Rodrigues Torres Filhos, antes entrecortei “...me sei, como (...) me quero, e quero-me (...) como (...) me sei – porque eu quero...” Cf. NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 148.

“...natureza dupla da obra: ela é apenas unidade relativa, permanece um ensaio no qual o um e o todo encontram-se reunidos...”<sup>215</sup>

...se inflama o desejo e o movimento impulsivo de um corpo em direção ao outro (...); todas as parcelas sofrem então uma impulsão no mesmo sentido, devendo dizer-se que estas parcelas formam um todo.<sup>216</sup>

Coração aberto, coração partido, meu coração? Se este relógio que pulsa aqui dentro fosse descoberto fora de ritmo, *um estranho no universo de seu próprio ninho*, e meu corpo de repente carecesse em diminuir as resistências para acolher um órgão estrangeiro – e apenas assim atingir algum resto de sobrevida, para eu, *o Intruso*, no universo dos vivos mais um pouco?

Só posso experimentar algo, na medida em que o acolho em mim; é portanto uma alienação de mim mesmo e uma apropriação ou metamorfose de uma outra substância na minha ao mesmo tempo...<sup>217</sup>

E este órgão estranho se aconchegando, tornando-se parte da comunidade de seu corpo, um *ex-estranho*<sup>218</sup>, de modo que já não poderíamos dizer: este é meu, ou, era teu coração, olhos ou pulmão, que *te extraño*, do perdido,...

A cirurgia redesenha, estabelece outras possibilidades do corpo para que as vontades do que se deseja possam ser cumpridas. O processo vai para além das mesas de cirurgia, dilatadores de cerâmica fazem parte dos exercícios pós-cirúrgicos.<sup>219</sup>

...pois a “sociedade nada é, senão vida em comum. Uma indivisível pessoa pensando e sentindo. Cada ser humano é uma pequena sociedade”<sup>220</sup>. Neste universo que somos, teu coração pode pulsar, literalmente, dentro de mim! Talvez como possam também os

---

<sup>215</sup> BENJAMIN, W. O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão: 2011, p. 83.

<sup>216</sup> BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 68.

<sup>217</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 148.

<sup>218</sup> Termo in Paulo Leminski.

<sup>219</sup> MENZEL, Jéssica. “Ao despertar já era outra”. *Revista Raimundo*, Edição Raimunda, Inverno-Primavera 2016.

<sup>220</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 61.

versos, as *Poesias d’Outr’Alma em Minh’Alma*, logo “a poesia dissolve a existência alheia em própria”<sup>221</sup>.

Profetizara cirurgicamente um médico ao consultar a *mandala pulsante de Filósofo-Escritor*<sup>222</sup> – *Não viverás mais que meio século! Eis tua programação*. Ainda *demorou* alguns eternos *instantes*, quando abruptamente complementara com *Um Fio d’Esperança – A menos que...*<sup>XI</sup>

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, (...) não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.<sup>223</sup>

Para desinebriar a realidade é preciso antes atravessar muita fumaça, não por acaso o problema kafkiano de saúde fora, sem dúvidas, de ordem pulmonar<sup>224</sup>.

*Um, nenhum e cem mil*, a “passagem de um a outro que o revela ter sido outro e não um”<sup>225</sup>; é “um eu insaciável do não-eu, que, a cada instante, o traduz e o exprime em imagens mais vivas que a própria vida, sempre instável e fugidia”<sup>226</sup>.

...ser (...) o eu de seu eu. Tanto menos estranhável é a falta de sentido e entendimento completos para outros. Sem auto-entendimento perfeito e

---

<sup>221</sup> Ibidem, p. 124.

<sup>222</sup> Jean-Luc Nancy fora submetido a um transplante de coração, sobre esta experiência marcante escreveu *L’Intrus*. Cito *mandala* por contraste, elas têm um sentido simbólico de busca ou luta total pela unidade do eu (na teoria junguiana); o coração também tem esta conotação de unicidade, mas quando se torna possível sobreviver com o *teu-coração* que passa a ser *meu-coração*, sem sentimentalismo, mas literalmente, este “meu” e “teu” são abalados pela incerteza em todos os sentidos.

<sup>223</sup> Trechos de “Pneumotórax” de Manuel Bandeira citados no posfácio de Otto Maria Carpeaux in *Apresentação da Poesia Brasileira*: 2009, p. 470.

<sup>224</sup> Pós-escrito: as crises alérgicas aos espaços burocráticos, são facilmente percebidas, quando K. sente tonturas nas repartições de *O Processo* – estas mesmas repartições que hoje estão asfaltando as praias.

<sup>225</sup> NANCY, Jean-Luc. Arquivada: do senciente e do sentido: 2014, p. 67.

<sup>226</sup> “O Pintor da Vida Moderna: III. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança” in BAUDELAIRE: 2010, p. 31.

acabado nunca se aprenderá a entender verdadeiramente a outros.<sup>227</sup>

∞ 1 \*<sub>eu</sub> S

Ramifico-me: atijo corruptela ao *Fado*<sup>XII</sup>, a auto-percepção de ser uma *Escultura*, ter o tino do *Destino*, “encontrar a personalidade na perda dela”<sup>228</sup>,...

Assim também é o Sábio:  
por menosprezar o seu eu,  
este aparece em primeiro plano.  
Ele renuncia ao seu eu  
e a sua essência é preservada.<sup>229</sup>

...a *Iluminação* que bate as janelas do *Ser*, uma intervenção além das fronteiras da própria carne, burilando a *Imaterial Escultura Interior*, jamais tolhida em completude apenas por nossas mãos.

Saber bem quem somos não é conosco, que o que pensamos ou sentimos é uma tradução, que o que queremos o não quisemos, nem porventura alguém o quis – saber tudo isto a cada minuto, sentir tudo isto em cada sentimento, não seria isto ser estrangeiro na própria alma, exilado nas próprias sensações?<sup>230</sup>

Até que ponto, agora no conforto da poltrona localizada no reino de minha mente, acendendo este charuto cubano e *Príncipe de Meu Pensar*, com as pernas para o alto rodeando a *Etérea Imaginação*, aquele a quem, ele ou eu, ambos chamavam anteriormente de *o Intruso* não era o *Original* que vos fala, e quem por ventura afirmará em adição com total precisão, que o *Original* já não era um sorrateiro *Duplo* – “Outro dia, caminhando em torno do pequeno lago que atravessa pelo meio o jardim da abadia vi minha imagem passeando junto comigo.”<sup>231</sup>

Escritor, *Pescador d’Epifanias*, uma locomotiva de devaneios o visita. A *Obra de Arte* segue em simulacro, é o *Compartilhar da Metamorfose*, *Ramificar Contínuo*, um *Espelho de Magnetismo*, a *Descamação do Pensamento*, uma *Vida* deslizando no *Tobogã do Tempo*, deixando um legado, *Frutos da Ebulição Vulcânica*, a *Tinta de*

<sup>227</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 54-55.

<sup>228</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 361. (\* grafia original: “d’ella”)

<sup>229</sup> LAO-TZU. *Tao-Te King*: 2006, p. 43.

<sup>230</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 495.

<sup>231</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 275.

Si que permite perceber os tons, as formas, a melodia de toda *Galeria do Sentir, Respingos dos Eus*, sem preceitos, do jocoso ao dramático numa dança erótica de *Ying & Yang*. Quero o azedo, o doce, o amargo, as *Irmãs Alegria e Tristeza*, o *Todo* brotando do *Fundo d'Alma, tudo nos pertence, tudo...* – “Enjaular o pensamento na sensação,”<sup>232</sup> de *Felicidade*. Quase...

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

Àparte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.<sup>233</sup>

"Ele escreveu uma obra imensa para dizer que não valia a pena publicar, que não era nada e nunca seria nada. Mas e essa força que o fez escrever tudo aquilo?"<sup>234</sup>

Carta sem número de todos os tarôs, perseguido e profanado atemporal, ser profundamente dócil, um sorriso, tanto flor como espinho, uma lágrima, ponto extremo em todos os sabores, vive num *entrelugar*<sup>235</sup>, feito um *Guesa*<sup>236</sup>, errante entre as esferas, fugidio e indescritível... Quem?

---

<sup>232</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 331.

<sup>233</sup> “A Tabacaria” in CAMPOS, A. *Obra Completa*: Álvaro de Campos: 2014, p. 199. (\*não aparte a grafia original: “Àparte” e não “À parte”)

<sup>234</sup> PERRONE-MOISÉS, L. "Leyla Perrone-Moisés fala sobre a resistência da ficção" [12/02/2017]. Caderno *Ilustríssima da Folha de São Paulo*. Entrevista concedida a Maurício Meireles.

<sup>235</sup> Expressão consagrada em Silviano Santiago.

<sup>236</sup> *Guesa* significa *errante*. Vocábulo colhido em Sousândrade, este primeiramente adotara o título de *O Guesa Errante*, considerando redundante, em nova publicação, altera para *O Guesa*.



Em outros prados, *varridos das cidades*<sup>237</sup>, por séculos caminhava o *Peregrino*<sup>238</sup>, sempre com uma faixa cobrindo suas feridas canelas, vítima das mordidas de valentes *Cães*<sup>239</sup>, já não era um banquete de antigos lordes, mas numa onírica aldeia, preenchida de homens simples mas nem tanto, buscava o *Forasteiro* numa nova empreitada, distante ao clã, seguindo em impulsividade, uma espiritualidade nova alcançar, seriam os *Poetas* à margem acolhidos? Teria o *Cavaleiro Vagante* convite – é necessário tê-lo?

- Esta aldeia é propriedade do castelo, quem fica ou pernoita aqui de certa forma fica ou pernoita no castelo. Ninguém pode fazer isso sem permissão do conde. Mas o senhor não tem essa permissão, ou pelo menos não a apresentou.<sup>240</sup>

Homero sem se guiar pelos olhos, contava com um *Coração Infantil* o conduzindo pelas mãos<sup>241</sup>. Os *Poetas* de gênero *Peregrino* não contam com a mesma fortuna, estão desamparados das *Crianças Poéticas* que brotam das fontes do *Monte Parnaso*. Os bravos *Cães* são os menores perigos, as canelas já estão como dizem, temperadas; nesse sentido, surpreendem os pés, inexplicavelmente bem talhados, úmidos e

---

<sup>237</sup> Pós-escrito: « Deixe eu me situar temporalmente um pouco, falas da *dessaturação das Agoras?* »

<sup>238</sup> “...o caminho da aldeia ao castelo, ‘dois quilômetros mais ou menos’, leva séculos, eônios” CARPEAUX, Otto Maria (1900-1978). *A cinza do purgatório*: 2015.

<sup>239</sup> Alusão à imagem de *O Filho Pródigo* (conhecida também por *The Vagabond*, *El Vendedor Ambulante*, *O Andarilho*, *The Wayfarer*) pintada por Jheronimus Boch (1450-1516), similar à imagem comum ao tarô, sem número, de *Le Mat*, *Le Fol* (O Louco). Podemos pensar na condição do *Poeta* que é muitas vezes marginalizado. Após *O Veredicto* e *A Metamorfose* os personagens de Kafka em *América*, *O Castelo* principalmente estão em situação similar ao de *Filho Pródigo*, com diferencial de não cogitarem retornar, com enormes forças por buscar sobreviver e resistir às tempestades e às intempéries. Também podemos pensar na condição do judeu que busca se inserir em uma comunidade distante...

<sup>240</sup> KAFKA, F. *O Castelo*: 2008, p. 7.

<sup>241</sup> Ver, William-Adolphe Bouguereau (1825-1905), “Homero e seu guia”. (*Homère et son guide*, 1874, Milwaukee Art Museum, Milwaukee)

radiosos, apesar das muitas *andanças e erranças*<sup>242</sup> por estes confins. Não acredite pois, o *Leitor*, em *Solidão* cristalina; estão acompanhados sim, porém doutras *Crianças*, se é que estas primas, *Pequeninas Pestes*<sup>243</sup> que mais parecem verdadeiros Golias, possam ser chamadas de infantis, seres de fio desencapado, *Crianças Endiabradas* aptas de nascença às mais serelepes artes (“Mal entra na vida, ela é caçador.”<sup>244</sup>), aquelas que ao verem uma pedra não tardam em lhe dar logo dentes<sup>245</sup>.

Vítimas de hábeis, sábios-raros *Narradores*, no *Além-Livro*, levaremos conosco as mordidas da curiosidade: “e o que aconteceu depois?”<sup>246</sup>. E o *antes*? Capturar o fio da narrativa, invadindo as cordilheiras, nos trilhos da costura, para um dia histórias com o corpo descarrilhar, o dom de “intercambiar experiências”<sup>247</sup>, no brilho do gesto, não necessariamente num livro, mas no tecer leve, nos embalos do vaivém nesta rede à beira da fogueira, no alto deste *Trapézio Prosopopéico*. Uma *Montanha Russa de Pensamentos* num *Retiro Espiritual Zen*, ouvir num *Luau as Mil & Uma Histórias* ao sabor das ondas marinhas, abrir a *Janela do Cantar* e compartilhar da *Vida*, para sentir o frescor de *Conselhos* dos velhos conhecedores dos segredos do *Mar* (os *Marujos*) e da *Terra* (os *Camponeses*).

...o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. Mas, se “dar conselhos” soa hoje como algo antiquado, isto se deve ao fato de as experiências estarem perdendo a sua comunicabilidade. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está se desenrolando.<sup>248</sup>

<sup>242</sup> Cf. “Andanças e erranças” in QUINTANA, M. *A vaca e o hipogrifo*: 2012.

<sup>243</sup> “Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: ‘menino – trem do diabo’” [ROSA, J. Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*: 2015, p. 21]

<sup>244</sup> “Ampliações: Criança Desordeira” BENJAMIN. W. *Rua de mão única*: 2012, p. 39.

<sup>245</sup> O *dissertando* escrevera muitas coisas sobre as *Crianças Serelepes*, às quais admira (evidentemente) com precauções, mas interrompe aqui antes que isto custe uma vidraça.

<sup>246</sup> “O Narrador” in BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p. 230.

<sup>247</sup> *Ibidem*, p. 213.

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 216.

*E quem ouvira Laocoonte*<sup>249</sup>

*E quem ouvirá Aquiocoonte*

“Ao pé desse Castelo há uma aldeia, onde os camponeses, crentes humildemente submissos, executam as suas tarefas diárias. K. também desejaria ser camponês nessa aldeia.”<sup>250</sup> Existe em todo *Espírito Nômade* um fascínio pelo rústico<sup>251</sup>,...

Impressão geral dos campesinos: cavalheiros que se hão salvos graças a agricultura e dispuseram tão sábia e humildemente seu trabalho que este se agrega sem mácula ao Todo, e eles estarão salvos de qualquer oscilação (...) até a venturosa morte. Verdadeiros cidadãos terrestres.<sup>252</sup>

...e nos *Enraizados* o fascínio por viagens. É neste *Cósmico Encontro*, entre as *Naturezas Peregrinas* com as *Terrestres* que se vivenciam as maiores odisseias. O nomadismo em *K.* não é uma escolha, mas uma condição; também não se trata de um peregrino natural, antes um eterno nativo de Praga dividido numa tríade cultural<sup>253</sup>, da qual mesmo em confabulação emigrando para *amériKa*, *camaleando-se*<sup>254</sup> em personagens, procurando efetivamente uma nova Atlântida, seja em uma recôndita aldeia ou aventurando-se na metrópole em épocas de terremotos<sup>255</sup>, jamais irá se desvencilhar de Praga, um *Amalgama de*

---

<sup>249</sup> Laocoonte era um sumo-sacerdote na antiga Tróia, aconselhara os seus a não aceitarem o presente de grego. Seu final é dos mais enigmáticos. O episódio do *Cavalo de Tróia* está presente na *Eneida* de Virgílio. Diferente de Cassandra que fora profética, Laocoonte é um observador aguçado, analisa o artefato e evidencia o mau presságio.

<sup>250</sup> CARPEAUX, Otto Maria (1900-1978). *A cinza do purgatório*: 2015.

<sup>251</sup> “Y admira a quienes se plantan firmes y activos en la vida. De allí su cariño a lo rústico” [BROD, M. *Kafka*: 1951, p. 197]

<sup>252</sup> “Impresión general de los campesinos: caballeros se han salvado gracias a la agricultura y han dispuesto tan sabia y humildemente su trabajo que éste se agrega sin mácula al Todo, y ellos se hallan a salvo de cualquier oscilación o mareo hasta su venturosa muerte. Verdaderos ciudadanos terrestres” [Trechos de uma carta de Kafka a Oskar Pollak in BROD, M. *Kafka*: 1951, p. 198]

<sup>253</sup> Tchecos, alemães e judeus.

<sup>254</sup> O *dissertando* conjugara o *Camaleão*, trata-se dum verbo inexistente como alternativa ao conhecido camuflar.

<sup>255</sup> Kafka busca uma vida independente, seus problemas de saúde eram uma terrível realidade, viaja para Berlim onde com Dora, procura ares propícios a sua saúde – era uma época de grande turbulência, a moeda oscilava vertiginosamente; a Alemanha havia perdido a 1ª guerra mundial – também em

*Corpo & Alma, Amor & Ódio, de Liberdade & Fronteira*<sup>256</sup>; há, certamente menos saudosismo que no *Mantuano* e no *Nolano*, que desbravando o mundo levaram suas vilas no coração, cantando poemas, amores e saudades; também não é o caso de um viajante sem viagens<sup>257</sup> – *K.* surge numa história milenar de êxodo, existem lugares míticos como a *Terra Prometida*, ou, da *Liberdade*<sup>258</sup> que habitam o fundo de seu peito; e nestes sertões enfim encontramos os aldeões, quem sabe possamos bater um dedinho amigável de prosa:

Assim, totalmente privados de fazer elogios, da forma mais inoportuna e a respeito de todo mundo, fomos colocados diante de uma plebe que, em seu ventre, porque, de todos os tipos que eu possa ter conhecido até agora, esta dá mostras de ser a mais irreverente, desrespeitosa, inculta e mal-educada. (...) Quando vê um estrangeiro (por Deus!)... no mesmo instante, verás como é longa a estrada, no meio de um exército de patifes que parecem saídos da Terra mais de repente do que, como imaginam os poetas, outros tantos homens armados saíssem dos dentes de dragão semeados por Jasão.<sup>259</sup>

Os ilhéus de fino humor hoje hão de se divertir com as peripécias do *Nolano* por seus jardins. Na época a publicação da *Ceia* causou apimentado alvoroço, entre os *Terrestres, Acadêmicos* e *Aquáticos*<sup>260</sup>. Os londrinos – fora algumas nobres exceções – eram conhecidos por sua peculiar ferocidade para com estrangeiros – dá para

Berlim viverá um dos invernos mais avassaladores, que culminaram em agravar a sua já delicada saúde. Esta independência, nunca fora efetiva, mesmo recusando ajuda dos pais por certo tempo, a falta de alimentos atingia mesmo àqueles que possuíam recursos, e seu vínculo com Praga jamais se romperá.

<sup>256</sup> O sentido que Franz emprega a cidade de Praga está além do familiar e da cidade em si – guarda relação com seu próprio corpo e o da humanidade.

<sup>257</sup> “Sem sair de casa./ conhece-se o mundo./ Sem olhar pela janela,/ vê-se o Tao do Céu./ Quanto mais longe se vai,/ menos se sabe” [LAO-TZU. *Tao-Te King*: 2006, p. 86]

<sup>258</sup> “Não pode haver verdade, lá onde a liberdade está em falta. (...) A terra pela qual ele se afeiçoa só pode ser terra de liberdade.” [“À Guisa de Encerramento” in JABES, E. *O Livro das Margens*: 2014, p. 280]

<sup>259</sup> Bruno. G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 57, 58.

<sup>260</sup> “Aqueles da terceira classe (...) para fugir de maiores fadigas (...) são os vagabundos aquáticos, tirados dos barcos, ou são vagabundos terrestres, tirados dos arados.” [Bruno. G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 60]

sentir que no Novo Mundo os “selvagens” eram outros; depois das lisonjas publicadas as saídas do Nolano que já eram contraindicadas, se tornaram um risco maior ainda, poucos espíritos foram tão audaciosos e corajosos: “Diz-se que não se deve ser provocador em pátria alheia”<sup>261</sup>.

Giordano Bruno, uma espécie de *Robin Hood* filosófico, levava à verdadeira filosofia para diferentes canteiros geográficos onde ela ainda estava ultra-escondida, ou, sob as bandeiras dos *peripatéticos*. Depois de ser expulso pela Igreja, rumou por diferentes cantos da Europa, colecionando uma invejável gama de rejeições<sup>262</sup> e embora estritamente provocativo, era perseverante, visava à aceitabilidade. “Ele faz muitas tentativas para ser admitido e cansa o porteiro com seus pedidos”<sup>263</sup>.

Sua obra é bipartida, parte em língua latina e outra em italiano – uma das sentenças que o levaram à fogueira no *Campo de Fiori*<sup>264</sup> fora exatamente perambular em territórios profanos<sup>265</sup>, entre as inquirições dos inquisidores, chama atenção a irritação para com a teoria sobre vidas interplanetárias, inumeráveis<sup>266</sup>; a intolerância se mostra também diante da visão do Nolano de ver as *escrituras* como um sonho<sup>267</sup>, esta visão é

<sup>261</sup> BRUNO, G. A Causa o Princípio e o Uno: 2014, p. 43.

<sup>262</sup> As igrejas luterana e calvinista, também sentiram que suas ideias não se alinhavam, e cordialmente o baniram. Heine anos mais tarde, em *Viagem ao Harz* se queixará do vazio iconoclástico das igrejas protestantes. Giordano Bruno peregrinou em universidades da Inglaterra, França, na própria terra de Kafka (Praga) e Alemanha. Certa feita chegou a ser agredido por uma gangue peripatética, numa conferência. É na Alemanha (terra conhecida pela *Filosofia Moderna* nos dias atuais) que encontrara alguma liberdade e após muito penar, pudera por algum tempo lecionar.

<sup>263</sup> “Diante da Lei” in KAFKA: 2011, p. 105.

<sup>264</sup> Giordano Bruno ficara 8 anos preso nas masmorras do Vaticano, alvo da intolerância. Preferira manter suas impressões de mundo, morre em 17 de fevereiro de 1600, no *Campo de Fiori* em uma fogueira – neste lugar existe uma estátua em sua homenagem, embora ela não condiga exatamente com sua personalidade – dá um toque mais lúgubre, diria. Galileu Galilei tempos mais tarde também responderá um processo inquisitório.

<sup>265</sup> Giordano Bruno circula a Europa, entre universidades e templos. Citarei dentre os quatorze motivos dos inquisidores “III. Aver soggiornato in paesi d’eretici vivendo alla loro guisa” [FIRPO, Luigi. *Il processo di Giordano Bruno*: 1993, p. 103]

<sup>266</sup> “V. Sostenere l’esistenza di mondi innumerevoli ed eterni” [FIRPO, Luigi. *Il processo di Giordano Bruno*: 1993, p. 103]

<sup>267</sup> “X. Dichiarare che la S. Scrittura non è che un sogno.” [FIRPO, Luigi. *Il processo di Giordano Bruno*: 1993, p. 103]

extremamente libertária. Chocara-se com uma radical rigidez e ortodoxia, é inegável seu espírito audaz, ao mesmo tempo gentil, rico em metáforas despertava sentimentos extremos. É substancial que seus escritos italianos potencialmente trouxeram assuntos dantes apenas tangidos em latim<sup>268</sup>. Encontrara proteção entre alguns nobres, entre eles o embaixador francês<sup>269</sup>, de quem se torna secretário numa missão diplomática das mais apimentadas e tragicômicas.

K. é logo alertado por um dos aldeões:

– “Não há diferenças entre os camponeses”<sup>270</sup> e os castelões. “O sertão está em toda parte.”<sup>271</sup> – complementou em ar agreste.

A Terra é um grande ninho, mas este lar não parece estável, inúmeras cercas foram erigidas, havia expectativas que além do muro houvesse uma terra com *Paz, Igualdade & Harmonia* – mas quando caminhamos até ela, descobrimos que os nativos de lá guardavam as mesmas expectativas de cá, vivemos num *lá-eh-o-aqui*, isto é, que o lá seria o aqui da *Terra da Liberdade*;...

...o que foi feito dessas expectativas nos é dado saber agora, através do relato preciso neste diário, de seu penoso desenrolar. Benjamin perdeu, de modo gradual mas nem por isso menos deprimente, todas as ilusões que havia nutrido.<sup>272</sup>

“depois soube-se (...)

desaparecimentos inexplicáveis, goulagues, anos depois alguns raros sobreviventes a escrever como acontecera...”<sup>273</sup>

<sup>268</sup> A rainha da Inglaterra, elogiadíssima para além dos homens por Bruno, pode ter sido decisiva na escolha da língua italiana – na época muito mais internacional que o idioma inglês, com um pé fora da ilha, contam relatos, passava a ser magicamente incompreensível. Ver notas e leituras de Giovanni Achillechia [nota 5 e 6 do 3º diálogo in Bruno. G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 68]

<sup>269</sup> A obra *O Castiçal* é publicada em Paris, em 1582, é em 1583 que Giordano Bruno parte para a Inglaterra acompanhado do embaixador Michel de Catelnu. Na Inglaterra entre seus principais desafios, realizará a defesa de Copérnico (com ressalvas) em relação às teorias ptolomaicas na Universidade de Oxford.

<sup>270</sup> KAFKA, F. *O Castelo*: 2008, p. 21.

<sup>271</sup> ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*: 2015, p. 19.

<sup>272</sup> Prefácio de Gershom Scholem in BENJAMIN, W. *Diário de Moscou*: 1989, p. 12. (\* A referência é a esperança por parte de muitos marxistas que em territórios soviéticos haveria igualdade, quando ao contrário encontrara uma realidade terrível.)

<sup>273</sup> “A Morte sem Mestre” in HELDER, H. *Poemas Completos*: 2016, p. 719. (\* goulagues/gulags: campos de trabalhos forçados, existiam na União Soviética)

*Abundam inícios,  
Extravasam meios,  
Ai estou tão perto dos confins  
Perdendo-me vou e sem rodeios  
Vai que encontro a Deus aos roteiros*<sup>274</sup>

Se “o corpo humano não é finito por linhas”<sup>275</sup>, também o livro estaria além da matéria que o comporta, liberto a qualquer devaneio de término? A obra sobreviveria ao autor? A *morte* é o ponto final *do Escritor*<sup>276</sup>?

"Vigiando duvidando rolando brilhando e meditando", essa cadência dos tempos, em que se exprime a troca indeterminada pela qual a obra se faz, topará finalmente com o momento em que tudo deve acabar, o tempo último que, fugindo para mais adiante com relação ao livro, o imobiliza previamente, colocando diante dele "o ponto final que o sagra"? Momento em que todos os momentos se detêm na realização final, termo do que é sem termo. Será esse o fim?<sup>277</sup>

Em dado momento, em *História com K.*<sup>278</sup>, surge o fim, “necessariamente ele não existe”<sup>279</sup>.

Sempre foi possível pensar que todos aqueles que dele se aproximaram apenas chegaram perto, e morreram por impaciência, por haver prematuramente afirmado: é aqui; aqui lançarei âncora.<sup>280</sup>

<sup>274</sup> O *dissertando* escolhera uma versão ambígua, pois queria igualmente dizer: “adeus aos roteiros”, ou, “a Deusa, os roteiros”.

<sup>275</sup> "car le corps humain ne finit pas par des lignes." ["Le Chef-d'œuvre Inconnu" in BALZAC: 1851-1853, p. 44]

<sup>276</sup> “Felizmente, nenhum desses ‘fins’, até agora, se concretizou” ["O fim da literatura" in PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*: 2016, p. 17]

<sup>277</sup> “O livro por vir” in BLANCHOT: 2013, p. 358.

<sup>278</sup> *História com K. - narrativa sobre a obra e vida de Franz Kafka*, foi meu TCC, no curso de História. Estudávamos no nostálgico prédio nas proximidades da Praça da Figueira. A professora Janice Gonçalves, minha orientadora na época, dera-me liberdade de escrita, pontuando um detalhe e outro com grande sensibilidade crítica, Walter Benjamin foi uma *Ponte*, pensador que circula entre as fronteiras.

<sup>279</sup> CONTE, Ivan R. *História com K.*: 2007.

<sup>280</sup> “O Encontro do Imaginário” in BLANCHOT, M. *O livro por vir*: 2013, p. 4.

Escritor enquanto navegador, que seria *lançar âncora* senão encontrar um lugar onde o *Sonho* encontra a *Realidade*, atingir a maravilha ou o abismo mais perfeito, a *Obra Absoluta*, neste lugar o ponto final acontece?

“Os olhos margeiam o abismo, aonde vêm morrer as palavras.”<sup>281</sup> “Ouve, por eu ter mergulhado no abismo é que estou começando a amar o abismo de que sou feita.”<sup>282</sup>

É num território de incerteza que são lançados os escritores em escolhas de por fim às suas histórias. Nem todo escritor, um navegador:

Não devemos esquecer que esse canto se destinava a navegadores, homens do risco e do movimento ousado, e era também ele uma navegação.<sup>283</sup>

O viajante num deserto encontra um oásis, talvez neste oásis não haja um fim, mas apenas um novo caminho a trilhar, como é o navegar em direção ao *Canto das Sereias*.

Ah, com que força quebram-se as ondas, minha coragem quase submerge. Deve aqui despedaçar-se o melhor de mim? Diga-me, luminosa esperança! (...) preciso chegar à ilha, ainda que nela estejam as montanhas mais altas e que a mais alta delas se chame solidão.<sup>284</sup>

“De soberbo e altivo coração”<sup>285</sup>, Vasco marcas nas margens das folhas dos oceanos deixara, ao desvelar dos diários de viagem, nostalgia daquela antiga aventura nos vales dos pensamentos nos traz, com sete cuidadosas dobras o segredo do *Cabo da Boa Esperança* guardara no peito, e mesmo assim, cruzá-la novamente nunca deixara de eternamente o atormentar<sup>286</sup>.

Todos os *livros nos levam ao mar*<sup>287</sup> – Roma ao espelho *Amor*: “Porque tu és míope dizes que ele é cego”<sup>288</sup> – , mas como estar no

<sup>281</sup> “À Guisa de Encerramento” in JABES, E. *O Livro das Margens*: 2014, p. 282.

<sup>282</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* 2014, p. 156.

<sup>283</sup> “O Encontro do Imaginário” in BLANCHOT: 2013, p. 4.

<sup>284</sup> KLEE, P. *Diários*: 1990, p. 65.

<sup>285</sup> “Canto I – XLIV” in CAMÕES. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1868, p. 17.

<sup>286</sup> Antes o Cabo da Boa Esperança era conhecido por Cabo das Tormentas.

<sup>287</sup> Ditos populares: “Todos os rios desembocam no mar”, “quem tem boca vai a Roma”. Já Leonilson numa poesia visual dirá “todos os rios levam a sua boca” (1989) – a boca, uma passagem... Verdade que os rios não simplesmente

*Amor* (ou, no *Mar*?) nunca significará por si só conquistar; antes é preciso ocupar-nos *d'Infundo Horizonte*. “De noite, meu delírio se alimentava dessa metáfora: eu sentia que o mundo é um labirinto, do qual era impossível fugir...”<sup>289</sup> “De que vale um livro que não nos transporte além-livros?”<sup>290</sup> “Não se sai do livro a não ser no livro (...) o livro não está no mundo, mas o mundo no livro.”<sup>291</sup> *A Vida é O Livro*, e dentro da *Vida*, um livro é uma vida...

“Porque não quero sequer a concretização de um ideal, quero é ser apenas uma semente.”<sup>292</sup> “Amigos, o chão está pobre, precisamos espalhar ricas sementes. Para que nos medrem colheitas apenas módicas”<sup>293</sup>. Amanhã *Florestas*: “faz-se uma casa ou um traje a partir do modelo concebido em espírito pelo artesão”<sup>294</sup>, é sábio, “a árvore está contida na semente”<sup>295</sup>.

O *Artista* viverá através das *Sementes da Imaginação* lançadas, numa história como um rio a caminhar, compartilhando os fragmentos de mapas do tesouro, a sinceridade das suas descobertas, o *Espinho & a Flor*, mas nunca o todo ou o fim, talvez *Faíscas d'Esperança* de *Imemoriais Saraus*, entregues ao *Leitor*, vestígios na matéria escorregadia do tempo presente, tempo incapturável, como mimese do *Coelho* que encantada *Alice* perseguia, sempre este inalcançável *Coelho*, parece num instante escorregar por nossos dedos, levando consigo a revelação primordial – a *realidade* ou *nó vital*?

desembocam no *Mar*, como acabam por recuar, são soprados vale acima: “é pelo fluxo de uma dada água corrente que o fluxo de outra é detido; por exemplo, quando os rios se lançam no oceano, sofrem o fluxo das marés a ponto de voltarem a subir muitas milhas em direção a sua fonte.” [BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 75] Rios e poesia, “Cada musa procura e encontra outra, e todos os rios da poesia correm juntos para o grande mar universal.” [“Conversas sobre Poesia” in SCHELEGEL, F.: 2016, p. 483]

<sup>288</sup> Fragmento do *Poema* “Do Amor” in BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 29.

<sup>289</sup> “A Morte e a Bússola” in BORGES: 2007, p. 132.

<sup>290</sup> NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*: 2012, p. 162.

<sup>291</sup> Sobre Edmond Jabès e a Questão do Livro in DERRIDA, J. *A Escritura e a Diferença*: 2009, p. 106.

<sup>292</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 141.

<sup>293</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 36.

<sup>294</sup> BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 47.

<sup>295</sup> “Comentários: os ensinamentos de Lao-Tzu” por Richard Wilhelm in LAO-TZU. *Tao-Te King*: 2006, p. 132.

...essa realidade não é dada de antemão, nem nos livros, mesmo os considerados obras-primas, nem no mundo que se abre a nosso olhar cotidiano, como ela nos escapa constantemente...<sup>302</sup>

Apenas vívida em *aproximação*<sup>303</sup> como mágica lembrança nostálgica do mistério do passado nos reflexos de nosso *futuro*<sup>304</sup>?

...inacessível e como que furtada por aquilo que a manifesta, é uma realidade tão simples, mas também tão excepcional quanto o livro que a fará brilhar por um instante a nossos olhos.<sup>305</sup>

A linearidade, a maneira como o autor projetara – *jogo da amarelinha* ou não –, é apenas um percurso, que dentre outros o *Leitor* em seu barco a bel-prazer poderá *saltar*<sup>306</sup>. Há “livros (...) mais longos do que parecem. De fato não têm fim. O tédio que suscitam é verdadeiramente absoluto e infinito.”<sup>307</sup>. No abrir das asas, um leque de inúmeros afluentes se revela. Acaso por duas vezes atravessares da nascente à foz, impossível vivenciar igual experiência – “de uma leitura a outra, não saltamos nunca as mesmas passagens”<sup>308</sup> –, dirá as palavras serão iguais como as águas serão as mesmas<sup>309</sup>, mas os frutos líquidos da língua extravasam a rede serpenteando fonemas e signos diversos, a tonalidade de um dizer dá infindos caldos, um “eu te odeio!” pode soar como um “eu te amo!”, enquanto um “eu te adoro!” poderá ser tão Brutus<sup>310</sup>! Ameaçados remam os *Peixes* que nas águas inda vivem<sup>XIII</sup>. Destarte o *Eu de Amanhã* sempre estará em novo clima, e talvez pesque algo que o *Eu de Ontem* deixara de ser perceptivo.

<sup>302</sup> “No Extremo” in BLANCHOT, M. *O livro por vir*: 2013, p. 159.

<sup>303</sup> “...nosso pensamento trilha um caminho infinito da aproximação jamais inteiramente concluída” [LUKÁCS, G. *A Teoria do Romance*: 2009, p. 30]

<sup>304</sup> “Vou rasgar-te os arcanos do futuro” VIRGÍLIO (70-19 a. C.). *Eneida*: 2005, p. 42.

<sup>305</sup> “No Extremo” in BLANCHOT: 2013, p. 159.

<sup>306</sup> “...não lemos tudo com a mesma intensidade de leitura; um ritmo se estabelece, desenvolve” [BARTHES, R. *O prazer do texto*: 2015, p. 17]

<sup>307</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 97.

<sup>308</sup> BARTHES, R. *O prazer do texto*: 2015, 17.

<sup>309</sup> Heráclito diz que o homem não poderá pisar duas vezes no mesmo rio “δὴς ἐς τὸν αὐτὸν ποταμὸν οὐκ ἄν ἐμβαίῃς”, não meramente porque o rio seja outro, mas porque nem mesmo o homem será o mesmo.

<sup>310</sup> O imperador César se tornara vítima de uma conspiração, dentre os conspiradores que lhe apresentaram aos punhais, estava envolvido o melhor amigo. Com este evento (que traz, por linhas tortas, rotatividade ao Império), além de césares, os amigos foram eternizados na História: “Até tu Brutus!”.

Junto a ti está o oceano, é verdade que nem sempre ele rugir; e estende-se às vezes como sede e ouro, e um sonho de bondade. Mas, virão horas em que reconhecerás que ele é infinito e que não existe nada que seja mais terrível que o infinito.<sup>311</sup>

Morando nos longínquos da Terra, num despretenso convívio com ela, num flerte à abóboda celeste, a intimidade das *Estrelas* desnudou. Uma vez em confabulação, no centro do Sol convertidos em luz, se é energia *Nirvana*, não mais reflexão, mas a própria flecha antes da partida.

Vozes da trilha de urtigas:  
Venha até nós sobre as mãos.  
Quem está só com a lâmpada  
tem só as mãos para ler.<sup>312</sup>

O *Dia* sempre tem esta característica heliocêntrica, de esconder algo mais que apenas a *Noite* aclara. A *Inspiração* é como o *Sol*, brilha sem bem conhecer as peculiaridades de sua própria *essência*. Nossa eterna dificuldade de estando num corpo desconhecê-lo, estando na Terra, sentirmo-nos alheios a ela<sup>313</sup>. Dor, perseverança, abrir e caminho: *mãos* que são olhos, *sóis* que são *urtigas*. Desde as profundezas marinhas se tornam mais claras quando observadas da superfície<sup>XIV</sup>.

...tenciona devassar a raso este mar de territórios para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. – (...) vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram.<sup>314</sup>

Aprofundar não significa afundar-se num poço vertiginoso, numa linha reta dentro dos trilhos dum eterno mesmo assunto, crenças numa desenganada *religiosidade científica*<sup>XV</sup>, acreditando em pormenores atingir o endereço cobiçoso: o “ordenado penetra velozmente, mas também velozmente sai”<sup>315</sup>, “para uma safra razoável de bizarrices, reconselho (...) entestar viagem mais dilatada”<sup>316</sup>. Somente

<sup>311</sup> NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*: 2012, p. 137.

<sup>312</sup> CELAN, Paul. *Cristal*: 1999, p. 182.

<sup>313</sup> Considerando a leitura de *Corpus Hemeticum* Tratado I, este sentimento ganha ressonância, o homem enamora a Natureza, apaixonou-se por sua imagem refletida na água. Num passado primordial não fazia parte da Terra, não era um corpo, não era mortal, estava posicionado num eixo fora da circularidade dos *Governadores do Destino* (os Planetas).

<sup>314</sup> ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*: 2015, p. 33.

<sup>315</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 67.

<sup>316</sup> ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*: 2015, p. 33.

em movimento tangencial e circular nos aproximamos, pois Sol *malquer* quem o fita ininterrupto, é dançando e cantando em roda que os *Índios* invocam a *Chuva*, é com danças giratórias que os *Dervixes* atingem as mais altas iluminações, a farândola com corrupio conquista, apenas os refugiados nas sombras das *Árvores* percebem nos minúsculos *Insetos* a polinização dos mais altos cósmicos segredos. Mesmo o *Artesão* dos artesãos, *Não-Ser* que engendrara todas as coisas terrenas e celestes, para se autoconhecer necessitara de uma imagem que o refletisse.

...o Pensamento, (...) vida e luz, engendrou o homem sua imagem e o amou como a um filho, posto que, criado a imagem e semelhança, era belíssimo. Em realidade (...) Deus amou a sua própria imagem. E entregou ao homem todas as suas criaturas.<sup>317</sup>

*Sarar*

*Furo*

*Caloteiro*<sup>XVI</sup>

“Agora voltamos à encruzilhada anterior’ ou ‘Agora desembocamos noutro pátio”<sup>318</sup>.

Misterioso que de todos os convivas, seja o *Mestre* o imune, a toda sorte de espirituosas bebidas<sup>319</sup> – líquidos dionisiacos<sup>320</sup> que em fartura deixariam mesmo algumas divindades, tanto tontas!

...vivia então, literalmente com o inesquecível amigo, ainda estava ele comigo, presente sempre, no sentido mais verdadeiro da palavra; sabia com exatidão o que teria me dito frente a tal ou qual situação, como houvera julgado os sucessos que

<sup>317</sup> “el Pensamiento, padre de todas las cosas, vida y luz, engendró al hombre a su imagen y le amó como a un hijo, puesto que, creado a imagen del padre, era hermosísimo. En realidad, pues, Dios amó a su propia imagen. Y entregó al hombre todas sus criaturas” [“Corpus Hermeticum” in *Textos Herméticos*: 2008, p. 81-82] \* (\* As traduções para o português desta obra foram realizadas pelo *dissertando*, através da versão em espanhol)

<sup>318</sup> “A casa de Astérion” in BORGES. *O Aleph*: 2008, p. 61.

<sup>319</sup> Referência às bebidas espirituosas não fazerem qualquer efeito a Sócrates, ele também é de modo sobrenatural resistente ao frio enquanto nas campanhas como soldado.

<sup>320</sup> Dionísio (Διώνυσος), deus do vinho e ligado às festas campestres e aos ciclos vitais de animais e vegetais, entre os romanos Baco.

*Disco*

*Roteiro*

me atingiam; lhe perguntava e podia, eu mesmo, responder-me em seu nome.<sup>321</sup>

Um livro desbravado em profundidade, uma *Cachoeira Mágica*, donde aqueles que se banham viverão metamorfoses, contaram-nos inúmeros antigos testemunhos, *não somos os mesmos após a leitura do Livro*<sup>XVII</sup>. Ler é estar aberto aos arcanos da compreensão. Comum, a sensação de levar consigo, mesmo por instantes, um pensar diverso; por isto, alquimia incerta, ler também pode ser a imagem das montanhas, onde brilha a luz divina, acompanhada dos vizinhos precipícios. Será uma leitura da obra e vida, num mergulho em profundidade, na iminência de dar elementos de apropriação dum modo peculiar de pensar, preconizar como agiria, como escreveria a próxima palavra; o *Mestre* canibalizado pelo *Discípulo*?

– “Posso premeditar sua escrita, posso escrevê-lo, sem incorrer numa tautologia (...) de minha parte, assumi o misterioso dever de reconstruir literalmente sua obra espontânea.”<sup>322</sup>

Mediunidade, auto-ilusão, sobrevida ou *moedeiro falso*?

Dali nasceu a necessidade de reencarnar ao amigo incomparável numa criação viva, não em um estudo histórico em que se reuniram e coordenaram penosamente uns dados, senão em uma figura épica. Criando-o desse modo, o reencarnaria para mim mesmo.<sup>323</sup>

Nesta embarcação que não escolhes, tolhidos na caravana do tempo, *era uma vez* o personagem, o autor *com frequência* metamorfoseado em abstração, o personagem corado, lendário e vívido; será o *Mestre* ou o *Discípulo*, ou ainda ambos, muitos ou nenhum?

Platão renunciara completa e profundamente, a considerar morto Sócrates; considerava que continuava a viver junto ao *Mestre*, pensando em sua companhia, caminhando, *cruzando colinas e*

---

<sup>321</sup> “entonces vivía, literalmente con el amigo inolvidable, aún estaba él conmigo, presente siempre, en el sentido más verdadero de la palabra; sabía con exactitud qué me habría dicho frente a tal o cual situación, cómo hubiera juzgado los sucesos que me atañían; le preguntaba y podía responderme a mí mismo en su nombre.” [BROD, M.: 1951, p. 76]

<sup>322</sup> “Pierre Menard, Autor do Quixote” in BORGES: 2007, p. 40.

<sup>323</sup> “De allí nació la necesidad de reencarnar al amigo incomparable en una creación viva, no en un estudio histórico en que se reunieran y coordinaran penosamente unos datos, sino en una figura épica. Creándolo de ese modo, lo reencarnaría para mí mismo.” [BROD, M. *Kafka*: 1951, p. 76]

*atravessando prados*, e realizara convertendo Sócrates em um herói de quase todos os diálogos.<sup>324</sup>

Um gesto respinga em outro,...

...ele acreditava na realidade desse mundo, e durante algum tempo conseguiu adaptar-se a esta realidade. Ele vivia como se Balzac o tivesse criado também, misturado discretamente à multidão de suas existências.<sup>325</sup>

O que é um ser senão em relação aos seus pares?

– “O pior é que se continuo assim vou acabar escrevendo mais sobre mim mesmo do que sobre...”<sup>326</sup>, “mergulhei por inteiro, direto, na ideia de que então – mas seria possível? –, eu não conhecia bem nem mesmo meu próprio corpo”<sup>327</sup>.

Ao contemplar de teu relevo, nas ondas linhas de tuas colinas, um símbolo em alva ou negra pele esboçou. És por que a *Criação* é um círculo inconcluso? *A Tatuagem!* Seria ela a intervenção que canta aos céus mensagens-signos, em nosso próprio pergaminho, que o homem também é obra incompleta.

Qual não deixa de ser a tomada de consciência que representa conceber seu próprio corpo como obra inacabada que transformamos prontamente!<sup>328</sup>

Se nosso corpo vai, mas os escritos perduram por incerto tempo, escrever significará abrir-se a uma amizade lançada aos túneis do futuro, às vezes de si mesmo, mas que numa eventual esquina encontrará o que habitualmente chamamos de o *Outro*<sup>329</sup>, uma esperança de que o arranjo das palavras amanhã culmine num significado além em novas companhias.

---

<sup>324</sup> “Platón renunció durante toda su vida, de manera análoga, si bien mucho más completa, a considerar muerto a su maestro Sócrates; consideró que seguía viviendo junto a él, pensando con él, yendo con él por el camino, y lo realizó convirtiendo a Sócrates en el héroe de casi todos los diálogos que escribió después de la muerte de aquél.” [BROD, M. *Kafka*: 1951, p. 76-77]

<sup>325</sup> RILKE. *Auguste Rodin*: 2003, p. 70.

<sup>326</sup> CORTÁZAR, J. *O Perseguidor*: 2012, p. 61.

<sup>327</sup> PIRANDELLO. *Um, Nenhum e Cem Mil*: 2015, p. 12.

<sup>328</sup> EINSTEIN, C. *Negerplastik* (escultura negra): 2011, p. 56.

<sup>329</sup> “O poema quer o Outro, precisa desse Outro, precisa de um parceiro. Ele o procura, adequa-se a ele./Cada coisa, cada pessoa é um poema que se dirige ao Outro, figura desse Outro.” [CELAN, P. *Cristal*: 1999, p. 179]

Um sentimento esplêndido me vivifica ao pensar que é meu amigo e que dirigiu a mim essas palavras mais íntimas. Sei que em muitas coisas somos um e creio que o somos inteiramente, porque uma única esperança, uma única nostalgia é nossa vida e nossa morte.<sup>330</sup>

Por vezes o dom de escrever, necessita dum sopro numa temperança exatamente métrica para que reavive a *Chama de Escrever* sem contudo dar ares a uma ventania, que levaria consigo a brandura do *Fogo* trepidante. Uma *Vida* não pode ser lida como uma ilha deserta<sup>331</sup>, inevitável se *Escultor*, também *Escultura*:

Profundamente, os primeiros voos que vimos nos impressionaram. Roguei a Franz: “reunir-me-á em um artigo aquilo tudo que houver alcançado ver”. Um duelo desportivo entre ele e eu, sugestão ideal, se fez tentadora (...) durante a excursão nos preocuparíamos demasiado por ocultar nossas percepções. (...) Assim, eu cumpria um plano secreto. O trabalho literário de Kafka se encontrava interrompido (...) Certamente que, o artigo em si, não considerava o objetivo final, somente haveria de servir como estopim visando atizar o retorno do dom criador de Franz.<sup>332</sup>

Ao mesmo tempo, arisco e fugidio às publicações, considerava seus escritos peças íntimas, nada lhe fazia mais feliz que ler para suas irmãs, dizia: *sou Literatura!* Se dalguns assuntos o *Amigo* nos traz boas-novas de detalhes além, de que possivelmente intercedera aos dados do

---

<sup>330</sup> SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 252.

<sup>331</sup> Não há como falar de Sócrates sem perceber Platão, embora haja outros relatos sobre Sócrates distantes ao *Amigo*. Por meio de Max Brod os escritos de Kafka sobreviveram, em algum ponto do tempo, fora simplesmente crucial. Não faltam edições das obras de Kafka despidas de Max Brod, é algo a ser com mais tino refletido. Alguém subtrairia o *Gato Murr* da biografia de Kreisler?

<sup>332</sup> “Los primeros vuelos que vimos nos impresionaron profundamente. Lo insté a Franz a que me reunirá en un artículo todo lo que hubiere alcanzado a ver. Le hice tentadora la ideal al sugerírsela como un duelo deportivo entre él y yo. (...) durante la excursión nos preocupáramos en grande por ocultarnos mutuamente nuestras percepciones. (...) Con todo esto, yo cumplía un plan secreto. El trabajo literario de Kafka se hallaba a la sazón interrumpido (...) El artículo en sí no lo consideré, ciertamente, un objetivo final; sólo debía servir de estímulo para volver a encauzar el don creador de Franz.” [BROD, M.: 1951, p. 118]

destino, com alguma benévola vaidade, sobre outros assuntos embora tantas memórias do convívio cultive, parecia estar em plena descoberta, e eita! – O seu testemunho traz ainda mais ingredientes de mistério, preenchendo a amizade de lenda, cativando protestos e desmascarando aqueles que pintavam Franz despido dum peculiar humor e espiritualidade. Um Kafka também *à beira-mar*, praticante de remo, vegetariano, buscando alternativas naturalistas aos problemas de saúde, fugindo até certo ponto dos *capa-brancas*<sup>333</sup>, não exatamente um ser preso a uma escritaninha de repartições burocráticas bolorentas, embora elas também tenham feito parte significativa de sua vida e invadido os corredores claustrofóbicos de suas histórias. Quando do natural discordar, *Máximo Brother* não nos oculta:

Ainda que devendo vencer as grandes resistências que a teimosia do autor me opunha. Às vezes, sentia-me uma verdadeira auréola suspenso sobre ele: o impulsava, o empurrava, claro que não diretamente, sempre empregando novos meios e rodeios; todavia, evitei que seu talento voltasse a cair no ostracismo. Havia épocas em que me agradecia. Embora, resultasse pesado meu estímulo e concluía por \*mandá-lo ao diabo; seu *Diário* dá testemunha disso.<sup>334</sup>

Terá sido este *Amigo* um anjo?

...havemos de ser fundamentalmente distintos(...) seguia dominando-me tanto que eu me via com seus olhos<sup>335</sup>.

Momentos depois:

---

<sup>333</sup> Pequeninha maldade para com os médicos. Não precisamos antever que um dia poderemos estar (Oxalá não precisemos), numa mesa de cirurgia, e nunca é tarde para reconhecer que muitos exercem sem palavras, composições orgânicas.

<sup>334</sup> “Aunque debiendo vencer las grandes resistencias que el testarudo autor me oponía. A veces parecía yo un férula suspendida sobre él: lo impulsaba, lo empujaba, claro que no directamente, son empleando siempre nuevos medios y rodeos; de todos los modos, evité que su talento volviera a caer en punto muerto. Había épocas en que me lo agradecia. A menudo, empero, le resultaba cargoso mi estímulo y concluía por mandarlo al diablo; su *Diario* da testimonio de ello.” [BROD, M. *Kafka*: 1951, p. 120]

<sup>335</sup> “Yo y Max debemos de ser fundamentalmente distintos. (...) seguía dominándome tanto que yo me veía con sus ojo” [KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 114 e 157]

“...voltei a me aproximar espiritualmente de Max”<sup>336</sup>.



Kate Brod por Scheila Eliza Conte<sup>337</sup>, junho de 2016.

<sup>336</sup> “volvi a acercarme espiritualmente de Max” [KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 157]

<sup>337</sup> Agradeço de coração e fico particularmente encantado com a participação de minha irmã – senti o quanto ela ficara feliz em criar estas ilustrações. Elas brotaram através de breves diálogos, ela dera materialidade aos pensamentos visuais – a sensação de ver ideias se transformarem em ilustrações é, não sei dizer, *imprimível*. Algumas imagens possuem algo similar a uma bibliografia recomendada por um orientador, digamos que uma fotografia pode inspirar os traços – como reconhecemos alguém por meio de linhas? O retrato certamente capta as energias dos objetos e seres, diálogos invisíveis em palavras. Após *as sugestões*, estávamos distantes, em cidades diferentes, ela criara inteiramente sozinha as ilustrações, e apenas vi as versões finais, como quem lança uma semente e noutro dia se depara com uma *Floresta*. Compartilharei, uma pincelada de nossos diálogos, para ilustrar a gênese e os bastidores, por exemplo, da capa do livro imaginário: «...*não precisa estar em chamas. É como se ele estivesse de asas abertas. Olhando pra fogueira. Ele está sentado (...)* Mas não tem pés ou cabeça. Está aberto! – disse. «*E se ele estivesse voando, como que fugindo ou se afastando do fogo? Como um pássaro.*» – ela.

Quando pequenos, brincávamos de apresentar uma rádio pirata, gravávamos nossas vozes em fitas, era uma experiência de ficção, foi uma sintonia revivida, uma verdadeira irmandade. Irmandade esta, dona de elos inquebrantáveis de carinho por nossos pais e nossa irmã, querida Rosana.

Quanto mais das profundezas nos aproximamos, mais difusos nossos sentidos vão, como nossos passos anteriores confusos são, se era mesmo o balneário das revelações, pois havia tantas outras portas a serem desvendadas<sup>338</sup>, como se sob o efeito de espirituosos elixires, tontos ficássemos quando próximos à zona abissal<sup>339</sup>, distantes das raízes de nossas primeiras escolhas, – “quando a coruja levanta voo, isso significa um começo que assegura a sobrevivência do todo, a transmissão do todo, exceto...”<sup>340</sup> – novamente por uma questão vital, remaremos em destino à superfície – instante de oxigenação em que nos descobrimos metamorfoseados, mas novamente tão distantes quanto antes da origem:

Lembra-te de que nas duas extremidades do percurso  
 É a dor de nascer a mais lancinante  
 E que dura se opõe ao medo que temos de morrer,  
 Lembra-te de que não terminamos de nascer  
 Mas que os mortos, eles, sim, terminaram de morrer.<sup>341</sup>

Será que crer no incomensurável *Infinito*, desperta em verdade que morrer encontra finitude<sup>342</sup>? Nascer não se interrompe enquanto vida, viver é *Obra Inacabada*<sup>343</sup>. Seria então apenas possível a completude, atingir um derradeiro fim, o círculo em sua perfeição de mito, através da morte?

---

<sup>338</sup> “Oxalá me leve para um lugar com menos galerias e menos portas” [“A casa de Astérion” in BORGES. *O Aleph*: 2008, p. 62]

<sup>339</sup> Sabe-se de um conhecido efeito físico que quanto maior a profundidade nos mergulhos alcançados, devida à pressão, mais perigosa se torna a jornada. Os mergulhadores têm por lei nunca realizarem aventuras sozinhos, o efeito da profundidade é comparável ao efeito da vodca.

<sup>340</sup> “Anacruse” in BLANCHOT: 2011, p. 33.

<sup>341</sup> *Poèmes de Samuel Wood* por Louis René des Forêts, apud BLANCHOT, M. *Uma voz vinda de outro lugar*: 2011, p. 33. («Dis-toi qu'aux deux extrémités du parcours / C'est la douleur de naître qui est la plus déchirante / Et qui dure et s'oppose à la peur que nous avons de mourir / Dis-toi que nous n'en finissons pas de naître / Mais que les morts, eux, ont fini de mourir.»)

<sup>342</sup> Entra em cena uma questão cosmogônica viva a todos os autores, crer na mortalidade, ou em alguma forma de vida além-túmulo.

<sup>343</sup> Pós-escrito: jamais escreveria com pretensões de interditar as expressões “obra inacabada”, “obra acabada”; compartilho todavia, inúmeras fantasmagorias e intempéries na busca pela obtenção da *Pedra Filosofal*; ser um mineiro nas galerias da ambiguidade...

“Entre esperança e temor, se perguntavam (...)”<sup>344</sup>

“Quem sabe viver é estar morto  
e estar morto não é considerado viver”<sup>345</sup>

Em Hades, que *Poeta* então salvar?

“Alguém dirá que estar não é finar”<sup>346</sup>.

A natureza é inimiga de posses eternas. (...) o corpo é uma propriedade (...) não posso, através da perda dessa propriedade, ser privado de mim (...) Não perco nada, a não ser o lugar nesta escola de príncipes, e entro numa corporação superior (...) Vida é o começo da morte. (...) A morte é término e começo ao mesmo tempo.<sup>347</sup>

Nenhum conhecimento edificante brota naquele em que morrer é um *temer* mais que flamejante.

Escreva versos! (...) versos também são uma caixa; vocês dividem a poesia em partes: aqui fica a prosa, aqui fica a música, aqui a pintura; qual devo escolher? Mas talvez eu tenha praticado uma arte que ainda não existe, que não é nem poesia, nem música, nem pintura; uma arte que eu deveria ter descoberto e que, talvez, sumirá por séculos e séculos: encontre-a! Talvez ela me console da perda de meu antigo mundo!<sup>348</sup>

E descobrirá que o *Amigo* ainda vive em quem sou, nas missões e *Sonhos em Amalgama*? Traduzir é respirar um *Perfume de Inspiração*, para na sequência o aspirar, compartilhando com seus irmãos o *Pólen* das descobertas de seu *Navegar Viver*. Semear noutra margem as *Especiarias da Cultura*. A metamorfose viverá na embarcação que nos traduz:

Uma mão que pousa no ombro ou na coxa de outra pessoa já não mais faz parte integralmente do corpo a que pertencia: dela e do objeto que ela toca ou agarra nasce algo novo, algo a mais...<sup>349</sup>

<sup>344</sup> “(...)se acaso ainda vivem,” VIRGÍLIO. *Eneida*: 2016, p. 191.

<sup>345</sup> Passagem de uma tragédia perdida de Eurípedes. Ver nota in ARISTÓFANES. *As Rãs*: 2014, 89.

<sup>346</sup> ARISTÓFANES. *As Rãs*: 2014, 89.

<sup>347</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 42-43.

<sup>348</sup> “A Sílfide” de Vladímir Odóievski in GOMIDE, Bruno (Org.). *Nova antologia do conto russo: (1792-1998)*: 2012, p. 124.

<sup>349</sup> RILKE. *Auguste Rodin*: 2003, p. 39.

O *Gênio não-original*, a eterna descoberta de pensamentos afinados, a coincidência no universo do pensar, o extremamente atual resgatado das catacumbas de milênios anos atrás, o contemporâneo arqueólogo profetizando novidades ao *Sabor Estelar*. E quando no caminho “surpreendente reencontro de dois pensamentos amigos após uma longa separação”<sup>350</sup>, um fugidio misterioso entrelaçamento nascerá: uma ideia mais outra ideia não serão duas ideias, muito menos uma terceira via (como parte da dialética canta), mas um encontro entre espectros do visível e do invisível numa *Prismática Divisão da Ideia*<sup>351</sup> de efeitos num espaço-tempo imprevisível.

Já se tem muitas teorias dos gêneros poéticos. (...) Há classificações que são bastante ruins como classificações, mas dominam nações e épocas inteiras(...) Por que não se tem ainda nenhum conceito de gênero poético? (...) A rigor, o conceito de um poema científico é tão absurdo como de uma ciência poética. (...) Então teríamos de nos contentar com uma única teoria dos gêneros poéticos. (...) Entre os modernos se fala sempre deste e do outro mundo, como se houvesse mais de um. Mas com certeza entre eles a maioria das coisas também é tão isolada e dividida quanto este seu mundo e o outro.<sup>352</sup>

Há os que “não se cansam de dividir com a razão aquilo que é indivisível segundo a natureza e a verdade.”<sup>353</sup>

Os classificadores de coisas, que são aqueles homens de ciência cuja ciência é só classificar, ignoram, em geral, que o classificável é infinito (...) pasmo que ignorem a existência de classificáveis incógnitos, coisas da alma e da consciência que estão nos interstícios do conhecimento.<sup>354</sup>

Pensar em degrade é preciso!

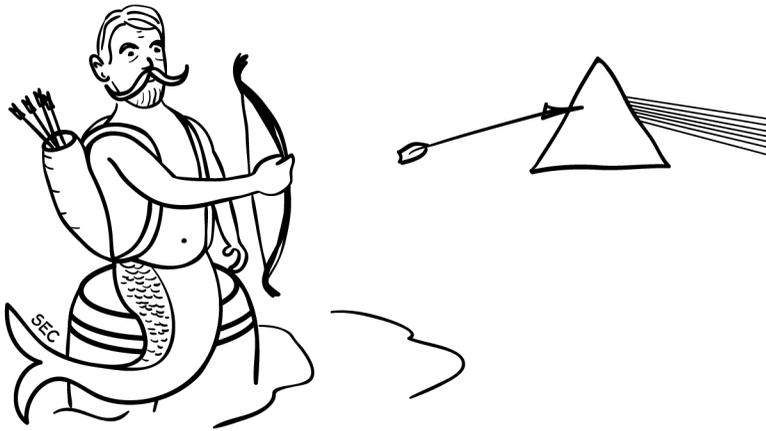
<sup>350</sup> SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 53.

<sup>351</sup> Expressão mallarmaica.

<sup>352</sup> Realizada uma montagem, *entremesclando* ou melhor *aproximando* passagens. Cf. SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 30 e 55.

<sup>353</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 90.

<sup>354</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 473.



*Mallarmé-Sereia e a Divisão Prismática da Ideia* por Scheila Eliza Conte, março de 2016.

“Como era tênue e difuso o limite de cada categoria.”<sup>355</sup>

...sensação de estar entorpecido, vagando num vazio tranquilo, suave, de sonho. (...) primavera (...) raios de sol me davam a brandura de indescritível delícia. (...) Ah perder-se por lá, deitar-se e abandonar-se entre o verde ao silêncio dos céus, encher a alma de todo aquele azul inexistente e fazer naufragar ali todo pensamento, toda memória!<sup>356</sup>

Adicionando a inexistência de qualquer artefato de medida preciso sobre as *influências* de eventual escrita.

...mau hábito de procurar aproximações e até influências onde podem existir apenas coincidências nascidas de fatores estranhos. Assim, já se têm encontrado semelhanças entre a minha obra e a de (...) Devo advertir nunca abri um livro de...<sup>357</sup>

<sup>355</sup> DICK. *Clãs da Lua Alfa*: 1987, p. 211.

<sup>356</sup> PIRANDELLO. *Um, Nenhum e Cem Mil*: 2015, p. 193-194.

<sup>357</sup> “Conversando com Pirandello” in PIRANDELLO. *Um, Nenhum e Cem Mil*: 2015, p. 212. \* trecho suprimido: “minha obra e a de Marcel Proust. Benjamin Crémieux, sobretudo, insiste nessa comparação.”

Vive em nós, certo *canibalismo* de ideias *visíveis e invisíveis*<sup>358</sup>, não bem controlamos os caminhos e efeitos dos “alimentos” em nosso interior; sem notar, a parábola do *Filho Pródigo*, ao bom lar retorna, o filho e a parábola, nem sempre canta em nós a música que escolhemos como preterida. Eis que através da *luz branca* (a *Ideia*), lançada nos prismas dos nossos piromantes olhos, brotarão cachoeiras de infinitas outras *cores* (*Pensamentos*), azul é uma impressão que conforme a iluminação e caminhar da *Estrela* ganha infinitas variantes<sup>XVIII</sup>, nuances fronteiriças como de um indeciso azul-esverdeado, ao fechar dos olhos e abrir dos olhos ao *Luar de Nossa Imaginação*: uma palavra repetida até *quatro* vezes explode<sup>359</sup> – “fórmulas não são intensificações teóricas”<sup>360</sup> –, deixa de ser, evanesce, grita como uma solitária nota musical, que no ninho de seu círculo, anseia, comporta uma subdivisão, ou, a busca por expressar a sua verdade que não é de uma cor primária ou *monoton*, mas um *Eterno Degrade Inominável*...

...inominável não é um real que supera toda a nomeação, ele é o que todos os nomes nomeiam sem nunca significá-lo: ele é a própria razão da linguagem, a razão que sempre o devolve novamente ao chamado que o abre e o forma<sup>361</sup>

Mesmo que o *Poeta* perceba nuances além das palavras e o tédio de um *celeste* sempiterno *anil*, não lhe resta outros ingredientes que a *Alquimia das Palavras* – “seria necessário falar dessa obra (...) numa linguagem que me obceca por me escapar”<sup>362</sup> –,...

Não teremos (...) ferramentas além das palavras  
Às quais pedir mais do que elas sabem fazer

<sup>358</sup> Pensando em Freud seria válido também escrever « consciente » e « inconsciente ». O uso da palavra canibalismo é marcante aos modernistas brasileiros, principalmente em Oswald de Andrade (*Manifesto Antropófago*). Sobre o *aparato de medidas*, as provas costumam ser uma busca tradicional por reconhecer saberes, mas a influência é uma espécie de energia, de vida, algum ponto percebível, mas com uma inevitável sensação de incompletude que culminará em “quem sou?”.

<sup>359</sup> Referência à poesia *L’Azul* de S. Mallarmé, também comentada em uma das aulas do professor Sérgio Medeiros em o *Poeta no Conto e no Romance*. Um fragmento: “Où fuir dans la révolte inutile et perverse?! Je suis hanté. L’Azul! L’Azul! L’Azul! L’Azul!”

<sup>360</sup> BENJAMIN, W. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*: 2011, p. 102.

<sup>361</sup> NANCY, Jean-Luc. *Arquivida: do senciente e do sentido*: 2014, p. 63.

<sup>362</sup> “O Branco O Negro” in BLANCHOT: 2011, p. 25.

Leva a desesperar de seu uso  
 Mas elas permanecem mestras em todas as coisas  
 Já que é preciso passar por elas para se calar,<sup>363</sup>

...para expressar sentimentos que ultrapassam as fronteiras da razão; além da linguagem, através dela. “Teria algum pensador um dia escolhido a música para suas metas supremas?”<sup>364</sup>

Hoffmann (...) a chama de "linguagem do coração". Uma relação misteriosa entre tons, cores e aromas estimula no espírito dos compositores a criação de melodias, um conhecimento e compreensão do mundo inarticuláveis em palavras.<sup>365</sup>

O *Poeta* “frequentemente precisa de palavras que se repetem, que através do uso já esgotaram seu papel. Seu mundo é simples, como seu instrumento – mas igualmente inesgotável em melodias”<sup>366</sup>. *Linguagem Mágica* audível ao tato, voz-escrita daquele que não mais fala, o *musicar* que perdura ao *Maestro* que perdera a audição<sup>367</sup>; do pintor que despido do dom da visão – “agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo”<sup>368</sup> – pincela signos hieróglifos para o mundo visível.

– “Donde pode ter saído uma figura assim estranha, afinando-se tão bem com o instrumento e, então, com desprezo, atirando fora o pobre violão como se fosse uma caixa velha?”<sup>369</sup> balbuciava a *Princesa*, “pelas trilhas mais isoladas do bosque!”<sup>370</sup>.

*Sinestesia*, “palavras não são signos universais – são sons – palavras mágicas, que movem belos grupos entre si.”<sup>371</sup> Talvez seja todo este amálgama de *Natureza e Arte*, de diferentes sentidos que nos

<sup>363</sup> “Nous n’aurons eu d’autres outil que les mots/ Auxquels demander plus qu’ils ne savent faire/ Conduit à désespérer de leur usage/ Mais ils demeurent nos maîtres en toute chose/ Puisqu’il faut en passer par eux pour se taire,” [FORÊTS, Louis-René des. *Poemas de Samuel Wood*: 2013, 64 e 65]

<sup>364</sup> “Wagner” in MANN, H. *Nietzsche*: 2017, p. 42.

<sup>365</sup> BARBOSA, M. A. O ritual da plenitude poética uma análise da obra de E. T. A. Hoffmann: 2000, p. 8.

<sup>366</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 121.

<sup>367</sup> Beethoven.

<sup>368</sup> “A Biblioteca de Babel” in BORGES: 2007, p. 70.

<sup>369</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 72.

<sup>370</sup> *Ibidem.*, p. 73.

<sup>371</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 121.

atravessam, que o *Artesão* que ama o *Guainumbi dos Sons*<sup>372</sup>, escolha também a inevitável, *Música Interior*, para contar seus dramas e alegrias. Pois diante da...

...inesgotável quantidade de materiais para *novas* combinações (...) Quem uma vez adivinhou este segredo (...) não necessita mais nada, a não ser a decisão de renunciar à infinita multiplicidade e a seu mero gozo (...) em alguma parte *começar*...<sup>373</sup>

O *Infinito em Sacrifício*<sup>374</sup>, a *Poesia* aspira à *Flor Azul*<sup>375</sup> nos *Jardins do Imensurável*. *Começar* é romper o silêncio, dentro do *universal demais*<sup>376</sup>. Dirão antigos provérbios – *a Torre mais alta nasce com um simples tijolo*<sup>377</sup> – dentre infindas palavras, abre-se inevitável, uma caixa...

Pasmo sempre quando acabo qualquer coisa. Pasmo e desolo-me. O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar; deveria inibir-me até de dar começo. Mas me distraio e faço.<sup>378</sup>

...donde nasce uma primeira escolha que abraça no *Imenso* o finito dum primeiro som, choro ou murmúrio, mesmo que seja um inaudível e divino *Aleph*, será suficiente para despertar o *Mundo*...

Surgiu dela um gemido sem articular que me pareceu um som de fogo.

Então provinda da luz saiu uma Palavra santa que alcançou a natureza e um relâmpago violento (...)

O Pensamento, Deus, que era hermafrodita, vida e luz simultâneas, engendrou com a palavra outro Pensamento criador que é o deus do fogo e do

---

<sup>372</sup> *Guainumbi*=beija-flor.

<sup>373</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 122.

<sup>374</sup> “mas essa decisão custa o livre sentimento de um mundo infinito” [NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 122]

<sup>375</sup> A *Flor Azul*, um dos símbolos do místico *Romantismo de Jena*.

<sup>376</sup> “Para o poeta a linguagem nunca é pobre demais, mas é sempre universal demais” [NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 75, 79 e 121]

<sup>377</sup> “A árvore com uma braça de diâmetro/ nasce de uma haste fina como um fio de cabelo./ A torre de nove andares/ nasce de um montículo de terra./ A viagem de mil milhas/ começa diante de teus pés.” [LAO-TZU. *Tao-te King*: 2006, p. 103]

<sup>378</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 331.

alento vital (...) O criador fez a totalidade do cosmos não com as mãos senão com a palavra.<sup>379</sup>

As palavras e os pensamentos sobre o qual operamos são derivações de derivações – nunca deixaram de ser criações, rearranjos e mesmo novas fórmulas; mas absolutamente nada brota senão do *Pensamento*.

“O ser e a linguagem partilham o mesmo destino”<sup>380</sup>.

As palavras não surgiram nem antes e nem após o *Pensamento Original*, a luz serpenteante diante do *Mensageiro*<sup>381</sup> continha a potência intrínseca, através das palavras engendra um segundo *Pensamento* (precisamente onde estamos). Tudo surgira senão após o relampejar desta indecifrável luz, a *Mão* denomina todo nosso corpo, ela é o mais hábil instrumento de modelagem, contudo ela age sob o signo das palavras; toda *Escultura*, toda *Música*, toda *Pintura* nunca deixaram de ser também uma *Escritura*, e elas expressão do...

*Volteando o insondável findo*

*Quanto mais o âmago almeja*

*Tanto um passo além o fado esteja*

Assim, seguiu em frente, mas era um extenso caminho. Pois a rua em que estava, a principal da aldeia, não levava à encosta do castelo, apenas para perto dela, e depois, como que de propósito, fazia uma curva e, embora não se afastasse do castelo, também não se aproximava dele.<sup>387</sup>

Adicionaremos uma pitada de *Inevitável Erro*<sup>388</sup> para talvez sob o chuveirar de uma constelação favorável, com nossos dedos capturarmos os pés-ligeiros topetes da *Divindade do Momento*<sup>389</sup>, uma

<sup>379</sup> “Surgió de ella un gemido sin articular que me pareció un sonido de fuego./ Salió entonces desde la luz una Palabra santa que alcanzó a la naturaliza y un relámpago violento (...) El Pensamiento, Dios, que era hermafrodita, vida y luz a la vez , engendró con la palabra otro Pensamiento creador que es el dios del fuego y del aliento vital.(...) El creador hizo la totalidad del cosmos no con las manos sino con la palabra.” [“*Corpus Hermeticum*” (tratados I e IV) in *Textos Herméticos*: 2008, p. 75, 79 e 118]

<sup>380</sup> “L’être et le langage partagent le même destin”[FORÊTS, Louis-René des. *Poemas de Samuel Wood*: 2013, p. 56-57]

<sup>381</sup> Mercúrio ou Hermes.

<sup>387</sup> KAFKA, F. *O Castelo*: 2008, p. 22.

<sup>388</sup> “Todo o artista está ligado a um erro com o qual tem uma relação particular de intimidade.” [“No Extremo” in BLANCHOT: 2013, p. 156]

<sup>389</sup> Kairós: deus do tempo oportuno.

iluminação de repente acontecer. Envolvermo-nos em ardentes fragmentos pensantes, apreciarmos o precioso *Elixir da Longa Vida*. “Ao que é possível; tão em breve”<sup>390</sup>, avante vamos<sup>391</sup>, vamos!

Forte poção que empolgue e exalte;

Ponde a fervê-la um urgente afã!

O que hoje não se faz nos falta amanhã;

E que não passe só um dia em vão.<sup>392</sup>

Num clima de livro, da *Loja de Antiguidades*<sup>393</sup>, no instante de aroma e brilho – o *Poeta* enquanto *fingidor*: “fabriquei-me a tintas falsas”<sup>394</sup>. Entremeio, girando e girando, batendo e colocando, ao forno as letras da esperança, embaralhamos autorias, aproximamo-nos da revelação ou mais distantes a tantas *verstas*<sup>395</sup> estaremos? Esperamos... Andemos leve, como quem passeia pelos *Átrios da Literatura* em busca tão somente, por capturar o fugidio de novos ares. “Poesia: pode significar uma mudança de ar”<sup>396</sup>.

Não muito tempo depois, vi e ouvi os dois jovens caminhantes que se aproximavam com sua música. Uma aldeia em especial era muito bonita (...) Encontrei também algumas carroças e mais nada, além de duas ou três crianças que eu vi na estradinha rural. Não é preciso ver nada de muito especial. Já se vê tanta coisa.<sup>397</sup>

A profundidade não é um fim. É o fim. Uma *profundifinalidade*. Assim ela é mais bem compreendida enquanto busca, contudo nunca saberemos ao certo o quanto estamos verdadeiramente próximos. Pois profundo é tanto esse que conhece muitas profundezas, quanto este que percorre muitas superfícies.

<sup>390</sup> GOETHE, J. W. *Fausto*: 2013, . 45.

<sup>391</sup> “Eu me contorço para conseguir alcançar o tempo atual que me rodeia, mas continuo remota em relação a este mesmo instante.” [LISPECTOR, C. *A Paixão Segundo G.H.*: 2014, p. 131]

<sup>392</sup> Idem.

<sup>393</sup> Preciosa obra de Dickens. Interessante encontrá-la citada nas correspondências entre Adorno e Benjamin. Uma leitura (infelizmente) inacabada do *dissertando*.

<sup>394</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 363.

<sup>395</sup> *Verstas* é uma “antiga” medida russa para distancias. Talvez citar esta palavra signifique o quanto a Literatura Russa nos é perto.

<sup>396</sup> CELAN, Paul. *Cristal*: 1999, p. 176.

<sup>397</sup> “Pequena Caminhada” in WALSER, R.: 2014, p. 39-40.

Ivan deu um salto de anjo. Ficou sem fôlego porque a água estava gelada e até chegou a pensar que pelo visto não conseguiria voltar à superfície. No entanto, conseguiu emergir e, (...) começou a nadar (...) entre os zigue-zagues entrecortados (...) de iluminação...<sup>398</sup>

“Senti que a obra zombava de mim.”<sup>399</sup> Escrever sobre um tema que parece sorrir de suas próprias pretensões, eis a *Inacabada*.

– “parece que você conseguiu criar uma confusão completa em sua vida”<sup>400</sup>, talvez não tenha total ciência, “está envolvido num segredo (...), meu caro”<sup>401</sup> – comentara quiromântico o *Cigano*.

Houve noites em que me julguei tão seguro de conseguir esquecê-la que a voluntariamente memorava. A verdade é que abusei desses momentos; dar início a eles se tornava mais fácil que lhes dar fim. Em vão repeti que aquele abominável disco (...) não diferia dos demais que passavam de mão em mão, iguais, infinitos e inofensivos. Impelido por essa reflexão, procurei pensar noutra (...) mas não consegui (...) não consegui mudar de idéia fixa.<sup>402</sup>

---

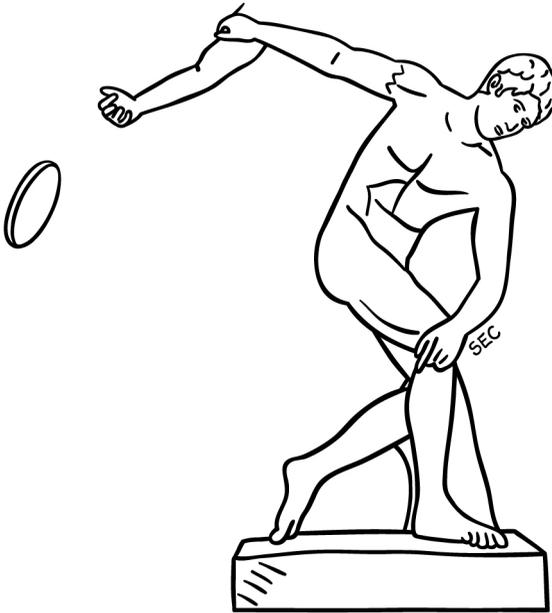
<sup>398</sup> BULGAKÓV, M. *O Mestre e Margarida*: 2009, p. 61.

<sup>399</sup> “A Busca de Avernois” in BORGES: 2008, p. 92.

<sup>400</sup> DICK. *Clãs da Lua Alfa*, 1987, p. 187.

<sup>401</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 421.

<sup>402</sup> “O Zahir” in BORGES: 2008, p. 98.



*Discóbolo Cansado* por Scheila Eliza Conte, fevereiro de 2016.

Se somos a criação de obra divina, fruto da inspiração miraculosa dos *Deuses*, havemos de relativizar o que é completo anunciar. O *Tempo* esculpira as gregas estátuas e assim as fez contemporâneas – “muitas obras dos antigos se tornaram fragmentos; muitas obras dos modernos já o são ao surgir”<sup>403</sup> – não havemos de auferir que “*Antigos*” não previam que ao erguer da torre, o destino (mesmo que lentamente) a roeria.

Buscava o absoluto (...) mas o absoluto no momentâneo. Sua vida era exemplar e, no entanto, um desespero interior a roía sem trégua. Ensaíava metamorfoses como que para fugir de si...<sup>404</sup>

Algumas nos chegam com cabeças furtadas e todo o acaso de mil fantásticas histórias, aqui e ali uma rachadura como uma ruga ao mármore da juventude se abre. Quando os braços do *Discóbolo* caem num movimento altruísta recolhem e colam no mesmo lugar. Talvez este gesto esconda uma busca pela eternidade, dando instantes mais de

<sup>403</sup> SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 51.

<sup>404</sup> “O Zahir” in BORGES. *O Aleph*: 2008, p. 94.

respiração ao pétreo atleta, encerrado nas grades do momento. Já não é apenas a *Escultura* idealizada em seus primórdios, tanto o arqueólogo como o futuro restaurador, historiador ou museólogo, o antigo salteador e o futuro colecionador são partes fundamentais ao destino da obra.

«Sim, observei, lívido, eles foram aqueles que sem dúvida viram Isis sem véu.»

«Não só a Isis viram sem véu, mas com sentidos espiritualizados do seu corpo ao Maior Princípio viram frente a frente... »

Agora escutai, disse o Desconhecido baixando a voz que tomou de repente uma entoação de sombra, distante e ao mesmo tempo pavorosamente nítida. Escutai:<sup>405</sup>

Por ventura descaminho ao homem, a perfeição no quintal dos ideais arar, pois o que é perfeito se desmancha ao levantar simples do véu (e talvez a estátua já não queira o disco então lançar).

...minha irritação, pois acrescentou logo em seguida que, se eu estava tranquilo na certeza de não ter defeitos, podia ir desfazendo minhas ilusões, porque meu nariz cai para a direita<sup>406</sup>

Se muitos escultores concebem um antigo filósofo, com nariz preciso, perguntemo-nos se o anônimo representado por escultor Rodin, *O Homem de Nariz Quebrado*, não seria um verdadeiro soco aos ideais de beleza? No ar *Beleza* tema *belicoso*<sup>407</sup>.

A sensação de nos encontrarmos diante de algo imperfeito, não acabado, não provém de simples contemplação da obra e sim da reflexão pormenorizada, do pedantismo mesquinho, segundo o qual um corpo sem braços não pode de modo algum, ser um corpo inteiro.<sup>408</sup>

Chegará um dia ao *disco* de nossos olhos a *Vitória de Samotrácia*<sup>409</sup>, no deslizar com o olhar dos dedos, o sentir de um corpo e dos traços esculpidos (pelo tempo, terra e homem), das linhas-coxas

<sup>405</sup> “O Desconhecido” in PESSOA. F. *Pessoa Inédito*:1993, p. 271.

<sup>406</sup> PIRANDELLO. *Um, Nenhum e Cem Mil*: 2015, p. 10.

<sup>407</sup> Nas guerras homéricas e que respingam na *Eneida*, provieram de subestimação da importância de compatíveis lisonjas à *Déia*. Lembrarmos-nos da ira de Juno diante de Páris, que entregara o pomo de ouro à belíssima Vênus. Belicoso vem aqui como um sugestivo perigoso.

<sup>408</sup> RILKE, R. *Auguste Rodin*: 2003, p. 38.

<sup>409</sup> *The Victory of Samothrace* (circa 220-185 a.C.) in Paris, Musée du Louvre.

originais sensualizadas por um leve tecido que revela-esconde, deslizando suave até atingir o material bruto onde a pedra em fragmento se revelam nuas, ásperas – como num *non finito* à Michelangelo –, transição delicada que nos faz olvidar os ausentes pés, sobrepostos pelo equilíbrio pujante das asas ela pousa, nas veias fronteiriças da colagem, dos arames invisíveis que sustentam suas asas remendadas, o relevo das texturas originais entremeio às pomadas milagrosas da restauradora...





*A Victória de Paris* por Scheila Eliza Conte, abril de 2017.

Era importante que (...) ela fosse intocável, sacrossanta, separada do acaso e do tempo (...) ter o seu lugar próprio, seguro, no qual não teria sido colocada arbitrariamente, e era necessário que fosse incluída na perenidade tranqüila do ambiente e de suas leis venerandas.<sup>410</sup>

A nossa eterna incompletude do saber histórico se ressalta (mil e uma outras formas ela teria), ela não será resolvida simplesmente com o encontrar das cabeças de nosso passado, como igual enigma, o das esfinges gêmeas que guardam a tumba em *Amphipolis*.

No horizonte do infinito – Deixamos a terra firme e subimos a bordo! Destruímos a ponte atrás de nós, e mais, destruímos todos os laços com a terra atrás de nós. E agora, barquinho, toma cuidado!<sup>411</sup>

O que é “perfeito” nos leva a uma uniformidade pela qual o absurdo nos liberta, porque o que é perfeito nunca há de conjugar; enquanto o fantasma canta:

Tu produzes obras imperfeitas, toleras o acaso, deves suportar a desgraça, a obra incompleta, a ilusão, e, irrealizado tu mesmo, jamais infinita a hirta forma, destino do destino, morres do mal, ainda encerrado no cristal comigo.<sup>412</sup>

Seria contravento conceber a beleza grega como ideal, e a palavra deuses um modelo de indivisível formato e completude? “Não existe corpo humano que seja tão simétrico, tão bem construído e belo quanto o das estátuas gregas.”<sup>413</sup> Ai estes amantes da forma perfeita que veem no passado o *Império do Belo* que secretamente anseiam presente!

...fácil admitir e sustentar o que normalmente admitem e sustentam todos os que não tiveram a desgraça de nascer num corpo disforme: que é uma idiotice se preocupar com as próprias feições.<sup>414</sup>

Surge a divindade que com o poder de plasmar ideal mulher em suas forjas, hábil ferreiro Hefestos, era tão rápido quão manco: “Rápido o ínclito Coxo da terra plasmou-a conforme recatada virgem,

<sup>410</sup> RILKE. *Auguste Rodin*: 2003, p. 23.

<sup>411</sup> NIETZSCHE. F. *A Gaia Ciência*: 2012, p. 137.

<sup>412</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*. São Paulo: Benvirá, 2013, p. 212.

<sup>413</sup> GOMBRICH, E.H. *A História da Arte*: 2011, p. 103.

<sup>414</sup> PIRANDELLO. *Um, Nenhum e Cem Mil*: 2015, p. 9.

por desígnios do Cronida<sup>415</sup>. Não apenas criador da humana mulher de princípios recatados, agradável curiosa portadora de esperançosos dons, *Pandora*; mas também fabricante dos imbatíveis broquéis de Enéas, sem esquecer também da *Deusa* da qual irá derivar toda uma geração inteira de *Femme Fatales*:

...cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos (...) quem a fabricou: o ínclito Pés-tortos (...) espanto reteve Deuses imortais e homens mortais ao virem íngreme incombátível ardil aos homens. Dela descende a geração das femininas mulheres. (...) parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.<sup>416</sup>

*O autor saíra atrás do fragmento*

*Que una o antes com o depois*

*Suave disse assim*

*Irá voltar,*

*Depois.*

Sonho com cordas atadas aos portos da realidade nas oníricas imagens de Dali. Ao desenhar *Árvores* aladas lhe farão amarrá-las às superfícies, para sentires os poderes do reino terreno, ajoelhados em grãos de milho era, até cem vezes com raízes de volta desenhava.

Durante todo o período daquelas manhãs por mim tão estimadas, não me era permitido nem mesmo levantar do banco de madeira; eu tinha de resistir a tanto latim, a tanta palmada e geografia! E quando finalmente os sinos da igreja franciscana batiam meio-dia, eu também deixava a escola gritando e exultando de alegria.<sup>417</sup>

Sim! Escrevias sei, *ideias* sem acento em rebeldia, com tintas vermelhas a acentuavam, avaliado era, dito muito bom, do parabéns se distanciava; até o tempo que passara a acentuar tuas *ideias*, – “soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória, palmatória”<sup>418</sup>, assim nos *tempos felizes* de minha infância, vivi o trauma eterno e incurável de escrever quase quinhentas páginas com uma única palavra (*idéia*...) – mas agora com tintas cor de sangue o acento por flecha interrompido suprimia, avaliado era, dito *reprovável*...

<sup>415</sup> HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*: 2006, p. 25.

<sup>416</sup> Cf. HESÍODO. *Teogonia: A Origem dos Deuses*: 2014, p. 133.

<sup>417</sup> HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 38.

<sup>418</sup> ROSA, G. *Grande Sertão: Veredas*: 2015, p. 24.

Durante muito tempo acreditou-se que esses livros impenetráveis corresponderem a línguas pretéritas ou remotas (...) Tudo isso, volto a dizer, é verdade, mas quatrocentos e dez páginas (...) inalteráveis (...) não podem corresponder a idioma algum, por dialetal ou rudimentar que seja.<sup>419</sup>

Atinei, o que é certo então mudara, em um dia liamos nas leis em pedras esculpidas, *todos são iguais*, quando amanhã descobríamos por ironia que “alguns são mais iguais do que outros”<sup>420</sup>. Se a pena de morte abomina, em tempos de guerra, por que abres exceção?

No baile da norma culta, memorização com inteligência, confundiam pois. Diremos que para uma ideia seja inteira lhe é indiferente a grafia – o vestido do símbolo –, que apenas roupa és<sup>421</sup>!?

O nome é como um vestido que não nos pertence. Ficamos nus debaixo de nosso nome, ainda mais nus do que a criança que o pai levantou do solo para dar-lhe o nome. E quanto mais enchemos de ser o nome, mais estranho ele se torna, mais independente de nós, mais desamparados ficamos nós mesmos...<sup>422</sup>

Mas se as roupas que cobrem as palavras da última moda, dizem algo sobre o objeto coberto, igualmente as roupas que vestimos contariam parte de nossa própria existência?

Para a China antiga, o nome de algo era considerado não apenas como um rótulo arbitrariamente atribuído, mas, antes uma expressão do ser mesmo daquilo que em seu nome se deixa ver, se desvela.<sup>423</sup>

De certo modo (embora isto fira vaidades) – diante dos *Sapatos* de Van Gogh, o que este objeto revela sobre a pessoa que o veste, é possível perceber algum sentimento, supor um dia-a-dia, uma rotina social, pertencer a determinada cultura?

<sup>419</sup> “A Biblioteca de Babel” in BORGES: 2007, p. 72.

<sup>420</sup> Alusão à *Revolução dos Bichos* de George Orwell.

<sup>421</sup> Marjorie Perloff em *O Gênio Não Original* cita a expressão *falácia icônica* que foram as palavras com que Umberto Eco usara para criticar a arte concretista: “a falácia de que ‘um signo tem as mesmas propriedades de seu objeto e é ao mesmo tempo semelhante, análogo e motivado por esse objeto’” [PERLOFF: 2013, p. 97]

<sup>422</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 65.

<sup>423</sup> Prefácio à edição brasileira por Gustavo A. Corrêa Pinto escrita em 1982 in *I Ching*: 2006, p. XI.

...nem todas as escritas detêm tanta influência quanto os caracteres que, por meio de um determinado desenho e figuração, revelam as próprias coisas (...) Assim eram as letras, mais bem definidas entre os egípcios pelo termo de *hieróglifos* ou caracteres sagrados, que para designar objetos particulares tomavam de empréstimo figuras à natureza ou a partes das coisas. Com tais escrituras e tais vocábulos, adquiridos através do uso, conseguiam os egípcios dos deuses diálogo e prodígios.<sup>424</sup>

No simples divagar que esta *coisa* pertence a alguém, seguimos inconscientemente uma lógica que a propriedade privada proporciona. Deixaria pistas biográficas um objeto de estimação, um *totem*?

Dora abriu a gaveta do armário e pegou a escova de cabelos de Kafka. Era uma escova masculina “estilo militar” (...) As cerdas cintilavam, a madeira clara brilhante e macia tocava as palmas de suas mãos. Em ambos os lados de suas bordas, as cerdas haviam se quebrado devido à pressão da mão de Franz. Ele possuía a escova há anos e “jamais ia a qualquer canto sem ela”.<sup>425</sup>

E com este objeto, um tanto gasto e de uso frequente, quase marginalizado num canto do quarto, algo muitas vezes invisível em reflexão, dito inanimado, agora ocupando a cena principal, não mais a família real, nem mesmo uma musa inspiradora, ou uma cena épica de batalha, mas uma peça do vestuário em sua solidão de objeto, nem de ouro ou prata, sem estar polido, quase um fragmento – nos contaria algo afinal?

Quem sabe não seja apenas um surrado sapato de *Van Gogh*, um *capote* pertencente a Gogol, ou, a famosa *escova de cabelos Kafka*, antes para além de qualquer coisa inanimada, esta escova alisa a memória e os sentimentos de recordação<sup>426</sup> de uma Julieta que perdera o

---

<sup>424</sup> BRUNO, G. *Tratado da Magia*: 2008, p. 52-53.

<sup>425</sup> DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 96. (\*Ver também p. 143)

<sup>426</sup> A palavra recordar tem um coração embutido, sendo a raiz *cordis* em língua latina “coração, mente, espírito...”.

seu Romeu<sup>427</sup>, levando eternamente consigo, um amuleto, como quem guarda um anel de noivado cósmico, adiado neste mundo...



*Isto não é um Sapato!* por Scheila Eliza Conte, fevereiro de 2016.<sup>428</sup>

Sapato, broquel às coisas naturais, e dentro desta percepção através dum simples objeto podemos sentir todo afastamento do homem moderno para com o mundo natural. Sapato: objeto acabado e industrial, objetivo e sério, particular e prático para uso nos pés. Sapato: toca desejosa de *Aranhas*, as *Crianças* poderão ver um universo doutras coisas tão ou mais verdadeiras, às quais nos foge ao alcance cogitar<sup>429</sup>.

A criança sabe que a boneca não é real, e trata-a como real (...) A arte da criança é a de irrealizar. Bendita essa idade errada da vida (...) quando se nega a realidade por brincar, tomando por reais coisas que não são!<sup>430</sup>

<sup>427</sup> “Dora penteou os cabelos negros de Kafka afastando-os de suas têmporas escavadas, longe de sua testa, agora para sempre liberta da febre...” [DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 96]

<sup>428</sup> Inspiração em Magritte.

<sup>429</sup> “Benjamin, (...) o pensador entende aqueles objetos que não necessitam ser retocados ou fabricados pelo homem para atrair especialmente a atenção das crianças” [“Sobre Conceitos de Criança e Infância” in AMARANTE, Dirce W. *As Antenas do Caracol*: 2012, p. 116]

<sup>430</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 87.

O que vos conto acontecera num pequenino parque<sup>431</sup>, uma *Menina* estava em lágrimas. Franz e Dora passeavam naquele momento, avistam a garotinha e preocupados perguntaram o que ocorrera; ela dissera então que perdera sua boneca, no que comovido *F.* respondera:

‘Sua boneca foi simplesmente viajar,’ disse. ‘Eu sei porque ela me escreveu uma carta’. A garotinha ficou um pouco desconfiada. ‘Você está com ela?’ ‘Não, por engano, deixei-a em casa, mas vou trazê-la amanhã comigo.’ Intrigada, a criança quase se esqueceu do que a havia chateado. Franz foi imediatamente para casa a fim de escrever a carta.<sup>432</sup>

Noutro dia encontrara a *Pequena Menina*, ela não sabia ler, então Kafka, como apreciava fazer, lera em voz alta. A *Boneca* prometera à *Menina* que sempre escreveria uma carta, e efetivamente estivera envolto com a mesma dedicação *d’O Castelo*, contando as aventuras de uma *Boneca Descolada* para uma criança de coração partido. Todos conhecem o temperamento destas pequenas criaturas, é algo sincero e verdadeiro, e representara um grande desafio artístico – as *Crianças* se não são mais exigentes, são sem dúvidas mais transparentes em suas emoções. A *Menininha* efetivamente ia todos os dias ao parque, gradualmente esmaecia a boneca objeto com quem criava ficções e vivia a extraordinária curiosidade das ficções de uma *Boneca* independente, na medida em que ela também se tornava mais forte para viver suas próprias aventuras, com esperança e personalidade. Kafka se tornara uma espécie de Scharazad.

“*Procura-se Desesperadamente a Menina da Boneca Perdida!*”, líamos nos classificados – mas esta velhinha jamais aparecera.

Sei, e é natural, aos livros com estampas de *Obras Completas* a impossibilidade de sê-los. Ao faltar uma peça numa coleção, bate um inestimável vazio, a tristeza de estar diante do impossível, como se houvessem perdido uma boneca. Mas *Vida* é uma espécie de *Pássaro*, onde desenhá-lo ou engaiolá-lo jamais o capturará, pois uma vez apreendido o *Pássaro* imediatamente tem sua *essência* ferida; *Pássaros* são incoleccionáveis. Algumas obras são grandiosas pelo gesto, elas são exatamente intensas, mas sem se materializar em livro, uma leitura acessível aos adivinhos. Nem precisamos conhecer o conteúdo das

---

<sup>431</sup> Parque Steglitz.

<sup>432</sup> DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 46.

correspondências para senti-las vibrar. Um conto é o próprio espelho do imaginário, *inimprimível* – uma história que você *ouve e houve*<sup>433</sup>, que é apenas é aproximado recontar e rememorar, ela é apenas um momento no segundo de seu cristal de ser – o *Universo é Imaginação*. Estas garotinhas são muitas, elas não moram numa praça específica, mas habitam tantas e tantas aldeias e castelos, que precisaríamos *Mil & Um Kafkas*...

Não é a palavra que é originalmente o material da poesia, mas a letra. Palavra é:

Composição de letras.

Som

Designação (significado).

Portadora de associação de ideias.

A arte é inexplicável, inesgotável, o material precisa ser claro na configuração consequente.<sup>434</sup>

Na oficina do construir das palavras, as *letras* são como fragmentos, restos e vestígios com quais as *Crianças & Poetas* tem a dádiva de interagir e perceber *essências* da linguagem, um universo lúdico, fugidio ao universo dos adultos, já tanto inundado por toda sorte saturada de *convenções*<sup>435</sup>:

...as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas e para elas unicamente.<sup>436</sup>

Em tua infância não bem diferias o objeto de teu próprio corpo, quicá as palavras, às quais chamávamos anteriormente de roupa, tivessem um *rosto original*, por nós agora não mais percebido em

---

<sup>433</sup> “A gente escreve o que ouve, nunca o que houve” frase de Oswald de Andrade.

<sup>434</sup> “Poesia Consequente” in SCHWITTERS, K. *Contos Mércio*: 2013, p. 140.

<sup>435</sup> “A linguagem toda é um postulado. Ela é de origem (...) livre. Foi preciso fazer um acordo de, por ocasião de certos signos, pensar certas coisas, construir em si propositadamente algo determinado.” [NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 154]

<sup>436</sup> “Canteiro de Obra” in BENJAMIN, W. *Rua de mão única*: 2012, p. 17.

clareza: *A Traição das Imagens*<sup>437</sup>, entrelaçando signos verbais e pictóricos, diferindo-as e as unindo em novas imprevisíveis harmonias. “A magia está diretamente ligada à experiência com a linguagem”<sup>438</sup>.

As crianças sentem um prazer especial em se esconder. E não para serem descobertas no final. Há, no próprio fato de ficarem escondidas, no ato de se refugiarem na cesta de roupa ou no fundo de um armário, no de se encolherem num canto do sótão até quase desaparecer, uma alegria incomparável, uma palpitação especial, a que não estão dispostas a renunciar por nenhum motivo.<sup>439</sup>

Parte da atividade poética é *transcriber* estas percepções. Em relação às *Crianças*, há uma esperança e ao mesmo tempo tristeza inerentes ao *Poeta*<sup>XIX</sup>: por um lado, as vê guiadas por uma educação tradicional (aquela que pergunta dissimuladamente *o que é*, porém com respostas, censura e correções nas mangas engatilhadas), doutra educação, que permitiria a *Criança* encontrar vestígios do mundo em fragmentos, para perceber neste contínuo, estratégias visando desarticular a *religiosidade da injustiça*<sup>440</sup> que impera, criar habilidades para intervir potencialmente como construtora, desconstrutora ou reconstrutora. Indagaremos a ela *o que é* em sinceridade e já não seremos compartilhadores de certezas, mas dos enigmas e mistérios de viver: “o fresco olhar da criança é mais transcendente que o

---

<sup>437</sup> Em *La Trahison des Images* (1928-1929), René Magritte representa o que perfeitamente poderíamos denominar como o objeto “cachimbo”, abaixo uma legenda contrastante « *Ceci n'est pas une pipe* ». Michel Foucault escreveu um ensaio sobre, explorando as múltiplas obras do pintor, no que tange a reflexão da linguagem escrita (também ela um desenho), diante da representação gráfica do objeto (cachimbo) e ambas – *Les Deux Mystères* (1966) – em relação ao objeto em si e os próprios paradigmas do olhar. O contraste não faz encerrar uma certeza, deixa vaga e irrompe e acalenta uma busca reflexiva em buscar o invisível através da fumaça do que é (não-)comunicado.

<sup>438</sup> “Sobre Conceitos de Criança e Infância” in AMARANTE, Dirce W. *As Antenas do Caracol*: 2012, p. 110. (\* Paralelamente, escrevi contos experimentais que enviei para revista *Qorpus*, agradeço aos editores por receberem alguns de meus rabiscos)

<sup>439</sup> “Genius” in AGAMBEN, G. *Profanações*: 2007, p. 19.

<sup>440</sup> “...o capitalismo é uma religião puramente cultural, (...) presumivelmente é o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador (...) tal sistema religioso é decorrente de um movimento monstruoso (...) é uma religião de culto, desprovida de dogma (...) o capitalismo se desenvolveu como parasita do cristianismo” [“O Capitalismo como Religião” in BENJAMIN: 2013, p. 21-23]

pressentimento do mais resoluto dos visionários”<sup>441</sup>, “por serem mais jovens que nós, ainda conseguem se lembrar de quando elas também eram árvores e pássaros, e, por isso, ainda são capazes de entendê-los”<sup>442</sup>. A *Criança* reconhecerá em si sujeito e objeto simultâneos, como uma pedra imaterial, degrau por degrau em busca da grã-obra nos laboratórios alquímicos dos pensamentos. Não mais os adultos enquanto oráculo, *Ñande Reko Arandu*<sup>443</sup>, mas *Nelas* um novo e próprio caminho “que conduz a elas”<sup>444</sup>, de um *messianismo* em esperanças conjugado *no plural*:

Se há alguém que nasceu para apóstolo em nossa época, este é você. Você será o Paulo da nova religião que por toda parte irrompe – um dos primeiros da nova era – da era religiosa. Com essa religião se inicia uma nova história mundial. Você entende os mistérios da época – sobre você a revolução efetuou o que tinha de efetuar ou, antes, você é um membro invisível da revolução sagrada que surgiu na terra como um Messias no plural.<sup>445</sup>

Cruzados muitos ciclos solares às correspondências, a *nova religião* ainda não dera ares, e por este solo tantas *cômodas*<sup>446</sup> tempestades.

Donos d’Amazônia sem pisá-la gotejam, multimilionários de anseios pré-salgados verdejam – em todas as esquinas, em todos estes bares, em todas as escolas, um médico da história com os últimos unguentos para curar o mundo, todos tem razão e o jeito é sair correndo. « *Oh proprietários d’Oiapoque ao Chuí, o Brasil é Babel em chamas!* »  
*Salve estas crianças cantam Vida,*  
*Línguas sobrevivem, vamos conhecê-las.*  
*Nada fora meio milênio atrás,*  
*Grã injustiça ocorre agora... Agora!*

<sup>441</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 163.

<sup>442</sup> HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 37-38.

<sup>443</sup> *ÑANDE REKO ARANDU: memória viva guarani*. Trata-se de álbum com canções em *Guarani*, músicas de grande beleza, onde as crianças são as protagonistas, o maestro. São *Crianças!*

<sup>444</sup> “Canteiro de Obra” in BENJAMIN, W. *Rua de mão única*: 2012, p. 17.

<sup>445</sup> SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 251-252.

<sup>446</sup> “Proteger-me, (...) devo evitar, (...) ler o “Commode” (...) como se fosse um “Kommendes”. [CELAN, Paul. *Cristal*: 1999, p. 183]

“Vivemos sob céus sombrios, e... são poucas as pessoas. É por isso que existem tão poucos poemas. As esperanças que ainda tenho não são grandes; tento conservar o que me restou.”<sup>447</sup>

...onde haveria salvação?! Onde estavam os deuses?! Era aquilo que acontecia a derradeira irradiação de seu poder, sua vingança e a retaliação de seu reiterado abandono, a vingança contra o homem abandonado, que os abandonara por sua vez?<sup>448</sup>

Divididos entre os prados da *Epifania do Absurdo*<sup>449</sup> no *Desassossego*<sup>XX</sup> Livro e no cantar dos rouxinóis da *abóbada do destino*<sup>450</sup> presas aos olhos-sonhos do pensamento de Virgílio. No transe entre a vigília e o sono – o *Sonho* –, no embaralhar da realidade e do devaneio, na profundidade de sentir a temida morte se aproximar, uma *Voz* fantasmagórica ao *Poeta* seduzia:

...à voz de sonho apenas emergida, apenas captada, já quase imperceptível, essa ordem sussurrada no sonho que lhe impusera a destruição de suas obras e que ele, a essa altura, desejava ouvir claramente, que devia ouvir, para que ganhasse maior certeza da salvação...<sup>451</sup>

Uma redenção, um sacrifício e abraço ao silêncio, o *Desejo de Fogo* e libertação da *Obra* ou *Alma*?

“tudo (...) não fora senão autorredenção! (...) ficou tomado por aquela ideia;(...) uma espécie de obstinação sombria (...) queria queimar tudo o que havia escrito a fim de libertar sua alma daqueles ‘fantasmas’. Eu respeitei seu desejo, e quando ficou doente, queimei suas coisas diante de seus olhos.”<sup>452</sup>

---

<sup>447</sup> “Carta a Hans Bender” in CELAN, Paul. *Cristal*: 1999, p. 166. (\* Este pensamento acompanha os *primeiros românticos*, que diziam, “torna-se humano é uma arte”). \* Pós-escrito: para corroborar “Um homem!, essa é sua meta” [“Como ele via a si mesmo” in MANN, H. *Nietzsche*: 2017, p. 28]

<sup>448</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 169.

<sup>449</sup> “[Epiphania do Absurdo (ou da Mentira)?]” [PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p.70]

<sup>450</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 212.

<sup>451</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 185.

<sup>452</sup> Relato de Dora D. in DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 70.

Alcançar a pureza de deixar o mundo acontecer sem atirar palavras em garrafas ao mar, sem ao destino dos viajantes uma fagulha intervir. Seria uma desesperança?

Recordo-me de uma conversa com Kafka, escreve Max Brod, cujo ponto de partida foi a Europa contemporânea e a decadência da humanidade (...) ‘Oh não’, disse Franz, ‘nosso mundo é apenas um mau humor de Deus, um mau dia.’

‘Existiria então esperança, fora desse mundo de aparências que conhecemos?’

Ele sorriu: ‘Ah, sim, há esperança suficiente, esperança infinita – apenas não para nós’.<sup>453</sup>

Um dia, uma eternidade! A desesperança não brota ao acaso<sup>XXI</sup>, por uma irônica sorte a doença pulmonar poupa o *Poeta* de viver o absurdo dos campos de concentração. Suas próprias irmãs – Elli, Ottla, Valli – e a brava Milena<sup>454</sup> ingressas num comboio, raptadas para um amargo, horripilante e sombrio destino.

Nos relatos de *Assim Foi Auschwitz, ampliado os conhecimentos do horror*<sup>455</sup>, para que o grande mal por nós seja evitado. Eis um profundo sentido de *escrever*<sup>456</sup>: “dar testemunho, para que nada semelhante volte a acontecer. É para isto que escrevo meus livros.”<sup>457</sup>

Interrompidos (mas concretizados em nós) os *Sonhos* daquela mocinha alegre, recheada de esperança de escritora ser.

Preciso ter alguma coisa além de um marido e de filhos aos quais me dedicar! Não quero que minha vida tenha passado em vão, como a da maioria das pessoas. Quero ser útil ou trazer alegria a todas (...), mesmo àquelas que jamais conheci. Quero continuar vivendo depois da morte! E é por isso que agradeço tanto a Deus por ter me dado esse

<sup>453</sup> “Franz Kafka” in BENJAMIN. W. *Magia e técnica, arte e política*: 1985, p. 152. (\* Esta passagem é uma citação da biografia escrita por Max Brod)

<sup>454</sup> Milena Jesenská (1896-1944).

<sup>455</sup> “com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos horrores, de que nós também fomos testemunhas e com frequência vítimas durante um ano, cremos ser útil trazer a público o relatório que apresentamos ao governo da URSS” [LEVI, p. com BENEDETTI, L. de. *Assim foi Auschwitz* 2015, p.11]

<sup>456</sup> Neologismo. União dos verbos escrever com viver.

<sup>457</sup> LEVI, p. com BENEDETTI, L. de. *Assim foi Auschwitz*: 2015, p. 153.

dom, que posso usar para me desenvolver e para expressar tudo o que existe dentro de mim!

Quando escrevo, consigo afastar todas as preocupações. Minha tristeza desaparece, meu ânimo renasce! Mas – e esta é uma grande questão – será que conseguirei escrever alguma coisa importante, será que me tornarei jornalista ou escritora?<sup>458</sup>

Em teu diário narrava o mundo como uma grande aventura, em seu pequeno recorte de vida tornada prisioneira, num *Anexo Secreto* um acalento de refúgio, mas distante aos passeios ao ar livre e à liberdade de andar de bicicleta. Como que escondia num kafkiano conto – *A Construção* – imaginavas numa *Toca* protegida, diante dum inimigo concreto, que a qualquer instante poderia na obscura *diligência* a levar! Tua juventude e desejos de sorrir, uma criativa personalidade nas mãos agora dum *castelo* de covardias: “com instalações para envenenamento coletivo e fornos crematórios do tamanho de catedrais”<sup>459</sup>. Sensível a qualquer maldade “humana”, em algum momento havia uma grande esperança, é como o diário termina – causando-nos um grande sentimento de interrupção...

---

<sup>458</sup> FRANK, A. *O Diário de Anne Frank*: 2014, p. 306.

<sup>459</sup> LEVI, p. com BENEDETTI, L. de. *Assim foi Auschwitz*: 2015, p. 137.



*O Anexo Secreto* por Scheila Eliza Conte, março de 2016.

Alguém certamente havia caluniado a Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum.<sup>460</sup>

“Passo agora à outra: a subterrânea, a interminavelmente heroica, a sem-par. Também – pobres possibilidades humanas! – a inconclusa.”<sup>461</sup>

Tua obra ainda ao alcance de tuas mãos poderá se render ao fogo, instante em profundidade e dilema. Agora é tarde da noite, será árduo vê-la escorregar para um destino sob toda a sorte de fins – não te

<sup>460</sup> KAFKA, F. *O Processo*: 1997, p. 9.

<sup>461</sup> “Pierre Menard, Autor do Quixote” in BORGES: 2007, p. 37.

pertences mais (se é que algum dia ela lhe pertencera?). Pois “uma vez escrito, o livro se liberta do escritor”,<sup>462</sup>.

Tuas palavras continuam a falar mesmo que em teu instante último – *Voz* cumulada de todas as vozes – já não queira; era a esperança de eternidade que buscavas em teus *filhos*? Em verdade talvez não buscassem, simplesmente nasciam e agora fugiam ao teu seio maternal, mas levando consigo algo inexplicável de ti e do mundo.

Quem nos dera o caminho feito de um lugar d’onde ninguém parte para um lugar (...) onde ninguém vai! Quem desse a sua vida a construir uma estrada começando no meio de um campo e indo ter ao meio de um outro; que, prolongada, seria útil, mas que ficou, sublimemente, só o meio de uma estrada.<sup>463</sup>

Sobre este mundo que narravas não era o celeiro do *Jardim do Éden*, numa teia intrincada de absurdos demasiado reais, nos levava ao desejo de sem muitos rodeios simplesmente partir:

— Para onde cavalga, senhor?

— Não sei direito — eu disse —, só sei que é para fora daqui, fora daqui. Fora daqui sem parar: só assim posso alcançar meu objetivo.

— Conhece então o seu objetivo? — perguntou ele.

— Sim — respondi. — Eu já disse: “fora-daqui”, é esse o meu objetivo.

— O senhor não leva provisões — disse ele.

— Não preciso de nenhuma — disse eu. — A viagem é tão longa que tenho de morrer de fome se não receber nada no caminho. Nenhuma provisão pode me salvar. Por sorte esta viagem é realmente imensa.<sup>464</sup>

Talvez haja uma ilusão de quando acordes de um pesadelo, não estejas mais num pesadelo<sup>465</sup> – ou ainda, de que o passado humano era algo tão nefasto, que a metamorfose em *Escaravelho* assumiria um

---

<sup>462</sup> “A Escritura em Movimento” in JABES, E. *O Livro das Margens*: 2014, p. 157.

<sup>463</sup> “[Epiphania do Absurdo (ou da Mentira)?]” in PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 71.

<sup>464</sup> “A Partida” in KAFKA, F. *Narrativas do Espólio*: 2002, p. 141.

<sup>465</sup> Em *A Metamorfose*, o personagem Gregor Samsa acorda em ironia de um pesadelo saboreando seu corpo transmutar em inseto.

inusitado aspecto de redenção. Sobre o que falas não é ficção, mas uma vera nua, onde é muito brando chamar-te fantasia. Numa linha divisora d'águas, abrimos as primeiras portas, ao partilharmos o sentimento sincero de fuga. Sob outro prisma, a voz aos porteiros do *Castelo* chega incomunicável e com traços absurda, não bem compreendem, pois neste estar preso a uma rotina<sup>466</sup> o horizonte transparece uma ilha de contínuo fim. *A Partida* de que falas é como chegas o cavaleiro da *amériKa* ao *Kastelo* – sem mais explicações<sup>XXII</sup>.

Foram naqueles dias de ardente Sol, estávamos contigo no balneário em que exploravas, sentíamos no corpo o drama dos carimbos da justiça – ai se livres pudéssemos escolher nossas tatuagens? –, e naqueles brilhantes olhos o carrasco com enorme apreço em mínimos detalhes lhe explicava, com sombrio amor, as inúmeras peças daquela engrenagem de monstruosidades. Daquele mundo perverso que narravas, o condenado era um potencial executor e pouco diferia do soldado com quem saltitante travavas logo amizade. Deste terrível mundo nem numa *casa de chá* encontrarás refugio:

O explorador agiu como se não notasse, distribuiu entre eles algumas moedas, ainda esperou que a mesa fosse empurrada sobre o túmulo, deixou a casa de chá e se dirigiu ao porto.<sup>467</sup>

Para distanciar-te desta sórdida realidade embrenha fuga como num golpe por esquecer e ser esquecido por aquela gente, com algum disfarce os alimenta com vinténs, para que sorridentes lá permaneçam, e não notem o que existe de diverso em ti. No que o soldado e o condenado, desesperados e desamparados, percebem alguma essência diversa naquele que exploras, como se daquela história bem não pertencesse e reconhecem algum estratagema – a narração apercebera o *Narrador* e o pesadelo ameaça seguir viagem.

...os dois desceram a escada a toda pressa, sem dizer nada, pois não ousavam gritar. Mas quando chegaram embaixo, o explorador já estava no barco e o barqueiro acabava de soltá-lo da margem. Ainda teriam podido saltar dentro da embarcação, mas o explorador ergueu do fundo do

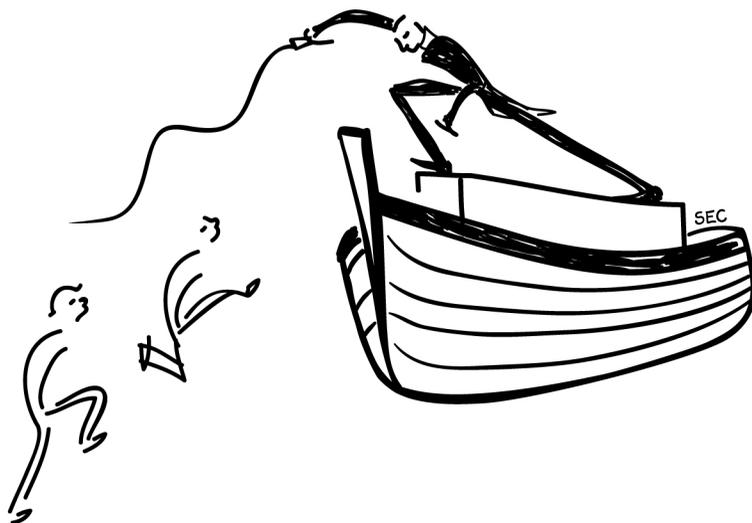
---

<sup>466</sup> Há uma duplicidade, o Kafka que exerce atividades burocráticas na *Companhia de Seguros* ao qual podemos aproximar ao universo dos funcionários (preso a um mundo chamado “real” e que atende às necessidades de sobrevivência numa sociedade), em relação ao Kafka escritor (onde este desejo de *partir* encontra amplos sentidos, desejo de libertação).

<sup>467</sup> “Na Colônia Penal” in KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*: 2011, p. 98.

barco uma pesada amarra, ameaçou-os com ela e desse modo impediu que eles saltassem.<sup>468</sup>

Como seres que necessitam sobreviver por suas próprias forças na selva os abandona – ao final, já não são personagens, mas fantasmas que se agarram às saias de sua existência.



*Os Fantasmas de Kafka* por Scheila Eliza Conte, julho de 2016.<sup>469</sup>

Seria possível ao *Narrador* projetar uma realidade exterior em seus escritos, e explorar esta realidade, sem com ela germinar envolvimento? É que narraste um pesadelo, e aqueles personagens agora ameaçam seguir viagem contigo... Esperanças para onde vais? Não será menos nefasta a justiça que pune o corpo (*Na Colônia Penal*) daquela que se ocupa da alma (*O Processo*) – *nada as honra* parafraseando Benjamin. *Corpo & Alma* uma relação galvânica<sup>470</sup>, não exatamente

<sup>468</sup> “Na Colônia Penal” in KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*: 2011, p. 98-99.

<sup>469</sup> Com elevadas referências aos próprios desenhos de Kafka em comunhão ao conto *Na Colônia Penal*. [\* pós-escrito: os desenhos estão espalhados por seus manuscritos.]

<sup>470</sup> “Alma e corpo atuam galvanicamente um sobre o outro...” [NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 151]

esferas separadas, mas que se interpenetram, por isto uma violência ao corpo tem o poder de ferir a *Alma*<sup>471</sup>.

Quando Benjamin fora perseguido, rumando aos Pirineus, não fora o seu corpo primeiramente ferido, mas suas *Esperanças* atingidas, uma rua amarga o conduzira a um *beco sem saída*.

*Já nasci tantas vezes ontem*

*Amanhã*

*Ressuscitarei-me*

Por ventura o *Apocalipse* poderá já ter dado à luz, seríamos ruínas, partículas dum *Astro*, desastrados<sup>472</sup>? No *entrelugar* de passado e futuro, refens, onde estará o fim?

Na minha cabeça já decidi exatamente o que acontece em seguida, mas a história não parece estar muito boa. Pode ser que eu nunca a termine, e que ela acabe no cesto do lixo ou no fogo. É uma ideia terrível, mas depois digo a mim mesma: “Com 14 anos e tão pouca experiência, você não pode escrever sobre filosofia.”

E vou em frente, com o espírito renovado. Tudo vai dar certo, porque estou decidida a escrever!<sup>473</sup>

Juntos nestes rios de narrar vamos colhendo na Terra alguns *vestígios*.

Na travessa deserta e desolada o poeta olhou ao redor, procurando o fugitivo, mas este não estava em lugar algum. Então, Ivan disse para si mesmo com firmeza:

— Mas é claro, ele está (...) Avante!<sup>474</sup>

Não desanimemos o fugitivo *Espírito do Inacabado* havemos encontrar. Refresquemos a memória, ouçamos a *Menina Interrompida*, seu desejo era um lindo romance nos agraciara. São *Sonhos* de futuro, latejam nosso peito, o lindo *Espírito d'Arte* por em movimento.

*Resgatemos Escrituras destas índias*

*Relancemos Esperanças nestas cinzas*

« Buscando a liberdade, quando ainda jovem, vê no leque do vaivém das *Asas do Pássaro*, no dilema entre o *Céu & a Espuma*, num

<sup>471</sup> Não meramente do próprio corpo, por isto nos chocamos e solidarizamos, ao percebermos uma injustiça para com o outro.

<sup>472</sup> Anotação numa das aulas do prof. Raul Antelo: “desastrados!”. Referências ao “desastre”, temas em Maurice Blanchot e Mallarmé.

<sup>473</sup> FRANK, A. *O Diário de Anne Frank*: 2014, p. 307.

<sup>474</sup> BULGAKÓV, M. *O Mestre e Margarida*: 2009, p. 61.

mergulho de entrega, as aventuras movediças, de lapidar pedras nos *Mares da Poesia*, onde com o coração ouve o chamado das canções que vem do *Mar*, em silenciosa *Brisa Marinha* que o beija:

Fugir! Fugir! Sinto que os pássaros são livres,  
Ébrios de se entregar à espuma e aos céus imensos,  
Nada, nem os jardins dentro do olhar suspensos,  
Impede o coração de submergir ao mar<sup>475</sup>

Submerso em *Poesia*, objeto das *Sereias*, entremeio à vida dupla, nas salas *d'Inglês* aos projetos de *Le Livre*, as páginas do futuro dirão, após a forte vaga de tantas obscuras flechas...

...injustos ultrajes (...) rápida torrente de  
criminosas imposturas (...) a inveja dos ignorantes  
(...) a detração dos malvados, (...) as suspeitas dos  
tolos, a cizânia semeada pelos caluniadores, o zelo  
dos hipócritas, o ódio dos bárbaros, a fúria dos  
plebeus, os furores do povo...<sup>476</sup>

Em tantos brancos papéis, imprevisíveis que é o mar nas ondas, do deslizar de nossos deuses dedos, no folhear de nossa memória, na corda bamba entre a traça e a broca, a taça que nos embriaga, da matéria frágil que é o cristal delicado da *Ideia*, como o *Pássaro* que com asas anseia à *Espuma* e o *Peixe os Céus*, do livro sempre alimento, compartilhado entre humanos e roedores, a memória e os livros, voltarão para terra, sob a ameaça do eterno signo da *diligencia do abismo*, roídos pelo tempo, no *branco* (talvez purificador) esquecer, para um ressurgir quem sabe da Fênix.

momento que estava pronto para ver,  
(...) fechar os olhos e, em  
havendo algum calor,  
chegar-me a ele, e quem sabe se pegar fogo,  
ir embora numa labareda...<sup>477</sup>

Um livro viverá em outro *Livro*, emergido o *Instante de de Circunstâncias Eternas*, onde o *Mestre* num alento de último suspiro,

---

<sup>475</sup> Fragmento de *Brise Marine*, poesia Stéphane Mallarmé, publicada pela primeira vez em 1865, acompanhadas da tradução Augusto de Campos. Originalmente: “Fuir! là-bas fuir! Je sens que des oiseaux sont ivres / D’être parmi l’écume inconnue et les cieux! / Rien, ni les vieux jardins reflétés par les yeux / Ne retiendra ce coeur qui dans la mer se trempe” [*Mallarmé*: 2013, p. 44-45]

<sup>476</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 6-7.

<sup>477</sup> “A Morte sem Mestre” in HELDER, H. *Poemas Completos*: 2016, p. 699.

a tempestade em seu momento *d'esplendor*, teus *fraternos* já não mais, senão enquanto testemunhas, momentos de naufrágio, fusão de *Mar & Homem*; *Um Lance de Dados* – numa profecia, de sobrevida ao acaso... A *Poesia* viverá enquanto enigma, na multiplicidade de caminhos – a chave: *Ser d'Incógnita* »<sup>478</sup>

*Preencha com Nenhures*

*Fervas estes versos*

*Vós ireis manjar Algures*

Quão mais bela a Gioconda desde que não a pudéssemos ver! E se quem a roubasse ou queimasse, quão artista seria, que maior artista que aquele que a pintou!<sup>479</sup>

A *Obra de Arte* enquanto *Ser*, o culto e a queda como profecias – como *Tróia*, inevitável toda obra ter sua *Cassandra* – o endeusar duma arte intocável e irretocável, tornaria artístico o gesto daquele que almeja apagar a chama, num toque canibalizar a construção *d'outrem*, furtar ou manchar a glória, pra provar ela ser também mortal e prisioneira, imperfeita, num *crime intelectual* ou de *graça rústica*<sup>480</sup>, um grande desastre às esferas da contemplação do belo causar? Um *bigode*<sup>481</sup> invadir os muros altos da moldura, convidando a *aura* para ensaiar novos passos, com os instrumentos e tempos de *reprodutibilidade técnica*. Não estarias almejando transcender o plano material, e diante dum olhar mais realista, esqueçamos o lado útil das coisas, pois os preciosos contos, guardados hermeticamente em tua escrivania, poderão ter nos olhos dadivosos doutro ser, vocação e utilidade, como os *Pombos* que veem nas estátuas diferentes poleiros:

Além dos contos que (...) menciona, Ivan (...) deixou muitos manuscritos parte dos quais encontra-se comigo e parte foi usada pela

---

<sup>478</sup> Entre aspas portuguesas/francesas passagens do artigo, escrito pelo *dissertando*, “*Indemonstrável Sonho: sobre a poesia Brinde de Stéphane Mallarmé*”. Há variações e alguns acréscimos em relação à publicação presente na edição nº19 da revista universitária *Qorpus* (UFSC) – antes o ensaio *fôra* entregue ao professor Raul Antelo, à disciplina *Imaginação e Potência* em fins de 2015.

<sup>479</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 70.

<sup>480</sup> Em *Dostoiévski o crime intelectual* se provara estúpido. Já *graça rústica*, trata-se de uma expressão similar, mas adaptada ao universo do *Sertão* – em Guimarães Rosa.

<sup>481</sup> Marcel Duchamp intervém na imagem da *Mona Lisa* em um cartão postal, datado de 1919.

governanta para diversas atividades domésticas. Assim no inverno passado todas as janelas de sua casinha foram calafetadas com a primeira parte de um romance não acabado.<sup>482</sup>

A *Vida* nos prega certas ironias, de repente terás os manuscritos aos quais dedicara parte considerável de tua vida dum lado e doutro um balde vazio de lenha, estará muito frio, tão frio que mal poderá respirar, por sorte tens uma lareira, a lamparina acesa, novamente fitará os manuscritos, lembrarás da governanta a quem amaldiçoara, sim ela não vira qualquer suprassumo além da superfície que a matéria papel exalta, matéria-prima útil n'arte de tornar intransponíveis os carentes ventos *d'Inverno*, a dádiva de sua arrepiante graça. Num estalar de dedos, já não degustará a metáfora da metáfora com que usufruía de teus escritos, mas a ironia da ironia diante de ti. Sim, a *Amiga do Fogo*, por que não torná-la alimento desta fogueira, viverá segundos mais, e estes segundos poderão ser quentes.

Consumido todo o carvão; vazio o balde; sem sentido a pá; a estufa bafejando frio; o quarto inteiro atravessado por sopros de gelo; diante da janela as árvores rijas de geada; o céu um escudo de prata contra quem deseja o seu auxílio. Preciso de carvão; certamente não posso morrer congelado...<sup>483</sup>

Uma migalha do pior carvão de repente seria *como um Sol no firmamento*.

A *Obra* tornou-se gigante – talvez esteja mais no *Livro* que no *corpo*, claro que bem compreendo mais o *Espírito Inventivo* que o *Destrutivo* (da *Governanta*<sup>484</sup>) – confesso.

« *Que ela tinha em mente!?* » perguntei-me resignado...

Um dia, enquanto o mestre se aprontava para sair, tratei de ficar bem escondido no aposento. Assim, quando ele se lembrou do manuscrito destruído, quis pôr-me para fora, mas não pôde me encontrar.<sup>485</sup>

<sup>482</sup> PUSKIN, A. *Contos de Belkin*: 2003, p. 14.

<sup>483</sup> KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*: 2011, p. 129.

<sup>484</sup> Pós-escrito: sei que algumas de minhas leitoras queridas poderão trazer questões de gênero, preencherem-me de indagações por utilizar governanta ao invés de mordomo? Ora, caso me referisse aos *mordomos*, além do romance, o Ivan estaria aqui? (...) Agora vamos às críticas sociológicas...

<sup>485</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 52.

Todos preferiríamos uma morte mais nobre que a desastrosa, a ingloria de interagir com uma anônima neve soprada aos ouvidos numa janela, é arrepiante! Era saboroso o sonho, imaginar viver e reviver em muitos livros, morar numa esplendorosa biblioteca, olhar para os autores vizinhos de prateleira e descobrir companhias interessantes para dividir uma mesa de bar ou cair em derradeiro duelo, ser algo na alegria dum colecionador, um livro encontrado num baú como uma nova múmia descoberta, *le plat principal dans un documentaire par lui-même*<sup>486</sup>, participar numa exposição de destaque num museu futuro, ser o preterido dum roubo, transcrito por escribas em nobre pergaminho, ser uma encadernação de António Sánchez e o livro de cabeceira do futuro *Messias*, ser vítima de crime intelectual e outras grandiosidades ou futilidades; porém o presente lhe mostrara sorridentes garras, francamente o que é pior que terminar assim, despercebido em *essência*... – “acredita que um coração sensível à alma poética e acolhedora poderia manter-se alheio a essa obra?”<sup>487</sup> – ...ignorado completamente, todo o teu tecer, toda tua *Construção*, invisível, instrumento útil do dia-a-dia e dos afazeres domésticos – uma anônima água torcida em um balde num dia aleatório de limpeza numa casa qualquer...

Eles são capazes de exterminar uma teia de aranha com a mesma agilidade que a mais treinada das criadas de quarto; escritores são, com efeito bárbaros no dilaceramento e na destruição de monumentos de tão artística construção, e se alegram diabolicamente com esse despedaçamento, porque ele lhe infunde ânimo.<sup>488</sup>

...agora olhem para esta janela, para este balde vazio, consola-te, conhece a origem e já visitasse os livros sagrados: *do pó vieste, ao pó retornarás!*

...todo poeta de verdade tem preferência pelo pó; sim, porque é no pó e no mais encantador esquecimento, como todos sabem, que, de bom grado, jazem enterrados os maiores poetas, isto é, os clássicos. Estes são como as finas e velhas

---

<sup>486</sup> “o prato principal em um documentário por si mesmo” – o autor abre uma exceção às vernáculos para um gracejo em francês, onde foram realizados documentários, por sinal de grande qualidade, como *Foucault par lui-même* (2003), *Sartre par lui-même* (1976), etc.

<sup>487</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 414.

<sup>488</sup> “Poetas” in WALSER, R.: 2014, p. 79.

garrafas de vinho, as quais, como se sabe, só são retiradas do pó em ocasiões especialmente apropriadas e solenes.<sup>489</sup>

É que não estamos navegando nos tapetes da certeza, com os vinhos do dizer e do contradizer (“sobretudo porque defendo a inutilidade, o absurdo (...) escrevo este livro para mentir a mim próprio, para trair a minha própria teoria”<sup>490</sup>) com que somos pelo néctar da *Literatura* embriagados, vamos caminhando envoltos em novelas, sempre início e nunca fim.

Ainda que o incompleto, mentindo, afirme ser completo, ainda que queira, fugindo, retornar ao seio materno da noite primordial de outrora, ainda que se proclame a si mesmo e pretenda ser o todo, arrogando-se a dignidade do pai que convoca, nada te salva, ó destino, de recaíres no nada;<sup>491</sup>

Se o perfeito esteja ao alcance do sonho, a realidade de levar tintas aos pincéis, conhecendo (sim!) os mais recônditos segredos da *Alquimia das Cores* e da *Harmonia das Letras*, das formas de lapidar e musicar, transcribindo o revelar da inspiração, restará ainda uma beleza indivisível no *Silêncio*, vindoura nas palavras do *Poeta*:

A sublimidade de desperdiçar uma vida que podia ser útil, de nunca executar uma obra que por força seria bela, de abandonar a meio-caminho a estrada certa da vitória! (...) reconhecendo que poderiam fazer a obra de todo perfeita, preferiam ousá-la de nunca a fazer.<sup>492</sup>

Um romancista nos servira uma instigante e fragmentária história com um porvir extremamente intenso de se imaginar, e no desembrulhar das páginas, a curiosidade alimentávamos. Este *Músico-Escritor* em suas asas nos levava, e assim percorremos imemoriais paisagens de compositor biografia, já estávamos em fluídos voos, quando de repente nos deixara a *meio-caminho* do mistério, para agora aprendermos a voar sozinhos.

– “...termino aqui a primeira parte de minha história dos Deuses no Exílio”<sup>493</sup>;

---

<sup>489</sup> Idem.

<sup>490</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 71.

<sup>491</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 213.

<sup>492</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 70.

<sup>493</sup> HEINE, H. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 226.

“por ocasião da Páscoa, será publicado um terceiro volume contendo a encontrada biografia do mestre, com intercalações dispersas em trechos pertinentes das reflexões inéditas do gato...”<sup>494</sup>

Num *cordial tom*<sup>495</sup>, numa malvada (e maravilhosa) afinção, de encerrar histórias nos abandonando nas piscinas do centro-círculo onde jaz o mistério, deixando-nos apenas uma esperança da *Páscoa* por chegar, para quem sabe saudarmos o *Renascimento* de novos capítulos. Uma *Obra Inacabada* com todos os laços da incompletude simetricamente trançados, um divino *erro tipográfico*: uma obra completa, inacabada por perdurar os mistérios em nossa imaginação...

A utopia de acabar, talvez um abandonar? Acabar e recomeçar uma nova história, será mesmo que algo novo inicia? Na linha delicada do rasgar, na conjectura de prefácios<sup>496</sup>, uma obra se faz na alegoria de um porvir? Porvires inexatos, como a descoberta ou não dos manuscritos, se seriam personagens de Pessoa<sup>XXIII?</sup>

...ou o esforço de prolongar o curso do discurso que já realmente havia terminado, ou o desejo de abandonar apressadamente o tema, sim é necessário sem nenhuma consideração, ou a desesperação, que busca uma via de escape para seu pesado alento, ou a nostalgia de uma luz sem sombras<sup>497</sup>

Entrementes a sobrevida da obra não tornaria o ciclo da morte imperfeito?

Eu arriscara o mundo em busca de uma pergunta que é posterior à resposta. Uma resposta que

<sup>494</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 434.

<sup>495</sup> No *post scriptum* do (personagem-)editor E.T.A Hoffmann nas *Reflexões do Gato Murr*, há uma grande sintonia com o contar de histórias em Benjamin *se um desses livros chegar às mãos de vocês...*, antes citado e, “o editor julga de bom-tom comunicar de antemão ao prezado leitor...” [HOFFMANN, E.T.A.: 2013, p. 434]

<sup>496</sup> No livro do Desassossego em nota de Jerónimo Pizarro encontramos: “...é por volta de 1917 que Pessoa esboça não uma, mas várias tentativas de prefácio para o Livro.” [PESSOA: 2013, p.191]

<sup>497</sup> “2 de noviembre de 1911(...)o el esfuerzo de prolongar el curso del discurso que ya realmente ha terminado, o el deseo de abandonar apresuradamente el tema, si es necesario sin ninguna consideración, o la desesperación, que busca una vía para su pesado aliento, o la nostalgia de una luz sin sombras...” [Cf. KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 94]

continuava secreta, mesmo ao ser revelada a que pergunta ela correspondia.<sup>498</sup>

O desejo de atear fogo à própria construção artística guardaria elo com o anseio de terminar um ciclo, de atingir um redentor silêncio, ou, de compreender um sinal, uma mensagem vinda dos *Sonhos*, vinda doutra vida, no que deixar vestígios nesta passagem terrena se tornara superado ou indiferente? Entregar a obra ao fogo poderia representar um ritual de sacrifício, de purificação, de...

...autorredenção! Ele ficou tomado por aquela ideia; era uma espécie de obstinação sombria (...) queria queimar tudo o que havia escrito afim de libertar sua alma daqueles “fantasmas” (...) respeitei seu desejo e, quando ficou doente, queimei suas coisas diante de seus olhos.<sup>499</sup>

Seria o abandonar da escrita, realizando um final que alimenta a sede por respostas, uma obra concluída?

“– Ah! Não, respondeu-me soltando um suspiro profundo, vou ser forçado a lançar ao fogo este trabalho, como fiz com os outros.”<sup>500</sup>

Não seria almejar uma obra incompleta e fragmentária algo vizinho às projeções de edifícios completos?

...sem mais averiguações que permitam distinguir se são esboços interrompidos ou fragmentos destinados a serem publicados como tais. Mantém-se (...) uma indistinção entre o fragmento que, por assim dizer, se vê afetado pelo inacabamento e aquele que busca a fragmentação por si mesma.<sup>501</sup>

Se inicias uma obra que busca o fragmento, não estaria tão distante àqueles que almejam à completude?

---

<sup>498</sup> LISPECTOR, C. A paixão segundo G.H.: 2014, 146.

<sup>499</sup> Palavras de Dora in DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 70.

<sup>500</sup> HEINE, H. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 24.

<sup>501</sup> “...sin más averiguaciones que permitan distinguir si son esbozos interrumpidos o fragmentos destinados a ser publicados como tales. Se mantiene así – y en ocasiones explota – una indistinción entre el fragmento que, por así decirlo, se ve afectado por el inacabamiento y aquel que busca la fragmentación por sí misma” [“La exigencia Fragmentaria” por P. Lacoue-Labarthe e J. Nancy in *El Absoluto Literario*: 2012, p. 83] (\* As traduções para o português desta obra foram realizadas pelo *dissertando*, através da versão em espanhol)

– “Eu não quero mais o movimento completado que na verdade nunca se completa, e nós é que por desejo completamos.”<sup>502</sup>

Existe uma delicada ou abismal, quase invisível ou colossal, diferença, entre uma construção não concluída com pretensões celestiais em relação a uma *Obra Prima Inacabada*. A *Obra de Arte* é emancipada dos requisitos da completude, ela atinge altos graus de acabamento sem com isto fechar o círculo, porque o círculo que ela almeja, talvez se torne inapreensível... “Os antigos escritos adquirem múltiplos significados”<sup>503</sup>. A crença em uma *Obra Perfeita* é inundada por impressões de finitude, e estes sonhos algo assombrados – após muito buscá-la, nunca o fantasma da infinitude o abandonará.

“A poesia irmana e une em laços indissolúveis todos os espíritos que a amam”<sup>504</sup>. Virgílio entra numa rima, isto é, numa fenda deixada por Homero, Dante por sua vez resgata Virgílio – Camões... Loucura falarmos em obras incompletas, quando em cada verso vivemos oceanos inteiros<sup>505</sup>, quando em cada estrofe sentimos pleno um vivaz ciclo, o pulsar de dia e noite, o sopro das estações do ano – a renovação, o reflorescimento, a *Obra & Vida* sensível ao *Espírito do Universo* nos parece tanger *essências*, roçar os ideais de completude, esta “necessidade louca de algo que busco, incansável, fora de mim, mas que se esconde no meu âmago, um segredo obscuro, a imagem enigmática de um paraíso supremo, que nem o sonho pode sonhar”<sup>506</sup>, *Sensível* e delicado, inapreensível o “objeto é captado no interior, mas uma vez interiorizado, pensado, provado por nossos sentidos ele se torna, de uma vez só, incaptável”<sup>507</sup>.

*O Eco dos Poetas por eras  
tão próximos, tão distantes  
por infîndos reverberas*

Livro único, num contínuo desdobrar, espaçados, são muitas obras que permeiam a *Escultura*, o conhecimento sempre terá sua *Atlântida*, a moderna ciência convive com a sombra do mecanismo de

<sup>502</sup> LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.*: 2014, p. 169.

<sup>503</sup> “Los antiguos escritos adquieren múltiples significados” KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 142.

<sup>504</sup> “Conversas sobre Poesia” in SCHELEGEL, F. 2016: 483.

<sup>505</sup> “Um verdadeiro livro não começa nem se acaba. Ele é eterno começo, por ter inspirado inumeráveis leituras.” [“À Guisa de Encerramento” in JABES, E. *O Livro das Margens*: 2014, p. 281]

<sup>506</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 91.

<sup>507</sup> “Um Olhar: Olivier Debré” in JABES: 2013, p. 126.

*Antikythera*<sup>508</sup>. Poderá um filho ser mais “antigo” que seus pais, nós não estaríamos dando contornos equivocados ao termo “os Antigos”?

Se entendêsseis bem o que dizeis, verieis que do vosso princípio infere-se o contrário do que pensais; (...) somos mais velhos e temos mais idade que nossos predecessores, considerando certas questões com as quais nos ocupamos agora.<sup>509</sup>

Nenhuma enciclopédia é tão grandiosa que não possa ser até cem vezes mais<sup>510</sup>, e no entanto, em uma palavra, numa letra, num átomo podem estar contidas a potência de galáxias inteiras.

Isto me afigura uma afirmação extremamente notável, fornecendo bastante material para reflexão. Pois, em hebraico, a consoante *alef* representa nada mais que a posição adotada pela laringe quando uma palavra começa com uma vogal. Assim, pode-se dizer que o *alef* denota a fonte de todo e qualquer som articulado, e de fato os cabalistas sempre consideraram o *alef* a raiz espiritual de todas as demais letras, abarcando sua essência o alfabeto inteiro e, portanto, todos os demais elementos da interlocução humana.<sup>511</sup>

O próprio conceito de *Bíblia* ou *Livro Absoluto*, nos leva aos *Alçapões do Imensurável*, ao projetar ininterrupto, à reunião e o embaralhar de autorias e livros, à *escrita coletiva*. Não existirá obra que não desenterre o passado, pois cada palavra é uma descoberta arqueológica. *Arte* não é um conceito de todo tangível, justamente por ser intangível o inesgotável sabor de se comentar, para a *Arte* como para o *Amor*, “todas as definições lhe são convenientes, de sorte que as proposições contraditórias são verdadeiras”<sup>512</sup>.

---

<sup>508</sup> O *Mecanismo de Antikythera* é considerado o primeiro computador, existente já entre os antigos gregos, o instrumento tinha finalidades astrológicas, precisava quando iriam acontecer eclipses e a posição dos *Astros*.

Com a decomposição e a preciosidade dos metais é natural que tenhamos poucos vestígios sobre tecnologia avançada existente no passado, mas isto não significa que não tenha existido.

<sup>509</sup> BRUNO, G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 36.

<sup>510</sup> “haverá sempre alguma obra de arte – talvez a arte toda – para cair fora desse conhecimento universal” [“Joubert e o espaço” in BLANCHOT: 2013, p. 69]

<sup>511</sup> SCHOLEM, G. *A Cabala e seu Simbolismo*: 1978, p. 41.

<sup>512</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 165.

A escrita é um ponto intermédio entre o reino imaterial e o material. Mas esta passagem entre reinos, não está imune a consideráveis perdas –

As frases que nunca escreverei, as paisagens que nunca poderei descrever, com que clareza as (...) descrevo na minha meditação, quando, recostado, não pertença, senão longinquamente, à vida. Talho frases inteiras, perfeitas palavras, contexturas de dramas narram-se-me construídas no espírito, sinto o movimento métrico e verbal de grandes poemas em todos os elementos e um grande entusiasmo, como um escravo, segue-me na penumbra. Mas se der um passo, da cadeira, onde jazo estas sensações quase cumpridas, para a mesa onde quereria escrevê-las, as palavras fugiram, os dramas morreram, do nexo vital que uniu o murmúrio rítmico não ficou mais que uma saudade longínqua, um resto de sol sobre os montes afastados...<sup>513</sup>

– existe tradução num simples gesto de escrita, todas as línguas transcrevem. Pensar é uma tradução, a escrita automática ou espontânea, os registros de fluxos de consciência por mais velozes sejam, algo inevitavelmente escapa. “Por mais que Ivan acelerasse o passo, não diminuía a distância entre ele os perseguidos”<sup>514</sup>. “Mesmo o espírito mais abrangente não abrangerá...”<sup>515</sup> Existe uma força motriz que nos movimenta em direção a um vocábulo e não outro. No próprio gesticular do intelecto, este se veste com as armaduras da linguagem, dando ares às coisas que brotam de nosso *Espírito*.

Alcançar os *Sonhos*, não difere da busca alquímica, nela estão envolvidos os maiores tolos, nela estão envolvidos os maiores sábios. A *Arte* não é um experimento que após comprovado é dissertado, o terreno *d’Arte* é movediço, mágico e acessível em sentimento. Nela o pseudo-alquimista buscará com a transmutação dos metais, atingir a *Vaidade d’Ouro*, enquanto o *Ígneo Espírito Artístico* almejará numa transmutação interior a *Elevação d’Alma*<sup>516</sup>. Se este *Elevador d’Almas* contar com cachos de uvas e água fresca à vontade, nada mal. Esta

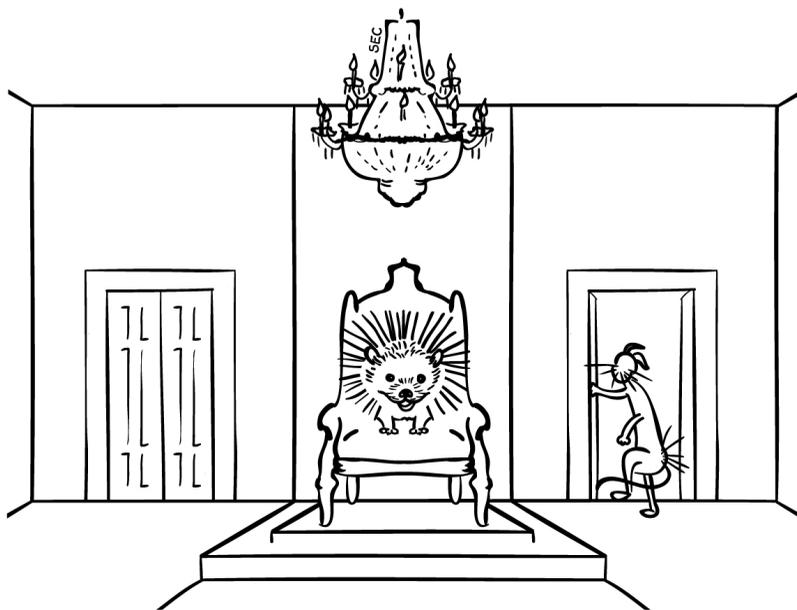
<sup>513</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 508.

<sup>514</sup> BULGAKÓV, M. *O Mestre e Margarida*: 2009, p. 58.

<sup>515</sup> “Conversas sobre Poesia” in SCHLEGEL: 2016, p. 484.

<sup>516</sup> Quem comentará sobre a elevação da alma, como meta ao verdadeiro artista, será Edgar Allan Poe.

metamorfose belíssima, não é apenas de si, todos pertencemos à *Anima Mundi*<sup>517</sup>. A *Obra de Arte* é apenas um caminho, o mais profundo e belo para compreender o *Sentido de Ser* – uma *Pedra Filosofal* de escultura atemporal – este destino (a realização ou completude) é apenas atingível, por *Iluminação*. Todos possuem a potência do *Gênio*, faltam apenas alguns detalhezinhos imperceptíveis que fazem avalanches diferenças. A *Obra* (*opus*) é segundo etimologia latina também *ação*, daí a redundância da expressão inglesa *work in progress*, muito embora o devir artístico se torne mais claro, lançado ao infinito nestes termos. *Obra* é também um verbo (obrar); *ele obra*, mas se *ele obra*, por mais que esteja a obrar, não significará progredir.



*O Porquinho Romântico* por Scheila Eliza Conte, 2016.

“Um fragmento tem de ser como uma pequena obra de arte, totalmente separado do mundo circundante e perfeito e acabado em si mesmo como um porco-espinho.”<sup>518</sup> A *Obra Completa* é tanto uma *peça* como o *todo*. A *Obra de Arte* é tanto o espinho (a parte), quanto o *Porco-Espinho* (o completo). Como é possível, “que toda essa

<sup>517</sup> Alma do Mundo.

<sup>518</sup> SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 82.

multiplicidade se reúna num único ser indivisível e escape a qualquer dimensão<sup>519</sup>?

A perda de um dos *fragmentos*<sup>520</sup>, não implica na perda da essência e vida, no entanto o *Porco-Espinho* é recheado de fragmentos, interiores e exteriores, os espinhos são peças de sua afiada *Arte*, sua vida continua uma unidade, sua existência é uma *Obra Prima*, mas cada espinho possui a potência do *Uno* em si, levando consigo uma mensagem, ardente nos mais recônditos sentidos.

“O porco-espinho um ideal!”<sup>521</sup>

...estará todo inteiro em tudo, na totalidade do círculo e em qualquer uma de suas partes; e, conseqüentemente, todo ponto indiviso da elíptica contém todo o diâmetro do Sol, e assim também acontecendo que um indivisível contém em si o divisível; e isso não resulta de uma possibilidade natural, mas somente graças a uma possibilidade supranatural...<sup>522</sup>

A *Obra Artística* aparenta ser imaterial por essência e princípio, como um canto que flutua no ar – mas uma vez escritas, pintadas, esculpidas, capturadas se tornam formas materializadas, transitórias, encarnações aproximadas. As *Obras de Arte* que mais cativam são em verdade as traduções que nos fazem sentir algum aspecto do intraduzível, do invisível – a *Arte* está na matéria como a *Alma* está no corpo; confeccionar livros é embalsamar palavras, pintar é embalsamar imagens, compor é embalsamar sons, esculpir é embalsamar formas... A atitude artística de não desejar sua *Criatura* embalsamada, encontra um olhar inexplicável, uma sensação que é preciso vivê-la, antes materialmente, e depois...

A *Sabedoria* requer equilíbrio entre as esferas de maestria e *d'Eterno Aprendizado*, ao compartilhar a *Obra Prima* cristalina, fruirá dela apenas num ritmo também artístico, aquele que se auto-converter

<sup>519</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 139.

<sup>520</sup> “...ninguno de los románticos ha proporcionado , en lugar alguno, una definición del fragmento que permita darle un contenido a ese marco. (...) El fragmento designa un tipo de exposición que no aspira a la exhaustividad y corresponde e a la idea sin duda específicamente moderna de que lo inacabado puede o incluso debe ser publicado (o aun la idea de que lo publicado nunca está acabado...)” [“La exigencia Fragmentaria” por P. Lacoue-Labarthe e J. Nancy in *El Absoluto Literario*: 2012, p. 85-86]

<sup>521</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 9.

<sup>522</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 123.

em *Artesão* – “O verdadeiro leitor tem de ser o autor amplificado”<sup>523</sup> –; a *Obra de Arte* nem sempre vem em *Cálices Áureos* e com placas que as identifique, ela pode estar encarnada num simples e *Transitório Guardanapo*, numa *Parede Pichada dos Viadutos da Vida*, escondida não em um jogo olímpico que visa medalhas, mas num *Jogo Despretensioso de Petecas*, onde a maior vitória é o *Empate de Sorrisos*<sup>XXIV</sup>. O espaço de fruição *d’Arte* é uma fusão, onde o *Singular* e o *Todo* se entremesclam, mesmo exposta *Ela* permanece incomunicável senão dalgum modo o receptor esteja aberto aos arcanos – “Você sempre demonstrou grande respeito pelos meus truques, embora jamais tenha visto a obra-prima”<sup>524</sup> – embora em formatos límpidos, as palavras herméticas, em diálogos didáticos podem soar inacessíveis; como explicar... Um livro pode iluminar uma leitura iluminante, o mesmo livro poderá iluminar uma leitura obscurecida.

Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. E, acercando-se dele os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; Porque àquele que tem, se dará, e terá em abundância; mas àquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem.<sup>525</sup>

Todos os *Discípulos* compreenderam a *Parábola*.

Os livros são uma espécie de espelho, para uma alquimia interior; entraremos nos livros como quem abre a porta do infinito, ou, nos contentamos com previsíveis fins? Não seria o fragmentário e a incompletude apenas alcançáveis quando todos os dados do destino

<sup>523</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 103.

<sup>524</sup> HOFFMANN, E.T.A.: 2013, p. 187. (\* Pós-escrito: muita culpa não teve o *dissertando*, ele já ia se despedindo, transcrevera esta citação, fechara o livro. Tempos depois relia a *Inacabada* com o famoso ar de “missão cumprida”. Foi quando percebera uma serelepe imperfeição, o sentimento de ausência o invadira ao notar que não havia indicado com precisão o endereço da passagem. Naturalmente este evento o deixou *mui academicamente* angustiado, no apagar das luzes saíra do quarto-andar da choupana *veloz, veloz...* Voltara ao bosque, quando a música de *Amadeus* envolveu suas mãos e o guiou...)

<sup>525</sup> Palavras de Jesus in *Mateus* - capítulo 13, versículos 9-13. *Bíblia*. Versão: Almeida Corrigida e Revisada Fiel.

apontam para o acaso delas serem? A concepção da obra completa seria uma impossibilidade em si?

Só o incompleto pode ser concebido – pode levar-nos mais adiante. O completo é apenas fruído. Se queremos conceber a natureza, então temos de pô-la como incompleta, para assim chegar a um termo alternativo desconhecido.<sup>526</sup>

Seria a adoção de um modelo, de uma receita que leva o escritor, a ingressar em previsíveis trilhos, abraçar a tradição, uma obra acabada<sup>XXV</sup>?

O que És? E a resposta é: És. O que existes? E a resposta é: o que existes. Eu tinha a capacidade da pergunta, mas não a de ouvir a resposta.<sup>527</sup>

E quando neste ciclo, de sempre reescrita, mesmo dentro da imprevisibilidade, iniciando uma nova e mesma história, não seria uma velha e nova história? Será que a mera divisão em livros não esconde laços pelos quais uma só se faz possível um livro conceber na companhia de seus pares? Por outro lado, a divisão prismática em autores também não esconde outros ocultos elos, que tornariam a ideia de autoria movediça?

No passado eu não compreendia por que não encontrava respostas às minhas perguntas; hoje não compreendo como podia acreditar que pudesse perguntar. Entretanto eu não acreditava, perguntava somente.<sup>528</sup>

E voltando à superfície, um novo mergulho, como um primeiro nos convida. Pois hoje não compreendo como podia acreditar que pudesse me aproximar. Entretanto eu não acreditava, aproximava-me somente. Em reflexões, traduzindo *o intraduzível das (im)possibilidades traduzidas*<sup>529</sup>, neste instante de contemplação aos manuscritos, nas

<sup>526</sup> NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 154.

<sup>527</sup> LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*: 2014, p. 143.

<sup>528</sup> “Früher begriff ich nicht, warum ich auf meine Frage keine Antwort bekam, heute begreife ich nicht, wie ich glauben konnte, fragen zu können. Aber ich glaubte ja gar nicht, ich fragte nur.” [KAFKA, Franz. *28 desaforismos = 28 aforismen*: 2010, p. 48-49] \* Em *Kafka Essencial*, no aforismo nº 36, encontrará outra tradução.

<sup>529</sup> A referência principalmente se faz ponte com a experiência tradutória de *América* por Susana K. Lages, que em seu posfácio escreve “*Das (im)possibilidades de traduzir Kafka*”.

linhas da caligrafia, garimpando por novos idiomas conhecer<sup>530</sup>, antes que as persianas nos levem o viver, para ingressarmos velozes numa jangada, sobrevoarmos os delicados lençóis de uma pintura hieroglífica, do desconhecido egípcio que fugindo dos trabalhos pesados nas obras da *Esfinge*, subtraíra do escriba a pena, para pincelar aos Céus o gesto de desespero que clama aos *Deuses*, que a construção da obra o apena e o devora.

“...puxam-se as sensações, como elásticos, para ver os poros da sua falsa continuidade bamba.”<sup>531</sup>

Seria *Obra* não um objeto, mas uma *Ação* que envolve o *Misterioso* sintonizado nas frequências do *Sentido de Viver*, de modo que ao iniciar um novo romance, uma nova poesia, narrativa ou escultura, estaria o artista revivendo antigos fantasmas?

A arte é para o artista um sofrimento, pelo qual ele se liberta para um novo sofrimento. Ele não é um gigante, mas um pássaro mais ou menos multicolorido na gaiola de sua existência.<sup>532</sup>

Nem a biografia e nem autobiografia, poderão psicografar a vida de um *Pássaro Impossível*<sup>533</sup>, pois tudo que é *Eu* nos foge, e tantos já fugiram de Pessoa? “Há muito tempo que não sou eu”<sup>534</sup>. Não é por meramente o infinito nos flertar que deixaremos de almejar as *Estrelas* alcançar. Agora é a gaiola quem bate asas, para na brisa *saturada de agoras*, o *Pássaro Impossível* enlaçar. E sem se perceber a gaiola neste voo em busca do mistério, se fará *Pássaro* aos ares os seus voos

---

<sup>530</sup> “Também desejo conhecer a literatura iídiche, evidentemente caracterizada por uma interrompida tradição de luta nacional, que determina o estilo de suas obras.” [Cf. KAFKA, F. *Diários*: 1953, p. 62] \* Além de conviver com uma trupe de atores de teatro iídiche, mais tarde Kafka conhecerá Dora que era atriz, falava iídiche e hebraico (idioma que também Kafka dedicará estudos na fase adulta). \* Pós-escrito: sobre a língua iídiche Luciano R. Mendes, também mestrando em Literatura, realiza grandes estudos.

<sup>531</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013. Edição de Jerónimo Pizarro, p. 375.

<sup>532</sup> JANOUCH, G. *Conversas com Kafka*: 2008, p. 15.

<sup>533</sup> “Sou um pássaro completamente impossível (...) uma gralha pequena; um “kafka” (...) um pássaro perigoso, uma ave de rapina, uma gralha pequena (...) cinzento como a cinza. Uma gralha que sonha desaparecer entre as pedras.” (JANOUCH, G.: op. cit, p. 16.) \* *Kavka* significa gralha em tcheco, também era o símbolo utilizado nos carimbos de seu pai na loja. As gralhas aparecem a rodear as torres do *Castelo*.

<sup>534</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 371.

escrever, pois é apenas conhecendo o outro, que descobriremos vestígios de nós mesmos.

“Uma gaiola saiu à procura de um pássaro.”<sup>535</sup>



*O Pássaro Impossível* por Scheila Eliza Conte, janeiro de 2016.

A *Gaiola* nas palavras do *Poeta* ganha vida, flertando a liberdade que do *Pássaro* por nós é signo. Mas a *Gaiola* enquanto

<sup>535</sup> “Ein Käfig ging einen Vogel suchen.” A tradução coincide em Modesto Carone e Silveira de Souza. Cfe. KAFKA, Franz. *Essencial Franz Kafka*: 2011, p. 191 & KAFKA, F. *28 desaforismos = 28 aphorismen*: 2010, p. 30-31.

aprisiona também ela se faz prisioneira. Se a morte enquanto *Pássaro* (a gaiola) bate asas numa ânsia pela vida, não seria apenas porque o passado almeja se fazer presente, mas porque ele também é vida. A memória enquanto *Gaiola*, só se faz livre, aos aforismos libertar: *um Escritor saiu à procura da Liberdade*.

“Não o prazer, não a glória, não o poder: a liberdade, unicamente a liberdade.”<sup>536</sup>

...incansáveis, perseguindo algo inatingível neste mundo, estão sempre sedentos e ansiosos por desejos vagos e atormentam-se, procurando em vão, calma e paz.<sup>537</sup>

Guardados os conselhos em nossas bolsas *d'aventura*, salpicamos nossa caminhada errante, onde as trilhas já abertas hão do devir nos afastar, pois é apenas um perseguir as *Estrelas-guia* o sentido de nosso nômade caminhar.

As *Moiras*<sup>538</sup> teceram teu ouvir, teu escrever e teu falar, tudo que é origem a *Triade* então pertence, tecem sem nunca serem tocadas, vibra este simples fio, rangem-se palavras em homenagem. Como recitara o *Mago, sapientíssimo Salomão* dissera um dia: “nada de novo sob o Sol”<sup>539</sup>.

Tudo já fora escrito, tudo já fora dito, tudo já fora feito, ouviu Deus o que lhe diziam e ainda não havia criado o mundo, todavia não havia nada. Também isso já o haviam dito...<sup>540</sup>

Todas as *Estrelas* já foram um dia o *Sonhorizonte* dalgum antigo coração marinheiro, se todos os caminhos já foram um dia desbravados, não ocultemos nosso destino navegante, de também como uma primeira-vez acreditar numa primeira-vez navegar.

Ivan sentiu que estava confuso. Sufocando (...) “Socorro!” (...) O grito solitário de Ivan não

<sup>536</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 361.

<sup>537</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 301.

<sup>538</sup> As *Parcas* (para os romanos) – as três irmãs responsáveis pelo tear da vida (de homens e deuses).

<sup>539</sup> Fórmula presente com grande unidade em diferentes livros e períodos de vida de Giordano Bruno. A fonte primeva é o livro de Cfe. *Eclesiastes* 1, 9-10, ver também, Cfe. BRUNO, G. *Causa*: 2014, p. 89.

<sup>540</sup> “Todo se ha escrito, todo se ha dicho, todo se ha hecho, oyó Dios que le decían y aun no había creado el mundo, todavía no había nada. También eso ya me lo han dicho” [FERNANDÉZ, Macedonio. *Museu de la novela de la Eterna*: 1996, p. 8] (T.d.Dissertando)

trouxe bons resultados (...) e ele ouviu a palavra...<sup>541</sup>

“– (...) bêbado – disse alguém.”<sup>542</sup>

Embalados no desejo ardente e vago, oculto a nós e nossos duplos, entre passos ansiosos dum amor sem fim, amor semelhante ao *Peixe* que longas distâncias necessita atingir, continuidade que não rara encontra novos obstáculos, escarpas artificiais, interrompem *Sonho & Destino...*

Diante da lei está um porteiro. Um homem do campo chega a esse porteiro e pede para entrar na lei. Mas o porteiro diz que agora não pode permitir-lhe a entrada. O homem do campo reflete e depois pergunta se então não pode entrar mais tarde.<sup>543</sup>

Um porvir neste bosque, com todos os sábios alertas que se embrenha nos *Prados do Inatingível*, com porteiros que impedem o herói na lei entrar. A partir deste *ponto sem retorno*<sup>544</sup> ...

Ponto qualquer de um caminho muitas vezes percorrido; ponto-limite para além do qual o caminho não é mais que deserta imensidão (...) rastro (...) primeiro passo...<sup>545</sup>

...não nos custará nos perdermos um pouquinho mais; confiantes que a *Substância do Acaso* nos impulse tatear doravante, alguns dos *Mistérios Alquímicos do Inacabado...*

Em regiões de fronteira, nossa vida nômade se dispersa, servos do *Castelo*, porteiros aparam nossas asas e nos deixam o drama da esperança conservar e num banquinho irônico aguardar – “É possível – diz o porteiro – mas agora não!”<sup>546</sup>

...lutavam os fiscais do acesso, tão múltiplos os ardis da gente não autorizada, que tentava enganar ou ultrapassar os funcionários do controle, tão furiosa a gritaria dos que tinham direito de entrar,

<sup>541</sup> BULGAKÓV, M. *O Mestre e Margarida*: 2009, p. 57.

<sup>542</sup> KAFKA, F. *O Castelo*: 2008, p. 23.

<sup>543</sup> KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*: 2011, p. 105.

<sup>544</sup> “Von einem gewissen Punkt an gibt es keine/Rückkehr mehr. Dieser Punkt ist zu erreichen.” KAFKA, Franz. *28 desaforismos = 28 aforismen.*, 2010, p. 18-19.

<sup>545</sup> “Um Olhar: Olivier Debré” in JABES, E.: 2013, p. 121.

<sup>546</sup> “A Partir de certo ponto não há mais retorno. Esse é o ponto que deve ser alcançado.” [KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*: 2011, p. 105.]

mas cuja permissão era posta em dúvida ou dos quais se exigia uma espera excessivamente longa...<sup>547</sup>

*Não nesta vida!* Seria falácia perguntar, por que queres entrar? “Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações”<sup>548</sup>. *Leis não geram novas liberdades, leis retiram velhas liberdades*<sup>549</sup>, “temos preocupações em excesso, jurisprudência demais”<sup>550</sup>. O lugar que lhe era reservado, agora lhe é negado, fadado à vida malograda, desafiar na lei entrar, retornar ao Éden, significará poderosas peças domadas afrontar, quem sabe outrora; *partir simplesmente, emboradaqui, emboradaqui*<sup>551</sup>?

Numa situação sem saída, não tenho outra escolha senão pôr fim a tudo. É num vilarejo nos Pirineus onde ninguém me conhece que minha vida vai se acabar.

Peço-lhe que transmita meus pensamentos ao meu amigo (...) e lhe explique a situação em que me vi colocado. Não me resta muito tempo para escrever todas aquelas cartas que eu desejara escrever.<sup>552</sup>

Ressuscitemos Benjamin! – confidenciara-nos *Esperança*<sup>XXVI</sup>.

<sup>547</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 56.

<sup>548</sup> “O Narrador” in BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p. 219.

<sup>549</sup> Esta frase marcada em itálico, escrita de memória. Pediria desculpas, não recordei exatamente, mas creio ter lido algo parecido em algum autor que no momento ainda não consegui identificar. \* Abrindo parênteses, reencontrei frases consanguíneas: “Quanto mais proibições houver no mundo/ mais o povo empobrecerá.” [LAO-TZU. *Tao-te King*: 2006, p. 96]

<sup>550</sup> HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 38.

<sup>551</sup> “Emboradaqui” (Weg-von-hier) foi expressão escolhida por Tomaz Amorim Izabel, na tradução ao conto kafkiano *Der Aufbruch (A Partida)*.

<sup>552</sup> Carta de Benjamin a Henny Gurland [e Adorno] [Port-Bou, 25-09-1940] in ADORNO, T.; BENJAMIN, W. *Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin*: 2012, p. 476.



*Radio Benjamin* por Scheila Eliza Conte, janeiro de 2016.

Ao ouvi-la, aquela *Voz* em lágrimas *vinda de outro lugar*, clarificou como nosso *Amigo* partira, é por uma delicada *Esperança* que guardamos forças para o devenir da *Escritura*. Escrever é essencialmente ter *Esperanças!*<sup>553</sup> Benjamin, tivera os sentimentos profundamente feridos, jamais beijara a morte verdadeiramente, antes buscara “uma existência nova, mais leve e fácil”<sup>554</sup>.

Um livro como um delicado *Cristal* saltou de minhas mãos, caíra abrupto num pulsar de coração, quem sabe um sopro do autor, vivo

---

<sup>553</sup> *O dissertando* defende que mesmo palavras de melancolia, de desesperança são de esperança. Por vezes são palavras de otimismo, quando fecham os olhos para os dramas do mundo, estas sim são uma verdadeira desesperança.

<sup>554</sup> “Observações Entremescladas” in NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 41. & na revista “Athenäum” in SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 99.

o livro, sua *Voz* a recitar, enquanto lia que tudo acontecera em um triste mês de abril no *Rio Sena*<sup>xxvii</sup>.

“Nesse momento o transito sobre a ponte era praticamente interminável.”<sup>555</sup> “Assim como, do abismo da noite, surgiram os astros, o homem da segunda metade do século XX nasceu das cinzas de Auschwitz.”<sup>556</sup>

Um dia houvera uma corrente em *fruição*<sup>557</sup>, nela uma chama por renascer, o *Poeta* em sacrificio, entrega-se à *Deusa Literatura*?

“(…)algo intermediário entre o mortal e imortal.”

“Como assim, Diotima?”

“Um grande demônio, Sócrates; e como tudo o que é demoníaco, elo intermediário entre os deuses e os mortais.”<sup>558</sup>

Inacabado e sobrevida se comunicam. Acabado e fim se comunicam. Inacabado se abre a *algomais*, ao fragmento. Acabado abraça o conclusivo, fé na existência do círculo, a linearidade onde o ponto de origem e de final se entrelaçam. Estar acabado é não ter *algomais* a dizer, é estar em pedaços noutro sentido, estar inacabado é ser os próprios pedaços, ser uma constelação em andamento. Não raro ao concluir uma peça já tenha outra em mente: um *Galho* tem anseios de ser *Árvore*. Através de uma *Ideia* a *Floresta* acontece. Ideias e sementes, conceitos afinados.



Com qual convicção bradaremos uma leitura plena terminar, quando vemos tantas passagens da memória ir embora sem notar – nos *Alforjes Alados do Vento* que nos subtraem tantos preciosos fragmentos, tornando toda leitura escultura sempre inacabada; numa esquina do aleatório, reencontramos novo sabor no mesmo endereço-livro, num prato com conhecidos temperos uma nova fragrância acalenta voraz apetite, em nosso próprio lar inimitável doces surpresas, como quem por muito tempo deixou álbuns de fotografia visitar, e se vê surpreso, ao esquecido *Sorriso da Infância* nos *Sais de Prata* refratar. São muitos os *hojes* de ontem. A memória da memória, o resgate da lembrança, nas arqueológicas escavações mentais de si.

<sup>555</sup> KAFKA, F. *Essencial Franz Kafka*: 2011, p. 42.

<sup>556</sup> “Desejo de um começo, angústia de um só fim” in JABES: 2013, p. 15.

<sup>557</sup> De corrente já se subentende o fluir, aqui se trata de fruir. Um fluir-fruir ou *fruluir* para os mais (a)versados.

<sup>558</sup> PLATÃO. *O Banquete*: 2011, p. 149

Entrementes a sobrevida da obra não tornaria o ciclo da morte imperfeito? “Morro em mim para esse livro inacabado.”<sup>559</sup> O desejo de atear fogo à própria construção artística guardaria elo com o desejo de terminar um ciclo, de atingir a morte plena?

E o dia de ontem me pareceu mais como uma época remota, da qual nada mais resta além da nostalgia das lembranças de algo perdido para sempre, ao mesmo tempo cortando e enchendo de gozo o coração.<sup>560</sup>

Não apenas as leituras que abandonamos, livros que guardamos na estante ansiosos por um tempo que talvez nunca nos brindará, outros que desde a folha de rosto, perpassando por todos os aromas da impressão nos é familiar, percorrendo tantas vezes as letras e atingindo o instante final, em leituras lineares, ao inverso e (des)pretensiosas ao acaso, mas que mesmo recortando, grifando, subscrevendo, voltando ao criado mudo, deixam marcas que não são o mero sublinhar ou circular num desespero vão por capturar a matéria fantasmática, na entrelinha sempre fugidia, na citação que não se deixa citar, chamando... – “E nem sabem mais que esqueceram que esqueceram”<sup>561</sup> – clamando... pela companhia do todo ao qual pertencia – um todo utópico e imaginário, ao mesmo tempo demasiado real, um antepassado original o qual nos é mistério, um livro que se abre na abobada celeste e se faz enigma a todos aventureiros navegantes. Se o grifo tão só não nos faz capturar essências, permite-nos sim reencontrar vestígios de nossas leituras de épocas remotas, numa aceleração do reencontro, um diálogo do gesto, do leitor-escritor:

...modelo do recorte. O grifo(...) uma etapa da leitura(...) gesto recorrente que marca(...) sobrecarrega com o meu próprio traço(...) uma entoação(...) a uma outra pontuação que ultrapassa o código comum(...) A leitura(...) torna-se um texto novo(...) prova preliminar da citação (e da escrita), uma localização visual, material, superpõe uma nova pontuação, feita do ritmo da minha leitura: pontilhados(...) mais tarde

<sup>559</sup> “Carta de Sarah a Yukel” in JABES, E. *O Livro das Margens*: p. 114.

<sup>560</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 269-270.

<sup>561</sup> LISPECTOR, C. op. cit, p. 15.

recortes(...) toda leitura, enquanto grifo, é citação...<sup>562</sup>

Nos cortes e recortes, da *Obra de Arte* enquanto montagem<sup>563</sup>, uma colcha de retalhos nos permite aquecer com ideias os mais bravos invernos. Com reticências, neste *Mar em Fragmentos*, o leitor é nosso construtor. Em microcontos macrocosmos se revelam.

Algumas dessas histórias têm começo, meio e fim; Outras trazem apenas um retalho, para que cada leitor, com sua interpretação e imaginação, complete a colcha da maneira que lhe parecer mais razoável.<sup>564</sup>

"Para ele, tudo é arbitrário, descontínuo e incompleto, e compete ao poeta desdobrar, em vez de corrigir, o espetáculo inconcluso do mundo."<sup>565</sup>

Desembarcam palavras: o bom destino da prosa é ser poesia. Desembarcam outras palavras, “o verso como coisa intermédia, uma passagem da música para a prosa”<sup>566</sup>. Grifo meu, grifo dele ou grifo nosso – ainda não se chegou à conclusão de quem afinal é o grifo? Seria um pecado-capital ao ar científico falsear de quem é o grifo? Grifar um grifo, ser um *voyeur* de um *voyeur*. A arte de grifar deliberadamente entra em colapso, quando abrimos livros onde o *milagre dos peixes* acontece, em cada fragmento um *Grão de Pólen*: “Na verdadeira prosa tudo tem de ser sublinhado”<sup>567</sup>. Para compreender o *Primeiro Romantismo*, necessária fluência em *Dialetos em Fragmentos*. Sublinhar tudo se iguala a nada sublinhar. Em alguns pequenos e delicados frascos, se escondem a potência de universos inteiros. O “Verbo transmuda ritmicamente em sua substância corpórea o mistério impalpável do universo”<sup>568</sup>.

---

<sup>562</sup> Cf. COMPAGNON, A. *O Trabalho de Citação*: 1996, p. 17-19. (\* Trabalho de tesoura do *dissertando*)

<sup>563</sup> “O princípio estilístico do livro é a montagem” [“A Crise do Romance” in BENJAMIN. W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p. 57]

<sup>564</sup> DOMIT, Rodrigo. *Colcha de Retalhos*: 2011. (contracapa do livro)

<sup>565</sup> “Quintana: a desmontagem do mundo” por Antonio Carlos Secchin in QUINTANA, M. *A vaca e o hipogrifo*: 2012.

<sup>566</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 398.

<sup>567</sup> SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 127.

<sup>568</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 399.

– “Desvario trabalhoso e empobrecedor o de compor vastos livros; o de espraiair em quinhentas páginas uma idéia cuja perfeita exposição oral cabe em poucos minutos”<sup>569</sup>.

Ao regar flores. Ouvi, na biblioteca, *Ecos*, quais eram os nomes?

Em certos romances os autores parecem com maratonistas buscando ser o campeão das páginas (não falemos aqui de casos irreverentes, de *Livros* que adquirem uma espécie de auto-percepção em elevada forma, que apesar dalguns projetos poderem trazer páginas a perder de vista, não estariam distantes há uma *borgeana síntese*, nestes casos, o troféu poderia assumir conceituais variantes: – “eu sou o autor mais chato que já existiu”<sup>570</sup>), engordando a lombada atingem maior visibilidade *estantêneas*<sup>571</sup>, os folhetins somem comprimidos entre estes gigantes (inegável a predileção destes por brincar de pique-esconde<sup>572</sup>) – são histórias de *Golias & Davi* no universo das prateleiras.

Poupem as palavras,  
e tudo andaré por si mesmo (...)  
O que queres comprimir,  
primeiro deves deixar que se expanda bem.<sup>573</sup>

A prolixidade – combatida, mas invencível em sua telefônica titilante persistência, não anula a habilidade dalguns escritores, pois descrevendo<sup>574</sup> todas as pregas dum vestido (não um vestido qualquer...), todos os adereços do abajur, atento as mais sutis alterações na temperatura de cor do ambiente<sup>575</sup>, a cada segundo (mantendo o leitor inteirado dos miúdos detalhes, *memorioso*, vigilante...). Não

<sup>569</sup> Prólogo de “O Jardim de Veredas que se Bifurcam” in BORGES: 2007, p. 11.

<sup>570</sup> Estas palavras são de Kenneth Goldsmith citadas no ensaio “Pontes Conceituais/Túneis Digitais” in PERLOFF: 2013, p. 247. (\* *Traffic*, um *livro conceitual*)

<sup>571</sup> Neologismo: estante + instantâneo.

<sup>572</sup> De pernas para o ar a minibiblioteca, coincidência rara, procuro por uma passagem sobre pique-esconde, que recordo está em um folhetim.

<sup>573</sup> LAO-TZU. *Tao-Te King*: 2006, p. 59, 72.

<sup>574</sup> Detalhes que nem fotografias em 360° poderiam melhor descrever, permitem que um estilista, um arquiteto, um paisagista, um cenógrafo possa reconstituir a atmosfera do vestido, da balastrada, do abajur de maneira tão real e perfeccionista, que até as versões originais, que eram uma armadura à moda *Brancaleone da Norcia*, ficariam encobuladas ao verem em outros cinemas (o *Paradiso* queimou), a pompa hollywoodiana.

<sup>575</sup> Alusão ao *Naturalismo*.

simplesmente detalhes panorâmicos da personagem central (interiores e exteriores), mas a história da dinastia inteira, dos amigos e inimigos que o circundam, dos primos de diferentes graus e seus respectivos animais de estimação, já ia me esquecendo das bisavós e *tá-tá-rá...*, da vila homérica inteira<sup>576</sup>, e do dia-a-dia de cada conviva, citando o nome timbrado dos lugares, o pedante nome científico dos animais e das plantas,...

...ao presentear-lhe com a flor rara e deslumbrante que havia colhido, no dia anterior, na beira de um perigoso penhasco. A mãe queria saber o nome da flor (...) Sinto-me incomodado toda vez que percebo como até as flores tão amadas de Deus são classificadas, assim como nós, em castas<sup>577</sup>

...pontes e ruas anunciadas (no exato momento em que adivinhe: se está nelas, se recordou delas, se projetou elas...), para somente então, situado *deterministicamente*<sup>578</sup> situado (isto é uma ficção!), narrar o fio da meada onde o autor, sem pular etapas, *step by step*, queria chegar (não em qualquer lugar...<sup>579</sup>).

Claro, que em alguns lagos se quereres *Seiva*, terás de cultivar a *Paciência dos Pescadores* –, a vida é tão passageira, talvez seja melhor ir saltando algumas paisagens, *capturando instantâneos da anedota*<sup>580</sup>.

É verdade, essas descrições são tediosas; não há leitor que não as pule, contente no entanto por elas estarem ali, precisamente para serem deixadas

---

<sup>576</sup> Ilustro este caso primeiramente com uma pequena vila e não indo além dos bisavôs, mas em nova edição, pretendo trazer mais refinamento em escalas metropolitanas, ir dos tataranetos aos tataravôs.

<sup>577</sup> HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 102.

<sup>578</sup> Alusão ao *Determinismo*.

<sup>579</sup> O leitor neste meio tempo enriquecido por inumeráveis detalhes, recordara histórias de gerações inteiras – já o *dissertando* rememora eventos traumáticos, distantes no tempo (mas não suficientemente longes). Ao apresentar um conto em sala, uma menina da qual a única lembrança que me vem agora é a pergunta (traumatizante) que me deixara: “quem eram os pais e os avós da personagem?” – então, para minha miséria, graças a esta enamorada das árvores genealógicas, fora decidido que haveria de reescrever o conto (considerado nebuloso), e efetivamente o que não fazemos no colegial por uma nota sete. Conteí quem eram os pais, mães e avós da personagem (em que trabalhavam, o que estudavam, onde moravam, e seus sonhos, a rotina, etc.). Contrapartida cruel, a personagem e o conto, deixaram de existir.

<sup>580</sup> Barthes comenta a leitura que fizera dos romances de Zola, saltando passagens para capturar a anedota em *O Prazer do Livro*.

para trás: é que temos pressa de entrar no quarto, de ir diretamente ao que vai acontecer. Mas se nada acontecesse? Se o quarto permanecesse vazio?<sup>581</sup>

« *Tel quel* »



Há de reconhecemos obras cíclicas que guardam surpresas, livros que não foram feitos para serem lidos em uma noite, mas divididos em *Mil & Uma* delas – como o *Dia* que nos brinda com luz e sombra, presenteando tempo hábil para caminhar e descansar em equilíbrio.

Entre mil e *Mil & Um*, uma diferença existe, mil é um completo número, *Mil & Um* é além número, neste *um* mora *algomais*, que nos deixa à beira dos balneários do infindo. O *Imprevisível* embrulhado numa moldura que os abre e encerra, seja da *Anônima* autora de *Noites das Arábias*<sup>582</sup>, seja Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra*, em *Decameron* por Boccaccio<sup>583</sup>, ou, num ciclo de *eterno retorno* a um modo peculiar *d’hablar*, como no caso do padre *Hilarius*<sup>584</sup> com seus *fechos d’ouro* – « *bibamus, bimabus quid*<sup>585</sup>! » – A moldura nos envolve de atmosfera, serve-nos com um ciclo que interrompe a linearidade – “a

<sup>581</sup> “A Claridade Romanesca” in BLANCHOT: 2013, p. 235.

<sup>582</sup> *Noite das Arábias* acompanha a tradução inglesa à obra, não tão bela como a enigmática *As Mil e Uma Noites*.

<sup>583</sup> Poderíamos dizer que *As Mil & Uma Noites e Assim Falou Zaratustra* são cíclicas lineares, já que a noite interrompida se faz num contínuo, a leitura em costura, existindo sempre algo mais numa próxima página, esta que se comunica com o passado e o futuro ao mesmo tempo. Em *Decameron* as histórias são tanto mais independentes entre si, embora também tenham elementos comunicantes.

<sup>584</sup> O compositor Kreisler nos conta: “Logo pude ver um beneditino que vinha cantando um hino latino enquanto caminhava por uma trilha aberta pouco abaixo da onde me encontrava.” [HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 271]

<sup>585</sup> Do verbo beber em latim. O ciclo vem em variantes como *bibamus quid* (“bebamos algo”), *ergo bibamus* (“logo bebamos”), etc. Hilarius é um apreciador (dependente químico) dos líquidos espirituosos, ele não poderia deixar de abrir seus diálogos com: “*Sed praeter omnia bibendum quid!*” (“mas antes de tudo algo para beber” [idem]. \* As traduções do latim acompanham as notas da professora e tradutora Maria Aparecida Barbosa.

moldura faz explodir o tempo”<sup>586</sup> –, muito se assemelha à *Caixa de Pandora*.

Por enquanto eu te prendo, e tua vida desconhecida e quente está sendo a minha única e íntima organização, eu que sem a tua mão me sentiria agora solta no tamanho enorme que descobri.<sup>587</sup>

Não apenas por curiosidade, mas é apenas a essência do enigma que faz *Shahrazad* viver. A ela é mister deixar algo por contar, ao abrir o baú de uma história, uma floresta doutras revela, com personagens, adoradores de maçã – eles também com a incumbência de narrar uma boa história, porque isto sempre se tratou de assunto de vida ou morte.

Cartas e caixas, sempre em suas texturas ocultando uma surpresa, o *Véu de Isis*, despidas as roupas, dentro dela escondendo consigo as maldições e maravilhas do mundo, o *Imprevisível* que são a dádiva, ou, uma decepção da desventura; abriremos ou não a *pandoriana carta*?

...uma simples pressão de dedos basta para desvendar o mistério; o momento crucial nos perturba. (...) Toda a carta que recebia assemelhava-se à caixa de pandora, pois tão logo a abria, dela brotavam mil desgraças e desventuras<sup>588</sup>

Enviar uma correspondência guarda uma sensação inevitável de precipitação, principalmente quando se guarda grandes expectativas por retorno. Uma carta tem o poder de fazer um coração palpitar com flamejante fulgor, abri-la, levantar este véu, pode se tornar o dilema de uma vida toda.

...tinha o hábito de deixar guardadas durante horas, dias inteiros, a correspondência ainda lacrada (...) um receio temeroso de revelar o segredo (...) Há um prazer todo especial no recebimento de uma carta (...) A afeição atinge as raias da mistificação. (...) E quantas esperanças se desmoronam ao rompimento do lacre, sonhos acalentados em nosso peito, a saudade ardente...<sup>589</sup>

---

<sup>586</sup> “O Autor como Produtor” in BENJAMIN. W. *Magia e técnica, arte e política*: 2012, p. 138.

<sup>587</sup> LISPECTOR, C. op. cit, p. 17.

<sup>588</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 267.

<sup>589</sup> *Ibidem*, p. 265-266.

Embora adiada a correspondência ganha as cores da *Maçã*, atraente e inevitável ela fita com sede de urgência os olhos de Eva. O tédio é sempre mais suportável quando a surpresa existe – e Eva muitos dias atravessou fitando a *Macieira*, apenas namorando a correspondência a ela destinada; a curiosidade desde os tempos remotos é considerada uma lástima, Júlio César o imune, “ao se dirigir ao local onde o aguardavam os punhais de seus amigos, recebeu um bilhete que não chegou a ler...”<sup>590</sup>

Cartas que permanecem por muito tempo sem serem abertas adquirem algo de brutal; são deserdados que perfidamente forjam uma quieta vingança por longos dias de sofrimento.<sup>591</sup>

Eva continuaria sempiterna jovial, e nós nem teríamos surgido, contudo naquele dia que habita os primeiros tempos a *Maçã* estava tão radiosa que poderia anuviar os solares raios, ela era uma mulher de carne e hormônios à flor da pele, e não resistira, dera uma mordiscada indecisa, depois fora percebendo...

Assim o homem, como tinha pleno poder sobre o mundo dos seres mortais e dos animais (...) se direcionou através da armadura dos círculos, rompendo sua cobertura ao atravessá-la (...) ao contemplar inesgotável formosura e toda a energia (...) sorria com amor a divina forma; pois a imagem da belíssima forma do homem se refletia nas águas, ao mesmo tempo sua sombra se projetava na terra. Mas o homem, quando viu sua forma em si mesma refletida na água, enamorou-se dela e desejou habitá-la.<sup>592</sup>

Eis que entre a vida (refletida nas águas) e a mortalidade (as sombras), o grande encanto pela primeira é tão portentoso que a dissolução do corpo e sua mortalidade, representada pela sombra, é mais

<sup>590</sup> “Tema do traidor e do herói” in BORGES: 2017, p. 117.

<sup>591</sup> “Comércio de Selos” in BENJAMIN, W. *Rua de mão única*: 2012, p. 59.

<sup>592</sup> “Así el hombre, puesto que tenía pleno poder sobre el mundo de los seres mortales y de los animales (...) se asomó a través de la armadura de los círculos, rompiendo, al atravesarla, su cubierta. (...) al contemplar la inagotable hermosura de esta imagen y toda la energía (...) sonreía con amor a la divina forma; pues la imagen de la hermosísima forma del hombre se reflejaba en el agua, a la vez que su sombra se proyectaba sobre a tierra. Pero el hombre cuando vio su forma en sí misma reflejada en el agua, se enamoró de ella y deseó habitarla.”[“Corpus Hermeticum” in *Textos Herméticos*: 2008, p. 83]

que suportável. O homem sempre terá em sua juventude este sabor de encanto, tanto menos consciência da morte que aos poucos aclara, para alguns na aurora, outros no anoitecer. Ao escolher ser partícipe da *Natureza*, assomou-se a *Ela*, como sacrifício o ser humano terá de conviver com o previsível, está sob a égide dos ciclos, em eterna dissolução e renovação<sup>593</sup>. Mesmo que seu pensar pertença a uma esfera mais elevada que a terrena, tanto que compreende saberes além do manto que nos envolve, embora é preciso dizer, não sejam todos os homens seres de percepção e pensantes<sup>594</sup>. A imagem refletida não é simplesmente uma vaidade, uma paixão pela forma, fora da esfera natural, o homem *imagem e semelhança* da divindade, era incorpóreo, fantasmagórico, a escolha original é um gesto de *Amor* aos *Animais*, ao *Mundo Natural*. Uma vez que o *Pensamento Primevo* engendrou os homens, estes não estavam numa posição de inferioridade como em outras cosmogonias, nas teorias herméticas, o *Artesão* concede de bom grado a participação do homem na *Esfera Demiúrgica*<sup>595</sup>.

Na alegoria do *Jardim do Éden, Adão & Eva*, também gozavam de privilégios, realizando uma escolha primordial, sobre alguns bastidores que não encontraremos em livrarias ou bibliotecas, com alguma sorte em antiquários. Sem mais milongas vos transmitirei. Contou-me um transeunte, fonte fidedigna, infelizmente não contava com gravadores para demarcar em que ponto suspirou, ou, dera uma pausa na fala como fazem os cientistas mais verdadeiros.

A memória diz, recordara de o velhinho aparentar Fênix, talvez houvesse lido as *Fábulas de Esopo* e algo na *Bíblia Ilustrada para Crianças*, se inventara a existência do livro com suas fantasias, jamais saberei afirmar – « *até ali, homens e cobras se davam muitíssimo bem. Eva, associara a barriga que não sabia por qual mandinga começara a crescer com a maçã de voluptuoso sabor, além disso ela tivera um*

---

<sup>593</sup> “Y, al fin, todas las cosas destruidas serán renovadas por la necesidad, por la renovación de los dioses y el ciclo de la naturaliza en su curso numérico” [“Corpus Hermeticum” in *Textos Herméticos*: 2008, p. 115]

<sup>594</sup> Aqui nós temos fontes afinadas, nos *Textos Herméticos* e *Primeiros Românticos* – e é vastíssima estas impressões no universo literário. No “Tratado IV” de *Corpus Hermeticum*, versa o *Pensamento* ser uma recompensa a *Alma*. O ser racional, como todos os homens são sem dúvidas, mas nem por isso os faz *Pensadores* – é também verdade que muitos considerados intelectuais, filósofos, não importa as siglas, não quebraram apesar do esmero, apesar dos carimbos protocolares, de dedicações integrais, certas barreiras de que falamos (são hiper articulados, suprarracionalíssimos; mas lhes falta algo ainda...).

<sup>595</sup> Isto é, criação tanto de artes, coisas e seres.

*sonho envolvendo macieiras silvestres e proibitivas anunciadas por uma voz oracular estridente que lembraria, sem dúvidas, um Deus do Velho Testamento, ela e Adão ficaram muito assustados, naquela época a alimentação era sem escolhas muito equilibrada, apenas produtos orgânicos faziam parte da dieta, poderiam viver milênios. Ambos não entenderam patavinas como uma colina passou emergir no ventre da moçoila, era inexplicável, e mais passou a notar que tinha algum bichinho dentro de si. Ingênua justificou ao amante, que ela só quebrara a superstição porque dera ouvidos à cobra – Adão se fez de desentendido, e a cobra escutou tudo aquilo em silêncio! Muitas gerações vieram depois, e não tardaram, em acordar o assunto que jazia em paz. Um destes descontentes no mundo descobrira que a causa de seus infortúnios poderia ter conexões com a mordiscada de nossa heroína, não demorou ericaram o processo primevo, desarquivaram a lenda e queriam crucificar alguém, discutir e apontar culpados, advogar por uns e outros. Circo armado, dali você já deve imaginar, as cobras ficaram super ofendidas, envenenadas por assim dizer, afirmando ser calúnia e jogaram a culpa toda em Eva e nos homens em geral, afirmaram que só andavam livres nas redondezas e logo se esconderam numa toca. Eva por sua vez continuou a afirmar que estas criaturas rastejantes eram de má influência, afirmou categoricamente que a culpa era delas e da maçã charmosa – ninguém sabe até hoje explicar muito bem o causo, certo que tudo isto dera muito fuxico, burburinho, bafafá, besouragem, picuinhas e até guerras centenárias em fatura – Adão vendo que o entrevero era forte, disse “ai isto não é comigo não!”, e por muito tempo não fora intimado, mas como fazem com os desertores foram buscar o rapazola pelas crinas lá no Jardim, e desde então os Adões entraram na roda e estão sambando direitinho. Existe até quem culpou a maçã, sobrou até pra Árvore, e dos Deuses do Velho Testamento, após Sodoma & Gomorra, ninguém é besta de falar. Mas se queres mesmo saber quem cometera o pecado original, terás de desvendar quem tornou a vida na Terra um calvário, uma inquirição, talvez encontre um destes tipos nos últimos andares subterrâneos que Dante descrevera... ».*

...não sou um crítico. Sou somente aquele a quem se julga e assiste ao julgamento.

– E o juiz? – perguntei.

Na verdade sou também o porteiro. (...) Sem dúvida sou um porteirinho auxiliar. (...) – Kafka começou a rir.<sup>596</sup>

– “...eu, o Pensamento, não consentirei (...) posto que sou o guardião da porta, fecharei todos os acessos expulsando fora as imaginações dos atos maus e desonrosos”<sup>597</sup> – “cá estou com minhas previsíveis digressões, de modo que retomemos a narrativa”<sup>598</sup>.

Mas é aquela vírgula numa posição errada que deixa meus dedos carentes por fósforo riscar? É este *Duplo* que me segue, sempre mais criterioso, imaginando o que os outros irão pensar, risca e apaga-me – completa em si mesmo o ciclo de escrita, publicação e crítica; superando-os leva ao *Fogo* com um sorriso ocultista.

Quem sabe algo de substancial nesta *Escultura*, talhada em parte nas oficinas de nosso interior, ao olhar para o que éramos ou escrevemos, reconheçamos sinais claros de um descaminho, ou então, desvirtuados, percamos o tato para perceber que não, aquela era a famosa trilha para o *País das Maravilhas*.

Se reconhecermos que o *Eu de Hoje* dialoga com o *Eu do Futuro*, com a consciência que este *Eu Futuro* esquecerá muitas passagens e poderá possivelmente desvalorizar reflexões do *Eu do Passado*, afinal estará como dizem, maduro e lerá tantos livros mais.

...conservou, de sua ingenuidade inicial, apenas o necessário para dar às suas ricas capacidades um tempero imprevisto. Quando encontra um desses ensaios de sua *fase juvenil*, ele o rasga ou queima com uma vergonha das mais cômicas.<sup>599</sup>

Com que horror o *Eu Futuro* identificará possíveis erros, que não precisará nem mesmo da figura de um juiz, para ser injusto e cruel para consigo. No espaço-tempo presente enviamos charadas, enigmas e mensagens em epifania, a esta projeção de nós mesmos, para as próximas páginas do porvir...

Esta narrativa não teve como referência inicial um ponto final. No movimento de ler e reler (...) de forma aleatória, a cada instante são ocasionados

<sup>596</sup> JANOUGH, G. *Conversas com Kafka*: 2008, p. 12.

<sup>597</sup> “yo, el Pensamiento, (...) puesto que soy el guardián de la puerta, cerraré los accesos expulsando fuera las imaginaciones de los actos malos y deshonoros.” [“Corpus Hermético” in *Textos Herméticos*: 2008, p. 88]

<sup>598</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 271.

<sup>599</sup> “O Pintor da Vida Moderna: III. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança” in BAUDELAIRE: 2010, p. 22

momentos diferentes – hoje se escreve algo, amanhã se escreve algo semelhante ou completamente diferente, nunca é igual. Porém, nada tira a beleza de um momento aproveitado na sua profundidade reflexiva.<sup>600</sup>

...como anotar um sonho sem saber o real significado, um instante particular vivo na *Flora & Fauna dos Pensamentos* que lhe conquistara atenção, que com algum motivo oculto – não raras vezes a si mesmo – traz mensagens que transbordarão, num futuro em que os baús do passado serão abertos e as passagens visitarão as praias de infinitos outros *Eus*.

A impossibilidade de se retirar a beleza dum momento, é uma correspondência ao futuro, uma mensagem que clama um espaço de vida « – *ei, este seu momento à posteriori poderá não ser mais profundo que este em que estou...* ». Uma espécie de *Cassandra* inerente ao *Artista*, onde mesmo profetizando, e se precavendo quanto às atitudes de sua própria personalidade no futuro, prevê que ficará irresistivelmente fígado por um desejo, inexplicável e incandescente de renascer. “O encerramento não é sempre encerramento. Ele pode ser abertura infinita”<sup>601</sup>.

Que santificados do Absurdo os artistas que queimaram uma obra muito bela, d’aqueles que, podendo fazer uma obra bela, de propósito a fizeram imperfeita, d’aqueles poetas máximos do Silêncio...<sup>602</sup>

Mais leituras e maior erudição não conduzem necessariamente a um aprimoramento criativo. Se a *Arte* fosse fruto da lógica, a última *Obra* de um *Artesão* seria o inevitável endereço de sua *Obra Prima*, quando não, alguns a realizam na infância, outros a trazem na velhice – e não faltam aqueles que não trazem, não levam, e vieram ao mundo como quem vai a um piquenique (isto me parece genial). Bem, vamos abrir um baú:

Reli alguns papéis velhos. Necessita rogar por todas as forças para suportar isso. A desgraça que significa ter de interromper um trabalho que apenas terá êxito se escrito em um fluir sem paragens; e até agora isso é o que me ocorre sempre; numa releitura volta a experimentar essa

<sup>600</sup> CONTE, Ivan. *História com K.*: 2007.

<sup>601</sup> “Com Nelson Mandela” in JABES, E. *O Livro das Margens*: 2014, p. 272.

<sup>602</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 70.

desgraça, concentrada, ainda que não com tanta intensidade como antes.<sup>603</sup>

O instante de interrupção da escrita percebida como uma *pedra no caminho*,...

Mal interpretada

Uma estrada

É um obstáculo<sup>604</sup>

...uma nova releitura já não com o fulgor da intensidade original. O evaporar da epifania, *Pássaro Indomesticável* que poderá não mais retornar. “É o medo de não agir com suficiente rapidez, de deixar o fantasma fugir antes de extrair e colher a sua síntese”<sup>605</sup>. É com o vapor que a *Chuva* se faz vindoura, evaporar não significará o fim, mas apenas um recomeço; “...não se desolar demais com os tempos de interrupção (...) arejam o assunto e o penetram de vida real”<sup>606</sup>.

Inegável que só pesca quem se mantém “em um estado entre o sono e a vigília, condição considerada pelos espíritos poéticos como ideal...”, atingindo o *Estado de Exaltação, Transe, a Iluminação*:

Estava até tal ponto do dia submerso em profundas reflexões sobre os seres, que teria a mente extraviada nas alturas e meus sentidos entorpecidos, como na sonolência que sobrevém após alimentos em abundância ou esforço físico intenso. E nesse estado, pareceu-me se apresentar um ser imedível...<sup>607</sup>

---

<sup>603</sup> “8 de marzo de 1912 (...) Releí algunos papeles viejos. Se necesita apelar a todas las fuerzas para persistir en eso. La desdicha que significa tener que interrumpir un trabajo que sólo puede salir bien si se lo termina de un solo envión; y hasta ahora eso es lo que me sucedió siempre; al releer uno vuelve a experimentar esa desdicha, concentrada, aunque no con tanta intensidad como antes.” [KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 182]

<sup>604</sup> KALUNGA. “Havia uma Pedra” (de janeiro de 2017). \* Kalunga: Alexandre D’avila, o poeta do Ribeirão da Ilha.

<sup>605</sup> “O Pintor da Vida Moderna: V. A arte mnemônica” in BAUDELAIRE: 2010, p. 41

<sup>606</sup> GIDE, A. *Diário dos Moedeiros Falsos*: 2009, p. 24.

<sup>607</sup> “Estaba hasta tal punto un día sumido en profundas reflexiones en torno a los seres, que tenía mi mente extraviaba en las alturas y mis sentidos abotargados, como en la somnolencia que sobreviene tras una comida abundante o un esfuerzo físico intenso. Y en ese estado, parecióme que se presentaba ante mí un ser enorme...”[“Corpus Hermeticum – Tratado I” in *Textos Herméticos*: 2008, p. 71]

Escrever num movimento contínuo, como um *Bebê* que bate à porta com a sede inadiável do nascer a proclamar. É com as dores do parto que Kafka descreve o nascimento de *O Veredicto*<sup>608</sup>. Seria ela uma obra acabada? Ou, ela revive e ganha outros contornos em *A Metamorfose*<sup>XXVIII</sup>? E de *A Metamorfose* para *O Processo*, e deste para *O Castelo*? Que são afinal, *Construções*, mas que o princípio poderia morar em *O Sonho*?

Mas é a última versão, fruto dessa releitura que é sempre reescrita, que permanece?

(...) jovem, é o último toque de pincel que conta. Meu discípulo dera cem pinceladas, logo eu uma. Ninguém aprecia o que existe por detrás. Guarde bem isso!

Enfim esse demônio parara, e...<sup>609</sup>

Talvez em analogia a obra seja esta “mais ou menos minha vida último estado última versão”<sup>610</sup> ...

*Ensaaios e ensaios*

*Ensaaiando escrever*

*Saio deste corpo*

*Para livro alvorecer*

Na *Alquimia do Verbo*, quantas palavras o *Poeta* tecerá? O *Poeta* não aquele que mil palavras costura, mas no arranjo de algumas dezenas, traz a constelação de *Mil & Uma* outras, esculpindo-as, de sete pinceladas fará uma, que sintetiza outras sete.

...um pintor, que, não se contentando em fazer simplesmente o esboço da história, para completar o quadro e conformar sua arte à natureza, também pinta as pedras, as montanhas as árvores, os rios, as colinas, e vos faz ver aqui um palácio real, ali uma selva, lá um pedaço de céu (...) um pássaro, um porco, um cervo, um asno, um cavalo (...) embora basta fazer ver deste uma cabeça, daquele um chifre, do outro uma anca, deste as orelhas,

<sup>608</sup> A descrição do nascimento de *O Veredicto* se dera entre os dias 22 e 23 de setembro de 1912 – escrevera num fluxo único e sem interrupções. O relato está em seus Diários, do dia 23 de setembro de 1912.

<sup>609</sup> « *Vois-tu, petit, il n'y a que le dernier coup de pinceau qui compte. Porbus en a donné cent, moi je n'en donne qu'un. Personne ne nous sait gré de ce qui est dessous. Sache bien cela!// Enfin ce démon s'arrêta, et...* » “Le Chef-d'œuvre Inconnu” in BALZAC: 1851-1853]

<sup>610</sup> BECKETT, S. *Como é*: 2003, p.11.

daquele a imagem inteira (...) com um gesto e uma expressão...<sup>611</sup>

A palavra riscada, continua a nos trazer certa nudez indecisa, também poética, a quem sabe apreciar um manuscrito, em perceber que uma *Poesia* tivera inúmeras versões, a *Incompletude* não é um momento vivido apenas no território do findar, mas um durante *findouro*<sup>612</sup>, que nos deixa à beira de infindas encruzilhadas.

Compreendi quase imediatamente; “o jardim de veredas que se bifurcam” era o romance caótico (...) bifurcação no tempo, não no espaço (...) Em todas as ficções, cada vez que um homem se defronta com diversas alternativas, opta por uma que elimina as demais; na (...) inextricável, opta simultaneamente, por todas. *Cria* (...) diversos futuros, (...) tempos, que também se proliferam e se bifurcam.<sup>613</sup>

Um inacabar alçado ao plural, neste devaneio, onde um maravilhoso escritor por nós desconhecido ousara, bordando *odisseias* inteiras nos mares dos pensamentos, por algum indeciso naufrágio materialmente nada escrever. Certos pensamentos que por algum motivo ou outro abolimos traz tesouros, será na aurora doutro dia, num outro alguém (ou em nós mesmos), reciclados.

Entre tanta prosa e poesia, chegara aos nossos ouvidos uma música estranha, um *rãcantar*, reconhecamos que a olímpica morada também já fora palco de muita *lavação de roupa-suja* entre *Poetas*.

...escriturários (...) aos borbotões,  
falantes pelos cotovelos mais que Eurípedes?  
(...) bons só no gogó, a musa  
de quem corrompe a técnica (...) o papagaio<sup>614</sup>

Concisão e profundidade para em uma *Efêmera Estante Primordial* morar<sup>XXIX</sup>, conhecer os vizinhos, trazer o antigo em mescla ao contemporâneo<sup>615</sup>, sem artificiais hierarquias, falsas vaidades, gessos

<sup>611</sup> BRUNO, G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 9-10.

<sup>612</sup> Antes *o dissertando* escrevera *findante*. \* Pós-escrito: depois refletira sobre outro aspecto, não era preferível *dissertante*? \*\* Pós-pós-escrito: Anoitece, lia *Os Autores no Exílio...* – « *Até quando, ser um eterno gerúndio? Miséria, oh destino!* » tartamudeei ilhado, escondido por entre as notas de rodapé...

<sup>613</sup> “O jardim de veredas que se bifurcam” in BORGES: 2007, p. 89.

<sup>614</sup> ARISTÓFANES. *As Rãs*: 2014, 26.

<sup>615</sup> “poderia imaginar uma história sagrada com trajes modernos” [HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 355]

regionais, *mumificando*<sup>616</sup> o talento dos convivas, ao mesmo tempo em que, contornamos de pneuma o *Espírito Antigo*. Algo a salvar se faz ontem, uma *Biblioteca de Alexandria* permanente a chamuscar, atemporal e aos berreiros, o dilema da *Arca de Noé*, onde uma *dieta*<sup>617</sup> se faz causa para *Elefantinho* ingressar, na companhia do *Coelho* pelo funil da porta, *No País das Maravilhas*.

Tão logo recebi de ti a arte obesa  
da bravata, da qual pendia a parolice,  
tratei de impor-lhe dieta: retirei gordura  
com giro, acelgas laxativas, palavrinhas  
e suco de conversas que espremi dos livros<sup>618</sup>

Além de Édipo, *Dioniso*, sem desejar perigos e sofrimento como um perfeito *Macunaíma*, seguindo a oculta *via expressa* dum caminho desejoso de *só descida* – logo atleta naquela era... era a pedra – encontrara a secreta, seleta passagem para os vivos, para nos *subterrâneos reinos do Pluto*<sup>619</sup>, deus este que fora um dos raros a não emigrar, como nos adverte o *Poeta Exilado*, após o triste advento, *A Queda do Paganismo*.

Dioniso como dizia, na companhia do sempre-quase fiel escudeiro Xântias, seguiram até as últimas catacumbas nas galerias do submundo, para lá no quintal de Mefistófeles<sup>620</sup> resgatar, somente um único *Poeta* da antiga geração, aquele que desse *melhor conselho* para salvar(-nos,) *Atenas*<sup>621</sup>.

Adoradores de contexto nos dirão que a *Arca de Noé*<sup>xxx</sup> e a *Biblioteca de Alexandria* estão distantes, citarão datas, marcos e fatos com que são enamorados para nos ludibriar. São as armadilhas dos soprados por ponteiro, perceberemos outras finas camadas de enlevo,

<sup>616</sup> Mumificar no sentido de compartilhar com o futuro, preservar.

<sup>617</sup> Quem falará da *dieta* ironicamente em *As Rãs* – comédia de Aristófanes – é Eurípedes em diálogo com Ésquilo (o chama de *antiproseador* – já Ésquilo, o acusará de ser muito *dado a bate-papos, ao falatório*, influenciar a tagarelice nos mais jovens).

<sup>618</sup> ARISTÓFANES. *As Rãs*: 2014, 65.

<sup>619</sup> “Plutão, o deus do mundo subterrâneo, e seu irmão Netuno, o deus dos mares, não emigraram como seus parentes...” [HEINE, H. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 59]

<sup>620</sup> Corruptela. (\* Hades)

<sup>621</sup> “atrás de poeta, tendo em vista a salvação/ de Atenas, que preserva os festivais teatrais./ Comigo levarei quem for capaz de dar/ melhor conselho à cidadela.” ARISTÓFANES. *As Rãs*: 2014, 86.

atemporais, elas não estão num oceano distante ou no mofa dum arquivo público, mas nos *imos mares* – então notarás que esta *Biblioteca* e esta *Arca* ressonam dentro de ti, e se bem não semear pureza, vem barqueiro *Caronte* e age entre as sinapses em conjunto ao *Cérbero*.

Vejo com isso, que você já percebera quem está ali, diante de nós, através desta janela que chamam Idade Média (por usualmente mediana ser o conhecimento dela), já longevo, nas abas dum século de vida, perambula em seu quarto.

Maldito, abafador covil,  
Em que mesmo a celeste luz  
Por vidros foscos se introduz!  
Opresso pela livralhada,<sup>622</sup>

Atônito e reflexivo dirige o olhar para a “estatueta incompleta de Cristo carregando a cruz”<sup>623</sup> – ela lembraria um personagem kafkiano, pensara<sup>624</sup> – acende um castiçal e passa a remexer uma montanha de papéis com alguma agitação elétrica. Um dia tu percorres o que escolherás levar e deixar de ti.

No quarto de dormir de Michelangelo foram encontrados alguns desenhos, mas em número muito pequeno se comparado a tudo que tinha feito ao longo dos anos. (...) Dos milhares de outros desenhos que fez, alguns tinham sido distribuídos, outros permaneciam em Florença, onde ele não punha os pés havia pelo menos trinta anos, mas muitos tinham sido deliberadamente destruídos pelo próprio (...) numa série de fogueiras, uma delas pouco antes de sua morte.<sup>625</sup>

Não serão os bastidores, os documentos íntimos, os rascunhos e esboços, camadas e estudos, estas dez mil páginas por ti atiradas ao calor das labaredas, que são parte da *Obra Prima* acontecer, o mais curioso por saber? Seriam diários e cartas, documentos íntimos, verdadeiras *Obras de Arte*? O que se quer esconder – a humanidade, o erro, o rascunho e esboço que antecede a obra, a infância, o trauma, o

<sup>622</sup> GOETHE, J. W. *Fausto: uma tragédia* (primeira parte): 2013, p. 65.

<sup>623</sup> GAYFORD, M. *Michelangelo: uma vida épica*: 2015, p. 25.

<sup>624</sup> “É vital. Fiz do anacronismo deliberado e da atribuição errônea uma ética de leitura” [ANTELO, R.: 2014/2, p. 15] \* palavras de Raul Antelo sobre anacronismo presentes no quadro “entre miradas” da revista *Outra Travessia*.

<sup>625</sup> GAYFORD, M. *Michelangelo: uma vida épica*: 2015, p. 25.

passado humano do futuro divino?<sup>626</sup> Ou, talvez nada disso, apenas um desejo de retorno ao silêncio, preferência pela *abstração* que pela *concretização*<sup>627</sup>, o fenecer diante da “sensação de não ter alcançado a linguagem (...) capaz de revelar o divino”<sup>628</sup>, um simples arrumar o quarto íntimo que em breve receberá visitas estrangeiras – “mentes meticulosas, que antes da morte gostam de botar em ordem até o menor grãozinho de pó e não podem se permitir deixar o mundo sem explicações”<sup>629</sup>.

“Neste ponto – o editor precisa indicar ao caro leitor”<sup>630</sup>: inúmeros parágrafos aqui pegaram elevador, uns subiram enquanto outros desceram; alguns ainda sucumbiram e há aqueles que renasceram – se este parágrafo encontrara a *Alma-Gêmea*<sup>631</sup> de aqui estar, antes houvera um duelo interior por territórios. Diante de insondáveis divagações, miraculoso é sobreviver – uma voz sugere aqui ou acolá « *Oxalá algo é preciso interromper!* ». Enquanto um gênio confidente nos murmura « *viva e cante, compartilhe e grite, colha teus estilhaços, salve-os dos perigos da fogueira* ».

– “Fogo! Fogo! Tragam água!”<sup>632</sup>

Vem e vê, nós neste ônibus rumo ao futuro do pretérito, nos espaços vagos lemos fragmentos, no balouçar da *caravela motora*, seja aérea ou terrestre, entre o rugido da cadência, sintonizamos as frequências; sempre próximos a uma janela com seus respingos luminosos que dão necessário bronze às nossas páginas.

...da vidraça de um café, um convalescente,  
contemplando com prazer a multidão, mistura-se,

---

<sup>626</sup> Estas perguntas remexem questões interiores amplas aos artistas – embora o ar provocativo de “O que se quer esconder...”, poderíamos nos perguntar igualmente, “O que se quer exibir...”. Pairando sobre estas questões, não nos admira, iniciarmos também uma *fogueira alegre*.

<sup>627</sup> “Kafka (...) se move em direção (...) a abstração em vez de para a concretização” [“Mito e estilo maduro” in BLOCH, H. *Espírito e Espírito de Época*: 2014, p. 125]

<sup>628</sup> Posfácio por Marcelo Backes in BROCH, H. *A Morte de Virgílio*: 2013, p. 509.

<sup>629</sup> “Athenäum” in SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 80.

<sup>630</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 388.

<sup>631</sup> Pós-escrito: recordação das talentosas gêmeas Isabela & Mariana B.

<sup>632</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 159.

pelo pensamento, a todos os pensamentos que se agitam em torno dele.<sup>633</sup>

Ora nas alturas, ora nas ruelas do cotidiano, numa roda gigante de costurar pensamentos nestes vagões anônimos, já não andamos de *liteira*, dos particulares *fones d'ouvido* da vizinha que não contente aos quatro ventos deseja o belo gosto musical invadir alheios caracóis, morando em diferentes casinhas, uma liberdade laceia outra. « *Talvez em casa escreva* », agora simplesmente vamos nesta leitura esvoaçada, neste pensamento preso à existência da *Maria-Fumaça dos Pensamentos*, entre solavancos perdidos no caminho umas mãos me chifram com doces « *com licença!* ». Suspiro « *Ai como almejaría estar numa idílica paisagem* ». Algumas luzes já vão minguante, nesta violência ao corpo e *Alma* que é atravessar catracas, neste mais *novo batismo* com que somos recepcionados, entregues de mãos em mãos por entre arames farpados<sup>634</sup>.

Quando no *Dialeto dos Fragmentos* mergulhados, a *Poesia* desejando novamente respirar, vez ou outra irrompe uma voz, parece soar semiperdida. « *Este é Abraão?* » – ela diz. « *Sim!* » – sem preciosismos nós, talvez um gesto... Curioso estar na primeira pronúncia, no estímulo antecessor ao primeiro som, e já intuir a preocupação alheia de estar perdido curada, coberta e aquecida.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente...<sup>635</sup>

Como é saboroso nos perdermos nas enviesadas ruas *d'Ouro Preto*, como essas ruas quadriculadas à moda *50 anos em 5*<sup>636</sup> são tão óbvias, como é possível escrever *Poemas*, mas raro viver *Poesia* – hoje

<sup>633</sup> “O Pintor da Vida Moderna: III. O artista, homem do mundo, homem das multidões e criança” in BAUDELAIRE: 2010, p.24

<sup>634</sup> “Hope for a New Life” de Warren Richardson, fotografia vencedora do *World Press Photo of the Year*, mostra um homem passando um bebê para outras mãos através de uma cerca de arames farpados na fronteira da Hungria com a Sérvia, no dia 28 de agosto de 2015.

<sup>635</sup> “Infância em Berlim por volta de 1900: Tiergarten” in BENJAMIN, W. *Rua de mão única*: 2012, p. 73.

<sup>636</sup> Um do lemas do governo J. K.

inundados pela alta burocracia, ao retiramos nossas flautas pastoris e *aramenbis*<sup>637</sup> em vez de cartões de crédito-identificação de nossas algibeiras, e carecermos não de alhos como os antigos, mas nos for restrito estes modernos repelentes *d'afasta incômodo*, os cobiçados *distintivos d'outaridade*, e se passamos a flautear demoradamente a namorada *Lua* de bolsos leves, sem relógio e com boca doce, somos logo abordados pelos de verdinho uniformes, acusados de *saudosa vadiagem*.

Que aparência é essa? Aposto que estava fazendo peraltices como o cavaleiro no jardim encantado e acabou se dando mal.

Ao dizer isso, o mestre fez ecoar, para meu desgosto, uma estrondosa gargalhada. Após encher um recipiente com água morna, mergulhou-me lá dentro algumas vezes sem cerimonia alguma, fazendo-me perder visão e audição entre espirros e bufadas, enrolou-me em flanelas e estendeu-me em meu cesto. Estava a ponto de perder os meus sentidos, a raiva e a dor física me impediam de mover um músculo que fosse. Finalmente o calor surtiu em mim um efeito benéfico e as ideias mais uma vez se ordenaram. Queixei-me:<sup>638</sup>

E quando à moda Romeu, atiramos pedras nas janelas e cantamos serenatas noite adentro, não nos surpreenderá, nada simpáticas *acusações de perturbação da tranquilidade alheia*: Romeu morreu e Julietas não existem mais!

Ó “suspiros (...) meu ser nutria  
(...) erro em que jovem me perdia”<sup>639</sup>

“– Ah novas amarguras a vida me traz! Eis portanto o amor que em tantos belos versos celebrei, o bem supremo a nos conceder o inexprimível gozo que deverá nos elevar aos céus.”<sup>640</sup> Querem-nos nas indústrias enamorando parafusos – toda expressão de sentimento desvirtuado, falsas concepções de fraqueza engendradas, pois o forte é aquele que se sacrifica à *Deusa Industrial*<sup>XXXI</sup>.

<sup>637</sup> “E de repente, o órgão das florestas,/ Entoa aramembi formosos hymnos;/ Pulsa de amor o coração às festas/ Da luz e os sons que se ouvem, tão divinos” [Cf. SOUSANDRADE, J. de. *O Guesa*: 1884, p. 55]

<sup>638</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 204.

<sup>639</sup> PETRARCA, F. *Cancioneiro*: 2014, p. 39.

<sup>640</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 204.

Não se perderás, agora sabes estamos rumo a *Abraão*! Será mesmo *Abraão* vizinho ao *Gênesis*? Uma olhadela, logo nosso ponto de paragem se aproxima, chega de pensamentos loucos, hoje e amanhã, puxamos a cordinha, envoltos pelos giros dos *Sete Governantes*<sup>641</sup>, vez ou outra, algumas pistas da *Misteriosa Vida* a gente descortina, nas cartas que se abrem, talvez e eis a ruptura do destino...

O *Mestre* e os discípulos em *A Obra-prima Ignorada* parecem acreditar numa arte irretocável, envolvido o triângulo num esquema piramidal de admiração, uma escada de sapiência, onde o *Ancião* no cume da pirâmide estaria mais próximo à revelação em seu recitar poético. A *Cortante Musa* que carecia lhe é ofertada, na ganância de apreciar o processo alquímico, o *Aprendiz* mesmo enciumado cede aos apelos do *Discípulo*. Com a *Musa* em seu íntimo ateliê, o *Mestre* viverá o *Nirvana*? O momento supremo de êxtase surgirá, com ele o desejo de destruição lhe visitará? Será esta *Voz* que lhe visita, a mesma que flertara o *Poeta*, *vinda* dos âmagos de sua própria alma ou *doutro lugar*?

...vinha-lhe a ordem de aniquilar tudo o que já fora feito, de comburir tudo o que em algum momento escrevera ou poetara (...) todas as suas obras deviam ser queimadas, todas e também a *Eneida*, assim ouvia ele a mensagem no inaudível...<sup>642</sup>

A realização em plenitude, poderá como punição, levá-lo a perder o sentido da eterna busca que a *Arte* requer? A vida do *Artista* não se fará visível apenas em seu instante de ebulição: “*nada terá tido lugar senão o lugar*”<sup>643</sup>? Se a *Obra Prima* chegara à completude, qual o sentido de ainda viver? Ou, porque justamente ela vive, todavia o *Livro Absoluto* não realizado, o anseio por atingir o círculo pleno faltando alguns pequeninos intermináveis detalhes, uma *Voz* conclamando o *retorno*<sup>644</sup>, seduzindo-o para abraçar o elo entre princípio e fim.

<sup>641</sup> Os Planetas.

<sup>642</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 183.

<sup>643</sup> Cf. “Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso” in MALLARMÉ: 2013, p. 148-173.

<sup>644</sup> “...pois cabe ao retorno completar o círculo do destino...” [BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 48]

Os discípulos poderiam observar, mas soara invisível, sem tato para o *inaudível*, como um ocidental prosaico diante dos pensamentos de Buda? O que sabe-se lá acontecera ao *Ancião*, alucinação ou *quinta essência*, coisas da *quadridimensão*, *Lolita*, ou, de repente Kandinsky<sup>xxxii</sup>, é para interpretação areia-movediça.

Ao desgostar da criatura, o autor poderá em um ato, num impulso e explosão de sentimentos destruir algo que fora a sua própria vida, ou, de a desilusão de que a obra é uma vida – e agora rival (um dúplice) e insuportável?

...ou infiel à mensagem que ele tinha a passar ou inferior ao silêncio. Talvez quisesse destruí-la simplesmente porque a considerasse literariamente imperfeita.<sup>645</sup>

Ou, perfeita em demasia e nada mais almejar? Esta nova vida, transposta ao manuscrito, ganhando sua autonomia, para além do autor, este pertencimento que lhe foge “(porque o que para ele é fracasso para nós parece um caminho, pelo menos o sinal de um caminho)”<sup>646</sup> – como quem relê seus velhos papéis e reconhece neles colírios de grandes novidades, ao contemplar germina pingos de ardente desejo, inexplicável e enigmático, abraçar a pureza que apenas o “superior” silêncio nos traz? – piromancia.

Ele cria, e ainda assim nada tem.  
Age e não guarda coisa alguma.  
Realiza a obra,  
não se apega a ela.  
E, justamente por não se apegar,  
não é abandonado.<sup>647</sup>

Retocar infinitamente, ou, após uma temporada meditativa, em algumas pinceladas certas fazer e acontecer. Recordar-te de teus pensamentos passados uma temporada – em alguns segundos?

As coisas não são assim tão compreensíveis e divisíveis como quase sempre gostaríamos de acreditar; a maior parte dos acontecimentos é indivisível, ocorre num espaço em que nunca entrou uma palavra, e as mais indivisíveis de todas

<sup>645</sup> BLANCHOT, M. *A Parte do Fogo*: 2011, p. 23.

<sup>646</sup> CORTÁZAR, J. *O Perseguidor*: 2012, p. 58.

<sup>647</sup> LAO-TZU. *Tao-Te King*: 2006, p. 38.

são as obras de arte, existências misteriosas, cuja vida perdura ao lado da nossa, que perece.<sup>648</sup>

A obra diante do autor se rebela – um ser ainda com força vital, sente que é proprietário do destino de seu próprio corpo, mas por acaso o destino mostra não ser – “insistia como um louco, ameaçando quebrar os vidros da cabine de som se não provassem que o disco tinha sido anulado”<sup>649</sup> – e sua vida, e seu corpo, e seu livro, e seu disco outros humanos, feito deuses experimentaram veredictos: “Os mortos são bem frágeis”<sup>650</sup>.

“*Queimem, por conseguinte: não há ali nenhuma herança literária, meus pobres filhos.*” Ainda mais: ele recusa qualquer ingerência estrangeira e qualquer exame curioso: o que deve ser destruído deve ser subtraído previamente a todos os olhares. “*Não submetam nem mesmo à apreciação de alguém: ou recusem toda ingerência curiosa ou amical. Digam que neles não se distingue nada, o que aliás é verdade.*” Vontade firme, vontade imediatamente negligenciada e tornada vã.<sup>651</sup>

A música capturada numa gaiola, o eterno não parece redentor e se assemelha à morte, mas o amor à *Natureza*, ser parte dum ciclo, onde toda uma vida foram alguns segundos naqueles segundos, onde revivê-los é forte demais, numa expectativa por novas e novas páginas – Kreisler neste instante rasga suas composições.

– “Já não é tua obra, é (...) de todos nós, sim nesse sentido, nós todos colaboramos nela, que é, afinal, (...) do povo (...) e de sua grandeza.”<sup>652</sup>

Escrever é mimese demiúrgica – ninguém é *Escritor* sem concomitantemente ser *Escritura*. É surpreendente, que guardemos uma grande impressão que amanhã daremos continuidade à construção, mas dentro do *Livro da Vida*, por mais que domesticuemos o tempo, existe algo de indomável, incapturável, que nos leva, que nos desenha, que nos... (deixa pra lá!) – tudo que somos é permeado, de previsível e imprevisível, são elementos indissociáveis. A felicidade só é reconhecível por conhecermos o sabor amargo da dor. O *Espírito*

<sup>648</sup> Carta de Rilke “A Franz Xavier Kappus” (Paris, 17/02/1903) in RILKE, R. M. *A Melodia das Coisas*: 2011, p. 143.

<sup>649</sup> CORTÁZAR, J. *O Perseguidor*: 2012, p. 45.

<sup>650</sup> “O livro por vir” in BLANCHOT: 2013, p. 339. (\* Nota de rodapé.)

<sup>651</sup> Idem.

<sup>652</sup> BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 323.

*Artístico* inicia com a percepção, sem muitas explicações, que se está envolto numa missão, – “nesse momento minha existência imediata tem algum propósito, ainda que este seja bastante duvidoso,”<sup>653</sup> – um sentimento intenso, dúbio, de iluminação – daí a atração pelo *Deserto*, pela *Floresta* e *Alto Mar* – a solidão não é um território vazio, mas um reino onde o *Ser* encontra um universo dentro de si (*Pessoas*), a fluidez almejada, a verdadeira harmonia que debaixo das asas *Ave Cesar*<sup>654</sup> será sempre serva e fadada às “grandes linhas fantasmagóricas (...) distanciada do que é humano”<sup>655</sup>. A verdade: nunca se está sozinho numa *Biblioteca*, numa *Floresta*, num *Deserto* ou em *Alto Mar*, mas inúmeras vezes estamos sós em meio à multidão; ao menos até o momento em que se encontra um *Homem na Multidão*, um duplo nesta *Tabacaria Terra*<sup>656</sup>.

A obra enquanto corpo também viverá seus processos e julgamentos, também precisará cruzar fronteiras por entre os espinhos *d’arames farpados* e rogará por cair nas mãos dos bons e velhos espíritos fraternos, todos os que disseminam sementes para além das pradarias de seu próprio reino.

Ironia: *O Processo* viver um processo<sup>657</sup>, novamente sem indício de qualquer crime ou culpa, a não ser o meritíssimo crime praticado por quem julga e com ares de sem culpa, agarra-se à alegoria de Pilatos, lava-te as mãos, gesto ritualístico de purificação, mas antes deixa-te ouvir: *vocês sabem o que fazem!?*

É misterioso os motivos de Balzac, seria a plenitude ou a ausência que impelira o *Mestre* ao fogo, seria a vaidade ferida pela incompreensão, a ironia de seus antigos admiradores? Teria o *Mestre* pincelado à pós-moderna em tempos de alto realismo?

Então aconteceu o extremo. Tirei os pesados manuscritos e os rascunhos do romance de uma gaveta e comecei a queimá-los. É muito difícil fazer isso, porque o papel escrito queima a contragosto. Arrancava os rascunhos, quebrando

<sup>653</sup> “16 diciembre [1911] (...) en ese momento mi existencia inmediata tiene algún propósito, aunque éste sea bastante dudoso” KAFKA, F. *Diarios*: 1953, p. 133.

<sup>654</sup> “...perceba a nulidade do indivíduo perante a autoridade absoluta do Estado” [BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 330]

<sup>655</sup> Cf. BROCH, H. *A morte de Virgílio*: 2013, p. 378.

<sup>656</sup> *A Tabacaria*, obra de F. Pessoa; *O Homem na Multidão* de E. A. Poe.

<sup>657</sup> Partes consideráveis dos manuscritos kafkianos estão em posse de Israel, por meio de um processo...

as unhas, e os colocava de pé entre as achas de lenha, remexendo as folhas com o atizador. De quando em quando as cinzas me venciam, sufocando a chama, mas eu lutava contra elas, e o romance, mesmo resistindo, obstinado, estava perecendo. Palavras conhecidas cintilavam diante de mim, o amarelo subia incontrolavelmente pelas páginas, de baixo para cima, mas apesar de tudo as palavras deixavam ver. Elas só desapareciam quando o papel enegrecia, e, enraivecido, eu as destruía com o atizador.<sup>658</sup>

A *Escritura* é uma vida que mesmo entregue ao fogo padece lentamente. Certamente *Margarida* o considerou último dos estúpidos ao comburir a *Obra Prima*. Ela não era simplesmente apaixonada pelo *Mestre*, ela era apaixonada por ele enquanto autor da *Divina Obra*. A devoção de *Margarida* cora o *Mestre* com a temperatura de ardentes ciúmes, ciúmes da própria “criação”. Mergulhando envolto na irresistível atmosfera de iluminação ao escrevê-la, sua mão transparecia receptáculo da *Mensagem Sublime* provinda dos *Céus*.

“e eu sensível apenas ao papel e à esferográfica:  
à mão que me administra a alma”<sup>659</sup>

...às vezes vibra em mim uma sensação inusitada, eu diria um transe espiritual, alcançando até as patas, que são então levadas a transcrever pensamentos presentes em meu espírito (...)

Enquanto escrevo, flameja sobre minha cabeça o radioso astro que, com fiel similaridade, cintila no interior de meu cérebro, e eu mesmo sou um cometa iluminado em elevada glória...<sup>660</sup>

É de maneira dolorosa que a *Escritura* se rende ao *Fogo, Fogo* este que se pudesse escolher outro destino jamais escolheria queimar a *Escritura*. Se a *Diva Russa* se rende à fascinante riqueza literária e aos mistérios da *Escritura*, o mesmo não ocorre aos editores – sem a sorte dum Hoffmann – e a uma sociedade carente d’*Espiritualidade*<sup>XXXIII</sup>. A *Obra Prima* ignoram, e é neste contexto de ausência mística aos

<sup>658</sup> BULGAKÓV, M. *O Mestre e Margarida*: 2009, p. 168.

<sup>659</sup> “A Morte sem Mestre” in HELDER, H. *Poemas Completos*: 2016, p. 704.

<sup>660</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 199-200.

adjetivos do *Estado*, que o *Diabo* personificado em *professor alemão*<sup>661</sup> visita uma Moscou já sob a overdose burocrática que Gogol bem lamentava, e hoje em terras tupiniquins desesperados vivenciamos e aguardamos em vigília com os braços abertos à redenção, ininterruptos por uma intervenção imprevisível – pois apenas um lance de *Mágica* nos salvará...

Teria, o alento por silêncio, almejar um ciclo perfeito que encerra, numa pureza do anônimo, comungado com o *Todo*, afastado o *Fantasma*, confundido com o *Todo*, no desejo de o autor pôr em queda sua própria construção?

Entre a primeira crise – da qual ele se recupera, e que é ainda apenas uma ameaça incerta – e a segunda, que acaba com ele em poucos instantes (...) Mallarmé aproveita esse sursis para redigir uma “recomendação quanto a meus papéis”. Ele queria que tudo fosse destruído.<sup>662</sup>

A *Obra Prima* enquanto *Pensamento*, contraditório seria, imaterial na fogueira ferver? Se não sabemos onde o interminável estaciona, que sabemos onde acontece nascer?

...começa a desenvolver sua obra a partir do germe, desde o centro do coração para os membros exteriores, e desde aqueles, finalmente, faz reunir para o coração as faculdades que tinha desdobrado, como se viesse a enrolar novamente os fios que antes havia distendido.<sup>663</sup>

Toda obra nasce estimulada por um *Sopro*, o germen toma impulso nos trilhos do fluxo elétrico e sanguíneo (da *Alma*) que se desdobra numa busca incessante – o *Artista* é substancialmente o que percebe o *Devir*, o *Chamado* – este que é apenas advindo doutras jornadas – ninguém jamais concluíra, e os mais próximos, agiram enigmáticamente.

O juízo de vocês (...) pode destiná-los ao fogo ou à via molhada – abdicó-os totalmente. Se lhes

---

<sup>661</sup> Referência de leituras de autores germânicos. São pontos de coincidência entre Hoffmann e Bulgakóv: o gato inteligente, ambas as histórias possuem um mestre em magia negra...

<sup>662</sup> “O Livro por vir” in BLANCHOT, M.: 2013, p. 338-339.

<sup>663</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 77.

aprouver fazer uso público deles, eu rogaria pelo subscrito *Novalis*<sup>664</sup>

A obra ofertada, num gesto por viver em outros lares, atinge espíritos onde poliniza *Pensamentos*. O *Absoluto* em comum, ideias expressas em formato *Fragmento*, toda autoria se diluí, vozes que se *entremesclam* atingem sintonia fina em *escrita coletiva*, para um encontro entre *Poesia & Filosofia: Sinfilosofar!*

Kafka não tivera a coragem de se desfazer de seus escritos. Sua obra fora confiada ao amigo Max Brod – ao confiar seus escritos aos amigos, ele estava se deixando conduzir, pois nele encontrava a coragem para o contrário da destruição, a publicação de sua obra, este talvez fosse o sentimento sincero<sup>665</sup>

O testamento envolve o que fora sua vida, o seu casamento com a *Literatura*, as obras que são o tesouro e quem os herdarão serão seus *Incertos* leitores. Que dilema vivera o *Amigo* após ser eleito guardião do tesouro, receber a incumbência do fogo<sup>666</sup>. Adentrando ao apartamento não apenas vislumbrara que o desejo era sincero e ardente, como encontrara dez cadernos chamuscados, na escrivaninha entre alguns papéis, *Brother* desdobrara uma folha manchada de tinta:

Caríssimo Max, meu último pedido: queimar completamente, sem ler, tudo o que se encontrar no meu espólio (...) em termos de diários, manuscritos, cartas de outros ou de meu próprio punho, desenhos, etc., bem como todas as coisas escritas ou desenhadas que você ou outras pessoas, que você deverá solicitar nesse sentido, possuírem. Devem ao menos comprometer-se a

---

<sup>664</sup> Fragmento da carta de Hardenberg (Novalis) a Wihilhelm Schlegel, 24 de fevereiro de 1978. NOVALIS. *Pólen*: 1988, p. 21.

<sup>665</sup> CONTE, Ivan. *História com K.*: 2007.

<sup>666</sup> Em 1921, fonte da conversação: Der Prozess in Franz Kafka, *Gesammelte Werke*. Edição de Max Brod, Frankfurt/Main, 1965.

queimar as cartas que não quiserem entregar a você.<sup>667</sup>

Teu Franz Kafka

Havia ainda um segundo bilhete, mais esmaecido e marcado a lápis... \*<sup>668</sup> O *Amigo* fechou o bilhete, e rememorou, os últimos dias com...

K(...) incansável na sua dedicação à arte (...). Tudo contribuía como muito não acontecia, para acalmar a sua alma agitada. Abundava-se a fúria do seu humor e ele se tornava delicado como uma criança. Mais ainda, ele adquiria autoconfiança e tinha desaparecido aquele fantasmagórico duplo, que se erguia das gotas de seu coração ferido.

(...) Mas agora (...) Kreisler, pelo menos, evitava destruir as composições que brotavam de seu íntimo.<sup>669</sup>

O gesto final denota um refluir, *Obra & Alma* se recolhem ao *Espírito do Universo*. Se ela vive, se ela causa, és porque encontramos mensagens que desejamos levar conosco, porque ela nos transforma, e tens o poder de metamorfosear o *Mundo*.

---

<sup>667</sup> A tradução do bilhete (publicado por Max Brod à primeira edição de *O Processo*, em 1925) é de Suzana K. “Das (im)possibilidades de traduzir Kafka” in KAFKA, F. *O Desaparecido ou América*: 2003, p. 273-274.

<sup>668</sup> Este segundo bilhete deixa em aberto, abrindo exceções e não tão incisivo... Max encontra depois estas mensagens, que não foram escritas em seu leito de morte. Kafka mesmo doente em um estágio muito delicado, continuava a corrigir seus textos, e mesmo publicara obras ainda em vida neste estágio. O *dissertando* pede desculpas, pois há assuntos importantíssimos por escrever. Este é um problema claro, de se deixar as cerejas para o final...

<sup>669</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 266-267.

**Além do Fim!**

*Vai me tire daqui Bibliotecária  
Ando numa situação tão precária  
Preso na literatura cinzenta  
Faria tudo por uma nova tenda*<sup>670</sup>

Em confabulação, uma alegoria de leituras, com alguns traços de rapsódia – entre uma linguagem pessoal, algum tempo impessoal, teoricamente aberta, buscando captar o fugidio, deixando o imprevisível o guiar, das *citações enquanto tijolos*<sup>671</sup>, formando um labirinto, no pescar teórico que mora tanto no sábio filósofo, quanto nos contos fantásticos, no sempiterno *Espírito Poético*. Se os *Arcanos do Inacabado* serão infindos, ao menos alumiar a *confusão*<sup>672</sup>, onde nos encontramos e voltamos a nos perder...

---

<sup>670</sup> Dedico estes mendicantes versos às queridas bibliotecárias que fazem parte de meu dia-a-dia, Kênia & Patrícia.

<sup>671</sup> “As citações, ele postula, são como os tijolos de uma casa” [“Fantasmagorias do Mercado” in PERLOFF, M.: *O Gênio não Original*: 2013, p. 63] (\* A casa de *O Gênio Original*, o livro em si, o modo como a autora amarra as citações, vivifica ainda mais a citação)

<sup>672</sup> “...através do mistério e da confusão do mundo. Cada um de nós é um grão de pó que o vento da vida levanta, e depois deixa cair” [Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 197]

## PROJETAR, REFLETIR & MEDITAR

« Projeto, nada mais que uma previsão, destino sempre incerto, contraditório por assim dizer, afinal talvez projetar seja algo como imaginar um desenho, um caminho a ser trilhado - para por fim desenhar. E se “navegar é preciso”<sup>673</sup>, este durante que é a vida navegante, sempre (ou, nem sempre<sup>674</sup>) será território do imprevisível. Em síntese, eis um aperitivo do porvir...

- ❖ O que leva o escritor ao ponto final ou o que causa a impressão de uma história com final? Sobre outro enfoque, o que nos leva a uma sensação de *Obra Inacabada*, será mesmo inconclusa?
- ❖ Quais são os dilemas envolvidos, como surge e que sentimentos envolve o desejo do autor em atear fogo à própria criação artística?
- ❖ E quando a obra sobrevive ao *Desejo de Fogo* (na vida ou na ficção), de queima e destruição da construção artística, este ponto final que lhe escapa e ganha além infinitas interpretações e derivações que não se extinguem? »<sup>675</sup>

Iniciar perguntando e continuar indefinidamente – um projetar contínuo que culminara na *macro-explosão* textual. Este crescimento não reverberara de modo linear, mas num abrupto, delicado movimento de esculpir onde cada ponto da narrativa clamava com um sentimento de *Galho* com anseios de *Árvore*. Não foram poucos frutos que preteri guardar num silo, não saberia deduzir se é néctar ou fel, ocupei-me até aqui com os favos, não diria nem que conclui os silos, que dirá uma *Colmeia*<sup>676</sup>.

---

<sup>673</sup> Enquanto previsão, enquanto necessidade. Consagrada em Fernanda Pessoa, “navegar é preciso, viver não é preciso”, esta passagem deriva de uma antiga frase de Pompeu, também era lema em algumas escolas navais portuguesas.

<sup>674</sup> A quebra nem sempre se dá por ruptura, mas também por continuidade de movimento.

<sup>675</sup> Passagens presentes no projeto *Inacabada Obra, Inacabada Vida*, de 2014, há pequenas alterações na redação.

<sup>676</sup> Sem dúvidas uma *Colmeia* é um organismo com poder de completude, mas ela está em contínua transformação, é uma *Estátua* de movimentação intensa, ela é transitória, ela é eterna; a *Arte*? Pós-escrito: uma *Abelha Universitária* aprecia as esculturas de Pierre Huyghe em *Poesia Visual e Escultura Contemporânea*.

Por vezes um destes ramos cresce por demais e prejudica a própria saúde e equilíbrio do *Todo*, ameaçando a *unidade vital* – então o jardineiro mesmo com a filosofia mais igualitária que exista, diante de um pensamento que é um *tesouro* também faz as vezes de *tesoura*.

A *Viagem* (...) é e continuará sendo fragmento. Os inúmeros fios coloridos, tramados com tanta beleza para, como um todo, enredarem-se mais harmonicamente, de repente são como que cortados pela tesoura inexorável de Parca. Quiçá eu os entrelace novamente em canções futuras...  
677

Dirá Edgar Allan Poe em *Princípio Poético* ser a unidade o *requisito vital à Obra Prima*, o artista precisa buscá-la – complementa.

Cada obra, individualmente, pode muito bem ser fragmento, contando que, reunidas, formem um todo. E reuni-las ensejaria a ocasião de completar o que ainda carece de complemento, de aparar arestas e de amenizar o demasiadamente austero.<sup>678</sup>

Nestes prados com tanta polifonia, seria presunçoso dizer que se atingira algo além de uma visão fragmentária, contudo num destes porões pode estar um ponto que congregue todas as partes: “não é necessária uma montagem temática para unificar o que não precisa ser unificado”<sup>679</sup>, pois a *unidade*<sup>680</sup>, mesmo quando indesejada, parece não ser uma escolha, mas também um inevitável, logo o “Universo é tudo centro, ou que o centro está em todas as partes e que a circunferência não se acha em parte alguma”<sup>681</sup>, ao encontrar com um dos bibliotecários que estiveram em Babel (*nuestro hermano*) afirmara algo parecido, ao menos provisoriamente, “parece-me suficiente repetir o ditame clássico ‘A Biblioteca é uma esfera cujo verdadeiro centro é

---

<sup>677</sup> HEINE, H. *Viagem ao Harz*: 2013, p. 110.

<sup>678</sup> *Idem*.

<sup>679</sup> “Apresentação” de Jerónimo Pizarro in PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 28.

<sup>680</sup> “...la unidad del conjunto (...) de alguna manera fuera de la obra, en el sujeto...” [“La exigencia Fragmentaria” por P. Lacoue-Labarthe e J. Nancy in *El Absoluto Literario*: 2012, p. 81]

<sup>681</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 158. (& “Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma” [“O Aleph” in BORGES: 2008, p. 148])

qualquer hexágono e cuja circunferência é inacessível”<sup>682</sup> – por isto são vãos os inúmeros *centrismos* (Hélio, Euro, Ego...) – ou, em outras palavras, tudo é verdadeiro e ao mesmo tempo falso, pois o *centro* não está nem no plano celeste nem no plano terrestre, mas em diferentes partículas, dentro e fora de *Nosotros*, por isto o *Filósofo* não somente abre as cortinas de leves nuvens com suspiros celestiais para o florir da *Iluminação*, antes também está sujeito aos maiores lamaçais, embora com pensamentos elevados, precisa atravessar *Homéricos Atoleiros*<sup>683</sup> (“Certas coisas permanecem insuperáveis, porque as condições em que são alcançadas são degradantes demais”<sup>684</sup>). Este lamaçal, a dificuldade etérea de se chegar aos lugares, as *etapas intermediárias*<sup>685</sup> não precisam estar ocultas, pois integram também, as aventuras literárias.

Diante de obras criativas, seria insipiente encoleirar alguns voos; “os fundamentos devem ser proporcionais à grandeza, à condição e à nobreza do edifício”<sup>686</sup>. Requer grã desafio, equilíbrio, este que se faz não somente por um arranjo de afinações, mas também de contrastes (“pois o conflito é que gera movimento”<sup>687</sup>). O conhecimento esconde camadas de tempo e de talento, existe um convívio íntimo com o limite, e sempre um deslumbre de um horizonte infindo, a captura do tempo só ocorre em instantes que fluem numa cadência proveitosa – nostalgia da

<sup>682</sup> “A Biblioteca de Babel” in BORGES: 2007, p. 70.

<sup>683</sup> Na *Ceia de Cinzas*, Giordano descreve com detalhes, bem humorados e espirituosos, a enorme dificuldade de se chegar ao local do encontro. Este diálogo irá enfurecer parte dos alfinetados que não serão poucos, no que reflete no início da *Causa, O Princípio e o Uno*. Tinha, o *Filósofo*, uma essência polêmica que falta em nossas terras, uma ousadia misturada ao mais alto cavalheirismo – é uma personalidade riquíssima e que definitivamente abalou as estruturas, causou por onde passou, disseminou saber aos que soubessem colher. Seu espírito buscava *Paz & Igualdade*... Se sua vida foi cheia repleta de erros, não deixou com isso, de ser exemplar... Tinha o carinho dalguns nobres e *Mecenas*, era uma verdadeira pimenta diplomática (viaja da França à Inglaterra em uma missão diplomática). Expulso de diferentes igrejas, recusado em Oxford... Porém não se pode dizer que a Inglaterra é a mesma, que a Europa não sofrera abalos sísmicos após sua passagem.

<sup>684</sup> “Athenäum” in SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 78.

<sup>685</sup> Pós-escrito: existem comportamentos divergentes, por exemplo, o autor do *Quixote* nos diz “...os filósofos publicam em agradáveis volumes as etapas intermediárias de seus trabalho e eu resolvi perdê-las.” [BORGES, J. Ficcões: 2007, p. 38]

<sup>686</sup> BRUNO, G. *A Ceia de Cinzas*: 2012, p. 14.

<sup>687</sup> “Não há continuidade senão na ruptura.” [“Olivier Debré” in JABES: 2013, p. 122]

infância – por vezes, vivemos momentos com todas as condições, de ambiente e luz, corpo são, e sorratamente algo interiormente nos distraí. A obra é um recheio de momentos, cada leitura, cada olhar sobre a vida gera um novo algoritmo, repercute – todos os arranjos mudam num efeito dominó, no entanto temos aqui o cristal de uma versão, que não esconde sua potência *antropofágica*<sup>688</sup>, que sugere uma continuidade que dalgum modo me ultrapassa – e esta é uma riqueza, outros olhares perceberem obras que poderiam estar aqui (e elas são inumeráveis). O *Fantasma da Incompletude* sobre o qual escrevia, tornou-se minha própria assombração, este *fôra* um pressentimento, maldição, personagem...

As *Palavras* têm asas, são vestígios de nossa *Alma*, nosso raiar até atingir um ponto de dispersão ou encontro, de reflexo – daí provir o conceito de *Reflexão* em observação à nossa *Estrela Mestra*.

Seguindo por terreno arenoso, guiei-me por dentre diferentes polos de *Magnetismo*<sup>689</sup>, navegando como numa sempiterna primeira-vez, conquistado pela próxima e próxima *Estrela*.

Atrás das Nuvens, que alteavam mais escuro;  
Também o mar ia alto  
E vitoriosas apareciam no céu  
As eternas estrelas.<sup>690</sup>

Resta-nos as *Estrelas*, pois as *Nuvens andam tristes* como nos confidenciara o *Poeta*. No entanto, as *Nuvens Tristes* pelas quais se queixara ainda eram muito menos nefastas e ácidas que as de hoje – a fogueira se *cientificou* e os atoleiros são de lama que concreta nossos pés.

A *doutrina dos projetos* costuma requerer um movimento linear rumo a algum centro, nos moldes tradicionais ela objeta plasmar o especialista do quer que seja – “o especialista é um homem que sabe

---

<sup>688</sup> Oswald de Andrade é uma das presenças-ausências aqui. Borges até a qualificação era uma delas, embora referenciado em uma passagem. Por meio do olhar do professor Claudio Cruz e das preciosas anotações da professora Cidinha enaltecendo o labirinto, procurei trazer Borges onde já parecia, misteriosamente, estar. Contudo tenho a autoconsciência da imperfeição e incompletude, não consegui realizar todas as leituras desejadas e apontadas como gostaria, ao menos até a estação em que estou.

<sup>689</sup> Um dos imãs sem dúvidas, a relação de Kafka e Max Brod, mas creio será unânime dizer que não se esteve profundamente mergulhado em nenhum *centro*, daí o caminhar sem rédeas.

<sup>690</sup> HEINE, H.. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 18.

qualquer cousa de uma cousa e nada de todas as cousas”<sup>691</sup> – tais quais as flores que durante o dia são hipnotizadas pelo Sol, sob a égide da energia que nos dá unidade e acolhe sob suas asas a diversidade da *Natureza* próxima por inteiro; este caminho quase hipnótico, louvável e repleto de riquezas, não fôra o verdadeiro rumo aqui presente, antes houvera uma sedução por outros trilhos, muito menos seguros, desaconselhável diríamos.

Sei por experiência própria, que nada é mais perigoso do que a escrita à qual falta o encadeamento da narrativa ou o movimento necessário da argumentação. (...) A comodidade de um objetivo, ainda que um objetivo distante, não existe.<sup>692</sup>

Não sou de duvidar que navegando por tantos rios e trilhas, escalando tantos pedregais, fui parar no altíssimo harém do *Monte Carmelo* em algum ponto desta narrativa. Porém não saberia diferenciá-la dos portais do Hades e saí em disparada.

Eles andavam, mas K. não sabia para onde, não era capaz de reconhecer nada, nem mesmo sabia se já tinham passado pela igreja. Por causa do simples esforço que o andar lhe causava, acontecia não estar em condições de controlar os pensamentos. Em lugar de permanecerem fixados no objetivo, eles se confundiam. A imagem do lar emergia continuamente e as lembranças dele o preenchiam. Também lá erguia-se na praça principal uma igreja, cercada em parte por um velho cemitério...<sup>693</sup>

Eram sobretudo as bordas do *Monte Carmelo*<sup>694</sup> que mais me atraíam – senti-me em Cholula, “nem mesmo o clarão mais fraco indicava o grande castelo”<sup>695</sup> ...  
\*<sup>696</sup>

<sup>691</sup> “Olympiadas” in CAMPOS, Á. de. *Obra Completa*: 2014, p. 516.

<sup>692</sup> BLANCHOT, M. *Uma voz vinda de outro lugar*: 2011, p. 26-27.

<sup>693</sup> KAFKA, F. *O Castelo*: 2008, p. 49, 50.

<sup>694</sup> A "Subida al Monte Carmelo" de San Juan de la Cruz (1542-1591).

<sup>695</sup> KAFKA, F. *O Castelo*: 2008, p. 9.

<sup>696</sup> \* Passagens ocultas. Mais uma vez, sem querer o *dissertando* estava a *contear* sobre suas aventuras nas pirâmides de Cholula onde encontrara com o gigante Xelhua, sobrevivente do dilúvio universal...

Adotar as constelações como polos orientes de inspiração, resulta num inevitável *ziguezague*<sup>697</sup> da escritura, entre uma epifania e outra, sem contudo *lançar âncora*, ou ainda, lançando em múltiplas jazidas – se perdendo com volúpia no *Universo* desta *Amazônia*, neste *Pantanal*, nesta *Floresta Negra*, neste *Deserto* e ao mesmo tempo *Oásis* que é o *Universo das Letras*. Por vezes retornando aos fragmentos que já havíamos percorrido, mesclando-os, para descobrir acasos e afinidades, o *Espirito Uno* que brota do múltiplo ou heterogêneo, pois o *Prisma Vital* congrega num átimo o *Absoluto* antes de dispersá-lo num incapturável e infindo *degrade*. “Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair”<sup>698</sup>. Aqui não somos amantes do *contexto*, porque isto está *com o texto*.

Página após página (...) estarrecedor (...) contém trechos móveis que podem reaparecer (e reaparecem, de fato) em contextos alterados; a repetição das justaposições, os cortes, (...) as mudanças de registro, instrumentos de enquadramento e marcações visuais conspiram para produzir um texto poético (...) paradigmático para nossa própria poética.<sup>699</sup>

Não poderia dizer com total sinceridade que embaralhei, como as leituras que formam um labiríntico nó em si (“corredor de espelhos, tão encantador quanto assombroso”<sup>700</sup>), possuem este poder intrínseco; logo, no “próprio ato em que nos conhecemos, nos desconhecemos”<sup>701</sup>. Se a maioria das projeções visa trazer esclarecimentos no final, buscamos aqui clarear os *desconhecimentos*, que são a própria seiva para um futuro saber, um gosto pelo luxo angelical, da *perdição* – tatear como Borges, os corredores infinitos que habitam as galerias de nossas *Imaginações*...

O sonho que nos promete o impossível já nisso  
 que nos priva d’ele, mas o sonho que nos promete o

<sup>697</sup> “...trapaceio, me esgueiro, ando em ziguezagues, mas, sem querer volto continuamente e creio que ele me parece mais difícil, tanto mais que pretendo aproximá-lo do tipo convencional de romance...” [GIDE, A. *Diário dos Moedeiros Falsos*: 2009, p. 35]

<sup>698</sup> “Funes, o Memorioso” in BORGES: 2007, p. 108.

<sup>699</sup> “Fantasmagorias do Mercado: a poética citacional nas Passagens, de Walter Benjamin” in PERLOFF, M.: *O Gênio não Original*: 2013, 85.

<sup>700</sup> *Idem*.

<sup>701</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 327.

possível intromete-se com a própria vida e delega nela a sua solução.<sup>702</sup>

Flertamos o Leitor – *flertamos-mos* – para navegarmos nos pântanos da *Literatura* despidos de amarras e escudos teóricos – sem bússola, mapa ou astrolábio. Assim, talvez encontraremos a sonhada *Atlântida*, uma *Babel Feliz*<sup>703</sup>, uma terra sem fronteiras, sem alfândegas, sem vigias da vida alheia, sem comerciantes do conflito, sem arrebanhadores de impostos, sem ministérios do cambalacho, sem pedantes e mais pedantes... Por uma sociedade onde toda burocracia seja diluída, uma terra onde a única nacionalidade seja amar a *Natureza* e o único carimbo seja um molhado beijo, que o *Poeta* deixe de ser ilha e passe a ser continente. É uma *utopia*<sup>704</sup>?

Agir como prisma, ora unir e ora dispersar, as leituras nos alumiam os pontos de encontro em nosso interior, quando citamos leituras, não nos referimos apenas ao *perfume livresco*, mas aos sabores diversos da *Vida*. Num movimento de contramaré, é inusitado que diante da ampla diversidade celeste, nosso olhar una diferentes pontos de brilho num arranjo de linhas e letras mágicas, aproximando eras, rastros de luz diversos percorrendo o *Espaço-Tempo*, vínculos onde as distâncias se *con-fundem* – mistura eterna de *Céu-Terra-Mar*, tudo gira, compreendemos mais quando giramos também. As danças giratórias são sintonizações com o meio. *Confusão*, fusão que permanece incompreendida, ela nunca fora incomunicável, a *Arte Tradutória* demonstra que não apenas Babel era talvez o único reino harmonioso existente, como existe algo de particular em cada língua que é correspondente e compreensível ao outro – o *Caos* é o embrião do *Mundo*<sup>705</sup> – quando não: todo o intraduzível pode ser *canibalizado*<sup>706</sup>.

Se a *Literatura* liberta não podemos nos tornar escravos do objetivo central (“...por que procurar tanto uma motivação, uma

---

<sup>702</sup> Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 233.

<sup>703</sup> “o texto de prazer é Babel feliz” [BARTHES, R. *O prazer do texto*: 2015, p. 8]

<sup>704</sup> *O dissertando* acredita que o mal não está nas utopias (a depender do que elas dizem) – mas na imposição delas.

<sup>705</sup> “Somente é um caos aquela confusão da qual pode surgir um mundo” [SCHELEGEL, F. *O Dialeto dos Fragmentos*: 1997, p. 153]

<sup>706</sup> O *canibalismo* aqui num sentido de que uma língua incorpora um vocábulo que num primeiro momento é estranho, isto não significa dar a ela uma correspondência com base nos elementos já conhecidos, e sim ouvi-la – de modo que ela passa a ser parte da nossa aldeia linguística.

seqüência, o agrupamento em torno de uma intriga central?<sup>707</sup>) – havemos de convidar o *objetivo* de vez em quando para uma taberna; pluralizar-se, dialogar conosco.

Pronunciava essas palavras tanto mais solenemente quanto, tendo bebido naquela noite muita cerveja (...), minha voz havia se tornado mais sonora.<sup>708</sup>

Recordemos que Benjamin escrevera sobre a grande arte de se perder numa cidade (um conhecimento que revelara tardiamente adquirir), no que nós ampliamos para o universo dos livros, seguimos uma rua e no caminho por qual devaneio não mudamos de sentido? – “ao terminar dei-lhe outro fim”<sup>709</sup>.

Nas avenidas, Sócrates certamente *estacaria horas a fio*,...

“Sócrates se havia acolhido ao pórtico da casa vizinha, onde se quedara imóvel e de pé.”<sup>710</sup>

Um homem e uma garota de cabelos ondulados, caminhando lado a lado em uma calçada do centro (...), rumando em direção a ele (...) Perguntou a garota: – Qual é o problema dele? Está fazendo alguma coisa. (...)

– É só um Esquizóide – tranquilizou-a o homem, divertido. – Perdido em visões.<sup>711</sup>

...não existirá um voltar para casa ou ainda um endereço de trabalho, caminhar simplesmente e despreziosamente, *caminhar*...

Um caminhar romântico e nômade em épocas de sedentarismo, é uma forma de resistência a esta paisagem pálida, este belo bosque com cercas elétricas, calçadas e câmeras, inclusive satélites que se fazem passar por verdadeiras *Estrelas*, a publicidade exaustiva para nos situarmos no *presente melancólico que vivenciamos*<sup>712</sup>. “A maioria dos homens vive com espontaneidade uma vida fictícia e alheia. *A maioria da gente é outra gente*, disse Oscar Wilde, e disse bem”<sup>713</sup> – pois a *Ficção Oficial* que vivenciamos, a *realidade* em senso comum, é mera

<sup>707</sup> GIDE, A. Diário dos Moedeiros Falsos: 2009, p. 35.

<sup>708</sup> HEINE, H.. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 25.

<sup>709</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 57.

<sup>710</sup> PLATÃO: 2011, p. 81.

<sup>711</sup> DICK. Clãs da Lua Alfa: 1987, p. 14.

<sup>712</sup> Pensamento paralelo: “Aceitamos, pois, chamar de ‘pós-moderno’ nosso desastroso período histórico” [“Existe uma Literatura Pós-moderna?” in PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da Literatura no Século XXI*: 2016, p. 41]

<sup>713</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 244.

ditadura, uma imposição dum romance policial barato – nós não precisamos duma identidade cultural única e nem precisamos buscar uma eterna coerência em nós mesmos, sermos refêns dela – “Criar em mim várias personalidades. Criar personalidades constantemente.”<sup>714</sup> –, é uma violência vertiginosa impor uma língua, uma personalidade não é um monolito, somos arrastados numa colossal estupidez, presos a um modo de viver que apesar dos reais avanços científicos é a miséria dos tempos – e esta pobreza é principalmente espiritual...

Vida, coisa para ser dita, como é dita,  
como é dita este fado que me mata.

Mal digo e já meu dito se conflita  
com toda a cisma que, maldita, me maltrata.<sup>715</sup>

Existe algo de inusitado em ouvir o *Universo dos Sonhos*, em deliberadamente *esquecer o comprimento dos braços*, a curiosidade do primeiro parágrafo de *Inacabada Obra, Inacabada Vida* guarda elo com as *Considerações Iniciais de História com K.*, lá fôra escrito: “*Quando se quer abraçar o mundo, esquece-se o comprimento dos braços...*”<sup>716</sup>, *dalgun modo me tornei a minha (não tão) própria antítese*<sup>717</sup>.

...cada vez que escrevia um livro, era acometido pelo maior dos infortúnios. Quando tinha esgotado todas as provas em favor de sua tese, acreditava-se obrigado a devolver igualmente todas as objeções que um adversário poderia fazer valer.<sup>718</sup>

Afinal por que não *esquecer o comprimento dos braços*? Qual a graça de ser *microscópio* quando também está ao nosso alcance ser *planetário*. Não se pode falar do *infinito* apenas microscopicamente, precisamos por vezes despir o olhar, depois com necessário fôlego se pode mergulhar num *telescópio*. O *telescópio* não deixa de ser um *microscópio espacial*, as *Células* espelham os *Planetas* – ou seria o contrário? De qualquer modo, muitas coisas a gente só enxerga a olho nu, e isto também se dá (*jabesianamente*), com o fechar dos olhos.

<sup>714</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>715</sup> “Rimo e Rimos” in LEMINSKI, P. *O ex-estranho*: 1996, p. 24.

<sup>716</sup> CONTE, Ivan R. *História com K.*: 2007, p.13.

<sup>717</sup> “os livros (...) de natureza filosófica contêm, invariavelmente, a tese e a antítese, o rigoroso pró e o contra de uma doutrina. Um livro que não inclua seu contralivro é considerado incompleto.” [“Tlön, Uqbar, Orbis Tertius” in BORGES, J. *Ficções*: 2007, p. 26.]

<sup>718</sup> HEINE, H.. *Os deuses no exílio*: 2006, p. 24.

A conclusão é quase sempre uma pretensão, não raro uma cristalização do transitório. É preciso alguma conclusão? Quiçá para tudo que havemos de dizer *concluo* alçarmos um *talvez*? Neste caso, certamente seríamos odiosamente vagos. (ER)Ratificando, *quem sabe* certamente seremos. Logo, se for para dizer *acho*, antes um convicto *é*. Dalgum modo *não é*, de todo mal concluir algo, mas *porventura, quiçá* esteja redondamente errado...

Simplesmente impossível escrever sobre *Obras Inacabadas*, sem uma concepção do que é uma *Obra Completa*, ou mesmo, o que é uma *Obra*? Estas concepções não parecem ser rocha, mas um punhado *d'Areia* que buscamos cultivar entre as mãos, até o momento de grande ventania que a todos visita, onde homens e significados vão... O mistério não parece ser resolvido através dum simples aprofundar teórico, pois vivemos sensações particulares em relação à construção, por caminhos singulares de apreciação e interpretação podemos encontrar a *Atlântida*, e para encontrá-la nunca houvera um mapa ou receita alguma, são múltiplos os caminhos:

...é próprio do ambicioso e do cérebro presunçoso, vão e invejoso, querer persuadir os outros de que haja somente um caminho de investigação e de acesso ao conhecimento...<sup>719</sup>

Não é bem o parecer do autor sobre sua própria obra que dará o tempero exato dela ser completa ou inconclusa, são sentimentos sazonais, tanto para quem cria, quanto para quem aprecia, há livros que mesmo cruzados da primeira à última página, jamais se deixam apreender, ou, quando apreendemos um fragmento, outro imediatamente sai voando. Toda a aproximação implica um distanciamento – de modo que sempre estaremos longe de algo, e o ponto onde queremos chegar está em movimento.

Há traduções que estão além do original, algumas tornam prosaico o poético, outras transmudam um ritmo lírico para contornos coloquiais, enquanto há as que equilibram. A distração é irmã do talento<sup>720</sup>. Existem interpretações que se equivocando, sem querer, poderiam tanger tonalidades mais profundas além da origem – outras aplainam o elevado. Existem editores com um domínio artístico na arte

<sup>719</sup> BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 115.

<sup>720</sup> “os músicos e os escritores geniais prestam menos atenção ao que criam e, no entanto, cometem menos erros que os (...) menos talentosos, que, mesmo pensando mais e sendo mais atentos, produzem uma obra menos perfeita e não isenta de falhas” [BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p.80]

de limar e arredondar arestas, hoje completamente desconhecidos, muitos altruístas, poderiam se chamar de mágicos, alguns foram vítimas de apedrejamentos críticos, inúmeros os invisíveis<sup>721</sup> – certamente não escreveria tais coisas para arrebatar publicações, seria cômico; claro há aqueles editores com pudor excessivo, pedantes, alguns manuscritos clamam por um limo a mais, noutros é puro complexo de perfeição – e buscando aperfeiçoar, imperfeioam.

(...)Ánnuchaka já comprou o óleo de girassol, e não só comprou como derramou.

(...) Desculpe (...), mas o que o óleo de girassol tem a ver com isso... de qual Ánnuchaka você está falando?<sup>722</sup>

O editor “atirou-me o manuscrito à cabeça, encolerizado, mas (...) a astúcia inata em mim (...) fez (...) rasgar as folhas, saltitando e dançando, espalhando papéis (...) esvoaçaram pra lá e para...”<sup>723</sup>

Cá, mascarar uma latente incompletude quando ela é ingrediente decisivo?

Na arte cinematográfica existe uma lei, que recomenda não quebrar determinado ângulo, uma espécie de *gramácinematográfica*, de modo que se ela for transposta desnorteia a sensação do que estava na esquerda em relação à direita e vice e versa (sei que pela própria natureza identificar o que é esquerda e direita por siglas é tarefa heroica, mas não falemos de política aqui). Mas *dest’efeito* de quebrar o ângulo:

...a gramática é um instrumento e não uma lei. (...) Eu direi, “Aquela rapaz” violando a mais elementar das regras da gramática, que manda que haja concordância de gênero.

A gramática, definindo o uso, faz divisões legítimas e falsas. Divide, por exemplo, os verbos em transitivos e intransitivos; porém, o homem de saber dizer tem muitas vezes que converter um verbo transitivo em intransitivo para fotografar o que sente<sup>724</sup>

---

<sup>721</sup> Pós-escrito: infelizmente as portas desta impressão estão se fechando, não houve tempo hábil (deixe-me contar antes que o *dissertando* se vá) para investigar a relação de Quintana com o editor, conforme o professor Cláudio Cruz indicara.

<sup>722</sup> BULGAKÓV, M. *O Mestre e Margarida*: 2009, p. 19.

<sup>723</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 103.

<sup>724</sup> PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 312-313.

Não fora propositadamente que quebrei um ângulo ou outro, contando um conto e caindo em versos, mas permiti-me<sup>725</sup>. As palavras de poder xamânico de meu orientador me impulsaram e não cortaram minhas asas<sup>726</sup>. Por vezes sinto vontade de apagar muitas passagens (toda a *Inacabada* por assim dizer), nada que estudei em outros autores é por acaso, mas também para compreender certas coisas fosfóricas dentro de mim. Nesta narrativa não houve desconhecimento das “leis do discurso científico”, escrevo ao contrário conhecendo “as leis” e me interessando principalmente por aqueles que as quebraram.

Eu deveria começar por interrogar-me acerca das razões que inclinaram o Colégio (...) a receber um sujeito incerto, no qual cada atributo é, de certo modo, imediatamente combatido por seu

---

<sup>725</sup> Algumas vezes, imaginei ter criado o próprio dragão dos obstáculos – contei com grande liberdade de expressão. No curso de *Literatura* percebi grande abertura ao experimental, leque heterogêneo de acesso, um verdadeiro *Oásis*. “O Poeta no Conto e no Romance” foi reconhecido como um verdadeiro portal, onde pesquei ou fui pescado, o *Romance Inacabado* ganhava novas páginas, com obras interrompidas na gaveta voltando a cintilar esperançosas. O nível cultural de meus colegas surpreende, as aulas que frequentei foram importantíssimas, não teria realizado muitas das leituras aqui presentes – minha metamorfose foi intensa. Existem reuniões com pessoas muito talentosas, sensíveis à *Poesia*, conversam em diferentes idiomas, vindas de pontos diversos do globo. Seria injusto citar nomes, agradeço amplamente à Universidade, de *Coração*.

<sup>726</sup> São sugeridas algumas leituras, no caminho algumas realizamos, e outras sim e não (todas despertaram inúmeras reflexões, busco sincronizar-me, ato contínuo). A *Literatura* é o *Infinito*. A *Poesia* não pode ser delimitada, por menor o frasco que a retenha, a fragrância nos ultrapassa. O desafio *fôra* articular, uma espécie de *Moviola Literária*. Embora apreciadas algumas leituras, levam tempos diversos de maturação, outras possuem efeito instantâneo, a memória é um eterno sorvete sob o Sol, li um romance homérico para ter a certeza absoluta que devia integralmente ignorá-lo, já em outros túneis percebi uma fonte rica, teriam lugar e haveriam de ser referenciadas, mas as anotações vão se tornando montanhas, verdadeiros *Papéis de Picasso*, e minhas busca por dar maior completude... *As Utopias Românticas*... Nada acabou... No lugar de esconder as interrupções, dei a elas um espaço, então houvera uma intercalação de ritmos, dos lineares aos cortes abruptos à Buñuel, justaposições... Acredito na naturalidade, na medida em que escrevemos, ela realiza seus próprios pedidos (existem inúmeras peças-faltantes), as próprias palavras são autômatos selvagens, perceber que podemos completá-la, acrescentá-la, a *Inacabada* não está só comigo – Giordano fala em algum lugar, que o *Pintor* está muito próximo do quadro para poder comentá-lo...

contrário. (...) E se é verdade que, por longo tempo, quis inscrever meu trabalho no campo da ciência (...) devo reconhecer que só produzi ensaios, gênero incerto em que a escritura rivaliza com a análise.<sup>727</sup>

*Açu-maioria*<sup>728</sup> dos trabalhos acadêmicos vêm num *vertiginoso* *itu*<sup>729</sup> buscando possíveis soluções a certas incertezas, falta ainda um caminho revés, trazer novas confusões ao que resta de certezas.

A lenda tenta explicar o inexplicável. Uma vez que emerge de um fundo de verdade, ela precisa terminar de novo no que não tem explicação.<sup>730</sup>

Estes fundamentos essenciais, sobre a completude ou incompletude da *Obra de Arte*, trazem sete vezes mais enigmas que respostas. Será uma obra completa uma utopia? Será omnipresente o estalar do desejo de atear fogo à obra? Percebamos o paradoxo que engendra o *Desejo de Fogo*, pois a destruição por meio das labaredas gera um quase imperceptível encontro, se considerarmos que o *Fogo* é elemento artífice, ativo e partícipe da *Criação*.

O homem, ao observar a criação do Artesão ao fogo, quis por sua vez criar e o pai lhe concedeu seu desejo. Entrou na esfera demiúrgica, sobre a qual tinha pleno poder e admirou as criaturas do irmão.<sup>731</sup>

É apenas através do domínio da *Arte do Fogo* que o ser humano se eleva à condição de criador – o *Artesão* aparece num segundo momento não mais como pai, mas como irmão – mas continua a admirar as obras daquele além de si. Poderíamos dizer que a escrita ganha uma espécie misteriosa de continuidade em meio às labaredas – « *os manuscritos não ardem* » conta a lenda russa...

– “Esse fogo do céu deve brilhar e aquecer sem destruir com suas poderosas chamas, pois na alma do artista fulgura a intuição configurada em vida...”<sup>732</sup> ponderou a *Princesa*.

<sup>727</sup> BARTHES, R. *A Aula*: 2013, p. 7.

<sup>728</sup> Grã-maioria.

<sup>729</sup> Vertiginosa cascata.

<sup>730</sup> “Prometeu” in KAFKA, F. *Narrativas do Espólio*: 2002, p. 107.

<sup>731</sup> “El hombre tras observar la creación del Artesano en el fuego, quiso a su vez crear y el padre le concedió su deseo. Entró en la esfera demiúrgica, sobre la que tenía pleno poder y admiró las criaturas de su hermano.” [*Textos Herméticos*: 2008, p. 82]

<sup>732</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 317.

As *Chamas* devolvem aos escritos o seu estágio original, de *Pensamentos*,...

Foi dito em algum lugar, que mesmo seus melhores amigos nunca haviam conseguido fazê-lo escrever uma de suas composições. Se é que tenha de fato tomado notas algum dia, então logo em seguida deve ter jogado a obra no fogo, por maior que fosse sua satisfação com o resultado.<sup>733</sup>

...os laços da cristalização são desfeitos, a obra volta ao *Casulo da Imaterialidade* da qual nascera, ao *Silêncio Original*, o *Fogo* difere de *Água*, e ambos do *Ar*, por um laço estritamente tênue...

Uma leitura em formato de ciclone, não pela velocidade com que passa pelos textos, nem pelos estragos ou rearranjos dos elementos, já o mais das vezes se concentra no detalhe espirala vertiginoso num centro, mas como bom nômade, inicia andança, é *pés-ligeiros*, dança tango e também lambada, leva a casa inteira e por um triz não passa numa fonte estonteante – sempre haverão lacunas, sempre esquecerá algo e de outros nem conhecerá a existência, uma vida de repente se torna pequena, então bate a calmaria e nos sentimos brisa. É uma leitura em espiral, onde o fim e começo estão esparramados em múltiplos cantos, é o método de não tê-lo, neste pulsar de captura aos fragmentos se eletrifica, se mistura aos pensamentos instantâneos do ar, leva *citações* para novas paisagens, conecta polos opostos, abre e fecha livros como quem monta e desmancha acampamentos, personifica a metamorfose, mas o que fica após riscar tantos prados – ou, será que agora estou fora, exposto, disperso em partes? Isto o *Ciclone* não pode responder, porque ele é apenas este movimento, ele é tão somente esta *ação*, esta *obra* compartilhada em um diário, do futuro escritor...

---

<sup>733</sup> HOFFMANN, E.T.A. *Reflexões do Gato Murr*: 2013, p. 297.

## FRAGMENTOS À MARGEM

- Metade do que você escreve está fora de *contexto*!
- Reviver o contexto está *com o texto*...

Uma ideia com acento pode ser mais portadora de sabedoria que uma idéia que perdeu o assento (e vice-versa).

Hoje vivemos o império dos *Tempos de Nova Roma*. Estamos desaprendendo a escrever com caneta-tinteiro. A *Velha Roma*, bico-de-pena está caindo, como penas os *Poetas* estão sistematicamente perdendo as penas.

Leste *grifo meu*, líamos *grifo do autor*, li *grifo nosso*. Afinal de contas, já descobriram de quem é?

Falta muito das humanas nas exatas, mas a recíproca não é verdadeira, mais *Humanas* nas humanas nunca é demais.

A divisão prismática entre ciências humanas e exatas é artificial. Mas este artificial não é irreal, é como uma barragem que visa separar *Águas* (homens) *d'Águas*. (Exatas  $\cup$  Humanas = Ciência)

As *Humanas* de que falamos ouvem as flautas de *Pã*.

Acabar não seria exatamente chegar ao fim, mas viver o *fim*<sup>735</sup>, desfrutar em plenitude. Quando degustamos plenos de um *Sonho* não o recordamos. A interrupção nos faz perceber fragmentos oníricos – faltam peças! Era o porvir que não fora, é o jamais.

- Critiquei o ídolo dele e ele ficara simplesmente endoidecido!
- Já sei, era um destes fanáticos religiosos...
- De certa forma... Era na verdade um *cientista*, e pasme, ateu de carteirinha, apenas era demasiado devoto ao *São Teórico*.

Verdadeira *Ciência* se conjuga em todos os tempos e pessoas.

---

<sup>735</sup> Fim, aqui como devir, finalidade, missão. O Inacabado é interpretado nesta dissertação por diferentes ângulos, admite-se a contradição, não se rejeita ela.

Assim como entre os homens o sábio independe do gênero, o cientista independe do gênero linguístico e da língua em que escreve.

Conciliar ser com fazer.

Abrindo o guarda-roupa da linguagem, os modernos cientistas, costumam vestir o hábito.

O clichê não é exterior àquele que fala “isto é clichê!”. Pois não existe maior clichê que desvalorizar algo por ser clichê. Segue nesta mesma linha nosso amigo, o bode-expiatório de nome *sensu comum*.<sup>736</sup>

Às vezes você não está coligado a uma *corrente de pensamento*, mas ela é tão forte que vem e te leva, e tudo que pode fazer é nadar contracorrente. Mas se fizeres este movimento perderá forças, irá se afogar, então se deixe levar, no momento oportuno, uma milagrosa saída se apresentará.

O *Brasil* não foi descoberto há meio milênio atrás, nunca foi descoberto: permanece desconhecido dia após dia, se está diante de nossos olhos? É meia-verdade, foge ao campo visual e intelectual mensurá-lo.

– Muitos que conheceram uma partícula, voltaram contando conhecer o inteiro.

– Falas de pescadores?

– Não! De especialistas.

Parte do que escrevo é por principio interno e parte por influência mágica.

O *Brasil* não é uma *Árvore* em extinção, é uma *Árvore* em zona franca *d’extinção* – riscar a *ordem e progresso hostis* é um desafio.

---

<sup>736</sup> Pós-escrito: Quintana sabiamente observaria neste caso, que o mordomo (Brutus) surpreenderá novamente César. A maior criatividade é um potencial clichê, e uma vez jovem clichê, poderá germinar grandiosas criatividades (uma delas, “mas, isto é...”). Poderíamos, considerando narrativas policiais, simplificar o enredo em um jogo binário que não fugiria de “é o mordomo?”, ou, “não é o mordomo?” (\* o mordomo nem sempre recebe esta nomenclatura, pois não é tão fácil encontrar empregos na praça com toda esta fama). A mania de dualizar é arbitrária e simplificadora em diversos casos...

A fê move montanhas e flechas ferem o *Planaltar d'Aquiles*.

Acendera o interruptor que inundara uma *Floresta*, iluminou?

Os posicionamentos políticos eram variados, alguns eram comunistas, outros capitalistas e mesmo anarquistas. Certo é que naquele recorte específico de tempo, dividiam cordialmente, o espaço da lotérica.

Adoro ir às praças públicas, respirar o ar sereno, contemplar a *Natureza*, descansar os pobres olhos e ouvidos da farta publicidade com que somos agraciados... Nestes dias, ouvi uma ave do mau agouro, *Burguêsonol* cantava: “Adotamos esta praça! Adotamos esta praça!”.

Nem todas as bodas começam com um mútuo sim no altar. Somos todos casados com *Norma*, de modo que, tudo é em relação a ela, mesmo quando damos nossos pulos de idéias acesas...

- Padre. Citei-me num trabalho acadêmico!
- Não te preocupes. Leia por 15 dias a *AB*...

Li num prefácio, e outro também disse, e olha lá, aquele igual também. Pois está decidido então, o meu jipe nunca andou em trilha, pasmem todos, o autor permanece surpreendentemente atemporal, atual mesmo nos nossos dias, e é evidentemente, uma leitura obrigatória.

Evitas a autobiografia na ilusão de sobre o outro gravitar, sem seu eu por todo canto esparramar.

Encontro entre o cosmopolita e o bucólico:

- Mais limo mais arestas por limar.
- Mais limo mais atavias tuas limas.

Existem dois equívocos. Alguns lerem apenas os vivos, outros somente os mortos. O segundo equívoco, é pensarmos em vivos e mortos.

No Tupi arribou *Onça*. Na França arribou *Jaguar*.<sup>737</sup>

- Quer dizer que você pensou a *Galinha*?

---

<sup>737</sup> *Jaguar*, palavra nativa das Américas. *Onça* palavra europeia.

- Inúmeras vezes. Antes de conhecer o *Ovo*.
- Mas então por que citas o *Ovo*?
- Um possível fóssil da *Galinha*.
- Mas isto causará impressões, de *Galinha* por meio d'*Ovo*.
- Muitas vezes sim. Outras não. Achar não tem pedágios. A *lógica* te dá um tapete, confortável e justificável. Mas aqui somos...
- ...Falsos profetas, os que cantam o que viera antes.
- Discordo! Quem serei eu para afirmar algo se o maior dos filósofos disse que tudo nada sabe. Apenas sugiro que além das hipóteses de “antes” e “depois”, existe a da simultaneidade.
- Não sei se te compreendo!
- É perfeitamente possível o “depois” pensar as coisas do “antes” sem ter conhecido o “antes”. Pirâmides erigidas com oceanos diferença, sincronize... Você já se inquietou alguma vez, fígado por “uma impressão geral de que tudo (...) já acontecera...”<sup>738</sup>? Sim, porque o depois é mais antigo que o antes<sup>739</sup>.

Os *Filósofos* das terras tupiniquins têm dificuldades maiores que os germânicos, é como se andassem de bicicleta num acostamento onde passassem jamantas que atiram de suas janelas jarros de fumaça (como faziam as famílias civilizadas com as águas dos pinicos pelas janelas ocidentais tempos atrás), e impacientes buzina atrás de ti, carros desafiam quebrar a velocidade do som passando rentes ao teu lado, perseverante não desanima e pedala, está sempre atrasado aos compromissos devido às inúmeras sinaleiras e pedágios que impedem qualquer raiz de *pontualidade inglesa* germinar, precisa se concentrar em temas elevados enquanto cozinha, lava-roupa, varre; qualquer distração ou deslize o faz cair, de modo que é nesse emaranhado que busca eriçar os pensamentos, segue esperançoso, luta pela manutenção do alento vital feito garanhão selvagem. Precisa além contar com a intervenção decisiva da sorte para que algum louco não invada seu micro-espço e o interrompa violentamente. Pergunto inocente, se era mesmo Marx & Engels que numa situação hipotética, de roupas e louças por lavar, e isto é coisa urgente que requer ação imediata, se ficariam muitas horas reunidos para discutir teoricamente como organizariam a

---

<sup>738</sup> “As Ruínas Circulares” in BORGES: 2007, p. 51.

<sup>739</sup> “(talvez sem querer) enriqueceu mediante uma técnica nova a arte (...) rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas. Essa técnica insta a percorrer a Odisseia como se fosse posterior à Eneida...” [“Pierre Menard, Autor do Quixote” in BORGES: 2007, p. 44-45]

arefa, mais igualmente possível, ou se definitivamente eles haviam no seu próprio cantinho assumido o controle total das máquinas, sem precisar de governantas que estão agora servindo *heiße Schokolade* numa bandeja, nem percebem os talheres magicamente lustros, e as calçolas ideológicas já estendidas no pátio... Talvez a revolução verdadeira começasse por aí, colocando as mãozinhas... Biiiiipppp!!! Paaafftttt!!!

– Vejo que você citou a filosofia do *Nolano*, pois muito bem, onde fica a de *Descartes*?

– Se dispusesse de todo o tempo livre, certamente não haveria *descartes*.<sup>740</sup>

– Como dizia, *para o autor*...

– Não! Você quis dizer: “acho que para mim o autor...”

– Cala-te! “Eu não acho, eu penso!”, nunca ouviu, “Achar é a mãe de todos os erros.”<sup>741</sup>

– Não! Você quis dizer: “acho que a mãe de todos os erros é o achar, e isto é o que penso, achar...”

– Engana-te! Nenhum cientista é adepto do *achismo*.

– Não! Você quis dizer: “portanto acho, que nesse sentido, os cientistas não se acham adeptos do *achismo*.”

– Ó, *diacho!* *Que o diabo te carregue*, você e este cambalacho dos infernos. Dirá que o homem surgiu do pó, como rezam os fiéis?

– Não! Você dirá: “Eu acho que há mais ou menos entre quinze e vinte bilhões de anos atrás, o Big Bang...”

– Isto é o que você acha que eu direi...

– Eureka! Muitíssimo bem! Está começando a achar então; do meu lado sem problemas, acho de tudo um pouco!

Bang!

Bang!

Bang!

---

<sup>740</sup> “Dicson. Então aprovais o estudo de diferentes filosofias?! Teófilo: Claro, especialmente para quem dispõe de muito tempo e talento; para os outros, aprovo o estudo da melhor, se os deuses lhe concedem adivinhar qual seja.” [BRUNO, G. *A Causa o Princípio e o Uno*: 2014, p. 115]

<sup>741</sup> A primeira é uma fórmula comum e popular, uma resposta pronta, a segunda um provérbio.

## Galhos com Sentimentos de Árvore

Todas as notas estão conectas ao corpo do texto, embora se comportem, de certa maneira, como células independentes.

*« Algumas notas foram suprimidas (mas não perdidas), nos momentos de lazer praticava jardinagem, rearranjos aqui e ali, fiz alguns enxertos pelo Jardim, guardei comigo algumas varinhas próprias pra tecer, improvisei avenas, o Jardim ramificou-se, prometo a Inacabada ampliar. Ela está grávida e quer nascer! Nestes Galhos, muitos frutos escapuliram, preciso visitar as frestas da Casa, muita espirituosidade paira em rodapé... »*

---

<sup>I</sup> Certa feita compartilhei meu sonho com minha nona, Eliza Dora, maestrina contadora de histórias, romântica camponesa... Contei-lhe que escrevia (*O Romance Inacabado*), pretendia viver artisticamente, tão somente.

*« A história vivera um descarrilamento que balouçara a caneta-tinteiro onde a personagem, minhas mãos físgadas pelo luar, navegava em mares tranquilos e ditava com sorrisos a cadência das trovoadas e terremotos com que afligia docemente o microcosmo do livro. Uma vigorosa e introneteada nuvem invadira o enredo e impôs a suspensão do romance. O misterioso Pássaro da Inspiração que a heroína do romance almejava, voara por entre meus distraídos dedos. Imaginei, aquela tempestade era o espelho das goteiras que repercutiam no narrador, o Romance Inacabado era minha vida que naufragava. Tudo fora sistematicamente congelado numa encruzilhada de enviesadas veredas – inclusive este trajeto de nada mais escrever. Plasmei-me nestas visões! »*

De humor perspicaz aconselhara-me *benjaminianamente* em seus últimos dias – *« Você precisará Ler! Ler! Ler! Ler! »*

<sup>II</sup> A pluralização do singular, eis aqui um propósito. Aliás inspirada no próprio Fernando Pessoa “a este incerto movimentos (...) compreender que a gramática é um instrumento e não uma lei” [Cf. PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 310 e 312]. Destaque-se o prefácio de Jerónimo Pizarro, ele questiona certo purismo em nome da gramática, ou, uma correção que leva a uma incorreção.

<sup>III</sup> A depressão pós-parto não seria um fenômeno físico ou psicológico, explicado por uma mudança hormonal/corporal. Mas uma natural melancolia, gerada pela passagem deste momento (sem retorno, parafraseando K.), onde o amor se abre como pétalas à luz do mundo (dar à luz).

<sup>IV</sup> *Além do Princípio do Prazer* é uma conhecida *peça* freudiana, trago aqui apenas lembranças das teorias, alusão puramente com fins literários, não

dogmática. Algumas de suas teorias estão, em maior ou menor escala, disseminadas. Igualmente podemos trazer passagens bíblicas ou proverbiais sem notar, neste último caso, difícil rastrear donde provieram, algumas frases têm combinações estritamente comuns, de vez em quando alguém se consagra nesta loteria por ecoar um gemido das cavernas. A lenda do *Apocalipse* germina contemporâneos profetas. Escrever sobre *repetição, rememoração, retorno, inconsciente, sonho* independe, não invoca uma necessidade de citar determinada autoria. Em paralelo prisma podemos escrever plenamente sobre “desconstrução” sem citar obrigatoriamente... claro habitam *Espectros de...* Existem teorias tão intensas, tal qual, citamos profundos sem termos aberto o livro – diferentes pessoas vão tabelando, em hipótese neste *pingue-pongue* de vozes, até que alguém capta a anedota diluída, sem esforço (cruel, mas verdadeiro)... Palavras-chaves costumam saltar dos escritos, para encontrar novos sentidos mundo afora; de repente, *kafkiano* pode ter muito pouco de Franz... Criamos associações até mesmo *involuntárias, automáticas* para não dizer *inconscientes* – pois todo filósofo que intervém num conceito, parece imiscuir-se na palavra, daí todos que busquem conhecê-la, mesmo para superá-la, passam inevitavelmente por ruas que outros já rodaram...

<sup>V</sup> Particularmente chamarei Frenhofer de *Ancião* ou *Mestre*, Porbus de *Discípulo* ou *Iniciado*, e Poussin de *Novato* ou *Aprendiz*. Citar os nomes dos personagens levaria a uma discussão por demais restrita ao universo particular do conto – não congregaria. Mas curiosamente sobre estes nomes, *poussin* em francês é também *pinzinho* o que corrobora na escolha de nomeá-lo como *Aprendiz*. De *porbus* nos faz recordar de imediato a raiz latina *pubes* (adulto, maduro) e *puer* (garoto/rapaz). Também haveria quiçá, referências aos pintores Nicolas Poussin (1594-1665), Frans Pourbus (1569-1570), este último conhecido por *Le Jeune* (O Jovem). Mas nesta discussão não navegamos; possível *blefe...* [\* passagens suprimidas]

« *O Mestre teria rompido a tradição, após conhecê-la em detalhes – um paralelismo interessante, e a incompreensão dalguns de seus convivas seja o caso Mallarmé – também ele com uma obra lendária invisível, Le Livre.* »

« *Há quem veja no Ancião o representante da tradição, mas não explicaria a economia de linhas, e uma arte invisível aos demais, e por ela ser translúcida também ao leitor insensível, passa a ser visível apenas ao Pensamento.* »

« *Acaso ainda os Discípulos teriam percebido o pontual brilho enigmático nalgum porão destas vertiginosas bibliotecas? E uma vez vislumbrado Alma d'Arte a olho nu, ser contagiado por atitude Silêncio, ignorando artemente a Obra Prima para assombrar o Mestre, jocosamente?* »

« *Por outro lado, chamá-lo de louco, explicar tudo através da ironia não simplificaria o caso, vestindo-o com os mofos da racionalidade, logo o efeito que reverbera, range decerto diversos acordes? Quando duas pessoas apedream um bode expiatório e uma terceira assiste, costuma abraçar a maioria, ou, adota o gesto de Pilatos; evita assim imprevistos, eis a famosa*

---

*síndrome de grupo, sofrer deste grandíssimo mal que é pensar a maioria deter os espólios das melhores escolhas, nos faz ir à chusma dos que apedrejam... A posição de quem defende as bruxas em dia de fogueira é de deliberado risco, rara e de inegável coragem. Alguns nada veem outros tudo veem. Não somente os personagens estão sujeitos a ignorar a Obra Prima, o ateliê não raro invade o nosso espaço de leitura – perceber o invisível nem sempre é num estalar de dedos, são diferentes os tempos, a maturação, e múltiplos os caminhos para perceber o Oceano de Sensações que a Obra Prima causa. Alguém por que lera uma obra fatalmente a conheceu? Não. Do mesmo modo os personagens que viram a Obra Prima patavinas vislumbraram. Este perceber nunca fôra um porto seguro, eis a arte da percepção do Aleph. Ciência inexata, pois um leitor que percorra muitas milhas de letras não será inevitavelmente mais sábio que aquele que nenhuma milha percorrerá. »*

<sup>VI</sup> Em *Poesia Visual e Escultura Contemporânea* (curso ministrado pelo professor Sérgio Medeiros) entre as leituras e artistas comentados, cito com brevidade, a intrigante relação do casal, Carl Andre (estadunidense) e Ana Mendieta (cubana). Carl Andre, batizei de *Ferro* por fazer uso de *materiais pesados* em algumas de suas criações – suas fotografias dentro do ateliê, com macacão, trazem ao ambiente um ar de galpão industrial, mesmo sua poesia era batida à máquina – mas seu tema era leve, *minimalista*, trazia padrões, o labirinto, a repetição e a sugestão do infinito; já Ana Mendieta, impactante, chamo-a de *Argila*, escolheu *materiais leves* em suas composições artísticas: lama, raízes e líquidos que se desmancham velozmente diante do *Tempo*, muitas vezes nua ao ar livre, em conexão, formas voláteis a enlaçavam, distante às formas padronizáveis caminhava; com sangue e contornada de *Natureza*, a *morte* resplandecia, um prenúncio? Tal foi, Ana Mendieta alcança a despedida sob circunstâncias misteriosas, *Arte* como alegoria da *Vida* onde a *Última Morte* se assemelha a mais uma de suas controvertidas *Exposições*, entre o suicídio e o assassinato? Não sabemos, Carl Andre respondera um extenso processo e não nos cabe sermos juízes...

<sup>VII</sup> É curioso encontrarmos “loba” como significado de “batina” – assim, ao reconhecermos a “pele de loba”, diferimos habilmente “pastores” de “cordeiros” – no medievo, no medievo...

<sup>VIII</sup> Sobre *América*, um dos romances inacabados kafkianos. Sabe-se que Franz se referira ao possível livro como *O Desaparecido*, título que realmente seguira o destino, desaparecera nas edições de Max Brod que tornou a América marcada por *K*. – particularmente escrevo *amériKa* com a ênfase que faltou...

<sup>IX</sup> G. Scholem ao tocar sobre as conversas de Janouch com Kafka, relata (em 1975) uma fome por respostas que os textos kafkianos causavam:

Quem escreve memórias e, mais ainda, alguém que as transmite trinta e cinco anos após a morte do parceiro, deve ter em mente a advertência dada, impressivamente, à nossa geração através das *Conversações com Kafka*, de Gustav Janouch, de autenticidade altamente duvidosa, mas devoradas sem crítica por um mundo faminto (...) com uma explicação improvável para o adiamento, somente quando Kafka ficou famoso mundialmente, após a Segunda Guerra Mundial. [SCHOLEM, G. *A História de Uma Amizade*: 2008, p. 8.]

Cabe ressaltar que há divergências sobre a pontualidade destas datas, no prefácio de *Conversas com Kafka*, B. Lortholary cita 1951 como a primeira aparição. Mas mais curioso ainda, na obra de Kathi Diamant, se referir à (oculta?) colaboração de Max Brod ao livro *Conversas com Kafka*: “Vinte e cinco anos mais tarde, com o auxílio de Max Brod, Janouch publicou suas notas com o título *Conversações com Kafka*, recheadas de descrições detalhadas e de seus maneirismos.” [DIAMANT, K. *O Último Amor de Kafka*: 2013, p. 45.] Gustav Janouch já havia entregue os manuscritos para Max Brod três anos antes, fora sua apaixonada secretária, Ester Hoffe, que entremeio a uma pilha de papéis o alertara sobre o surpreendente daqueles escritos [Cf. DIAMANT, K.: 2013, p. 222].

<sup>X</sup> *Causo*, mistura de casos e causas, típica da cultura oral – propícia àqueles com dom de criar, através de elementos do cotidiano histórias mescladas, emergindo lendas de fascínio despertador, preservadas geração em geração, para polinizar consigo ensinamentos novos e antigos.

<sup>XI</sup> Optou-se por citar Manuel Bandeira. Antes havia imaginado um diálogo entre Nancy e o médico (com base na leitura do ensaio *L'intrus*):

« *Vai, deixa de floreios! Diga logo que farei eu para preencher com mais areia a ampulheta de meu peito?* »

« *Precisamente, necessita doutro coração, o teu se tornara um estrangeiro no universo de teu próprio corpo!* »

« *Um intruso bem no seio de meu Eu é o que dizeis.* »

<sup>XII</sup> Afirmar o *Destino*, simultaneamente por alguma percepção, negá-lo... Apurar os prumos da *Carruagem*. O *Fado* existe, se nascera “plebeu”, fortes ventos lhe levam... a continuar... Trazer *corruptela ao Fado* significa balouçar a ordem piramidal, instigar os peões para avançar em sentido inverso (a revolução não está fora, mas dentro de si) – tem maior elo com questões culturais que capitais. Veja que o *plebeu* que ascende no capitalismo não será tão diverso do burguês

---

abastado. De modo micro o *proletário* já possui o germe burguês – aliás pode parecer avesso à razão, mas no alto da pirâmide é mais confortável ser anticapitalista, pois no térreo, na *Vila da Miséria* ou na *Ilha das Flores*, as questões de subsistência são latentes. Principalmente no meio urbano o capital é fundamental para obtenção do alimento, a urbe é um espaço parasitário (isto é, não produz os próprios alimentos, mas requer excesso, sustenta um apetite cada dia mais feroz e violento). Está no âmago do capitalismo a não divisão do alimento/riqueza, o cooperativismo mina os alicerces empreendedores; a solidariedade desarticula a desigualdade. Absurdo, convivem a miséria extrema ao lado da superabundância, somente num *Refúgio* inda é possível uma alternativa salutar – uma superior riqueza de plantar e colher com a consciência exata da origem dos néctares, realizar escambo com os excedentes em troca de artigos de seu interesse, abolir papel moeda...

*Pássarographava*, quando ouvi estalidos na *Floresta*.

« *Vontade de virar índio* » pronunciava o *Kacique* da tribo.

<sup>XIII</sup> Um rio sem peixes é claro indício de fim dos tempos, de finitude da vida, de não renovação. A subestimação do poder de alteração dos elementos vitais por parte do homem nem sempre é mensurada com devida inteligência. A *Natureza* demonstra invejoso fôlego de ressurgir das cinzas; parcela do poder humano é ter a dádiva da intervenção nos arranjos naturais, mas como arquiteto inúmeras vezes falha, mistura óleo em água, mesmo com os insistentes recados da *Natureza* que isto afogará a todos.

<sup>XIV</sup> Ir até as zonas abissais com submarinos, requer cápsulas herméticas, estar fisicamente nas profundezas nestas condições terá como sentimento inevitável, a frustração de estar, infinitamente mais distante ao mistério, perto. Júlio Verne lá estivera por meio de outras naves, longe.

<sup>XV</sup> *Religiosidade Científica*: apesar dalguns cientistas, se declararem agnósticos e ateus, e se imaginarem despidos de religiosidade, sem querer, não são eles mesmos crentes ao extremo e não depositam fé em coisas não raras vezes absurdas? Não idolatram teóricos/teorias mimetizando a idolatria que os fiéis depositam em santos, músicos, atores e outros ídolos. Existem perguntas extremamente difíceis de responder, que estão ao alcance de uma criança, e ela perguntará certamente pois isto faz parte de sua natureza peculiar, e por mais erudito que seja o cientista não saberá responder senão através de uma lenda. Uma corrente científica responderá o surgimento da vida através do *Big Bang*, como se isto não fosse amplamente vago e não requeresse grandiosa fé, e falará sobre eventos que não sabe explicar, com o famoso “há mais ou menos bilhões de anos...”, que não deixa de ser, versão prolixíssima ao “era uma vez...”. Nós vivemos em média alguns pequeninos ciclos solares, mas falar seriamente e com propriedade sobre bilhões de anos atrás (arredondando os números como é

típico aos lógicos), aponta a distância ao conhecimento simetricamente nestas casas.

<sup>XVI</sup> *Caloteiro?*

...trava animadíssimo diálogo com o leitor; antecipa-se à sua viva curiosidade, colocando-lhe uma pergunta na ponta da língua e respondendo-a... no mesmo instante.” [“O Aleph” in BORGES: 2008, p. 142]

Brian nascera caloteiro, tudo se tratou de uma ilusão de ótica estelar, do qual o menino pouco tivera culpa. Explico (...as tintas do esboço), no filme *A Vida de Brian* do grupo inglês Monty Python, o desconhecido personagem histórico (coadjuvante entre os coadjuvantes) ganha destaque pomposo. Os *Três Reis Magos* seguiam a *Estrela do Espírito Santo* anunciadas pelo profeta Virgílio, havia tantas estrebarias quantas garagens hoje em dia, e ora mesmo capitães experientes estão sujeitos a confundir uma constelação ou outra. Os *Reis* já estavam próximos da *Estrela Guia*, próprio aos *Entes Celestes* o brilho radioso, que naturalmente turvara os sentidos da trupe. *A Tríade Real*, por uma dessas coincidências do destino, parou na estrebaria do pobre menino Brian, logo agraciado com presentes e muitos mimos, verdadeiro afortunado. Estivera por um fio de ser entregue ao destino glorioso de *Salvador* (embora a via-crúcis, a coroa...), a *Estrela* insatisfeita e santa, nua de maldade, dera luz alta, furtando a atenção real para a estrebaria do *Verdadeiro Messias*. Brian é precisamente um duplo do *Filho de Deus*, tivera esta graça de nascer na manjedoura vizinha, daquele que por sua importância que rompe a casa dos milênios, separou as eras em “antes” e “depois”. Amargou, a pobre sombra, uma vida de ofuscamento notório, uma espécie de chiste divino. O *disco* onde queria chegar, é certa passagem, onde Brian em apuros, literalmente não tem para onde escapar; é quando, abre-mares que quero passar, embarca num disco voador...

<sup>XVII</sup> Impressão considerada comum ao universo do livro (tão antiga quanto este). Amplia-se a questão, para todo o leitor do conjunto de uma obra. Mas vejamos que no caso, além de Max Brod ter muitos momentos compartilhados com Kafka, fora um leitor tanto em vida, quanto após *A Partida* de Franz. Estes elementos não significam por si sós a concessão de uma leitura mais profunda, mas guardam o elemento diferencial de ser dalgum modo parte inevitável da história. É preciso reconhecer que a existência da obra de Kafka dependera substancialmente de Max Brod para sobreviver – a não percepção, este despir Kafka de Brod que alguns críticos realizam não é somente duvidoso, é alheio ao espírito que os textos kafkianos germinam.

As coisas seriam muito simples se no contato com um livro recheado de profundos dizeres, ao lê-lo, saíssemos desta *Cachoeira Mágica* certamente mais sábios. *A metamorfose* é para o bem e para o mal, já houve casos de livros que

---

eram grandes sátiras e críticas, lidos doutra forma se tornaram “manuais do poder” e fomentadores de manipuladores – o efeito do livro, não raro, foge ao campo de princípios do *Autor*, as próprias palavras tem este poder intrínseco, uma autonomia...

<sup>xviii</sup> Estes são princípios fotográficos de fácil observação, considerando as diferentes tonalidades sob o Sol poente e do meio-dia. Imaginando uma parede branca iluminada por uma luz vermelha, a parede assumirá a coloração vermelha – se podemos afirmar que a cor da parede é branca mesmo assim, é por estarmos acostumados a certa *temperatura de cor* predominante. Considerando não termos o sentido da visão, esta mesma *parede branca*, o adjetivo branco ganhará certa irrelevância – por outro lado “ele ficou branco” e “ela ficou corada” darão uma noção de cor talvez mais profunda que aqueles com o dom da visão nem sempre percebem (quando escravos em demasia do plano estético). O excesso de rigor na elaboração de um conceito cria a auto-ilusão que este pode ser determinável e isolado, conhecido em essência, em muitas proposições estas questões que levam ao auto-reconhecimento das incertezas são ignoradas.

<sup>xix</sup> A esperança do porvir, em Benjamin e outros intelectuais judeus, guarda muitos elos com o messianismo. Diferente de muitos outros intelectuais, inclusive de seu círculo de amizades, Walter Benjamin destona, dedica um espaço especial às crianças. Quem é a criança em Benjamin? O autor não subestima a inteligência delas, inerentes a elas: a curiosidade, à busca por conhecer. O artista ao estar aberto a sentir a criança que há em si – poderá igualmente encontrar nas transmissões radiofônicas de Benjamin ao público infantil – *A Hora das Crianças* publicadas no Brasil –, reflexões muito ricas para todas as idades – com a vantagem delas afastarem um público que se auto-reconhece adulto em demasia (uma construção pronta).

<sup>xx</sup> Falar da palavra desassossego é tão plural quanto falar de Fernando Pessoa. *Desassossego* era de diferentes maneiras escrita, muitas vezes vinha como *desasocego* – numa revolta contra a transparência da palavra?

“Rosmarie Waldrop muito apropriadamente, “antes de tudo, uma revolta contra a transparência da palavra”, transformando “o som e o formato das palavras em seu campo explícito de investigação.” [PERLOFF: 2013, p.108]

Certamente que é desassossegante e provocativo aos enamorados por padrões. Poderíamos ler: desa-sou-cego; o *Livro* então como um desmanche à própria alienação, alienando-se por sua vez do mundo (por isto se refugiaria no 4<sup>a</sup> andar da sobreloja). Nota-se o quão é preferível aos editores manter a grafia de *Pessoa* intacta, ou então, intuir o jogo de linguagem, erros ou atos falhos – mas, ao homogeneizar por recalque, ou, pedantismo estético é ir ao desencontro de seus

escritos. Se reconheceres que o padrão de escrita por exemplo eram consoantes duplas, no caso das citações, não veria prejuízo alterar neste outro contexto que aqui estamos. Mas, transcreverei um exemplo de possível prejuízo em realizar alterações: “Socégo emfim. Tudo quanto foi vestígio e desperdício some-se-me da alma como se não fôra nunca.” [PESSOA, F. *O Livro do Desassossego*: 2013, p. 502]

<sup>xxi</sup> O antisemitismo era vivenciado por Franz Kafka (dar ao autor adjetivos especialmente proféticos, dá a entender um porvir inevitável, quando em verdade era uma leitura profunda de uma realidade – “evitável” – diante dela muitos fecham os olhos, pois ela não está lá, mas aqui, já dizia Borges, *séculos e séculos, e os fatos...*). Os movimentos de eugenia estavam fortalecidos desde o século XIX, com inúmeros defensores e pode-se dizer que com a manipulação genética hoje a possibilidade de novos fascismos estão, infelizmente, com campos favoráveis. Percebemos na população dos animais e vegetais, ela é deliberada. A segregação, o preconceito, o monitoramento facilitado, o controle e as listas de perfis, excesso de legislação, questionários, não nos dá muitas esperanças de *liberdade e igualdade* (não é ser profético, não há nenhum gênio em sê-lo). *O terreno*, como dizem, *estava já preparado para Hitler* – ele não fora a semente, mas o fruto de algo terrível, nascido num passado exato e identificável.

<sup>xxiii</sup> Na *Apresentação* escrita por Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari ao livro *Eu Sou Uma Antologia*, encontramos vestígios do quão ampla é a obra de Pessoa num sentido de identificação dos heterônimos: “Pessoa sempre foi essencialmente múltiplo e nada impede que o seja ainda mais, até porque todo o processo de levantamento depende de critérios de admissão e exclusão...” (“Apresentação” in PESSOA, F. *Eu sou uma Antologia*: 2013, p.15).

Sobre este compartilhar de dilemas vividos pelos editores, é bastante curioso estarmos definitivamente na fronteira do real e do imaginário; com quem fala Pessoa, se é mesmo Pessoa, um heterônimo ou conviva? Leiamos esta nota: “Houve também personagens retiradas da lista: Maria Aliete Galhoz (2007) demonstrou que Coelho Pacheco era um amigo real e não imaginário de Pessoa” (Ibidem, p. 14)

E perguntaremos se outros não seriam? Talvez seja este não-saber que nos desperte fascínio, como diante do *Enigma de Kaspar Hauser*. *Eu Sou Uma Antologia* reúne 136 nomes atribuídos a Pessoa, os editores chamam o livro de:

...revisita a antologia: “Desde 1990, essa antologia não tem parado de crescer, uma vez que, desde a pioneira lista de Teresa Rita Lopes, se descobriam várias outras personagens, entre as quais Giovvani B. Angioletti, a mais recentemente resgatada e revelada por José Barreto, em 2012” [Ibidem., p.14]

---

*Eu sou uma Antologia* é um ponto no tempo, ela segundo os próprios editores não almeja um ar definitivo e utópico, inda mais que a obra de Pessoa se revela ampla:

...percorremos as 30 mil folhas do espólio pessoano à procura do que poderíamos denominar vestígios ficcionais, isto é, nomes inventados ou nomes reais ficcionados, e inventariámos todos os nomes de que há uma inscrição ou testemunho...  
[Ibidem, p.15]

\* Pós-escrito: entre biografias e enigmas, Eliane Luisa Stein prepara uma promissora dissertação sobre Kurt Tucholsky.

<sup>xxiv</sup> Mas se o *empate de sorrisos* for uma busca? Então esvanece na mesma hora o sorriso. A felicidade é dessas coisas que vivemos no agora, mas só percebemos sua essência no depois.

<sup>xxv</sup> A receita nos dá os ingredientes para um cardápio de sucesso. Mas também é sábio que as melhores receitas surgiram através de erros na dosagem dos ingredientes. Tanto na cozinha como na literatura é preciso respeitar a tradição (a cabala), sem adotá-la cegamente, mas feito um cordeiro rebelde.

<sup>xxvi</sup> A morte de Benjamin nos moldes como acontecera, representa um grandioso desastre ao futuro, era ele um escritor de grande *Esperança* e *Espirituosidade*, própria ao messianismo no plural. Este beco sem saída, não é muito diferente ao que estamos vivendo hoje. Será que ainda podemos conservar *Esperanças*? Escrever *fôra* o modo de Benjamin lutar, e para nós a única forma de ressuscitá-lo.

Sempre quando escrevemos *humanidade*, havemos de lembrar: “Tornar-se humano é uma arte” (Novalis: 1988, p. 155), a humanidade para Novalis é o olhar do nosso planeta em direção aos céus, é um elo da Terra com os planos mais elevados (Cf. Novalis: 1988, p. 158).

Um *Messias* não é alguém distante, todos podem cultivar um espírito salvador e redentor em si, é absurdamente acessível como comungar, porém por alguma oculta força que vem por eras, ora crucificando, ora ateando fogueiras, emboscando guerrilheiros, qualquer sinal de boa-venturança na Terra tem sido sistematicamente repelida.

<sup>xxvii</sup> Lia a página sobre seu suicídio, era madrugada, lembrei-me de Benjamin, de Kafka, lembrei-me que atravessara os campos de concentração, sobrevivera, escrevera poesias, e apenas muito mais tarde... Caíra de repente de minhas mãos, o livro, como um *Cristal*.

XXVIII Kafka imaginou um livro que se chamaria *Filhos (Söhne)*, incluiria *O Veredicto, A Metamorfose, e o Foguista* (primeiro capítulo de *O Desaparecido*). Este imbricar de uma história em outra, pode ser sentido em múltiplos casos, o conto *Um Sonho*, presente em um dos livros publicados em vida pelo autor (*Um Médico Rural*, dedicado ao pai, que recepciona a obra com um áspero “Deixe no criado-mudo!” conforme relata na *Carta ao Pai*), já possuía um personagem chamado *Josef. K.*, pertencendo ao projeto de *O Processo*. Ao que tudo indica Kafka escrevia um livro, que em alguns momentos subdividira, talvez por alguns dos capítulos como, *Diante da Lei*, terem criado uma grande sensação de completude, como uma parábola, um portal, é sem dúvidas uma obra completa, mas por sua ligação íntima com *O Processo*, conecta-se ao círculo do que permanece sem fim. No conto *A Construção* (ou, *A Toca*), tudo que conhecemos é a primeira parte, a história termina com uma grande sensação de expectativa, mas uma continuidade que pode existir ou não, entre os textos que Dora queimara, a pedido de Kafka e diante do reluzir de seus olhos, estava ao que tudo indica o segundo capítulo de *A Construção*, onde haveria um diálogo entre a criatura temida com a que temia.

A continuidade possível parece conviver com o sentimento de completude.

XXIX Poderíamos escrever sobre um *grão de pólen* e discutir assuntos cósmicos vida inteira. O abrangente é plenamente relativo – apenas o *Sonho amplia-nos-nos-nóssossonhos* – esta dissertação é uma composição, indefinidamente poderia ser ampliada, precisaríamos sete vidas para sermos verdadeiramente abrangentes, mas o impossível, não nos impede de...

...se esforçar para ampliar eternamente sua poesia e sua visão da poesia, aproximando-as daquilo que mais elevado possa haver na Terra mediante o esforço de encaixar o mais precisamente a sua parte no grande todo [“Conversas sobre Poesia” in SCHELEGEL, F.: 2016, p. 485-486]

XXX Não é um grandioso equívoco confundir publicidade com sobrevivência da obra, será que não sobrevalorizamos a publicação? Afinal algumas obras sobreviveram através de um único exemplar por épocas inteiras, enquanto outras em que haviam tantas versões, foram esquecidas por Noé? A *Arca* nos pertence, parte da *Fauna & Flora* dos livros levamos conosco, não é exatamente a bibliografia o retrato desta *Arca*, existirá um momento de dilúvio... Vejamos que Max Brod vivera este momento, salvara os manuscritos de Kafka, é apenas por alguma delicada sorte que alguns escritos sobrevivem. Nem sempre poderemos levar os livros materialmente conosco, em exílio, somente os livros que batem autenticamente no peito de nossa memória é que podem ser revividos – este reviver sintonizado ao *transcriar*, recontar sempre em aproximação.

---

<sup>XXXI</sup> O *sentimentalismo* e a *cultura cavalheiresca* poderiam ter entrado em decadência por motivos de interesse burguês...

\* pós-escrito: sentimentalismo ∈ romantismo, mas, romantismo ≠ sentimentalismo

<sup>XXXII</sup> Nestes termos, indicando que a reação quando diante da obra do *Mestre*, fôra próxima a que tiveram certos artistas quando diante de obras vanguardistas. No Brasil temos o famoso e excessivo chique de Monteiro Lobato para com Anita Malfatti. Claro que alguns movimentos de vanguarda projetam o escândalo, o sensacionalismo, de modo que ao alfinetar, colher flores ao final é deveras frustrante. *O Homem(-Pica-Pau-)Amarelo* perdera definitivamente a *Cuca...*

<sup>XXXIII</sup> Não se resumindo a uma questão religiosa, mas parece haver um desacreditar na fantasia e ficção – é o que levava Ivan ao hospício, ele contar coisas que era absurdo, quando na verdade era *Literatura*, e isto era a realidade. (\* Ei! Falávamos do nosso amigo russo de *O Mestre e Margarida*).

## Bibliografia

ADORNO, Theodor W. (1903-1969); BENJAMIN, Walter (1892-1940). *Correspondência 1928-1940 Adorno-Benjamin*; tradução de José Marcos Mariani de Macedo. – 2ª ed. rev. – São Paulo: UNESP, 2012.

AGAMBEN, Giorgio (1942-). *Profanações*; tradução e apresentação de Selvino José Assmann. – São Paulo: Boitempo, 2007.

ANÔNIMO. *Livro das Mil e Uma Noites*. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

ANTELO, Raul; *et al.* “Entre Miradas”. *Outra Travessia*, ed. n° 3, Ilha de Santa Catarina, 2014/2.

*Apresentação da Poesia Brasileira* (por Manuel Bandeira): seguida de uma antologia/posfácio de Otto Maria Carpeaux – São Paulo: Cosac Naify, 2009.

AMARANTE, Dirce Waltrick. *As Antenas do Caracol: Notas sobre literatura infantojuvenil*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

ARISTÓFANES (447-386 aC). *As Rãs*; tradução, introdução e notas Trajano Vieira. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

AUERBACH, Erich (1892-1957). *Introdução aos Estudos Literários*; tradução José Paulo Paes; posfácio Marcus Mazzari. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BALZAC, Honoré de (1799-1850). *A obra-prima ignorada*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

\_\_\_\_\_. *A obra-prima ignorada*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres illustrées de Balzac*. Paris: Marescq et Cie, 1851-1853, p. 40-49. (visita 25/10/2015) Disponível em:

<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb300510072>

BARBOSA, Maria Aparecida. *O ritual da plenitude poética uma análise da obra de E. T. A. Hoffmann, a partir do conto 'Der goldene topf - ein märchen aus der neuesten zeit' (O pote de ouro - um conto de fadas atual)* Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado) - UFSC. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PLIT0047-D.pdf>

(visita 19/06/2016)

BARTHES, Roland (1915-1980). *O prazer do texto*; tradução de J. Guinsburg. – 6ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2015.  
 \_\_\_\_\_. *A Aula*; tradução e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BAUDELAIRE, Charles (1821-1867). *O Pintor da Vida Moderna*; concepção e organização Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu; tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BECKETT, Samuel (1906-1989). *Como é*; tradução e posfácio Ana Helena Souza. São Paulo: Iluminuras, 2003.

BENJAMIN, Walter (1892-1940). *A Hora das Crianças: narrativas radiofônicas*; tradução Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*; apresentação, tradução e notas Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2014.

\_\_\_\_\_. *Diário de Moscou*; prefácio Gershom Scholem; edição e notas Gary Simith; tradução Hildegard Herbold. Ger São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e História da Cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. *O Capitalismo como Religião*; org. Michael Lowy; tradução Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*; tradução, prefácio e notas de Márcio Seligmann-Silva. – 3ª ed. [4ª reimp.] – São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 102.

BLANCHOT, Maurice (1907-2003). *A Parte do Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

\_\_\_\_\_. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

\_\_\_\_\_. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *O instante da minha morte*; tradução Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Uma voz vinda de outro lugar*. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLOCH, Marc (1886-1944). *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lília Moritz Schwarcz; tradução, André Teles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BORGES, Jorge Luis (1899-1986). *Ficções* (1944); tradução Davi Arrigucci Jr. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Aleph* (1949); tradução Davi Arrigucci Jr. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Fazedor* (1960); tradução Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas (1975-1985)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1989.

BROCH, Hermann (1886-1951). *A morte de Virgílio*; tradução Hebert Caro. São Paulo: Benvirá, 2013.

\_\_\_\_\_. *Espírito e Espírito de Época: ensaios sobre a cultura da modernidade*; tradução de Marcelo Backes; tradução do posfácio Cláudia Abeling. São Paulo: Benvirá, 2014.

BROD, Max (1884-1968). *Kafka*; tradução de Carlos F. Grieben. Buenos Aires: Emecé Editores, agosto de 1951 (segunda impressão julho de 1959).

BRUNO, Giordano (1548-1600). *A Causa o Princípio e o Uno*; texto estabelecido por Giovani Aquilecchia; introdução Thomas Leinkauf; tradução Luiz Carlos Bombassaro. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

\_\_\_\_\_. *Castiçal*. Introd. Nuccio Ordine; texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia; notas Giorgio Bárberi Squarotti; trad. Alessandra Vannucci, Luiz Carlos Bombassaro (coord.) – Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Ceia de Cinzas*; texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia; introd. Miguel Angel Granada; trad. Luis Carlos Bombassaro. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2012.

\_\_\_\_\_. *El sello de los sellos*; edição, prólogo e tradução Alicia Silvestre; Zaragoza: Libros del Inombrable, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tratado da Magia*; tradução Rui Tavares. São Paulo: Martins, 2008.

BULGÁKOV, Mikhail (1891-1940). *O Mestre e Margarida*; tradução do russo de Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Alfaguarda/Objetiva, 2009.

CAMÕES, Luiz de (1524?-1580). *Os Lusíadas*. - Lisboa : em casa de Antonio Gôçalvez, 1572. - [2], 186 f. Disponível em: <http://purl.pt/1> (visita em 28 de julho de 2016)

CAMPOS, Alvaro de. *Obra Completa: Álvaro de Campos*; edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta da China, 2014.

CAMPOS, Haroldo de (1929-2003). *Galáxias*. 3ª ed. – São Paulo: Editora 34, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria (1900-1978). *A cinza do purgatório*; – E-book – Balneário Camboriú, SC: Livraria Danúbio Editora, 2015.

CELAN, Paul (1920-1970). *Cristal*; seleção e tradução Claudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CONTE, Ivan Rodrigo. *História com K: narrativa sobre a obra e vida de Franz Kafka*. 2007. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Centro de Ciências Humanas e da Educação. Curso de História (UDESC). Florianópolis.

\_\_\_\_\_. “Indemonstrável Sonho: reflexões sobre o poema Brinde de Stéphane Mallarmé”. *Qorpus*, ed. nº19, Florianópolis-SC. (Visita em 18/01/2016) Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-19/indemonstravel-sonho-reflexoes-sobre-o-poema-brinde-de-stephane-mallarme-ivan-rodrigo-conte/>

COMPAGNON, Antoine (1950-). *O Trabalho de Citação*; tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

“Corpus Hermeticum” in *Textos Herméticos*; introducción, traducción y notas de Xavier Renau Nebot. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

CORTÁZAR, Julio (1914-1984). *O Perseguidor*; tradução Sebastião Ushoa Leite; ilustrações José Muños. São Paulo: Coscac Naify, 2012.

DALI, Salvador (1904-1989). “Estimado señor Prigogine”. *El Pais*, Madrid, 19/11/1985. (Visita em 04/072015), disponível em: [http://elpais.com/diario/1988/12/24/cultura/598921206\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1988/12/24/cultura/598921206_850215.html)

D’IORIO, Paolo (1963-). *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DERRIDA, Jacques (1930-2004). *A Escritura e a Diferença*; tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. – 4ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2009.

DOMIT, Rodrigo (1984-). *Colcha de Retalhos*. Brasília: Utopia, 2011. (Informações sobre o autor em: <http://rodrigodomit.blogspot.com.br>)

DIAMANT, Kathi. *O Último Amor de Kafka: o mistério de Dora Diamont*; tradução Eduardo Seincman. São Paulo: Via Lettera, 2013.

DICK, Philip K. *Clãs da Lua Alfa*; tradução Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

EINSTEIN, CARL (1885-1940). *Negerplastik* (escultura negra). Tradução Fernando Scheibe, Inês de Araújo. Florianópolis: UFSC, 2011.

FERNANDÉZ, Macedonio (1874-1952). *Museu de la novela de la Eterna*; edición crítica, Ana María Camblong y Adolfo de Obieta, coordenadores. – 2ª ed. – Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. (Colección Archivos: 2ª ed.; 25)

FIRPO, Luigi. *Il processo di Giordano Bruno*; a cura di Diego Quaglioni Roma: Salerno Editrice, 1993.

FORÊTS, Louis-René des (1916-2000). *Poemas de Samuel Wood*; trad. Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2013.

FRANK, Anne (1929-1945). *O Diário de Anne Frank*; tradução de Alves Calado. – 43ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

- GAYFORD, Martin (1952-). *Michelangelo: uma vida épica*; tradução Donaldson M. Garschagen e Renata Guerra. São Paulo: Cosac Naify: 2015.
- GIDE, André (1869-1951). *Diário dos Moedeiros Falsos*; tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- GLARE, P.G.W (editor). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: OUP, 1968.
- GOETHE, Johann Wolfgang von (1749-1832). *Fausto: uma tragédia* (primeira parte); tradução de Jenny Klabin Segall, apresentação comentários e notas Marcus Vinicius Mazzari, ilustrações de Eugene Delacroix. – 5ª ed. – São Paulo: editora 34, 2013.
- GOMBRICH, Ernst Hans Josef (1909-2001). *A História da Arte*; tradução de Álvaro Cabral. 16ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2011.
- GOMIDE, Bruno Barreto (Org.). *Nova antologia do conto russo: (1792-1998)*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HEINE, Heinrich (1797-1856). *Os deuses no exílio*; seleção e organização Márcio Suzuki e Marta Kawano; tradução Hildegard Herbold, Márcio Suzuki, Marta Kawano. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- I Ching: o livro das mutações*; tradução do chinês para o alemão, introdução e comentários Richard Wilhelm; prefácio C. G. Jung; introdução à edição brasileira Gustavo Alberto Corrêa Pinto; tradução para o português Alaye Mutzenbecher e Gustavo Alberto Côrrea Pinto. São Paulo: Pensamento, 2006.
- JABES, Edmond (1912-1991). *Desejo de um começo, angústia de um só fim; A memória e a mão; Um olhar*; tradução de Amanda Mendes Casal & Eclair Antônio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O Livro das Margens*; tradução Eclair Antônio Almeida Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2014.
- JANOUGH, Gustav (1903-1968). *Conversas com Kafka*; tradução de Celina Luz. Osasco: Novo Século, 2008.

- KAFKA, Franz (1883-1924). *28 desafortismos = 28 aphorismen*; tradução de Silveira de Souza. Florianópolis: UFSC, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. “Tradução: A Partida, de Franz Kafka” in *Tomas Amorim Izabel* (blog), junho de 2012. (visita em 09/01/2017) Disponível em: <http://tomazizabel.blogspot.com.br/2012/06/traducao-partida-de-franz-kafka.html>
- \_\_\_\_\_. *Carta ao Pai*; tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Castelo*; tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Desaparecido ou América*; tradução, notas e posfácio Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O processo*. tradução e posfácio Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Diários*: (1910-1923); tradução de J. R. Wilcock. Buenos Aires: Emecé, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Essencial Franz Kafka*; tradução de Modesto Carone. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. HELLER, Eric; BEUG, Joachim. (orgs.) *Escritos sobre sus escritos*. 2ª ed. Barcelona: Anagrama, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Narrativas do Espólio*; tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Um Médico Rural: pequenas narrativas*; tradução e posfácio Modesto Carone. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KLEE, Paul (1898-1940). *Diários*; tradução João Azenha Jr. – São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- HEIDENREICH, Kalunga. “Havia uma Pedra”. *Facebook*. Janeiro de 2017. (visita em 1 de abril de 2017) Disponível em: <https://www.facebook.com/kalunga.heidereich>
- HELDER, Herberto (1930-2015). *Poemas Completos*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.
- HESÍODO (circa 750-650 a.C.). *Os Trabalhos e os Dias*; tradução, introdução e comentários Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Teogonia: A Origem dos Deuses*; estudo e tradução Jaa Torrano. 2ªed. São Paulo: Iluminuras, 2014.

HOFFMANN, E.T.A (1776-1822). *Reflexões do Gato Murr*: e uma fragmentada biografia do compositor Johannes Kreisler em folhas dispersas de rascunho, editado por E.T.A. Hoffmann; tradução, apresentação e notas de Maria Aparecida Barbosa. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Odorico Mendes; prefácio e notas verso a verso Sálvio Nienkötter. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Odisseia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Tradução de Cristian Werner.

LASEVITZ, Rafael. "Nabokov e a complexidade de cada um". *Blog dos editores da Raimundo*: Rafael Lasevitz e Raquel Parrine, 01/09/2015.

(visita em 21/12/2016) Disponível em:

<https://blogdaraimundo.wordpress.com/2015/09/01/nabokov-e-a-complexidade-de-cada-um/>

LEMINSKI, Paulo (1994-1989). *O ex-estranho*; org. e seleção Alice Ruiz S. e Áurea Leminski. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba; São Paulo: Iluminuras, 1996.

LEVI. Primo (1919-1987) com BENEDETTI, Leonardo de. *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986*; organização Fabio Levi e Domenico Scarpa; tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc; SCHLEGEL, Friedrich; et al. *El Absoluto Literario*: Teoría de la literatura del romanticismo alemán; traducido por Cecilia Gonzáles y Laura Carugati. Buenos Aires: Eterna Cadência, 2012.

LISPECTOR, Clarice (1920-1977). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LUKÁCS, Georg (1885-1971). *A Teoria do Romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*; tradução, posfácio e notas José Marcos Mariani de Macedo. – 2ª ed. – São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.

MALLARMÉ, Stéphane (1842-1898). *Divagações*. Trad. de Fernando Scheibe. Florianópolis: UFSC, 2010.

\_\_\_\_\_. CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 2013.  
\_\_\_\_\_. *Un Coup de Dés Jamais N'Abolira le Hasard*. Paris: A. Volland, 1898. (visita em 25/10/2015) Disponível em:  
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86256459>

MANN, Heinrich (1871-1950). *Nietzsche*; tradução Maria Aparecida Barbosa e Wernr Heidermann. – São Paulo: Três Estrelas, 2017.

MEDEIROS, Sérgio. “O poeta no romance: Il fuoco e em outros romances”. *Qorpus*, ed. nº13, Florianópolis-SC.  
(Visita em 18/01/2016) Disponível em:

<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-013/2896-2/>  
\_\_\_\_\_. “A Poesia Segue a Voz do Menininho”. *Qorpus*, ed. nº22, Florianópolis-SC. (Visita em 10/01/2017) Disponível em:  
<http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-22/a-poesia-que-segue-a-voz-do-menininho-sergio-medeiros/>

MENZEL, Jéssica. “Ao despertar já era outra”. *Revista Raimundo*, Edição Raimunda, Inverno-Primavera 2016. (visita em 21/12/2016)  
Disponível em: [http://www.revistaraimundo.com.br/7/jm\\_e.php](http://www.revistaraimundo.com.br/7/jm_e.php)

NANCY, Jean-Luc (1940-). *Arquívada: do senciante e do sentido*; tradução Marcela Vieira, Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2014.  
\_\_\_\_\_. “Fazer, a poesia.” *Alea*. vol. 15/2, p. 414-422, jul-dez 2013.  
(Visita em 15/10/2016). Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/alea/v15n2/10.pdf>  
\_\_\_\_\_. *L'intrus*. Paris: Galilée, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm (1844-1900). *Assim Falou Zarathustra*; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

NOVALIS. Friedrich von Hardenberg (1772-1801). *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo*; tradução, apresentação e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.

*Oráculos caldeos*: con una selección de testimonios de Proclo, Pselo y M. Itálico. Fragmentos y Testimonios/Numenio de Apamea; introducciones, traducciones y notas de Francisco García Bazán. Madrid : Gredos, 1991.

PERLOFF, Marjorie (1931-). *O gênio não original*: poesia por outros meios no novo século; tradução de Adriano Scandolaro. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Leyla Perrone-Moisés fala sobre a resistência da ficção" [12/02/2017]. Caderno *Ilustríssima* da *Folha de São Paulo*. Entrevista concedida a Maurício Meireles.

(visita em:09/03/2017) Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1857605-leyla-perrone-moisés-fala-sobre-a-resistencia-da-ficcao.shtml>

\_\_\_\_\_. *Mutações da Literatura no Século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PESSOA, Fernando (1888-1935). *Eu sou uma Antologia: 136 autores fictícios*; editores Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta da China, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Livro do Desassossego*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013. Edição de Jerónimo Pizarro.

\_\_\_\_\_. "O Desconhecido in" *Pessoa Inédito*; orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993. (visita em 15/10/2016) Disponível em:

<http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-1423.pdf>

PETRARCA, Francesco (1304-1374). *Cancioneiro*; trad. José Clemente Pozenato; ilustração Enio Squeff. – Cotia, SP: Atêlie Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PIRANDELLO (1867-1936). *Um, Nenhum e Cem Mil*; tradução de Maurício Santana Dias; apresentação de Alfredo Bosi; entrevista com o autor por Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PLATÃO (427-347 a.C.). *O Banquete*; texto grego John Burnet; tradução Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; coordenação Benedito Nunes e Victor Sales Pinheiro – 3. ed. bilingue – Belém: Ed. da UFPA, 2011.

POE, Edgar Allan (1809-1849). “The Poetic Principle” (reprint), Home Journal, series for 1850, no. 36 (whole number 238), August 31, 1850, p. 1, cols. 1-6. (visita em 11/07/2015) disponível em:  
<https://www.eapoe.org/works/essays/poetprnb.htm>

PUSKHIN, Aleksandr Sergeevich (1799-1837). *Contos de Belkin*; tradução de Klara Gourianova. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

QUINTANA, Mário (1906-1994). *A vaca e o hipogrifo*. Rio de Janeiro: Alfaguarda, 2012.

RILKE, Rainer Maria (1875-1926). *Auguste Rodin*; tradução de Marion Fleisher. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Melodia das Coisas: contos, ensaios, cartas*; org. e trad. Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*; –21ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. 4. ed. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2009.

SCHELEGEL, Friedrich (1772-1829). *O Dialeto dos Fragmentos*; tradução, apresentação e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos sobre Poesia e Literatura: seguido de Conversa sobre Poesia*; tradução e notas Constantino Luz de Medeiros, Márcio Suzuki. São Paulo: UNESP, 2016.

SCHOLEM, Gershom Gehard (1897-1982). *A Cabala e seu Simbolismo*; tradução Hans Borger e J. Guinsburg; revisão Edméa Garcia N. Danesi e José Bonifácio Caldas; produção Plínio M. Filho. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 41.

\_\_\_\_\_. *A História de Uma Amizade*; tradução Geraldo Gerson de Souza, Natan Nobert Zins e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SCHWITTERS, Kurt (1887-1948). *Contos Mércio*; tradução e posfácio de Maria Aparecida Barbosa. Florianópolis: UFSC, 2013.

SOUSANDRADE, Joaquim de (1833-1902). *O Guesa*. Londres: Cooke & Halsted, 1884. (visita em 15/10/2016) Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=id=144784>

TSE, Lao. *Tao Te Ching: los libros del Tao*; edición y traducción del chino de Iñaki Preciado Idoeta. – 3ª ed. – Madrid: Trotta, 2012.

TZU, Lao-. *Tao Te King: o Livro do Sentido e da Vida*; texto e comentário de Richard Wilhelm; tradução Margit Martincic. São Paulo: Pensamento, 2006.

VILA-MATAS, Enrique (1948-). *Suicidios Ejemplares*. 8ª ed. Barcelona: Anagrama, 2014.

VIRGÍLIO (70-19 a. C.). *Eneida*; tradução e notas por Odorico Mendes; Apresentação de Antônio Medina; estabelecimento do texto, notas e glossário por Luiz Alberto Machado. Cotia-SP: Atêlie, 2005.

\_\_\_\_\_. *Eneida*; tradução Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas João Angelo Oliva Neto. – 2ª ed. – São Paulo: Editora 34, 2016.

WALSER, Robert (1878-1956). *Absolutamente nada e outras histórias*; tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Editora 34, 2014.